



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LETÍCIA JOVELINA STORTO

**DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO:
ARGUMENTAÇÃO E LÍNGUA FALADA EM PREGAÇÕES
EVANGÉLICAS**

Londrina
2015

LETÍCIA JOVELINA STORTO

**DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO:
ARGUMENTAÇÃO E LÍNGUA FALADA EM PREGAÇÕES
EVANGÉLICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito final à obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck.

Londrina
2015

Desde que mencionada da fonte, autorizo a utilização de partes deste trabalho para fins acadêmicos e de pesquisa.

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S886d Storto, Leticia Jovelina.

Discurso religioso mediático; argumentação e língua falada em pregações evangélicas / Leticia Jovelina Storto. – Londrina, 2015.
332 f.; il.

Orientador: Paulo de Tarso Galembeck.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Discursos religiosos – Teses. 2. Pregação – Teses. 3. Língua portuguesa – Português falado – Teses. 4. Estratégias argumentativas – Teses. I. Galembeck, Paulo de Tarso. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 801:252

LETÍCIA JOVELINA STORTO

**DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO:
ARGUMENTAÇÃO E LÍNGUA FALADA EM PREGAÇÕES
EVANGÉLICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem, da Universidade
Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Edina Regina Pugas Panichi
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Esther Gomes de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. João Antonio de Santana Neto
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profa. Dra. Sonia Maria da Costa Mendes
Universidade Norte do Paraná/ Universidade
Estadual de Maringá - UNOPAR/UEM

Profa. Dra. Magali do Nascimento Cunha
Universidade Metodista

Profa. Dra. Mariângela Peccioli Galli Joanilho
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 20 de fevereiro de 2015.

Ao meu amado marido, minha metade.

Ao meu querido sobrinho, minha alegria.

Aos meus adorados pais, minha fortaleza.

*A **Deus**, meu tudo.*

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por me conduzir nesta caminhada e em toda minha vida com sua presença e seu amor eterno e incomparável, por me abrir as portas e por não me deixar perder a esperança de dias melhores. A Ele toda honra e toda glória!

Ao meu orientador, o Professor Dr. **Paulo de Tarso Galembeck**, pela paciência e pela confiança que depositou em mim desde os tempos da graduação. O professor Paulo tem sido um grande mestre na minha jornada acadêmica, orientou-me na iniciação científica, na especialização, no mestrado e agora no doutorado. Nesse tempo, conheci uma pessoa incrível, um homem bom e discreto, um apaixonado pelo futebol e por política. Mas acima de tudo um professor sério, compenetrado, a quem devo muito. Obrigada, professor, pela parceria de sucesso e pelo carinho e respeito conquistados na nossa convivência, sem o senhor eu não teria chegado até aqui.

Aos dois anjos com os quais eu fui abençoada no doutorado: às queridas professoras Dra. **Esther Gomes de Oliveira** e Dra. **Edina Regina Pugas Panichi**. Obrigada por tudo, por seu coração solidário, por sua paciência e compreensão, por terem sido luz em momentos de trevas.

Aos professores que compuseram minha banca de qualificação e de defesa, Profa. Dra. **Edina Regina Pugas Panichi**, Profa. Dra. **Esther Gomes de Oliveira**, Prof. Dr. **João Antonio de Santana Neto** e Profa. Dra. **Sonia Maria da Costa Mendes**, pelas importantes contribuições e pelo carinho na leitura do meu texto.

Ao professor Dr. **Juliano Desideratto Antonio**, pela participação no Sedata, pelos comentários, conselhos e pelo apoio.

À professora Dra. **Loredana Límoli**, cujo olhar crítico foi fundamental para que eu mudasse o rumo das minhas pesquisas e encontrasse um objeto que realmente me apetece, o discurso religioso.

À professora Dra. **Magali do Nascimento Cunha** e à professora Dra. **Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade**, pelas dicas, indicações bibliográficas e atenção.

Agradeço, ainda, aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da UEL, especialmente ao atual coordenador do programa, o professor Dr. **Núbio Delanne Ferraz Mafra**.

Agradeço ao meu amado esposo, meu querido **Wagner**, por estar comigo e por me apoiar nos momentos mais difíceis, por sempre me acolher em seus braços, pela sua paciência, por compreender as minhas ausências e o meu mau-humor, por secar as minhas lágrimas, por fornecer, incondicional e continuamente, o seu colo amigo e aconchegante. Obrigada por tudo, meu querido, minha vida, meu grande amor!

Aos meus pais, **Pedro** e **Cícera**, que, com sua simplicidade, ensinaram-me o valor da honestidade, da força e da persistência. Mãe, que palavra linda e doce. Pai, que palavra forte. Vocês não

*calculam o tamanho do meu orgulho e do meu amor por vocês!!! Sem vocês, eu nada seria!!! Aos meus irmãos, especialmente ao irmão e amigo **Anderson (Dinho ou Andinho)**, sinônimo de simplicidade, firmeza e bondade.*

*Ao meu amado sobrinho e afilhado, **Leonardo (o Léo)**, que é o meu refúgio nas horas de estresse, que tornou os meus fins de semana mais alegres e divertidos e me fez lembrar como é bom ser criança. Ele fez nascer em mim o instinto materno e o desejo de ser mãe! Além disso, é a realização de um sonho, porque eu sempre quis ser tia. Meu amor, meu filho do coração, você só tem me dado alegria e amor desde o dia em que nasceu. Você é uma bênção em minha vida! Obrigada por existir!*

*Às minhas avós, **D. Severina e D. Lázara**, pelo carinho, pela torcida, pelas orações e pelas comidinhas que apenas uma avó é capaz de preparar.*

*À lembrança da **Vó Maria** e do **Vô Pedro**, a dor passou, mas a saudade será eterna!*

*Aos meus sogros, **Darlene e José**, pelo carinho, pelo apoio (vocês muitas vezes financiaram os meus estudos) e por terem trazido a este mundo o meu amado Wagner.*

*À minha querida tia **Zanza (Rosângela)**, por seu amor, bálsamo para minha alma, ao tio **Ernesto** e aos primos **Gean e Mateus**, pelas orações e pelo carinho.*

*Aos parceiros de pesquisa e de vida, **Eduardo Franciso Ferreira**, amigo cuja generosidade e brilhantismo têm sido fundamentais em minha vida e cujos conselhos têm facilitado o meu caminhar no doutorado, e **Vanessa Hagemeyer Burgo**, amiga querida, parceira de pesquisa, de congressos, de viagens, amiga que me ensinou muita coisa e me ajudou a crescer.*

*A **Angélica Moraes e Cristiane de Moura Campos e Loreane Stefanon**, amigas e afilhadas, que, nos nossos muitos anos de amizade, sempre souberam me entender e que mostraram me conhecer bem e me aceitar como sou. Vocês me viram como ninguém mais viu. Vocês duas estiveram por perto mesmo quando estávamos longe. Vocês me acalmaram quando bateu o desespero e me ouviram quando eu estava a lamentar. Jamais me abandonaram ou me pediram para calar. Vocês são mais que minhas amigas, são minhas irmãs.*

*Aos meus amigos (em ordem alfabética para não dar confusão) **Amanda Martins dos Reis, Ana Flávia Oliveira, Cláudia Maris Tullio, Daniel Kogachi, Fabiana Oliveira, Fabiano Bernardes Toledo, Gláucia Maria Bressan, Rodolfo Castilho, Rosimar Lima, Sandra Mastellini, Sueme Muniz e Waldir Neres Nascimento**, por todos os momentos de companhia, pelas conversas, pelas importantes ligações telefônicas e conversas digitais (nossa... esses momentos salvaram a minha sanidade) e, em especial, pela nossa amizade e pela paciência, por suportarem a minha constante ausência durante o doutorado.*

*Aos “companheiros de guerra” (amigos que conheci na pós-graduação e que levo para a vida) (também em ordem alfabética para evitar confusão), **Cecília Contani Baraldo, Ednéia de Cássia Santos Pinho, Eliane Aparecida Miqueletti, Eva Cristina Francisco, Karen Alves Andrade, Juliana dos Santos Barbosa, Juliana Kiyosen Nakayama, Tânia Regina Montanha Toledo***

Scoparo, Thais Priscila Papa Jerônimo Duarte, Wagner Rosa e William Fernandes Rabelo da Silva, por vocês terem ouvido minhas queixas, pela paciência e pelos excelentes conselhos que vocês me deram. Obrigada!

À Rosely Fernandes Lopes, a secretária que cuida de todos os alunos dos programas de pós-graduação strictu sensu do CCH/UEL e que esclarece todas as minhas dúvidas desde o mestrado. À Rosemeri Francisquini Silvano e ao Ricardo Praia Müller, que auxiliam os alunos do PPGEL. À Patrícia de Souza Leite Serrano, secretária do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, à Dorvalina Dias de Santana (mais conhecida como Durva ou Durvinha) e ao Cláudio dos Santos Felisberto, responsáveis pelos curso de pós-graduação latu senso do CCH/UEL, pela ajuda e carinho de sempre.

À Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procopio, aos meus colegas do colegiado de Letras, especialmente à minha amiga e parceira professora Dra. Eliana Merlin Deganutti de Barros, e aos meus queridos alunos.

À minha psicóloga, Susy Cristine, que me ajudou a entender a mim mesma e a me conhecer melhor. Nossas conversas foram fundamentais para que eu chegasse bem (e sã) ao fim do doutorado.

Ao Grupo de Pesquisa Mídia, Religião e Cultura, o MIRE, pelo apoio, pelas leituras e valiosas discussões teóricas.

À minha querida Universidade Estadual de Londrina, a UEL, pela experiência que adquiri nos dez anos em que com ela me relacionei e por ter mudado a minha vida, refeito a minha história. Tenho orgulho de ser sua cria!

À CAPES, pela bolsa de estudo de Demanda Social, a qual facilitou em demasia a realização deste trabalho (e a minha vida).

Enfim, a todos aqueles que, de algum modo, contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho e que porventura não foram citados, meus sinceros agradecimentos e que Deus os abençoe grandemente!

*“De boas palavras transborda o meu coração. Ao rei
consagro o que compus: a minha língua é como a pena de
habilidoso escritor”. (Salmos 45:1).*

"A diferença entre ética e religião é como a diferença entre água e chá. Ética sem conteúdo religioso é a água, um requisito essencial para a saúde e a sobrevivência. A ética fundamentada na religião é o chá, uma mistura nutritiva e aromática de folhas de água, chá, especiarias, açúcar e, no Tibete, uma pitada de sal também. Mas, embora o chá seja preparado, o ingrediente principal é sempre água. Enquanto nós podemos viver sem chá, não podemos viver sem água. Da mesma forma, nascemos livres da religião, mas não nascemos livres da necessidade de compaixão." (Dalai Lama)

STORTO, Leticia Jovelina. **Discurso religioso midiático: argumentação e língua falada em pregações evangélicas**. 2015. 332 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, 2015.

Resumo

Por que razão Igrejas evangélicas representadas por pastores que têm programas televisivos têm conquistado tantos fiéis? Este trabalho busca responder a questão. Para tanto, tem como objetivo geral estudar os recursos argumentativos empregados no discurso religioso falado de pastores midiáticos a fim de compreender a razão pela qual eles conquistam tantos adeptos. E como objetivos específicos: caracterizar e distinguir os gêneros textuais sermão e pregação; verificar os atributos da língua falada presentes em pregações evangélicas veiculadas por canais de televisão e divulgadas na internet que colaboram para a adesão do auditório; analisar os recursos argumentativos empregados no discurso de pastores midiáticos, entre eles a utilização de máscaras; caracterizar esse discurso. A importância desta pesquisa está no fato de ter havido, nos últimos anos, grande aumento do número de Igrejas evangélicas no Brasil, redes de televisão cujos proprietários são pastores evangélicos, e programas evangélicos de rádio e televisão. Como o objeto de nossa pesquisa é o discurso religioso de pastores midiáticos, elencamos como *corpus* quatro pregações, uma de cada um dos seguintes pastores, os quais figuram entre os mais conhecidos e com maior número de Igrejas e de adeptos: Silas Malafaia, Edir Macedo, R. R. Soares e Valdemiro Santiago. A teoria que embasa as nossas discussões pertence à Análise da Conversação, para a análise das características da língua falada no discurso dos pastores, às Teorias da Argumentação, para o trabalho com a argumentatividade, os recursos argumentativos e o estudo das máscaras (*ethos*) e à Linguística Textual, para discussão a respeito do gênero textual falado pregação. Observamos que os locutores empregam, para a adesão do auditório, estratégias linguísticas, textuais, de mascaramento e aquelas relativas à interação falada, modalidade linguística em que ocorre a pregação. Entre os recursos linguístico-textuais mais recorrentes e com maior poder persuasivo no discurso religioso oral estão: invocação, imperatividade, definição, paráfrase, metáfora, discurso reportado e intertextualidade. Já entre as características da fala derivadas das condições básicas de construção (quais sejam, contexto comum partilhado entre os interlocutores, planejamento local e envolvimento dos interactantes) sobressaíram-se os marcadores conversacionais e os recursos prosódicos (especialmente as pausas e a elevação de voz). Notamos que o discurso religioso apresenta marcadores prototípicos (amém, aleluia e glória), os quais, geralmente, têm como macrofunção envolver o auditório e buscar a sua atenção e aprovação discursiva. Além desses, outro instrumento argumentativo muito importante é o emprego de máscaras, ou seja, a construção de determinado *ethos*. Cada pastor salientou mais algumas máscaras em detrimento de outras. Assim, Edir Macedo recorre especialmente à máscara de coragem, força, inteligência e sucesso; R. R. Soares, à de amor, benevolência, paternidade e tranquilidade; Silas Malafaia à de força, inteligência, respeito e seriedade; e Valdemiro Santiago, à de afetividade, alegria, emotividade e humildade. Enfim, o discurso religioso midiático é altamente persuasivo e, por isso, vivenciamos um fenômeno de evangelização favorecida pelas mídias, especialmente a internet e a televisão.

Palavras-Chave: Discurso Religioso. Pregação. Argumentação. Língua Falada.

STORTO, Leticia Jovelina. **Mediatic religious discourse: argumentation and spoken language in evangelical preaching.** 2015. 332 p. Thesis (Doctorate in Language Studies) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, 2015.

Abstract

Why have evangelical churches, especially the ones represented by ministers who have TV programs, been attracting so many followers? This work seeks to answer this question. To do so, the general objective of this study is to verify the argumentation in the spoken discourse of media ministers, aiming at understanding the reason why they have been attracting so many followers. And as specific objectives: To verify the characteristics of spoken language in preaching broadcasted on TV channels and published on the internet; To analyze the argumentative resources used in the mediatic ministers' discourse; To discuss the use of masks in this discourse; To characterize it. The importance of this research is due to the growth of evangelical churches in Brazil, television networks owned by evangelical ministers, and TV and radio evangelical programs. As the research object is the religious discourse of mediatic ministers, we elected a corpus of four pieces of preaching, one by each of the following ministers, who are the best known and own the greatest number of churches and followers: Silas Malafaia, Edir Macedo, R. R. Soares and Valdemiro Santiago. The theory underlying our discussions belongs to Conversation Analysis, to analyze spoken language characteristics in the ministers' discourse; to Argumentation Theories, to work with argumentation, argumentative resources and to study about the masks (*ethos*); and to Textual Linguistics, to discuss about the preaching as genre. We have observed that the speakers employ, to obtain audience support, linguistic-textual masking strategies, and also strategies related to spoken interaction, linguistic modality in which the preaching is made. Among the most recurrent and persuasive linguistic-textual resources used in oral religious discourse are: invocation, imperative, paraphrase, metaphor, reported speech and intertextuality. Among speech characteristics derived from basic condition of construction (which may be common context shared between interlocutors, local planning and involvement of the participants), we highlighted the use of conversational markers and prosodic resources (especially pauses and voice rising). We have noted that the religious discourse presents prototypical markers (amen, alleluia, and glory), which normally have the macro function of involving the audience and seeking for attention and discursive approval. Besides, another important argumentative instrument is the implementation of masks, meaning the construction of determined *ethos*. Each minister has stressed some masks: Edir Macedo the mask of courage, strength, intelligence and success; R. R. Soares the mask of love, benevolence, paternity, tranquility; Silas Malafaia the mask of force, intelligence, respect and seriousness; and Valdemiro Santiago to the mask of affection, happiness, emotion and humility. Finally, the mediatic religious discourse is highly persuasive and, that is why we experience an evangelization phenomenon favored by the media, especially the internet and television.

Keywords: Religious Discourse. Preaching. Argumentation. Spoken Language.

STORTO, Letícia Jovelina. **Discours religieux médiatique: l'argumentation et la langue parlée dans les prédications évangéliques.** 2015. 332 f. Thèse (doctorat en études linguistiques) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, 2015.

Résumé

Pour quelle raison les églises évangéliques représentées par des pasteurs qui ont des émissions de télévision ont remporté de nombreux fidèles? Ce travail vise à répondre à la question. Pour cela, l'objectif général est de vérifier la argumentation dans le discours parlé des pasteurs des médias afin de comprendre pourquoi ils conquièrent autant de disciples. Et pour objectifs spécifiques: vérifier les caractéristiques du langage parlé présente dans les sermons évangéliques diffusés par les chaînes de télévision et publiées sur Internet; analyser les ressources argumentatives utilisées dans le discours des pasteurs des médias; discuter de l'utilisation de masques dans ce discours; le caractériser. L'importance de cette recherche réside dans le fait qu'il y a eu, au cours des dernières années, une grande augmentation du nombre des églises évangéliques au Brésil, des chaînes de télévision qui appartenant à des pasteurs évangéliques et des programmes de radio et de télévision évangéliques. Comme l'objet de notre recherche est le discours religieux des pasteurs médiatiques, nous listons comme le *corpus* quatre sermons, un de chacun des pasteurs suivantes, qui sont parmi les nombres le plus connu et qui ont les nombres le plus élevé des églises et des disciples: Silas Malafaia, Edir Macedo, R. R. Soares et Valdemiro Santiago. La théorie qui soutient nos discussions appartient à l'Analyse de Conversation, pour l'analyse des caractéristiques de la langue parlée dans le discours des pasteurs, à la Théorie de l'Argumentation, pour le travailler avec argumentativité et les ressources argumentatifs et l'étude des masques (*ethos*), et à la Linguistique Textuelle, pour discuter sur le genre textuelle parlé - prédication. Nous observons que les locuteurs emploient, à l'adhésion de l'auditorium, stratégies linguistiques, textuelles, de masquage et ceux liés à l'interaction parlée, la modalité linguistique dans laquelle se produit la prédication. Parmi les ressources linguistiques-textuelles plus récurrent et avec la puissance plus élevée de persuasion dans le discours religieux oral sont: l'invocation, l'impérativité, la paraphrase, la métaphore, le discours rapporté et l'intertextualité. Déjà, entre les caractéristiques de la parole provenant des conditions basiques de la construction (à savoir, contexte commun partagé entre les interlocuteurs, la planification locale et l'engagement des interactants), en détachant les marqueurs de conversation et les caractéristiques prosodiques (en particulier les pauses et l'élévation de la voix). Nous notons que le discours religieux révèle les marqueurs prototypiques (l'amen, l'alléluia et la gloire), les quels, généralement, ont de macrofonction engager l'auditorium et obtenir leur attention et l'approbation discursive. En plus de ceux-ci, un autre instrument d'argumentation très important est l'utilisation de masques, en d'autres termes, la construction de certain *ethos*. Chaque pasteur a fait remarquer encoire plus de masques sur les autres. Ainsi, Edir Macedo recourt, en particulier, au masque de la courage, la force, l'intelligence et le succès; R. R. Soares, au masque de l'amour, la grâce, la paternité et la tranquillité; Silas Malafaia, à de la force, l'intelligence, le respect et la gravité; Valdemiro Santiago, à de l'affection, la joie, l'émotion et l'humilité. Enfin, les discours religieux médiatique est très persuasif et, par conséquent, nous expérientions un phénomène d'évangélisation favorisée par les médias, notamment, par l'Internet et par la télévision.

Mots-clés: Discours Religieux. Prédication. Argumentation. Langue Parlée.

STORTO, Leticia Jovelina. **Discurso religioso en los medios de comunicación: argumentación y lengua hablada en predicaciones evangélicas**. 2015. 332 f. Tesis (Doctorado en Estudios del Lenguaje) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, 2015.

Resumen

¿Por cuál razón las Iglesias Evangélicas representadas por pastores que poseen programas televisivos han conquistado tantos fieles? Esta tesis busca responder esa cuestión. Para tanto, el objetivo general es verificar la argumentación en el discurso hablado de los pastores evangélicos, en los medios de comunicación, con la finalidad de entender cómo ellos reúnen tantos adeptos. Los objetivos específicos son: verificar las características del discurso hablado presentes en las predicaciones evangélicas transmitidas por canales de televisión y divulgadas en la internet; analizar los recursos argumentativos empleados en el discurso de pastores en los medios de comunicación; discutir el uso de máscaras en ese tipo de discurso, y; caracterizarlo. La importancia de esta investigación está en el hecho de haber ocurrido, en los últimos años, un crecimiento del número de Iglesias evangélicas en Brasil, de cadenas de televisión cuyos propietarios son pastores evangélicos, y de programas evangélicos en la radio y en la televisión. Como el objeto de nuestra investigación es el discurso religioso de pastores en los medios de comunicación, elegimos como *corpus* cuatro predicaciones pertenecientes a pastores con gran reconocimiento y con el mayor número de Iglesias y fans: Silas Malafaia, Edir Macedo, R. R. Soares y Valdemiro Santiago. La teoría utilizada para las discusiones es el Análisis de la Conversación, para el análisis de los rasgos de la lengua hablada en el discurso de los pastores, las teorías de la Argumentación, para el trabajo con la argumentación y los recursos argumentativos y para el estudio de las máscaras (*ethos*), y la Lingüística Textual, para la discusión sobre el género textual utilizado en las predicaciones. Hemos observado que los hablantes emplean, para la aceptación por parte del auditorio, estrategias lingüísticas, textuales, de enmascaramiento y otras relativas a la interacción hablada, una modalidad lingüística en la que ocurre la predicación. Los recursos lingüístico-textuales más frecuentes y con mayor poder de persuasión en el discurso religioso oral son: invocación, el uso del imperativo, paráfrasis, la metáfora, el discurso reportado y la intertextualidad. Entre las características del discurso derivadas de las condiciones básicas de la construcción (es decir, un contexto común compartido entre los interlocutores, la planificación local y la participación de los interactuantes) se destacan los marcadores conversacionales y las características prosódicas (especialmente las pausas y la elevación de voz). Hemos comprobado que el discurso religioso presenta marcadores prototípicos (amen, alabanza y gloria), que suelen tener como función la persuasión de la audiencia y lograr la atención y aprobación discursiva del auditorio. Otro instrumento de argumentación importante es el uso de máscaras, la construcción de determinado *ethos*. El discurso de cada uno de los pastores presentó máscaras específicas. Así, Edir Macedo utiliza especialmente las máscaras del coraje, fuerza, inteligencia y suceso; R. R. Soares, las de amor, benevolencia, paternidad y tranquilidad; Silas Malafaia, las de fuerza, inteligencia, respeto y seriedad; y Valdemiro Santiago, las del afecto, alegría, emotividad y humildad. En modo de cierre, hemos comprendido que el discurso religioso en los medios de comunicación es muy convincente y, por lo tanto, experimentamos un fenómeno de evangelismo favorecido por los medios de comunicación, especialmente por la Internet y por la televisión.

Palabras clave: Discurso religioso. Predicación. Argumentación. Lengua hablado.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Principais Igrejas evangélicas do Brasil.....	22
Gráfico 2 -	Trabalhos sobre discurso religioso defendidos entre janeiro de 2010 e maio de 2014 no Brasil – segundo área de conhecimento.....	25
Gráfico 3 -	Trabalhos sobre discurso religioso defendidos entre 2010 e maio de 2014 no Brasil – segundo área de conhecimento	26
Gráfico 4 -	Nível dos trabalhos sobre discurso religioso.....	26
Gráfico 5 -	Divisão da bancada evangélica por Igrejas em número de representantes (dados de 2011)	35
Gráfico 6 -	Porcentagem de perguntas feitas nas pregações por cada pastor	261
Gráfico 7 -	Emprego de marcadores conversacionais prototípicos do discurso religioso.....	270
Gráfico 8 -	O amém na pregação de Edir Macedo	272

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Pastores da mídia	46
Quadro 2 -	Definições de Máscara, Ethos & Face	82
Quadro 3 -	Máscara, Ethos & Face: algumas particularidades	84
Quadro 4 -	Algumas características do gênero textual falado pregação	133
Quadro 5 -	Características da língua falada.....	153
Quadro 6 -	Oposições implicitamente presentes na cenografia de Edir Macedo.....	188
Quadro 7 -	Comparação implícita entre Jesus Cristo e Valdemiro Santiago na pregação.....	214
Quadro 8 -	As máscaras características de cada pastor.....	216
Quadro 9 -	Vocativos empregados pelos pastores no corpus analisado	217
Quadro 10 -	Pronome você/cê(s) no discurso religioso midiático	218
Quadro 11 -	Oposições causadas pelo uso de você x vocês no discurso religioso	219
Quadro 12 -	Definição de paciente.....	225
Quadro 13 -	Definição de murmuração e de murmúrio	226
Quadro 14 -	Campo lexical como contribuinte para a formação do nicho metafórico no discurso religioso,	235
Quadro 15 -	Referências à Bíblia e a textos bíblicos nas pregações	241
Quadro 16 -	Tipos de perguntas.....	257
Quadro 17 -	Verbetes agrupados por assuntos no dicionário bíblico	268
Quadro 18 -	Marcadores conversacionais prototípicos do discurso religioso	271

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Aumento do número de evangélicos no Brasil entre 1970 e 2010	28
Figura 2 -	Boom da mídia evangélica no Brasil.....	33
Figura 3 -	Convencer e Persuadir.....	63
Figura 4 -	Tipos de argumentos.....	68
Figura 5 -	Qualidades argumentativas do caráter do orador.....	69
Figura 6 -	Esquema da Argumentação de Jean-Michel Adam.....	70
Figura 7 -	Espiral da argumentação.....	71
Figura 8 -	Esquema argumentativo: o infinito da argumentação	72
Figura 9 -	Imagens dos interactantes nas interações	77
Figura 10 -	As quatro faces dos interlocutores na interação	87
Figura 11 -	Tipos de conhecimento acionados nas interações	103
Figura 12 -	Capacidades de linguagem e categorias de análise textual.....	116
Figura 13 -	Principais objetivos da pregação	119
Figura 14 -	Supertópico e tópicos do gênero textual falado pregação	123
Figura 15 -	Organização piramidal do discurso religioso	126
Figura 16 -	Intercâmbio nos papéis de falante e ouvinte	136
Figura 17 -	Principais características da língua falada (condições de produção).....	142
Figura 18 -	Tipos de envolvimento na língua falada.....	151
Figura 19 -	Traços identificadores dos marcadores.....	162
Figura 20 -	Hiper e macrofunções dos marcadores	164
Figura 21 -	Posição dos marcadores conversacionais.....	165
Figura 22 -	Classificação dos marcadores conforme sua configuração	171
Figura 23 -	Afastamento das coisas mundanas: o banho de mar	178
Figura 24 -	Fotografia dos pastores.....	179
Figura 25 -	Antes e depois de Edir Macedo.....	181
Figura 26 -	Templo de Salomão pertencente a Edir Macedo: a suntuosidade no cenário religioso	182
Figura 27 -	Edir Macedo em 2014 no Templo de Salomão: barba, quipá e talit de ornamentos	183
Figura 28 -	Talit.....	186
Figura 29 -	Valdemiro Santiago.....	192
Figura 30 -	Silas Malafaia	193

Figura 31 -	Imagem dos fiéis rindo contagiados pelo riso dos pastores.....	195
Figura 32 -	Sorriso como fator de argumentatividade	195
Figura 33 -	Expressões faciais de Silas Malafaia	196
Figura 34 -	Expressões faciais de Edir Macedo pregando	197
Figura 35 -	R. R. Soares pregando	197
Figura 36 -	Pastores apontam para fiéis in loco	200
Figura 37 -	Pastor Silas Malafaia aponta para os fiéis virtuais	200
Figura 38 -	Imposição das mãos	201
Figura 39 -	Fiéis tocam em Valdemiro Santiago	202
Figura 40 -	Manifestação de concordância dos fiéis	203
Figura 41 -	Imagem da atenção dos fiéis é destacada nas pregações.....	204
Figura 42 -	Imagem da emoção dos fiéis é destacada nas pregações.....	205
Figura 43 -	Imagem dos fiéis é destacada nas pregações do Pr. Valdemiro Santiago.....	206
Figura 44 -	Valdemiro Santiago abraça os fiéis	208
Figura 45 -	“Nicho metafórico” na pregação de Valdemiro Santiago	236
Figura 46 -	“Nicho metafórico” na pregação de R. R. Soares.....	238
Figura 47 -	Contextualização espacial presente nas pregações de Silas Malafaia	244
Figura 48 -	Contextualização espacial presente nas pregações de R. R. Soares.....	245
Figura 49 -	Contextualização espacial presente nas pregações de Valdemiro Santiago.....	245
Figura 50 -	Contextualizando o locutor: nome e função.....	246
Figura 51 -	Contextualizando o locutor: nome e função.....	247
Figura 52 -	Contextualização temática presente nas pregações de Silas Malafaia	247

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
0.1 QUESTÕES DE PESQUISA E APORTE TEÓRICO	18
0.2 OBJETIVOS.....	19
0.2.1 Objetivo Geral	19
0.2.2 Objetivos Específicos.....	19
0.3 JUSTIFICATIVA	20
0.4 METODOLOGIA.....	38
0.5 CORPUS DE PESQUISA	40
0.6 SUJEITOS DA PESQUISA: OS PREGADORES.....	47
0.7 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	50
CAPÍTULO 1: ARGUMENTAÇÃO	53
1.1 TÓPICOS EM ARGUMENTAÇÃO	53
1.2 ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS.....	78
1.2.1 Estratégias argumentativas de mascaramento.....	79
1.2.2 Estratégias argumentativas linguísticas e de textualidade.....	89
CAPÍTULO 2: PREGAÇÃO OU SERMÃO?	105
2.1 PREGAÇÃO: UM GÊNERO TEXTUAL FALADO,	115
CAPÍTULO 3: INTERAÇÃO VERBAL & LÍNGUA FALADA	135
3.1 CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA FALADA	141
3.1.1 Marcadores Conversacionais	156
CAPÍTULO 4: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	174
4.1 ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS DE MASCARAMENTO.....	175
4.2 ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS LINGUÍSTICAS E DE TEXTUALIDADE	216
4.3 CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA FALADA	242
CONSIDERAÇÕES FINAIS	277

REFERÊNCIAS	286
ANEXOS	309
Anexo A: Normas para transcrição da língua falada	309
Anexos B: Transcrições das pregações	311
P-EDM: Pregação de Edir Macedo	311
P-RRS: Pregação de R. R. Soares	314
P-SMA: Pregação de Silas Malafaia	317
P-VAL: Pregação de Valdemiro Santiago	320
Anexo C: Dispositivo para a modelização do gênero	323
Anexo D: Folhetos Litúrgicos de Igrejas Católicas	325

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Mosaicos são obras de arte. São feitos com cacos. Os cacos, em si, não têm beleza alguma. Mas se um artista os ajuntar segundo uma visão de beleza eles se transformam numa obra de arte.[...] Ao ler as Escrituras comportamo-nos como um artista que seleciona cacos para construir um mosaico ou como compositor a compor sua sonata.” (Rubem Alves)

0.1 QUESTÕES DE PESQUISA E APORTE TEÓRICO

A principal pergunta (problema) que guia as nossas reflexões aqui presentes é: Por meio de que estratégias argumentativas alguns pastores midiáticos conquistam tantos adeptos? Outras questões também são relevantes para a pesquisa e buscamos respondê-las ao longo deste trabalho, quais sejam: Que máscaras os pastores constroem e utilizam para persuadir seus fiéis? Quais recursos linguísticos e de textualidade são empregados nas pregações analisadas? Que características da língua falada se fazem presentes nesse gênero textual¹ e como elas colaboram para a persuasão? Trata-se de um discurso fundamentado na Bíblia?

Para responder às perguntas, utilizamos os aportes teóricos da *Análise da Conversação*, por se tratar de língua falada, das *Teorias da Argumentação*, porque buscamos entender as estratégias argumentativas utilizadas no discurso religioso midiático e para compreendermos a construção e a utilização de máscaras (o *ethos*) nesse discurso, e da *Linguística Textual*, para a compreensão do gênero textual pregação. Nossa pesquisa configura-se, portanto, como interdisciplinar. Ademais,

¹ Neste trabalho, utilizamos as nomenclaturas gênero textual (ou gênero de texto) e gênero discursivo (ou gênero de discurso) como sinónimas.

quando se mostrou necessário e pertinente, recorreremos à *Análise do Discurso* (AD) e, na perspectiva de Bakhtin, à *Análise Dialógica do Discurso* (ADD). Isso porque acreditamos que os conceitos devem servir aos fenômenos, e não os fenômenos aos conceitos (MIKLOS, 2015 - informação verbal²). Assim, a epistemologia não pode ser tratada como uma camisa de força, mas deve auxiliar a compreensão dos objetos analisados (MIKLOS, 2015 - informação verbal), de modo que o método e o aporte teórico estejam a serviço do objeto, não o contrário.

Isso tudo para defendermos a tese de que a conquista de adeptos (conquista comprovada na justificativa que segue *a posteriori*) se dá pela persuasão da fala dos pastores que utilizam, de forma consciente, diversificados mecanismos argumentativos verbais e não verbais.

0.2 OBJETIVOS

0.2.1 Objetivo Geral

Sabendo do seu caráter persuasivo e apelativo, objetivamos analisar o discurso religioso midiático em pregações evangélicas para estudar os recursos utilizados para conquistar tantos adeptos.

0.2.2 Objetivos Específicos

- distinguir os gêneros textuais sermão e pregação, para apresentar os seus atributos;
- observar as características da língua falada presentes em pregações evangélicas, com vistas a observar como elas corroboram a persuasão do auditório, de modo a serem consideradas recursos argumentativos da língua;
- analisar outros mecanismos argumentativos, entre os quais a utilização de máscaras e a preservação da face, empregados no discurso de pastores midiáticos, mais especificamente de Edir Macedo, R. R. Soares, Silas Malafaia e Valdemiro Santiago;

² Palestra de Jorge Miklos, "Midiatização do campo religioso", durante reunião do grupo de pesquisa *Mídia, Religião e Cultura* (MIRE). São Paulo, Universidade Metodista, 2015.

consequentemente, caracterizar o discurso religioso midiático de vertente evangélica, em especial aquele pertencente ao gênero pregação.

0.3 JUSTIFICATIVA

O discurso religioso de alguns pastores midiáticos tem exercido forte influência na opinião pública a respeito de diversos temas, tais como presença de símbolos religiosos em repartições públicas, emprego de células-tronco embrionárias em pesquisas científicas, criminalização do aborto, união civil de homossexuais, ensino religioso na escola pública, entre outros. Além do mais, em 2014, havia dois candidatos à presidência do país que eram declaradamente evangélicos, Marina Silva e Everaldo Dias Pereira (o Pastor Everaldo), ambos assembleianos (Assembleia de Deus). Devido a tudo isso, é importante analisar o discurso religioso midiático, a fim de caracterizá-lo para melhor compreender as estratégias argumentativas que fazem esse discurso ser aceito e disseminado. Silva e Dias (2010, p.81-82) corroboram essa perspectiva ao afirmar:

Com o crescimento numérico do povo evangélico-protestante, a hegemonia católica foi ameaçada. Assim, a cultura brasileira, sempre ligada ao romanismo, tende a sofrer mudanças com a presença influente desse outro discurso religioso que ganha cada vez mais adeptos. Entender esse outro discurso religioso paralelo e ora contrastante com o discurso católico é necessário para se entender a efervescência religiosa por que, à semelhança de outros países sulamericanos, passa o Brasil.

Foram escolhidos para análise os pastores com maior visibilidade e com grande número de fiéis e Igrejas filiadas: Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), Silas Malafaia (Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo) e Valdemiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus). A potência e a forte presença pública das Igrejas podem ser visualizadas já nos seus nomes, os quais apresentam termos como “universal”, “mundial” e “internacional”. Não se trata, portanto, de pequenas e acanhadas Igrejas, mas de grandes comunidades eclesiais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2012), no Brasil, as cinco denominações evangélicas mais importantes são: Assembleia de Deus³ (12.314.410 membros), Batista (3.723.853 membros), Congregação Cristã do Brasil (2.289.634 membros), Universal do Reino de Deus (1.873.243 membros) e Evangelho Quadrangular (1.808.389 membros). Juntas, elas representam 52% do total de evangélicos brasileiros, conforme dados do gráfico que segue. As Igrejas que Edir Macedo e que Silas Malafaia representam figuram entre as maiores do país, em 4º e 1º lugar na lista do IBGE, respectivamente.

³ A Assembleia de Deus é organizada em Ministérios: “As Assembleias de Deus estão organizadas em forma de árvore, onde cada Ministério é constituído pela Igreja-Sede com suas respectivas igrejas filiadas, congregações e pontos de pregação [subcongregações]” (CPAD, 23014, s/p). O termo ministério é relativo à função de ministro (AURÉLIO, 2004). Lopes (2014) afirma que, além do Ministério Belém, à Assembleia de Deus pertencem os ministérios: Madureira (de que participa o candidato à presidência do Brasil em 2014 Pastor Everaldo), Bom Retiro e Vitória em Cristo (atualmente, sob comando de Silas Malafaia). As Assembleias brasileiras estão vinculadas à *Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil* (CGADB). A partir de 1930, por meio da primeira convenção nacional dos pastores assembleianos, ocorrida em Natal, RN, as Assembleias passaram a ter autonomia interna, de modo que passaram a ser administradas exclusivamente por pastores que moram no país, isso porque antes podia ser administrada por pastores estrangeiros, especialmente suecos e norte-americanos (os fundadores da Assembleia eram suecos e moraram, por um tempo, nos Estados Unidos). Todavia, nos últimos anos, “alguns ministérios se desligaram da CGADB [inclusive o Ministério Madureira] e fundaram outras Assembleias que juntas somam mais de 22 milhões de membros no mundo” (LOPES, 2014, s/p), pois não concordavam com alguns usos ou costumes da Igreja, entre eles o fato de as mulheres só poderem vestir saias. Isso culminou em algumas mudanças, como na maior liberdade para os assembleianos no que tange à vestimentas e à televisão. (Retomaremos essa discussão no capítulo de análise). Conforme Lopes (2014, s/p), a Assembleia de Deus é “a **maior denominação pentecostal do mundo**” (grifos da autora).

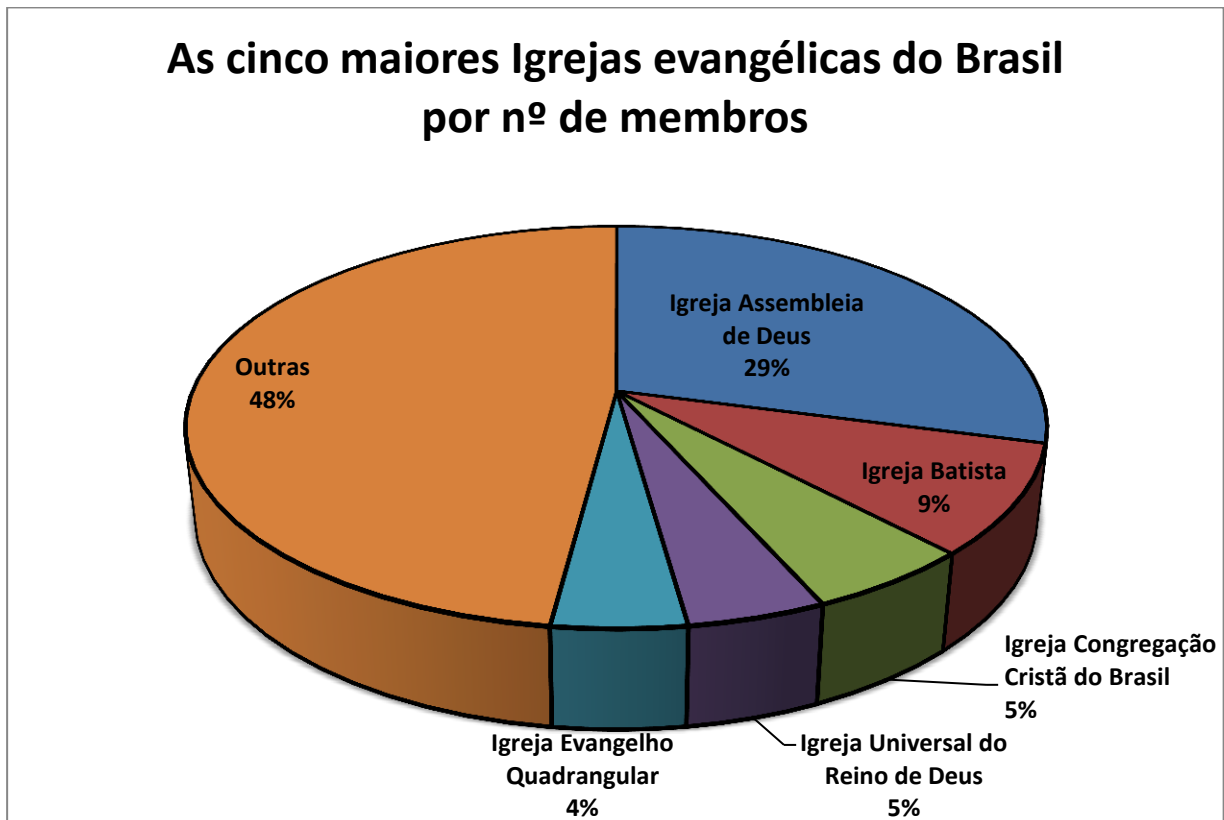


GRÁFICO 1: Principais Igrejas evangélicas do Brasil
Fonte: A autora.

O critério utilizado para estabelecer a hierarquia foi a quantidade de membros pertencentes a cada Igreja. Consideramos relevante destacar que dessas apenas a Igreja Batista pertence às Igrejas Evangélicas de Missão; as demais são de origem pentecostal. Logo, o crescimento midiático de Igrejas evangélicas é na verdade um crescimento pentecostal, o que também verificamos em outras áreas (aumento do número de fiéis, de representantes evangélicos na política etc.). Segundo a Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD (2014, s/p), em meados de 2007, foi divulgada uma pesquisa segundo a qual **“o Brasil é o maior país pentecostal do mundo”** (grifos nossos).

Cumpramos distinguir os grupos de Igrejas evangélicas existentes no Brasil. Cunha (2007) afirma que, devido às muitas denominações evangélicas existentes, foi preciso elaborar tipologias (também múltiplas) para classificar as Igrejas, porém as tipologias criadas são provisórias e insatisfatórias, além de não serem unânimes. Por isso, a autora divide as comunidades evangélicas em seis grupos:

Protestantismo Histórico de Migração; Protestantismo Histórico de Missão (PHM); Pentecostalismo Histórico (caso da Assembleia de Deus); Protestantismo de Renovação ou Protestantismo Carismático; Pentecostalismo Independente ou Neopentecostalismo (caso da Igreja Mundial do Poder de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus); e Pentecostalismo Independente de Renovação (caso da Igreja Internacional da Graça de Deus). De maneira mais simples, o IBGE (2012) dispõe as Igrejas evangélicas em dois grandes grupos: Igrejas Pentecostais e Igrejas de Missão (também conhecidas como Igrejas Tradicionais, Igrejas Reformadas e Igrejas Protestantes). Nesse grupo, figuram as Igrejas Históricas (Protestantismo Histórico de Migração, Protestantismo Histórico de Missão e Pentecostalismo Histórico), o Protestantismo de Renovação; e naquele, o Neopentecostalismo e o Pentecostalismo Independente de Renovação.

De acordo com o Instituto, pertencem ao grupo de evangélicos pentecostais as seguintes Igrejas: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, O Brasil para Cristo, Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção, Deus é Amor, Maranata, Nova Vida e outras (IBGE, 2012). Acrescentamos à lista a Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus. *Pentecostal* deriva de *Pentecoste*, que é uma festa em que se celebra o recebimento do Espírito Santo pelos cristãos; ela ocorre 52 dias após a Páscoa. Disso deriva seu nome, que, em grego, quer dizer “quincuagésimo (dia)” (KASCHEL; ZIMMER, 1999). Foi durante uma festa de Pentecoste que os fiéis, pela primeira vez, falaram em línguas estranhas (Dom de Línguas ou glossolalia). Trata-se de um “dom do Espírito Santo que permitiu a todos os apóstolos falarem em outras línguas (idiomas), sendo entendidos por pessoas de diferentes países” (KASCHEL; ZIMMER, 1999, p.130). As Igrejas Pentecostais recebem esse nome devido à crença nesse dom e também à importância que dão ao batismo no Espírito Santo, por meio do qual recebem o Dom de Línguas. Segundo a CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus (2014, s/p), os participantes de um “reavivamento foram cheios do Espírito Santo da mesma forma que os discípulos e os seguidores de Jesus durante a Festa Judaica do Pentecostes, no início da Igreja Primitiva (Atos cap. 2). Assim, eles foram chamados de ‘Pentecostais’”. As Igrejas Pentecostais acreditam no relacionamento direto entre os fiéis e Deus, o que

se deve à morte e ressurreição de Jesus Cristo e ocorre por meio do Batismo no Espírito Santo; assim, dispensam alguns dogmas religiosos, como a confissão.

Já o termo “‘Evangélico de Missão’ é o novo nome dado aos evangélicos tradicionais ou protestantes tradicionais pela nomenclatura utilizada pelo IBGE para o recenseamento de 2000” (JACOB et al. 2003, p.69). Segundo Cunha (2007), o protestantismo de missão originou-se na Reforma Protestante ocorrida no século XVI. Pertencem ao grupo de evangélicos de missão as seguintes Igrejas: Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Adventista e outras (IBGE, 2012). Essas Igrejas voltam seu trabalho para obras de missão, como o envio de missionários a grupos que se deseja converter ou de fiéis para trabalho social em comunidades carentes. Os Evangélicos de Missão organizam-se por meio de comunidades. Segundo Jacob et al. (2003, p.70), “a multiplicidade de confissões protestantes tradicionais lembra a dos Pentecostais: há uma Igreja dominante, a dos Batistas, seguida de três Igrejas de importância semelhante, os Adventistas, os Presbiterianos e os Luteranos, e, finalmente, várias outras Igrejas de menor expressão”.

Apesar da importância do discurso religioso para a sociedade e do número de evangélicos no Brasil, pesquisa bibliográfica realizada na base *Data Capes* revelou que, de janeiro de 2010 a maio de 2014, somente 184 trabalhos acadêmicos em nível de mestrado e doutorado tiveram como tema o discurso religioso (sem aspas)⁴. Desses, apenas 10 (dez) são da área da Linguística, 1 (um) de Língua Portuguesa e 31 (trinta e um) de Letras⁵. A maior parte das pesquisas sobre o tópico é de História (36) e Teologia (33). Refinando a pesquisa, foram encontrados 47 trabalhos sobre “Discurso Religioso” (com aspas). Desses, 49% (23 trabalhos) são de Letras, Linguística e Língua Portuguesa (cf. Gráfico 1 e 2). Parece muito, porém quando comparamos com trabalhos a respeito de outros assuntos, vemos que é pouco representativo. Exemplos: no mesmo período, foram defendidos: 489 trabalhos sobre coerência, dos quais 60 são

⁴ As aspas são utilizadas para restringir os resultados. Logo, sem as aspas, são apresentados trabalhos que contenham os termos discurso e religioso sem, necessariamente, estarem interligados; e com aspas, são mostrados apenas os trabalhos que citam *discurso religioso* de modo interligados.

⁵ A divisão respeita os dados apresentados na plataforma.

em Letras, Linguística, Língua Portuguesa e Linguística Aplicada; 273 sobre coesão, sendo 51 dessas áreas; cerca de 350 a respeito de gênero(s) textual(ais) e 250 sobre gênero(s) discursivo(s). Logo, podemos inferir que o discurso religioso é um tema ainda pouco explorado em pesquisas acadêmicas. Por isso a relevância deste estudo.

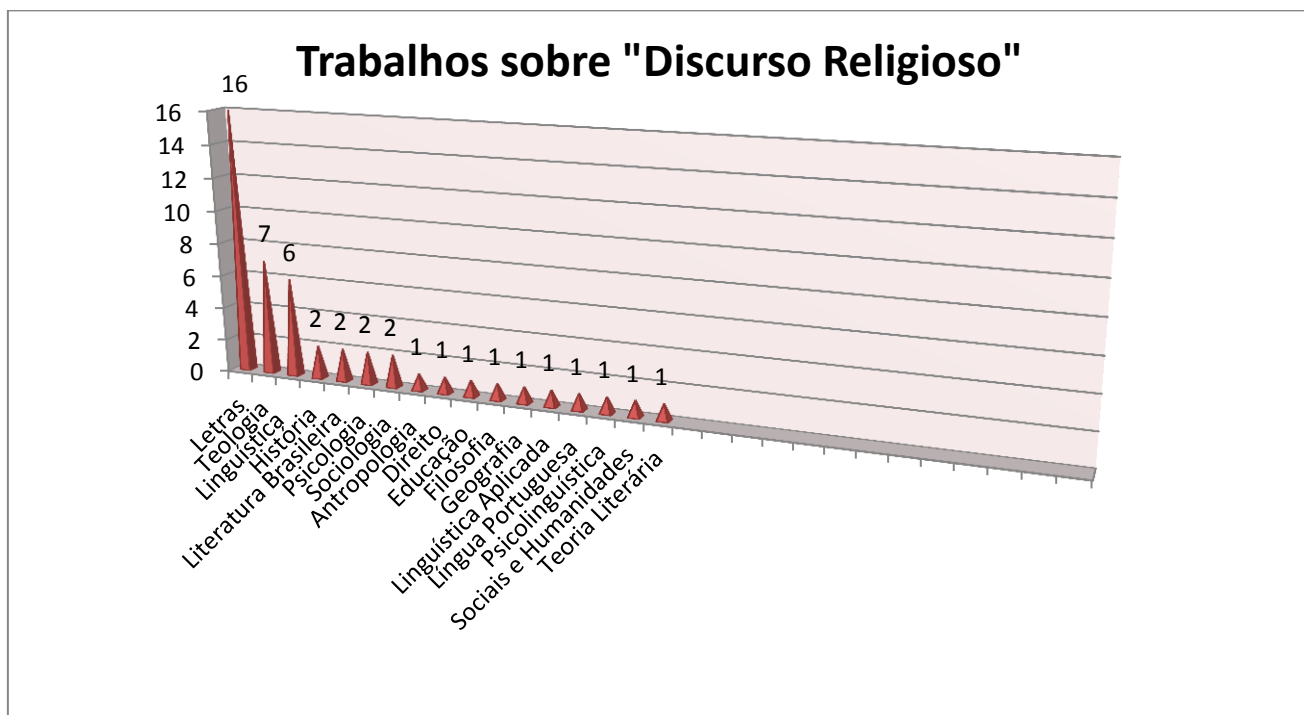


GRÁFICO 2: Trabalhos sobre discurso religioso defendidos entre janeiro de 2010 e maio de 2014 no Brasil – segundo área de conhecimento⁶

Fonte: A autora.

⁶ A nomenclatura seguiu o que foi apresentado como resultado na plataforma de pesquisa.

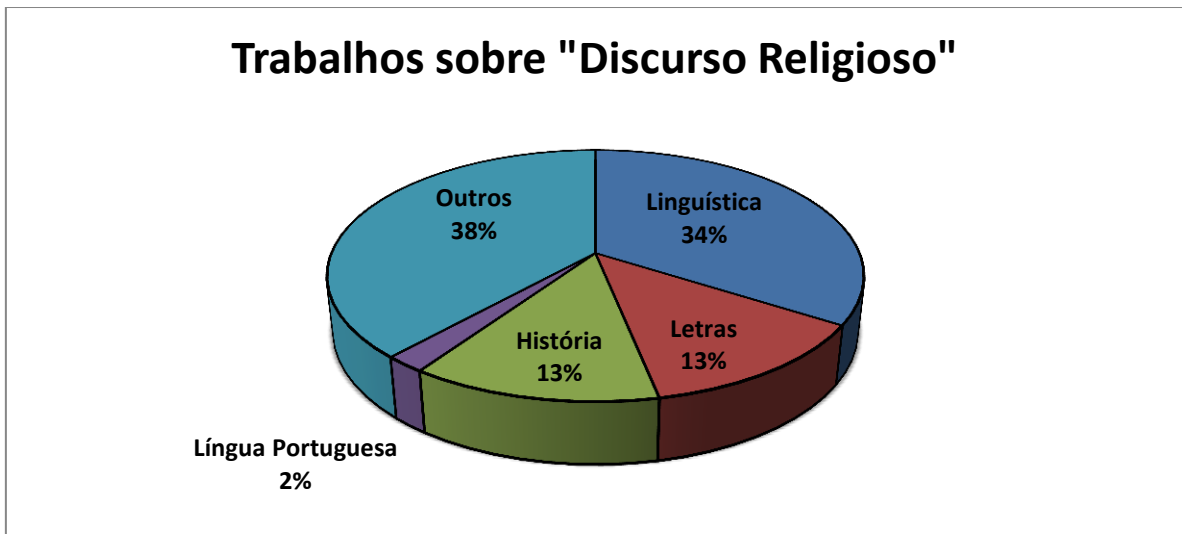


GRÁFICO 3: Trabalhos sobre discurso religioso defendidos entre 2010 e maio de 2014 no Brasil - segundo área de conhecimento

Fonte: A autora.

Do total de trabalhos em “discurso religioso” (com aspas), 7 são em nível de doutorado, 37 em mestrado acadêmico e 03 em mestrado profissional (conforme Gráfico 3).

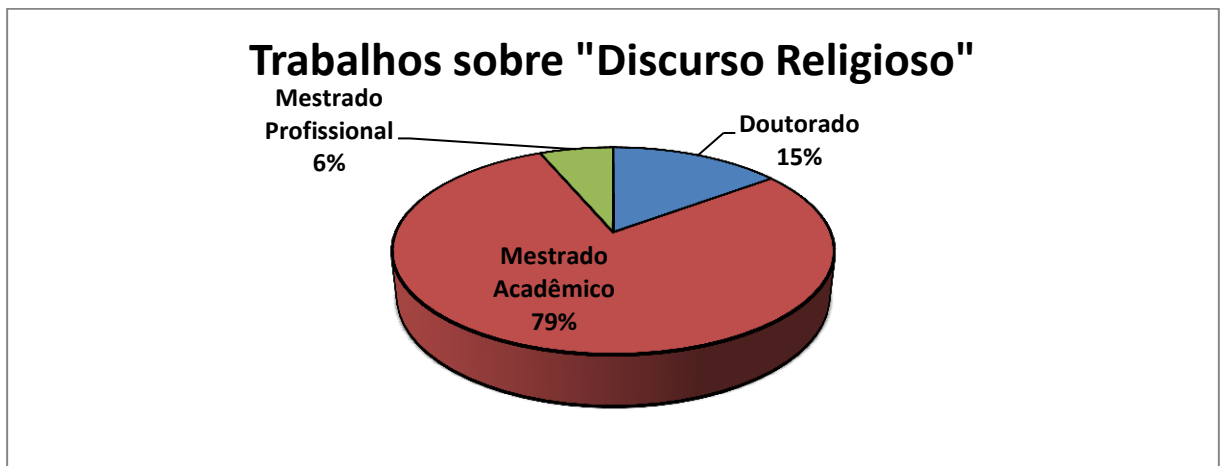


GRÁFICO 4: Nível dos trabalhos sobre discurso religioso

Fonte: A autora.

Analisando os 23 trabalhos situados em Letras, Linguística e Língua Portuguesa, verificamos que, nesse período (2010-2014), nenhum deles foi defendido por programa de pós-graduação pertencente à Universidade Estadual de Londrina e

apenas um deles trata dos aspectos da língua falada no discurso religioso tendo a Análise da Conversação como um dos seus aportes teóricos. Porém, a área de conhecimento do trabalho é a Psicolinguística e analisa-se apenas o discurso da Igreja Assembleia de Deus. Em relação aos pastores, encontramos: quatro trabalhos sobre Edir Macedo, mas nenhum em Estudos da Linguagem e áreas afins; uma pesquisa que analisa o humor no discurso de Silas Malafaia; um trabalho sobre Valdemiro Santiago, com ênfase na Igreja Mundial do Poder de Deus sob o enfoque da Teologia; não foi encontrada pesquisa a respeito de R. R. Soares.

Outro fator importante que justifica a realização da nossa pesquisa é o fato de ter aumentado consideravelmente o número de Igrejas evangélicas no Brasil, além da quantidade de redes de televisão cujos proprietários são pastores evangélicos e do número de programas evangélicos de rádio e televisão. Acompanhando esse crescimento, segundo o IBGE - Censo 2010 (2012), aumentou o número de brasileiros que se declararam evangélicos nas últimas quatro décadas.

O instituto apresenta os seguintes dados relativos aos evangélicos de origem pentecostal⁷, caracterizando-os: a maior parte deles reside na região Norte do país, em geral em áreas urbanas, é de mulheres, tem entre 30 e 39 anos de idade, tem ensino fundamental incompleto (42,3%) - apenas 4,1% têm ensino superior completo -, quase 50% é de pessoas pardas e cerca de 40% é de pessoas brancas⁸, tem rendimento nominal mensal domiciliar *per capita* de até 1,5 salário mínimo (32,3%) - apenas 0,4 tem renda maior de 10 salários mínimos, é o menor percentual entre todos os grupos religiosos avaliados pelo IBGE - Censo 2010 (2012). Assim, compreendemos que os evangélicos de origem pentecostal são, em sua maioria, mulheres adultas com baixa escolaridade e de poucos rendimentos e que moram em áreas urbanas.

Informações colhidas na página eletrônica da Revista *Veja* (2013) mostram que a proporção de evangélicos saltou de 5 milhões em 1970 para 26 milhões em 2000, aumento de 420%, enquanto o aumento entre católicos foi de

⁷ Na apresentação dos dados, o IBGE inseriu aqueles relativos à Igreja Internacional da Graça de Deus e Mundial do Poder de Deus no item "Outras igrejas evangélicas de origem pentecostal". Por isso, não apresentamos separadamente os dados de cada uma das denominações analisadas neste trabalho.

⁸ As nomenclaturas "parda" e "branca" são do IBGE (2012), e os informantes se autodeclararam de tal cor ou raça.

aproximadamente 40% no mesmo período. Assim, em 1990 os evangélicos representavam 9,0% dos brasileiros; em 2000, 15,4%; e em 2010, 22,2%.

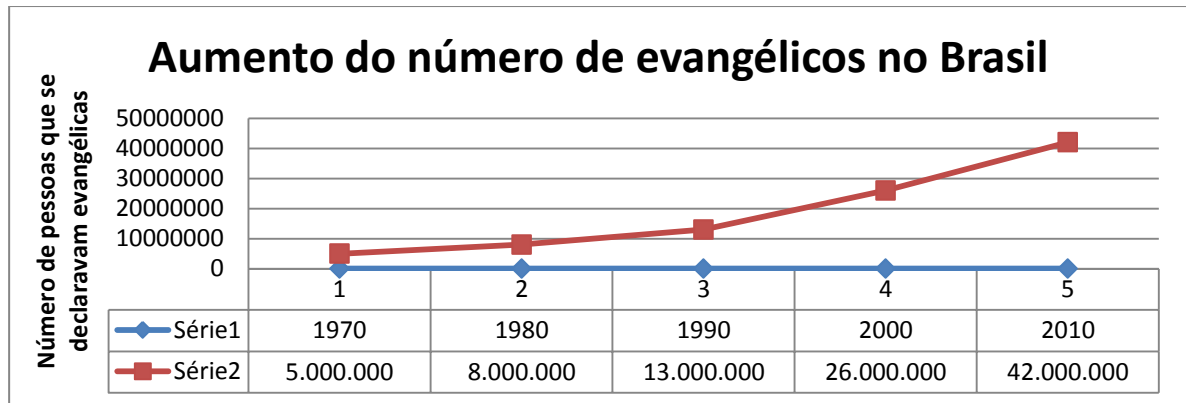


Figura 1: Aumento do número de evangélicos no Brasil entre 1970 e 2010
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do IBGE⁹ e da Veja (2013).

Pesquisa do Censo de 2010 (IBGE, 2014) expõe que, na época, 42.275.440 brasileiros se declararam evangélicos no país; ao compararmos esse número com aquele apresentado em 2000, verificamos que o percentual de evangélicos cresceu em torno de 40% em dez anos. Também cabe ressaltar que aumentou o número de pessoas que se declararam espíritas ou sem religião. Segundo dados do instituto,

Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados. [...] Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%. (IBGE, 2014, s/p).

Isso tudo em um país dito laico e democrático, no qual têm surgido diversas religiões e as pessoas têm o direito a participar de diferentes crenças

⁹ Buscando-se uma melhor visualização, os valores foram aproximados.

religiosas sem serem discriminadas por isso. Nesse contexto, percebemos o estímulo e o aquecimento da concorrência religiosa (MAIA, 2006), em que, constantemente, os líderes religiosos se veem obrigados a buscar novos fiéis e a manter os antigos. Assim, seu discurso precisa ser bastante perspicaz e persuasivo, a fim de solidificar seu grupo religioso e de tornar forte e conhecido o nome da Igreja em território nacional e fora dele. Com isso,

Muitas organizações religiosas, além de reforçar seu proselitismo¹⁰, estimulando o ativismo do clero e a militância dos leigos, procuram, como forma de atrair clientela e recrutar novos adeptos, conquistar novos nichos de mercado. (MARIANO, 2003, p.114).

Para tanto, utilizam a linguagem e empregam um discurso altamente argumentativo, logo, muito persuasivo, lapidado no que pode haver de mais instigante na língua. Cumpre salientar que, segundo Maia (2006), os evangélicos possuem o maior *grau de exposição à autoridade religiosa*, ou seja, 82,65% dos fiéis frequentam os cultos uma ou mais vezes na semana. Em contrapartida, o segundo grupo com maior grau de exposição (50% dos adeptos) é daqueles que pertencem a religiões afro-brasileiras. Os católicos são considerados aqueles com menor grau de exposição. “Essa alta participação dos evangélicos em cultos e atividades da Igreja sugere uma maior exposição ao discurso apresentado pelas Igrejas e suas lideranças” (MAIA, 2006, p.107); com isso, os fiéis estão mais propensos a se convencer daquilo que é dito por seu líder religioso.

Além de aumentar o número de pessoas que se declararam evangélicas no Brasil, de acordo com a revista *Veja* (2013), a mídia religiosa teve grande avanço em dez anos, o que ocorreu principalmente entre redes de televisão e emissoras de rádio evangélicas. Entendemos por mídia os “meios de comunicação – instrumentos tecnológicos que servem para a difusão das mensagens. Correntemente o termo se refere aos meios de informação e de notícias em geral, assim como aos meios publicitários” (INTERCOM, 2010, p.816). Assim, a televisão, o rádio e a internet são mídias, funcionam como veículos para a comunicação entre grupos bastante

¹⁰ Igual à doutrinação, à catequese.

específicos, entre interlocutores potenciais ou voltada para a grande massa. Isso porque “a mídia pode ser entendida como interface, mediação, entre emissor e receptor de uma mensagem, dada a impossibilidade de comunicação direta” (INTERCOM, 2010, p.816). A mídia pode ser compreendida ainda como “diferentes suportes técnicos dos processos comunicativos no interior da cultura, como meio de comunicação que se estende no tempo e no espaço ultrapassando os contextos da simples interação face a face” (INTERCOM, 2010, p.816), entre outras acepções. Compreendemos que as mídias favorecem a interconexão, ampliando os horizontes comunicacionais, de modo a atingir enunciatórios que seriam praticamente inalcançáveis por outros meios, como a comunicação face a face.

Segundo a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM (2010), elas podem ser divididas em **mídias tradicionais** (convencionais ou lineares) e **mídias digitais** (novas tecnologias ou em rede). Aquelas são relativas às tecnologias anteriores ao século XIX, são exemplos o telégrafo, o telefone, a fotografia, o rádio, o cinema, a televisão, o jornal, a revista, o cartaz, o folhetim, o outdoor; e estas, às posteriores ao século, sendo oriundas da cibercultura e das cibertecnologias¹¹, essa caracterizada pela comunicação on-line, pela coparticipação do interlocutor na construção dos textos/discursos, na interatividade e/ou na telepresença (INTERCOM, 2010). Além disso, essas mídias qualificam-se pela comunicação mediada por computadores (ou comunicação digital), que favorece a interação dialogada em tempo real com pessoas distantes no espaço. São exemplos de mídias digitais “a televisão digital, a telefonia celular e os demais sistemas de comunicação portáteis e intercambiáveis” (INTERCOM, 2010, p.817).

A importância das mídias é salientada pelo fato de que vivemos em uma sociedade midiaticizada, na qual os recursos tecnológicos, especialmente da tecnologia digital, são de valor incontestável. Nesse contexto, as mídias são “produtoras e distribuidoras de uma nova ordem da interação instituída pelos

¹¹ Cibercultura e cibertecnologia referem-se à(s) cultura(s) e às tecnologias do ciberespaço. Para Lévy (2014, s/p), o ciberespaço é “um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme, sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se e vai estender-se a vários campos”. Trata-se do espaço digital, da internet.

dispositivos técnico-midiáticos” (INTERCOM, 2010, p.707); e a internet (representada pelo espaço cibernético)

Está se tornando um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação humana e de pensamento humano. O que isso vai se tornar em termos culturais e políticos permanece completamente em aberto, mas, com certeza, dá para ver que isso vai ter implicações muito importantes no campo da educação, do trabalho, da vida política, das questões dos direitos. (LEVY, 2009, s/p).

Para Marcuschi (2005, p.13), “pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”. Não podemos, portanto, negar a sua forte presença e consequente influência na sociedade pós-moderna, na qual

As necessidades de comunicação têm sido muitas, o ritmo de vida é muito rápido, e o homem continua a inventar sempre o material que faz avançar os seus sonhos e sempre aperfeiçoando e indo mais além, de descoberta em descoberta. E assim o *homo sapiens* está a converter-se em *homo digitalis* com a introdução, na vida diária, dos computadores, da internet e dos telemóveis. (BENEDITO, 2003, p.191).

Assim, hoje, a internet é vista como o maior meio de informação e de interação entre as pessoas, estando presente em diferentes instrumentos (computador, *smartphones*, televisão etc.), conectando todo o planeta. Adaptando o que Ramos (2005, p.166) disse a respeito da televisão na “Idade Mídia”, hoje, a internet (muito mais que a televisão) “ascendeu à categoria divina ao assumir sobre si os atributos que antes eram reservados a Deus: onipresença, onisciência e onipotência” (grifos nossos). Isto é, a internet está presente em todos os lugares, em todo o planeta, conectando pessoas mundo afora, fazendo-se presença viva desde os bairros mais pobres até a nobreza britânica (é onipresente). Ela trata de quaisquer assuntos, em quaisquer línguas, é uma das principais fontes de informação e meio de comunicação da sociedade contemporânea; nela é possível encontrarmos informações a respeito de todos, inclusive de nós mesmos, com direito a fotografias (é onisciente). As pessoas, muitas vezes, dão à internet a autoridade para formar, informar, “famar” (tornar famoso,

notório), difamar etc. Ela exerce “força irresistível com que age sobre seus telespectadores [usuários, internautas], transformando-os todos, sem exceção, em consumidores ávidos e contumazes” de informação, de cultura, de interação e outros (RAMOS, 2005, p.166). É onipotente. Esse novo universo que se instaura interfere nas relações entre os homens e nas suas relações com a comunicação, a linguagem, as tecnologias, as culturas e, inclusive, com Deus. Assim,

A inspiração mídia/religião é mútua e os princípios homiléticos¹² que pautam a prática religiosa se refletem na concepção comunicativa dos meios seculares. Da mesma forma que a experiência midiática produz eco na religiosa. Isto se dá tanto em termos de conteúdo, quanto da forma, próprios do respectivo meio comunicacional. (RAMOS, 2005, p.166).

Com isso, a internet tem se revestido de uma “aura religiosa”¹³, refletida no aumento do número de sites, blogs, perfis em redes sociais de cunho religioso. Voltando ao aumento da mídia religiosa, entre 1989 e 1999, houve um acréscimo de 261 rádios evangélicas (VEJA, 2013), isso considerando as cinco principais Igrejas evangélicas do país¹⁴. Chamaremos esse fenômeno de “**boom da mídia evangélica**”, já que foi nessa época que houve a principal expansão dessas mídias: “esse período [fim dos nos 80 e início dos 90], para as igrejas evangélicas brasileiras, foi marcado pelo crescimento vertiginoso do movimento pentecostal” (CUNHA, 2002, p.08).

¹² Relativos à “Arte da Pregação”.

¹³ Termo emprestado de Ramos (2005) e adaptado ao contexto da internet.

¹⁴ De acordo com o IBGE (2012), as cinco denominações evangélicas mais importantes no país são: 1ª Assembleia de Deus, 2ª Batista, 3ª Congregação Cristã do Brasil, 4ª Universal do Reino de Deus e 5ª Evangelho Quadrangular.



Figura 2: Boom da mídia evangélica no Brasil¹⁵
Fonte: Veja (2013).

Segundo Lobato (1997, s/p), na década de 90, as Igrejas eram as responsáveis por aproximadamente 400 rádios espalhadas pelo país. “Pelo menos uma em cada sete rádios brasileiras está vinculada a uma igreja”. Consoante levantamento da *Folha de S. Paulo* (LOBATO, 1997, s/p), “elas somam 394 emissoras e formam apenas a parte visível do que está sob controle religioso. Os católicos controlam quase metade desse império”. Ainda de acordo com a autora, a Igreja Universal detinha cerca de 70 rádios brasileiras, entre concessões próprias (registradas em nome de pastores, bispos, empresários e parlamentares ligados à igreja) e emissoras arrendadas; somente em Campos (280 km ao norte do Rio de Janeiro), a Igreja comandava “quatro das sete emissoras de rádio da cidade e, nesse caso, todas pertencem efetivamente à Igreja Universal”. “O arrendamento de rádios é uma prática nova que impede a aferição exata do número de emissoras com programação exclusivamente religiosa” (LOBATO, 1997, s/p).

A liberação de mídias para Igrejas evangélicas pode ser favorecida pelo fato de haver representantes evangélicos em todos os níveis do Legislativo – cerca de 33% do total (RIBEIRO, 2014) – e também devido à participação bastante ativa da bancada evangélica¹⁶ na política, além de sua pró-atividade e forte atuação. Segundo

¹⁵ Designação nossa.

¹⁶ Segundo Ribeiro (2014): Oficialmente, as bancadas são “grupos” de deputados de um mesmo partido ou de blocos partidários e as lideranças (governo, oposição e minorias). Informalmente, são chamadas de bancadas a reunião de deputados que têm a mesma origem (bancadas estaduais) ou que defendem a mesma causa (ruralistas, ecologistas, evangélicos, católicos etc.). *A priori*, as chamadas “bancadas informais”, justamente por não serem constituídas na formalidade dos processos, não tinham uma lista definida de seus membros (com exceção da bancadas estaduais, pois é fácil identificar o estado de origem dos deputados).

Maia (2006), isso não foi realizado por nenhuma outra instituição religiosa, seja da Igreja Católica, de grupos espíritas, de religiões afro-brasileiras. Severo (2014, s/p) afirma que a bancada evangélica foi a que mais cresceu e se projetou nos últimos anos, tornando-se, em 2011, a terceira maior bancada no Congresso, atrás apenas das do PT e do PMDB. Ainda de acordo com Severo, “nas eleições de 2010, a bancada cresceu de 46 deputados (9% do total da Casa) para 68 deputados (13,2% do total), um crescimento de mais de 50%, se comparado ao tamanho da bancada no mandato anterior”. Além do mais, é importante frisar que a bancada evangélica pode determinar a concessão de emissoras de rádio e televisão a certas Igrejas.

Durante a constituinte de 1986 a 1988, a bancada evangélica negociou votos em troca de concessões de utilização de meios de comunicação de massa (MARTINS, 1994), ampliando sua presença a setores variados da população e aumentando seu poder de mobilização junto à sociedade brasileira. (MAIA, 2006, p.109).

Cumprido salientar que, de acordo com Severo (2014, s/p), os representantes da bancada evangélica no Congresso não atuam de acordo com o programa e os interesses dos partidos, “legalmente constituídos e pelos quais foram eleitos, mas sim pelas orientações religiosas a que professam”. Em geral, eles legislam principalmente contra a legalização do aborto e contra o casamento homossexual e em outros temas ligados à família e à fé cristã.

Ademais, as Igrejas pentecostais e neopentecostais liberam o número de políticos no congresso, como podemos observar no gráfico que segue.

Contudo, foi criada a Frente Parlamentar Evangélica, o que foi possível pelo grande número de deputados evangélicos. Essa frente foi criada no primeiro mandato do Lula, mas, somente a partir do mandato da presidente Dilma Rousseff, ela começou a atuar com mais força, principalmente para agir contra leis como a do chamado "kit gay" (kit "educativo" sobre o universo de adolescentes homossexuais que seria distribuído – e não foi – para alunos de 7 a 10 anos de escolas públicas de todo o país no programa Mais Educação). Além disso, sua atuação está focada mais em combater leis do que criá-las. Seus representantes são principalmente contra a legalização do aborto, o casamento homossexual e outros temas ligados à família e à fé cristã. A maioria dos deputados e senadores que fazem parte da Frente Evangélica é de partidos governistas, ou seja, a favor do governo, e apenas uma pequena parte, dez deputados, faz parte da oposição. A "bancada" católica, diferente da evangélica, não está organizada em uma Frente Parlamentar.

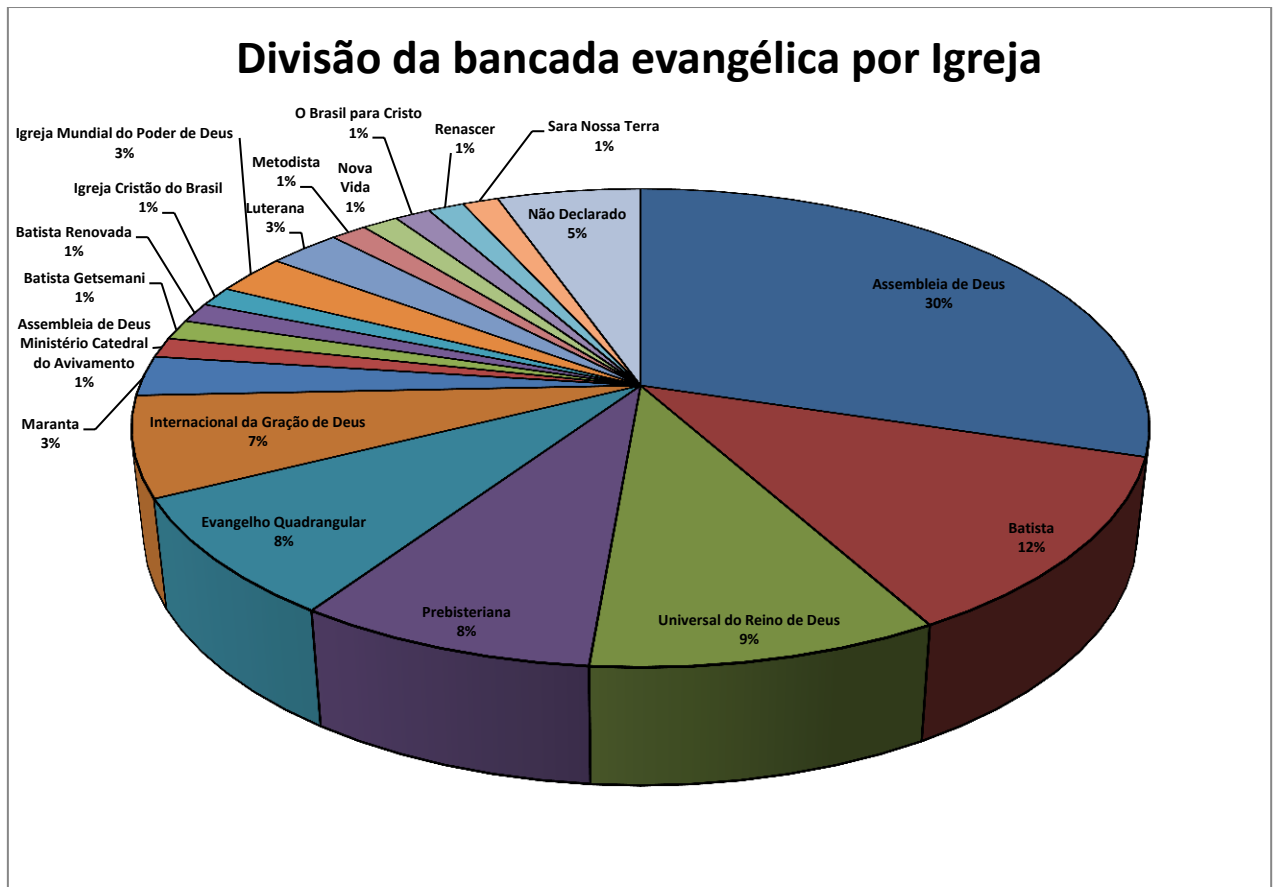


Gráfico 5: Divisão da bancada evangélica por Igrejas em número de representantes (dados de 2011)
Fonte: Elaborado pela autora com base em Severo (2014, s/p).

Notamos ainda que a Igreja Assembleia de Deus (de Silas Malafaia), a Universal do Reino de Deus (de Edir Macedo), a Internacional da Graça (de R. R. Soares) e a Mundial do Poder de Deus (de Valdemiro Santiago) figuram entre as igrejas representadas, estando a Assembleia (1ª no número de representantes) e a Universal (3ª) entre aquelas com o maior número de representantes na bancada evangélica. Maia (2006) afirma que a Universal é, dentre as Igrejas envolvidas ativamente na política, aquela com a maior organização no que se refere à mobilização política para candidaturas. Outras Igrejas, como a Assembleia, passaram, a partir de 2002, a seguir o exemplo da Universal de determinar candidatos a serem votados pelos fiéis nas eleições (MAIA, 2006).

Além do mais, as Igrejas evangélicas, como nenhuma outra instituição civil e/ou religiosa, inserem-se nas comunidades mais carentes das cidades brasileiras, as quais têm recebido pouca atenção dos governos, e para seus moradores oferecem assistência médica, social e educacional, promovendo programas de alfabetização,

construindo postos de saúde, creches, escolas e outros (NOVAES, 2002; MAIA, 2006), tornando-se um diferencial na vida das pessoas atendidas. Com isso, ganham a sua confiança e lealdade. Conseqüentemente, as Igrejas deixam de atuar apenas na esfera privada e passam a ser fortes também na esfera social e política (MAIA, 2006), de modo a influenciar o pensamento (e o voto) de muitas pessoas. Portanto, não podemos negar que “a presença de representantes evangélicos no Legislativo e no Executivo de diversos estados e municípios, além de sua significativa presença na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, demonstra a força desse segmento junto à população brasileira e reforça a sua posição de ator político considerável na atual conjuntura política” (MAIA, 2006, p.92).

Isso tudo se reflete em outro aspecto: os livros de temática religiosa dominaram as vendas em 2013 (PUBLISHNEWS, 2014b). Os três primeiros livros mais vendidos¹⁷ no país nesse ano foram: I) *Nada a perder: meus desafios diante do impossível*, do pastor Edir Macedo; II) *Kairós*, do padre Marcelo; e III) *Inferno*, de Dan Brown. Além desses, outro livro com fundo religioso do pastor despontou em sexto lugar entre os mais vendidos em 2013, *Nada a perder* (PUBLISHNEWS, 2014b). Em 2012, entre os dez mais, em 3º lugar, ficou *Nada a perder*, de Edir Macedo, e, em 5º lugar, *Agapinho*, de Marcelo Rossi (PUBLISHNEWS, 2014c). Já em 2014, o livro de Edir Macedo - *Nada a perder: meus desafios diante do impossível* (9º lugar) - e o de Marcelo Rossi - *Kairós* (7º lugar) - permanecem entre os mais vendidos¹⁸ (PUBLISHNEWS, 2014a). Isso certamente mostra que o discurso religioso é bastante importante no cenário brasileiro atual.

Dessa forma, esse discurso tem-se mostrado um relevante objeto de investigação pelas ciências da linguagem, cuja utilização é essencialmente argumentativa (KOCH, 1992); logo, a linguagem bem manipulada colabora para o convencimento das pessoas a aceitarem determinada doutrina religiosa, sendo

¹⁷ “O ranking de livros mais vendidos é elaborado a partir da soma simples das vendas de todas as livrarias consultadas” (PUBLISHNEWS, 2014a, s/p).

¹⁸ Pesquisa realizada em 08 de setembro de 2014 em <<http://www.publishnews.com.br/telas/mais-vendidos/ranking-anual.aspx>>.

necessário estudar e discutir as estratégias utilizadas para atingir esse fim. Corroborando essa perspectiva, Peña-Alfaro (2005, p.12) afirma:

Do ponto de vista da teoria lingüística o tema do discurso religioso permite duas observações importantes: a primeira de Bakhtin (1997), que recrimina o pouco interesse dos lingüistas pelo estudo dos usos da linguagem; a outra de Maingueneau (2005, p.13), que afirma ser o discurso religioso ‘o parente pobre da análise do discurso’. Considera-se com isto que este tema é relevante sob o duplo aspecto teórico e empírico e ainda porque, concordando com Maingueneau (2005), o discurso religioso faz parte dos ‘discursos constituintes’, juntamente com o científico e o filosófico.

Ainda de acordo com o autor, esse discurso está na raiz da formação sociocultural dos indivíduos e, devido a isso, tem ganhado muita força na contemporaneidade, especialmente no que tange ao cenário nacional, em que o discurso religioso está no âmago de algumas questões sociais e políticas. Como analisamos discursos proferidos e veiculados na televisão e divulgados na internet, trata-se de um discurso público, conseqüentemente “pode e deve ser analisado criticamente nas duas implicações religiosas, sociais e políticas, e por isto tem necessariamente conseqüências sociais e éticas [...]. Todo discurso público está sujeito a avaliação crítica dentro dos seus limites” (PEÑA-ALFARO, 2005, p.14). Tudo isso justifica a relevância científica e social de nossa pesquisa. Apesar disso,

As pesquisas sobre o discurso religioso são ainda pouco desenvolvidas em análise do discurso¹⁹ [...], diferentemente do que se passa na sociologia e na antropologia, onde as abordagens da religião em termos de discurso estão em franco desenvolvimento, o pouco interesse manifestado por esse discurso é ainda notável se se considerar que a dimensão religiosa é essencial em um grande número de conflitos deste início do século XXI. (MAINGUENEAU, 2010, p.99-100).

Além da importância do discurso religioso e do aumento do número de evangélicos e de mídias evangélicas, optamos pelo gênero textual pregação pela

¹⁹ Cumpre comentar que esta pesquisa não se caracteriza como um trabalho da Análise do Discurso de vertente francesa. Apesar disso, recorreremos à área quando se fez necessário, por a considerarmos relevante para o estudo do objeto em análise.

possibilidade de contribuirmos com o estudo dos gêneros falados, especialmente um que tem sido pouco explorado nas pesquisas linguísticas, tanto teóricas quanto aplicadas, devido ao contexto a que pertence.

Além de colaborar com pesquisas em Estudos da Linguagem da Língua Falada e da Argumentação, esta tese contribuirá ainda com os estudos em Teologia e Homilética²⁰, já que apresenta um estudo dos recursos linguístico-discursivos de um gênero característico dessas áreas, apresentando suas características contextuais, suas marcas de oralidade, seus recursos argumentativos e outros. Outro diferencial de nossa pesquisa está no fato de ela coadunar teorias distintas, como Análise da Conversação, para as teorias sobre a língua falada e suas características; Teorias da Argumentação, a respeito da argumentação, dos recursos argumentativos e da construção e utilização de máscaras (o *ethos*); e Linguística Textual, para análise do gênero textual oral pregação. É necessário o diálogo entre as diversas vertentes da Linguística, a fim de que possamos produzir novas pesquisas. Enfim, por tudo isso, são importantes estudos científicos em todas as áreas e, em especial, na Linguística, que deem conta de melhor compreender o discurso religioso e a expansão evangélica no Brasil, que são bastante explorados na Política, na Filosofia e na Teologia, e tão pouco estudados em Linguística.

0.4 METODOLOGIA

Quanto à metodologia, propriamente dita, é preciso ressaltar que “a fluidez e a falta de planejamento prévio requerem uma metodologia específica, que dê conta dos fenômenos peculiares a essa modalidade de língua”, a fala (GALEMBECK, 1999, p.111). O analista da conversação deve, então, criar e recriar categorias que deem conta do seu objeto de análise, já que os estudos da língua falada e a sua valoração são relativamente recentes.

Seus fenômenos devem ser analisados e categorizados a partir do seu contexto (a situação e as condições de enunciação). Por conseguinte, partimos de uma

²⁰ A Homilética é considerada a Arte da Pregação.

abordagem *empírico-indutiva* (MARCUSCHI, 2006; GALEMBECK, 1999), como convém aos estudos de materiais obtidos em situações reais de interação verbal. Empírica porque a Análise da Conversação (AC) parte de eventos reais de comunicação que ainda não apresentam modelos preexistentes e porque esse método, estabelecido a partir do funcionalismo, postula que a língua não deve ser descrita como um objeto autônomo, mas como instrumento de interação social, considerando a dinamicidade da relação entre o mundo e os sujeitos. Indutiva pois os dados são estudados conforme ocorrem no *corpus* de estudo; conseqüentemente, são os dados observados que levam a uma conclusão, a qual não é preexistente.

Além da abordagem do problema ser empírico-indutiva, é também *qualitativa e descritiva* (GRESSLER, 2003; TRIVIÑOS, 1987), realizada a partir da fala contextualizada, porque não visamos a analisar as ocorrências apenas em termos estatísticos, porém contextuais, causais e outros, interpretando os fenômenos e atribuindo-lhes significação (GRESSLER, 2003). Assim, não focalizamos o produto, mas o processo e seu sentido. Como o objeto de análise foi retirado da internet e por ele circular também em outras mídias (televisão, rádio), a abordagem da pesquisa classifica-se como *netnográfica* ou como *etnografia virtual* (HINE, 2000), *etnografia digital* ou *etnografia on-line*, que é um método de pesquisa qualitativo que estuda discursos, interações, culturas e comunidades por meio da comunicação mediada pelo computador. Trata-se de

Uma metodologia de pesquisa antropológica construída e aplicada ao universo das mídias sociais. O termo netnografia (Inter (NET) work + ETNOGRAFIA) foi originalmente proposto por Robert Kozinets, no final dos anos 90. O método consiste em observar e interpretar a cultura de grupos sociais, buscando insights culturais genuínos por meio de coleta e análise qualificada das interações sociais nas mídias sociais e dos conteúdos compartilhados online. (FOLKS NETNOGRÁFICA, 2014, s/p).

A pesquisa classifica-se ainda como observação não participante, já que os vídeos e os comentários foram analisados sem a nossa participação. Ademais, a metodologia empregada para a análise dos dados é classificada como *Análise de Conteúdo* (BARDIN, 2009; BAUER, 2004; FONSECA JÚNIOR, 2012; SEVERINO, 2007;

TRIVIÑOS, 1987), a qual, segundo Severino (2007, p. 121), “é uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens”, ou seja, trata-se de “um conjunto de técnicas de análise de comunicações”, cujo objetivo é “compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações”. Essa metodologia “envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens”. Assim, “a Análise de Conteúdo atua sobre a fala, sobre o sintagma. Ela descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras” (SEVERINO, 2007, p.121-122). Triviños (1987, p.160) afirma que o método serve ainda “para o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes etc., que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza”.


Além disso, de acordo com os procedimentos técnicos utilizados, trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica: a primeira porque o trabalho tem como fonte documentos, no caso gravações, cujos conteúdos não tiveram ainda tratamento analítico e ainda são matéria-prima de investigação e análise (SEVERINO, 2007); a segunda porque o estudo de pesquisas anteriores foi empregado como técnica auxiliar na análise do material adotado e na compreensão dos fenômenos observados.

A fim de confirmar algumas interpretações, a pesquisa quantitativa foi empregada como método auxiliar. Por isso, empregamos a pesquisa quantitativa quando se mostrou útil para a comprovação de algum dado. Não vimos necessidade de quantificar todos os dados obtidos, já que, como ressalta Marcuschi (2006, p.07), no estudo da língua falada prevalecem as descrições e interpretações qualitativas, embora também realizemos pesquisas de cunho quantitativo de grande valor investigativo.

0.5 CORPUS DE PESQUISA

Selecionamos para estudo **26h40min** de pregações (cerca de 7 horas de gravação de cada pastor estudado), em um total de trinta e uma (31) pregações, divulgadas na televisão aberta e na internet e proferidas pelos seguintes pastores: **Edir**


Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus - IURD) (5 pregações); **R. R. Soares** (Igreja Internacional da Graça de Deus) (10 pregações); **Silas Malafaia** (Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo) (7 pregações); e **Valdemiro Santiago** (Igreja Mundial do Poder de Deus) (9 pregações). Os vídeos selecionados e transcritos são:

 **Pr.²¹ EDIR MACEDO (total de horas 06h34min39s):**

- P1:** *Para mudar de vida é preciso ser violento! 1* (20/02/2013, duração 00h57min04s);
P2: *Para mudar de vida é preciso ser violento! 2* (24/02/2013, duração 01h34min11s);
P3: *Estudo do Apocalipse* (17/03/2013, duração 00h59min54s);
P4: *Santo Culto 900 horas* (12/05/2013 duração 01h06min45s);
P5: *Santo Culto Estudo do Apocalipse* (10/03/13 duração 01h56min45s).

 **Pr. R. R. SOARES (total de horas 6h38min32s):**

- P1:** *Deus honra os fiéis* (23/01/2013, duração 00h49min10s);
P2: *Pregação na Lagoinha* (duração 00h39min29s);
P3: *Arrependei-vos porque é chegado o reino dos céus* (duração 00h36min15seg);
P4: *Entenda a palavra de Deus* (duração 00h42min53s);
P5: *Deus é fiel* (duração 00h23min21s);
P6: *Condições para ser discípulo de Jesus* (01/08/2012, duração 00h22min24s);
P7: *Perdoai ao próximo como Deus vos tem perdoado* (04/04/2013, duração 00h40min29s);
P8: *Deus é misericordioso!* (17/08/2013, duração 00h48min44s);
P9: *Deus é bom!* (11/03/2013, duração 00h48min29s);
P10: *Vigiai!* (14/10/2013, duração 00h47min18s).

 **Pr. SILAS MALAFAIA (total de horas 06h31min22s):**

- P1:** *Você precisa ser determinado* (duração 01h12min29s);
P2: *Aprendendo a esperar em Deus* (duração 00h40min07s);
P3: *O que é o ser humano* (duração 00h52min19s);
P4: *Como vencer as estratégias de satanás* (duração 00h44min13s);
P5: *A extraordinária presença de Deus* (duração 00h58min00s);

²¹ Abreviação corrente, porém não oficial para “pastor”.

- P6:** *A questão do pecado* (duração 00h55min13s);
P7: *Promessas de Deus e o que você precisa saber para recebê-las* (duração 01h09min01s).

 **Pr. VALDEMIRO SANTIAGO (total de horas 06h55min27s):**

- P1:** *Dependa de Deus* (04/02/13, duração 00h31min41s);
P2: *A verdadeira sabedoria: o ensino do Espírito Santo* (duração 01h05min45s);
P3: *Homem curado de lepra na Igreja Mundial do poder de Deus* (duração 00h20min30s);
P4: *O Senhor conhece os que lhe pertencem* (duração 00h53min13s);
P5: *A fé que cura qualquer doença* (duração 00h39min48s);
P6: *O milagre da cura - Isaías 53* (duração 00h58min50s);
P7: *Deus é fiel - Romanos 11* (duração 00h27min44s);
P8: *Amor aos irmãos e ódio ao mundo* (duração 00h47min05s);
P9: *A tentação de Jesus - Mateus 4* (01/06/2013, duração 01h10min51s).

A pesquisa pelos vídeo ocorreu entre junho e dezembro de 2013 no site <www.youtube.com.br>²². As palavras-chave empregadas para a busca foram: pregação +²³ nome do pastor (ex.: pregação + Silas Malafaia). Como resultado, apareceram centenas de milhares de resultados: para Edir Macedo, quase 20.00 resultados; para R. R. Soares, mais de 12.000 resultados; para Silas Malafaia mais de 40.000 resultados; e para Valdemiro Santiago, mais de 13.000 resultados. Assim, Silas Malafaia mostrou ser o pastor mais popular no site.

Os critérios empregados para a seleção dos vídeos foram: I) ordem em que aparecem nos resultados da pesquisa na página eletrônica do *YouTube*; II) qualidade da gravação em termos de áudio e vídeo; III) quantidade de acessos e visualizações e/ou de comentários dos internautas; IV) integridade na apresentação das pregações, ou seja, que elas estivessem preferencialmente completas. Os tópicos e os locais onde ocorreram as pregações não foram usados como critérios para a

²² O YouTube – um site de compartilhamento de vídeos digitais a respeito de temas variados – foi fundado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, os quais, no ano seguinte, venderam-no para a empresa Google. No Youtube, “bilhões de pessoas descobrem e compartilham vídeos originais e os assistem” (YOUTUBE, 2014, s/p). Segundo a página eletrônica, mais de um bilhão de pessoas visitam-no todos os meses e mais de seis bilhões de horas de vídeo são assistidas a cada mês.

²³ O símbolo + (ou &, AND, E) é um operador booleano e funciona, em páginas eletrônicas, para refinar a pesquisa, assim como – (NOT, NÃO), !, | (OR, OU), entre outros.

inclusão ou exclusão de um vídeo. Assim, o *corpus* é formado por pregações que versam a respeito de distintos tópicos e que ocorreram em diferentes locais, não necessariamente uma igreja, tampouco a sede da igreja a que cada pastor pertence. As pregações foram proferidas entre agosto de 2012 e dezembro de 2013.

As pregações foram transcritas grafematicamente conforme as recomendações do projeto NURC/SP (PRETI, 2005; PRETI; URBANO, 1990) (Anexo A), e foram coletadas diretamente da página <<https://www.youtube.com/>>, de que foram baixadas e gravadas no computador para, em seguida, serem transcritas, por meio de transcrição grafemática²⁴. Isso ocorreu entre maio de 2013 e janeiro de 2014. Todas as 31 pregações foram analisadas para a retirada de exemplos utilizados na nossa fundamentação teórica e para caracterizar o gênero pregação, pois, como o objetivo era verificar a recorrência de elementos do gênero presentes nos textos, de modo a podermos categorizá-los como pertencentes ao gênero pregação, consideramos necessário examinar um número expressivo de material (31 pregações ou cerca de 27h). Contudo, em outros tópicos do capítulo de análise, em que analisamos as características da língua falada e os recursos argumentativos, fizemos novo recorte do objeto de estudo, selecionando quatro (4) pregações, uma de cada pastor, da qual analisamos mais profundamente os primeiros quinze minutos de pregação (15min), em um total de uma hora (1h) de *corpus* estudado no tópico correspondente. Com isso, buscamos verificar os recursos empregados pelos pastores para angariar a atenção do auditório no início de sua fala. As pregações elencadas para exame são:

- 📌 P-EDM: “[Para mudar de vida é preciso ser violento!](#)”²⁵;
- 📌 P-RRS: “[Deus é bom!](#)”²⁶;
- 📌 P-SMA: “[Aprendendo a esperar em Deus](#)”²⁷;
- 📌 P-VAL: “[O milagre da cura](#)”²⁸.

²⁴ As transcrições podem ser: **fonéticas** (ênfase aos sons produzidos, utilizam-se, para isso, símbolos fonéticos); **grafemáticas** (utilizam-se grafemas para representar a língua falada; ênfase no como e no quê é dito; são mantidas marcas da oralidade; não se utilizam as convenções da língua escrita corrente, como uso normatizado de sinais de pontuação e outros); **ortográficas** (uso das convenções da escrita, tais como sinais de pontuação; elimina-se a maior parte das marcas de oralidade; ênfase no quê é dito; transcrição tipicamente utilizada em revistas e jornais).

²⁵ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-vrwgLWZY7c>>.

²⁶ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-gsJeq45aqU>>.

²⁷ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sShWx0aYh80>>.

Para a seleção desses textos: a) observamos a recorrência de estratégias argumentativas; b) construímos o quadro tópico²⁹ das 31 pregações, a fim de elencarmos aquelas que discorressem a respeito de assuntos em comuns (buscamos as pregações que falassem, respectivamente, sobre fé, vida e mudança de vida, obediência ou temor a Deus e perdão); c) verificamos os textos bíblicos citados, para buscar a repetição de livros (Coríntios, por exemplo, apareceu em uma pregação de R. R. Soares e em uma de Silas Malafaia). Reduzimos o material para dezessete. Ainda era preciso diminuir esse número. Para tanto: a) excluímos do grupo as interações em que houvesse alguma polêmica mais acentuada; b) verificamos a recorrência lexical presente nas pregações e escolhemos aquelas em que houvesse reiteração dos seguintes termos: coração e corpo, os quais apareceram na fala dos quatro pastores. Para fazer isso, fizemos breve levantamento dos campos lexicais³⁰ presentes na pregação, buscando como lemas: Jesus Cristo, fé, vida. Com isso, chegamos às quatro pregações analisadas. Todo esse processo durou cerca de seis meses.

Escolhemos apenas quatro textos devido ao fato de considerarmos que as características apresentadas são comuns ao tipo de interação investigada; por conseguinte, é desnecessário examinar todo o material transcrito (27h). Isso porque “se é por meio do exame da totalidade de enunciados que se obtém o efeito de individualidade, o texto considerado para a análise de um estilo deve ser entendido como unidade correlata a uma totalidade”; assim, “ao analista compete recuperar a totalidade como unidade, para ter fundamentado o efeito de identidade” (DISCINI, 2008, p.35). Logo, o exame das quatro pregações contribui para a compreensão da

²⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Q_eu-2mGh4U>.

²⁹ Tópico discursivo é o assunto da interação. Conforme Marcuschi (2006), o tópico constitui-se como unidade discursiva fundamental que institui o evento conversacional, pois ele é visto como “sobre o que se fala”, ou seja, o assunto da interação, seja ela falada ou escrita. O **quadro tópico** (QT) é representado por um diagrama utilizado para expressar o movimento linear/horizontal e hierárquico/vertical que orienta os tópicos (temas, assuntos, “sobre o que se está falando”) de uma interação verbal. No QT, são identificados o supertópico, os tópicos e os possíveis subtópicos discursivos. A representação do QT é mais um recurso metodológico, um recorte para auxiliar a análise de fenômenos relacionados aos tópicos de uma interlocução.

³⁰ A construção dos **campos lexicais** é uma metodologia de análise proposta por Georges Maurand (1984). Para isso, o texto é organizado em conjuntos significantes reunidos em torno de temas, isso considerando os semas (traço semântico) em comum, ou seja, agrupando as palavras que contenham a mesma ideia (ex.: lexemas para pessoa, espaço, tempo, para partes do corpo etc.). Para Maurand (1984, p. 56), o campo lexical é “um conjunto de unidades lexicais (lexemas) que possuem um ou mais traços de significação em comum, ou seja, segundo o caso, um sema ou um agrupamento de semas” (tradução nossa).

totalidade que caracteriza o discurso dos pastores, sendo desnecessário fazê-lo nas 31 pregações coletadas.

Dessa maneira, o nosso *corpus* de análise é formado de uma hora (1h) de pregações (15min de cada pastor), o que possibilita analisar os recursos argumentativos empregados no discurso religioso midiático para persuadir, ganhar a confiança e a audiência dos interlocutores e, conseqüentemente, levar os fiéis a segui-lo e obedecer-lhe. Assim, a análise desse *corpus* oferece dados a respeito da aceitação desse discurso direcionado a interlocutores de diferentes grupos sociais que comungam de determinada fé.

A escolha dos respectivos pastores deve-se ao fato de:

- Serem líderes de Igrejas com expressivo número de adeptos e com dezenas de filiais espalhadas pelo Brasil e por outros países, tais como África do Sul, Angola, Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, Espanha, Estados Unidos, Japão, Portugal, Uruguai, Venezuela e muitos outros. Para termos uma ideia da importância dessas Igrejas e de seus líderes, somente a Universal tem 570 unidades apenas no Brasil (UNIVERSAL, 2014) e unidades encontradas em outros mais de 100 países nos cinco Continentes. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), há 192 países no mundo. Assim, não é exagero dizer que a Universal é uma Igreja internacional, tanto que ela mantém versão em língua inglesa de sua página eletrônica³¹. As sedes das Igrejas dos pastores ficam no Brasil: a sede da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (Pr. Silas Malafaia) fica na Penha, Rio de Janeiro-RJ; a sede da Igreja Mundial do Poder de Deus (Pr. Valdemiro Santiago), no Brás, São Paulo-SP; a sede da Igreja Universal do Reino de Deus (Pr. Edir Macedo), no Brás, São Paulo-SP³²; e a sede principal³³ da Igreja Internacional da Graça de Deus (Pr. R. R. Soares), no Centro de São Paulo-SP.

³¹ Disponível em: <<http://www.universal.org/usa/>>. Acesso em: fev. 2014.

³² A sede da Universal é o “Templo de Salomão”. (Trataremos mais a seu respeito no capítulo de análise).

³³ A Igreja Internacional da Graça de Deus apresenta, em sua página eletrônica, algumas sedes, em geral uma por estado brasileiro.

- Por todos os pastores (ou a Igreja que representam) manterem uma página eletrônica e/ou um blog na rede virtual de computadores, em que é possível: visualizar cultos, testemunhos e pregações (porém, não podemos baixá-los); encontrar as filiais; obter informações a respeito da programação das Igrejas; fazer doações, dar ofertas ou o dízimo; solicitar oração; comprar produtos (livros, DVD e CD de conteúdo religioso); entre outros. Algo nos chamou a atenção: todos os pastores e suas Igrejas mantêm perfil em redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Tumblr* (Quadro 1³⁴). A Mundial do Poder de Deus tem até mesmo aplicativos para celular. Tudo isso mostra a importância que as mídias digitais ganharam no contexto religioso.
- Serem televangelistas³⁵ e apresentarem programas televisivos, os quais são transmitidos por diferentes emissoras brasileiras e internacionais, e/ou radiofônicos.
- Terem grande exposição na mídia e ministrarem cultos em redes de televisão, além de terem programas televisivos diários ou semanais.
- Por esses pastores serem os quatro mais ricos do Brasil (FORBES, 2013). Segundo dados da Forbes (2013), estima-se que o pastor Edir Macedo tenha uma fortuna em torno de US\$ 950 milhões. Já a fortuna do pastor Valdemiro Santiago é de aproximadamente US\$ 220 milhões; a do pastor Silas Malafaia, de US\$ 150 milhões; e a do pastor R. R. Soares, UR\$ 125 milhões.

Quadro 1: Pastores da mídia

Pastores e suas igrejas na internet	
Edir Macedo/ Igreja Universal do Reino de Deus	http://www.universal.org/ https://twitter.com/BispoMacedo https://twitter.com/IgrejaUniversal http://www.bispomacedo.com.br
R. R. Soares/ Igreja Internacional da Graça de Deus	http://www.ongrace.com/portal/ http://show-da-fe.blogspot.com.br/ https://twitter.com/IIGDSP_ https://twitter.com/RRSoares https://www.facebook.com/missionariorrsoares?fref=nf
Silas Malafaia/ Igreja Assembleia de Deus	http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advect/inicial.cfm https://twitter.com/PastorMalafaia

³⁴ O Quadro 1 contém alguns *links* de acesso às redes dos pastores e suas Igrejas.

³⁵ Televangelista é o religioso que faz pregações por meio de programas de televisão.

Vitória em Cristo	https://twitter.com/SilasMalafaia
Valdemiro Santiago/ Igreja Mundial do Poder de Deus	http://www.impd.org.br/portal/ http://impd.tv/index.php?watch=171 http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advec/blog-posts.cfm?cod_secao=1&cod_subsecao=180 http://impdoficial.tumblr.com/ https://twitter.com/impd_oficial https://twitter.com/apvaldemiro

Fonte: A autora.

Em suma, foram escolhidos os pastores com muito sucesso e bastante destaque na mídia, com grande popularidade e forte poder de influência. Portanto, o discurso desses pastores é bastante representativo, o que o qualifica para a nossa análise.

Buscamos contato com os quatro pastores: enviamos e-mails para seu correio eletrônico pessoal e para o correio de sua Igreja, enviamos mensagens via *Facebook* para o perfil dos pastores e de sua Igreja, realizamos ligações telefônicas para as igrejas-sede na tentativa de contatá-los. No entanto, não efetivamos contato com nenhum deles, nenhuma mensagem foi respondida e as ligações não surtiram efeito. O objetivo da comunicação era buscar uma entrevista com os pastores, a fim de melhor conhecermos o processo de construção de suas pregações. Na falta de comunicação, isso foi deixado de lado nesta pesquisa.

Salientamos que analisar o discurso de cada uma das Igrejas que esses pastores representam não é o nosso objetivo, mas verificar o discurso dos pastores em si. cremos que, para analisar a linguagem da Igreja, seria mais conveniente focar em uma determinada Igreja e verificar a linguagem que seus diferentes pastores e membros empregam, o que não é o objetivo.

0.6 SUJEITOS DA PESQUISA: OS PREGADORES

Como salientado anteriormente, o nosso trabalho analisa o discurso religioso dos pastores Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), Silas Malafaia (Igreja Assembleia de Deus

Vitória em Cristo) e Valdemiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus). Para tanto, é necessário conhecê-los um pouco mais, saber a respeito de sua formação religiosa, cultural e acadêmica.

Edir Macedo de Bezerra, televangelista, bispo e empresário, é o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e o proprietário da Rede Record de Televisão. Nasceu em 18 de fevereiro de 1945, em Rio das Flores, Rio de Janeiro. Está casado com Esther Eunice Rangel Bezerra há mais de 40 anos. Com ela tem três filhos Cristiane, Viviane (ambas casadas com pastores da IURD) e Moisés (filho adotivo).

Segundo a página oficial do pastor, “em 1963, iniciou a carreira no funcionalismo público: tornou-se contínuo na Loteria do Estado do Rio de Janeiro, a Loterj, e trabalhou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, como pesquisador no censo econômico de 1970. Chegou a completar 16 anos de carreira como funcionário público”, deixou o cargo para se dedicar exclusivamente à evangelização (MACEDO, 2014, s/p), fundando, na década de 1970, a IURD em parceria com seu cunhado, o pastor R. R. Soares. Além disso, é dono da Rede Record de Televisão, do canal de notícias Record News e do jornal Folha Universal, entre outros.

Ainda de acordo com o pastor (MACEDO, 2014), ele é Bacharel em Teologia. Tem Mestrado em Ciências Teológicas e Doutorado em Teologia, em Filosofia Cristã e Doutorado *Honoris Causa*. Como autor, já vendeu mais de 10 milhões de cópias, divididas entre suas 34 obras, como os best-sellers *Orixás, caboclos e guias, deuses ou demônios?* e *Nos passos de Jesus*. Além de livros, ele lançou álbuns musicais, como *As canções preferidas do Bispo Macedo*.

Ele já recebeu os títulos de: Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro (conferido pela Assembleia Legislativa, conforme a resolução 41/1987); Medalha Tiradentes (conferida pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro); Cidadão Petropolitano (Câmara Municipal de Petrópolis - RJ); Cidadão Paulistano (Câmara Municipal de São Paulo).

Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como **R. R. Soares**, é missionário e televangelista brasileiro, fundador da Igreja Internacional da Graça de

Deus, nasceu em 6 de dezembro de 1947, em Muniz Freire, Espírito Santo. Está casado há quase 30 anos com Magdalena, irmã de Edir Macedo. Tem cinco filhos, todos homens. É reconhecido como o primeiro e um dos mais importantes televangelistas brasileiros. “Ele é o evangélico que está há mais tempo no ar: desde os anos de 1970” (CUNHA et al., 2008, p.158-159).

Na década de 1970, com Edir Macedo, R. R. Soares fundou a Igreja Universal do Reino de Deus, na qual ficou até 1980. Então, no mesmo ano, no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), da qual é líder até hoje. É o apresentador do programa Show da Fé pelas redes Bandeirantes e CNT, no período da noite, bem como pela RIT – Rede Internacional de Televisão, de propriedade da IIGD. Ademais, é proprietário da Graça Artes Gráficas e Editora Ltda., da Graça Music (gravadora góspel), da Graça Editorial (editora) e da Graça Filmes. O pastor, além de ter mais de 20 livros publicados (mais de 1 milhão de cópias vendidas), compõe e canta música góspel, tendo lançado alguns álbuns com músicas de sua autoria. Além disso, suas canções são interpretadas por diferentes cantores góspeis. Formado em Direito, R. R. Soares “tentou a carreira política ao se candidatar a deputado federal pelo PFL, em 1990, mas não se elegeu” (ISTOÉ GENTE, 2014, s/p).

Silas Lima Malafaia nasceu em 14 de setembro de 1958 (MALAFAIA, 2014) no Rio de Janeiro, é televangelista, pastor pentecostal brasileiro, conferencista internacional e líder da Igreja Vitória em Cristo, ligada à Assembleia de Deus. Está casado com a pastora Elizete Malafaia há mais de trinta anos, com quem tem três filhos, Silas, Talita e Taísa, e quatro netos.

É graduado em teologia pelo Instituto Bíblico Pentecostal e em Psicologia pela Universidade Gama Filho. Assim como os outros dois pastores, Silas Malafaia tem diversos livros publicados, com milhões de exemplares vendidos. Coordena e apresenta o programa Vitória em Cristo, que está há mais de 30 anos ininterruptos no ar, sendo transmitido em diversas cidades no Brasil. “Sua versão dublada para o inglês é exibida em mais de 200 países, alcançando cerca de 670 milhões de lares na Europa, no Oriente Médio, na África e na Ásia” (MALAFAIA, 2014).

Além disso, recebeu algumas homenagens, “como o título de Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro, concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, a medalha de Pacificador, concedida pelo Exército Brasileiro, e a Medalha do Mérito Legislativo, maior honraria concedida pela Câmara dos Deputados” (MALAFAIA, 2014, s/p).

Valdemiro Santiago de Oliveira, fundador e líder da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), nasceu em 2 de novembro de 1963, em Cisneiros, distrito de Palma, Minas Gerais, a 400 quilômetros de Belo Horizonte. Atualmente, é um dos televangelistas com maior exposição na televisão brasileira. Está casado com a bispa Franciléia Santiago há quase 30 anos e com ela tem duas filhas, Juliana e Raquel. Orfão de mãe aos 12 anos de idade, o pastor de infância pobre trabalhou no campo, roçando, cuidando de marrecos, arando a terra e colhendo ovos (ISTOÉ, 2014). Trabalhou também como pedreiro para ajudar na criação de seus doze irmãos. Dos quatro pastores, é com certeza o de origem mais humilde.

Ele se desligou da IURD em 1997 para fundar a IMPD. É autor de seis livros (*O grande livramento*, *Sê tu uma bênção*, *Os pensamentos de Deus*, *Revelação no altar*, *Lágrimas no deserto* e *O tesouro de Deus*) e de um CD de canções (*As inesquecíveis canções*), que juntos venderam milhares de cópias. É dono de diversas rádios e de horários em algumas redes de televisão.

Diferentemente dos demais pastores, Valdemiro Santiago não tem formação acadêmica, especialmente na área de Teologia, mas recebeu treinamento na escola de pastores da Igreja Universal, em que foi obreiro, pastor, bispo e membro da cúpula (GNOTÍCIAS, 2014; LETRAS, 2014). Aliás, o pastor teria estudado somente até o quinto ano do Ensino Fundamental (ISTOÉ, 2014; LETRAS, 2014).

0.7 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Nossa tese é composta pelas seguintes seções: “Considerações Iniciais”; “Argumentação”; “Pregação ou Sermão?”; “Interação Verbal & Língua

Falada”; “Análise e Discussão dos Dados”; “Considerações Finais”; “Referências”; “Anexos”.

Nas “Considerações iniciais”, apresentamos as questões de pesquisa, o aporte teórico, os objetivos e a justificativa. Também nesse item, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados para a análise dos dados e apresentamos o *corpus* de estudo, descrevendo como realizamos a coleta dos textos examinados, sua seleção e transcrição, e falamos acerca dos sujeitos da pesquisa.

No capítulo “Argumentação”, expomos as teorias a respeito da argumentação e das estratégias argumentativas objetivas e subjetivas, dos tipos de auditório, dos elementos argumentativos presentes na gramática da língua, entre outros. Ademais, nesse capítulo, diferenciamos persuadir de convencer, por acreditarmos que os pastores algumas vezes impõem a seus fiéis ambos os comportamentos (acreditar em algo e fazer algo a partir do discurso), pois eles desejam que os fiéis creiam em sua palavra e, a partir disso, tomem algumas atitudes. Buscam, conseqüentemente, a adesão dos espíritos. Ainda nesse capítulo, apresentamos o conceito de “máscaras”, relacionando-o às ideias de face, de preservação de face e de construção do *ethos*.

O capítulo “Pregação ou sermão?” traz a pregação como um gênero textual falado, diferenciando-a do sermão, considerado o gênero equivalente na modalidade escrita da língua.

Em “Interação Verbal & Língua Falada”, apresentamos os subsídios teóricos que permitiram um olhar a respeito das interações verbais faladas analisadas em nossa tese, apresentando as características da modalidade falada da língua, as quais subdividimos em características básicas e características derivadas. Além disso, discutimos a respeito de marcadores conversacionais.

Apresentamos, no capítulo seguinte, a análise e a discussão dos dados. Nele, as pregações são examinadas, interpretadas e analisadas de acordo com as teorias estudadas, mostrando os recursos argumentativos presentes nas pregações que levam à adesão do auditório e defendendo que as marcas da língua falada também funcionam como estratégias argumentativas.

Já nas “Considerações finais”, retornamos ao trabalho, a fim de verificar se nossos objetivos foram alcançados e de pontuar as conclusões, corroborando e validando a pesquisa realizada, tecendo as nossas conclusões a respeito do que foi discutido. Por fim, fechamos a tese com as referências citadas e os anexos.

CAPÍTULO 1: ARGUMENTAÇÃO


“Exporia ante ele a minha causa, e a minha boca encheria de argumentos”. (Jó 23:4)

Neste capítulo, discutimos o que é argumentação, traçamos um breve panorama histórico dessas pesquisas, diferenciamos convencer de persuadir, analisamos a tríade retórica aristotélica (*ethos, pathos e logos*), apresentamos alguns recursos argumentativos, como a preservação das faces, a construção de máscaras, o uso de figuras, a intertextualidade e outros.

1.1 TÓPICOS EM ARGUMENTAÇÃO

Argumentação vem do latim *argumentatio*, cujo tema (*argu-*) significa *fazer brilhar, cintilar, iluminar*. Assim, a argumentação é tudo aquilo que ilumina, que leva à compreensão e/ou percepção de uma ideia ou conceito. Plantin (2008) afirma que a argumentação está vinculada: a) à lógica, a arte de pensar corretamente; b) à retórica, a arte de bem falar; e c) à dialética, a arte de bem dialogar. Mas não só isso. Trata-se de um elemento básico constituinte da linguagem (ANSCOMBRE; DUCROT, 1980; DUCROT, 1981; KOCH, 2011; MOSCA, 2004).

Ela tem sido estudada há muito tempo, desde a Grécia antiga pelos filósofos gregos. Nesse período, era apreciada como retórica, ou seja, a arte do bem falar, da erudição, da oratória e tinha como objetivo convencer e persuadir. Na época, Aristóteles (2005) teceu distinções entre as seguintes fases na elaboração do discurso argumentativo (ou retórico):

-  *inventio* (invenção) - constituição de argumentos e ideias para orientar o discurso;

- *dispositio* (disposição) - escolha e ordenação dos argumentos;
- *elocutio* (elocução) - exposição do discurso de modo claro e adequado. A argumentação focou, durante algum tempo, sua atenção nessa etapa;
- *actio* (ação) - enunciação oral do discurso, incluindo recursos não verbais, como gestos, meneios de cabeça, mímica etc., e prosódicos ou suprasegmentais, como pausa, entonação, ritmo etc.;
- *memoria* (memória) - retenção das informações para o desenvolvimento dos argumentos.

Segundo Oliveira (2002), por volta de V a.C., a tradição filosófica grega adotou a posição de que poderíamos argumentar a respeito de tudo, desde que o orador estivesse suficientemente preparado para a exposição do discurso. Também nesse período surge o ensino da retórica (ou oratória) para os cidadãos gregos. Assim fizeram os advogados da época, que não representavam seus clientes, como acontece hoje, mas os preparavam e a seus discursos, visando à memorização dos textos, a fim de que os clientes se desempenhassem bem durante sua fala e, com isso, ganhassem a causa. Portanto, nessa época, a retórica³⁶ não se fundamentava necessariamente no conhecimento ou na verdade, porém na manipulação do discurso, a fim de que o orador tivesse sucesso em assembleias e debates.

Segundo Oliveira (2004), na década de 1150, a gramática, a retórica e a poética foram priorizadas em detrimento da dialética, sendo a escola a responsável por seu ensino. Posteriormente, nos séculos XII e XIII, a poética foi separada desses três gêneros, todavia os leitores ainda se interessavam pelas obras de escritores latinos, como Cícero, Sêneca e Quintiliano. No Renascimento, por sua vez, a retórica esteve presente no ensino. Porém, é nesse período que começa a decair, de forma que a relação entre o argumentativo e o oratório é rompida gradativamente (OLIVEIRA, 2004). A retórica desse momento estava preocupada apenas com a elocução, diferentemente de períodos anteriores, nos quais a invenção e a disposição também eram prestigiadas. Porém, essa arte do bem falar renasceu no século XVII, pois, em

³⁶ Neste trabalho, assumimos a seguinte postura: “**argumentação e retórica como termos quase sinônimos** postulando-se a presença de ambas, em grau maior ou menor, em todo e qualquer tipo de discurso” (GUIMARÃES, 2004, p.148 – grifos da autora).

Portugal, os acadêmicos de programas culturais publicaram textos a seu respeito; voltando a decair no século XIX, período no qual o seu ensino foi abolido das escolas portuguesas e francesas (OLIVEIRA, 2004; PLANTIN, 2008).

No fim do século XIX e início do XX, devido a uma visão restrita e preconceituosa do que seria a retórica causada tanto pelo apego à oratória eloquente, quanto pela prática de retórica relacionada aos colégios jesuítas e à língua latina (PLANTIN, 2008), ela foi posta de lado, “foi violentamente criticada como disciplina não científica e eliminada da universidade republicana” (PLANTIN, 2008, p.13), sendo “cientificamente invalidada como método por ser incapaz de produzir o saber positivo” (PLANTIN, 2008, p.19). Desse modo, o saber retórico não era considerado saber, seu ensino era tomado como antirrepublicano, retrógado, manipulador e, acima de tudo, distante dos objetivos políticos a que se almejava na época (PLANTIN, 2008). Ou seja, a retórica sofreu um processo em que perdeu sua legitimidade, sua autoridade e valor (peso) enquanto saber científico. Segundo Plantin (2008, p.20), nesse período, a argumentação não foi esquecida, mas profundamente deslegitimada. Isso também se deve em parte pela valorização das figuras de retórica (ou de linguagem) sem a consideração de que elas funcionam, antes de mais nada, como elementos argumentativos. Segundo Mosca (2004, p.34),

O papel das figuras nos estudos retóricos foi assumindo tão grande proporção que, em determinado período da história, a Retórica reduziu-se ao seu exclusivo estudo, sendo esta uma das razões do sentido restrito que passou a veicular e que a distanciou de uma acepção plena, apta a atender aos demais componentes envolvidos no discurso. Na realidade, foi contra esse tipo de retórica restrita que se voltaram os que se propuseram a reabilitar o sentido original da retórica.

Nesse período, valorizou-se a lógica, o pensamento racional, o positivismo. A lógica não era mais vista como a “arte de pensar”, mas como a “arte de calcular”, tornando-se um ramo da matemática, em que se valorizavam as “evidências” (PLANTIN, 2008). Com isso, “a lógica renuncia tanto a sua função orientadora do pensamento como a sua função crítica”, de modo que juízo, lógica e método fossem “pensados à parte da retórica” (PLANTIN, 2008, p.16). Apesar dessa

deslegitimação, a argumentação persistiu como objeto de estudo em Direito e em Teologia.

Essa noção limitada da retórica perdurou até a segunda metade do século XX, quando, depois da Segunda Guerra Mundial, ela foi retomada por pesquisadores belgas, ingleses e até alemães, tais como Chaim Perelman, Toulmin e Curtius, respectivamente. Porém, foi especialmente com o *Tratado da argumentação: a nova retórica*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, cuja primeira publicação em francês data de 1958, que os estudos da argumentação ganham novo ânimo. Surge, então, uma nova retórica, a arte da argumentação. Segundo Plantin (2008, p.21), os estudos da argumentação ressurgem graças à “construção de um modo de discurso democrático racional, como rejeição dos tipos de discurso totalitários nazistas e stalinistas”, isso em decorrência talvez da Guerra Fria e da Segunda Guerra Mundial.

Renovada, a argumentação surge não mais como o estudo das figuras da linguagem, as quais, a partir de então, são tratadas como recursos argumentativos da língua, sendo essa sua função *a priori*, como um ato de persuasão, de convencimento, uma ação que visa à adesão dos interlocutores, trata-se de um instrumento de atuação no espírito (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Além disso, a retórica, mais especificamente os estudos relativos à argumentação, ressurgem, no século XX, nas pesquisas em Pragmática, Estilística, Análise do Discurso, Análise da Conversação, Linguística da Enunciação, Semântica da Enunciação, Semântica Argumentativa e outros. Nesse período, duas disciplinas estilísticas corresponderam, mais especificamente, ao que era a retórica antiga, a estilística da expressão, de Bally, e a estilística do indivíduo, de Vossler (OLIVEIRA, 2004). Com isso, a argumentação foi o objeto linguístico de estudos da década de 1970/1980, favorecendo o surgimento de uma disciplina que se preocupa basicamente com essa questão, a Semântica Argumentativa e as Teorias da Argumentação na Língua.

A partir do panorama apresentado, hoje consideramos que

A questão da argumentação está presente em diferentes perspectivas do estudo sobre a linguagem. Podem-se assim observar desde posições que a consideram como constitutiva, incontornável, o dizer sendo ele próprio já e sempre argumentação, até posições menos específicas, em

que a argumentação é considerada apenas ornamento do dizer, tendo então um lugar mais periférico, secundário, por assim dizer. Mas em nenhum caso, nega-se o fato de que a argumentação tem seu lugar na linguagem. (ORLANDI, 1998, p.73).

Neste trabalho, assumimos a postura de Ducrot (1981), Anscombre e Ducrot (1980), Koch (2011) e Mosca (2004), segundo a qual a argumentação é imanente à língua, ao discurso, pertencendo-lhe, não é algo que lhe adicionamos, pois “a argumentatividade está inscrita no nível fundamental da língua” (KOCH, 2011, p.19). Para os autores, há que se ter em mente que a linguagem - portanto, o discurso - é essencialmente argumentativa, pois os enunciados são dotados de determinada força argumentativa, não havendo discurso sem determinado argumento subjacente. Também não há argumentos ingênuos, livres de intenção ou ideologia, não existindo, portanto, texto objetivo, imparcial, neutro (KOCH, 1992, p.60), em todos há, ainda que latente, certo teor argumentativo. Logo, a argumentatividade consiste em um princípio de textualidade (ANSCOMBRE; DUCROT, 1980; DUCROT, 1981; KOCH, 2011), tal qual a coerência, a coesão, a intertextualidade, podendo considerá-la como o principal deles, apresentando-se subjacente e imbrincada aos demais princípios (KOCH, 2011).

Contudo, podemos pensar em **argumentação**³⁷ *lato sensu* e **argumentação** *stricto sensu*. Aquela considera que todo e qualquer enunciado é argumentativo, pois a vontade de interagir em si, seja por meio da fala ou da escrita, apresenta, inerentemente, um teor argumentativo, uma vez que, para nos comunicarmos com o outro, precisamos prender-lhe a atenção e conquistar-lhe o desejo de nos ler/ouvir, de querer interagir conosco. Isso se deve ao fato de que a argumentatividade se faz presente em todo e qualquer texto/discurso “de modo mais ou menos intenso, mais ou menos explícito. Num continuum argumentativo, podem-se localizar textos dotados de maior ou menor argumentatividade, a qual, porém, não é jamais inexistente” (KOCH; FÁVERO, 1987, p.09).

Já na argumentação *stricto sensu*, há enunciados necessariamente argumentativos, os quais, por seu turno, formam textos pertencentes a gêneros

³⁷ Doravante, argumentação e argumentatividade serão considerados como termos sinônimos.

textuais da ordem do argumentar, tais como textos publicitários em geral (propagandas), peças judiciais (de defesa e acusação), matérias opinativas de um modo geral, sermões³⁸, pregações e outros. Segundo Travaglia (1991, p.58), a argumentação *stricto sensu* está presente em “textos em que a argumentação se apresenta de maneira explícita e atinge o seu grau máximo porque ‘nele se toma posição e se propõe a debater’”. Ainda, segundo o autor, neles “se manifesta explicitamente o objetivo de convencer, persuadir, de fazer crer ou fazer fazer, pois, como se sabe, todo texto tem uma dimensão argumentativa”. Koch e Fávero (1987, p.09) afirmam que, a argumentação *stricto sensu* enquadra os textos em que a argumentatividade “se apresenta de maneira mais explícita e atinge o seu grau máximo”. Por isso, Travaglia (1998) propõe a seguinte distinção:

TEXTOS/DISCURSOS		
ARGUMENTATIVOS <i>STRICTO SENSU</i>	X	ARGUMENTATIVOS <i>LATO SENSU</i> (ou NÃO <i>STRICTO SENSU</i>)

Isso porque a argumentação realiza-se de diversas maneiras nos textos e nos discursos (TRAVAGLIA, 1991). A argumentação é entendida como a “ação pela linguagem por meio da qual se tenta levar o(s) interlocutor (es) a determinados tipos de conclusão ou de comportamento” (KOCH, 1985, p.173). Nesse sentido, ela é assumida como um meio para dirigir os interlocutores, uma ação por meio da qual visamos à concordância dos espíritos, a adesão (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Consiste nisso a sua força ilocucionária.

Ducrot (2009), por sua vez, menciona dois tipos de argumentação: a **argumentação retórica** e a **argumentação linguística**. Segundo ele, aquela se refere ao conjunto de argumentos apresentados por um orador para convencer um auditório de algo. Ela é “a atividade verbal que visa fazer alguém crer em alguma coisa” ou atividade verbal “do escritor ou do orador que utiliza a palavra para fazer crer”

³⁸ Os últimos quatro itens foram indicados por Travaglia (1991).

(DUCROT, 2009, p.20). Ducrot exclui dessa concepção o levar alguém a fazer algo, pois, segundo o estudioso, há vários meios para conseguirmos levar alguém a fazer alguma coisa, e também atividades que fazem crer e não são necessariamente linguísticas, “porque há outros meios de fazer crer que não o de falar: pode ser suficiente pôr o destinatário numa situação em que ele tem interesse em crer o que se quer fazê-lo crer” (DUCROT, 2009, p.20).

Já a argumentação linguística relaciona-se aos “segmentos de discurso constituídos pelo encadeamento de duas proposições A e C, ligadas implícita ou explicitamente por um conector do tipo *donc* (portanto), *alors* (então), *par conséquent* (consequentemente)” (DUCROT, 2009, p.20-21). Logo, a argumentação linguística pode ser compreendida como um meio empregado para convencer alguém de algo, ou seja, é um recurso da argumentação retórica, podendo servir, portanto, à persuasão. O foco deste trabalho recai, por conseguinte, sobre a argumentação retórica (ou simplesmente argumentação), que, na concepção sofística, visa a convencer, induzir e persuadir o destinatário, como forma de superação e triunfo na disputa linguística.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.04), a argumentação “é o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*” (grifos dos autores); logo, devemos considerar a adesão dos espíritos o principal objetivo da argumentação. Declerq (1992), por seu turno, afirma que a argumentação é a transferência de valores inicialmente admitidos a outros, não se tratando de assentimento (aceitação), mas de substituição, de mudança de convicções. Nisso está, para o autor, a persuasão.

Algo alcançado por meio de um trabalho linguístico-discursivo. Todavia, não só isso, fazem parte dos recursos argumentativos elementos paralinguísticos e suprasegmentais, os quais, na interação, corroboram o convencimento e/ou a persuasão dos envolvidos. Assim, ao argumentar, o locutor emprega diferentes fatores de ordem linguístico-discursiva, imagéticos, prosódicos, gestuais e outros; portanto, trata-se de uma multissemiótica de elementos envolvidos no ato de harmonizar os espíritos. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.50) afirmam que

Uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno.

A argumentação faz parte do cotidiano das pessoas, que estão a todo momento argumentando a respeito de algo para si mesmas ou para alguém, elas estão sempre defendendo ou acusando, sustentando ou questionando um argumento (ARISTÓTELES, 2005). Com efeito, a construção enunciativa em si é já um ato argumentativo à medida que o interlocutor seleciona determinados constituintes linguístico-discursivos em detrimento de outros, ele opera certas ações no lugar de outras e constrói um objeto do discurso e não outro (PLANTIN, 2008). Assim, se “argumentar equivale a enunciar algumas proposições que escolhemos compor entre si”, “reciprocamente, enunciar equivale a argumentar, pelo simples fato de que escolhemos dizer e avançar determinados sentidos em vez de outros” (VIGNAUX 1981, p.91). Logo, ao falar de argumentação, falamos de sentido, de significação, de informação (PLANTIN, 2008). Koch (2011, p.21) acrescenta que

A argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão, mas, principalmente, de coerência textual.

Mosca (2004, p.26) corrobora essa perspectiva ao afirmar que “o ato de **informar** não existe em estado puro e serve antes a **convencer** e **persuadir** do que por si próprio” (grifos da autora); logo, todo discurso é uma construção argumentativa que visa à adesão dos interlocutores, pois “a argumentatividade está presente em toda e qualquer atividade discursiva” (MOSCA, 2004, p.17). A argumentação, segundo Plantin (2008), pode ser vista também como “um modo de construção de respostas a perguntas que organizam um conflito discursivo” (PLANTIN, 2008, p.70), “como um modo de gestão da diferença” (PLANTIN, 2008, p.74) e também “como o tipo de atividade linguística desenvolvida em uma situação argumentativa” (PLANTIN, 2008,

p.75). Ainda de acordo com ele, para que uma situação linguística se configure argumentativamente é preciso que nela se manifeste uma oposição de discurso. Assim, para Plantin, a argumentação funda-se nos contrários, uma vez que é enorme “a importância da manipulação dos contrários no discurso argumentativo” (PLANTIN, 2008, p.52).

Segundo Orlandi (1998, p.77), argumentar é antecipar, prever reações, isso a partir do jogo de imagens das interações e por meio dele. Logo, um objetivo da argumentação é o de “transformar o ouvinte ou de identificar-se a ele”. Plantin (2008, p.32) complementa dizendo que “o estudo da argumentação é o estudo das capacidades projetivas dos enunciados, da expectativa criada por sua enunciação”. Oliveira (2004, p.120) afirma que a argumentação objetiva “levar a crer, é um ato de persuasão que necessita de técnicas próprias imbricadas no discurso, induzindo e mostrando, convenientemente, o argumento que vai provocar a adesão do interlocutor”. Por conseguinte, argumentar “significa considerar o outro como capaz de reagir e de interagir diante das propostas e teses que lhe são apresentadas”, isso equivale a “conferir-lhe status e a qualificá-lo para o exercício da discussão e do entendimento, através do diálogo” (MOSCA, 2004, p.17).

Cabe, aqui, explicar o que entendemos por **convencer** e **persuadir**. Quanto à diferença entre esses dois atos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.22) distinguem-nos em relação aos auditórios. Os autores definem auditório como “o conjunto daquele que o orador quer influenciar com sua argumentação” (grifos dos autores). Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.33-34) apresentam três tipos de auditório: **AUDITÓRIO UNIVERSAL** (composto de toda a humanidade ou pelo menos de todos os homens adultos e normais); **AUDITÓRIO PARTICULAR** (composto do interlocutor a quem o locutor se dirige, trata-se, portanto, de alguém ou de um grupo determinado); o **PRÓPRIO SUJEITO COMO AUDITÓRIO** (o ouvinte constituído do próprio locutor “quando ele delibera ou figura as razões de seus atos”). Nesse ínterim, se a exposição é dirigida a um auditório particular ou ao próprio locutor, realizamos um ato de persuasão; mas convencer refere-se ao auditório universal. Logo, consideramos **persuasiva** a “argumentação que pretende valer só para um auditório particular” e **convincente** a que “deveria obter a adesão de todo ser racional”

(PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.31). Contudo, não se trata de uma distinção objetiva diretamente observável, mas de algo relativo à intenção comunicativa dos interlocutores. Se o locutor tem a intenção de se reportar a todos os homens, ele pode dirigir-se apenas a uma parte deles ou a alguém em específico, realizando um ato de persuasão. A concepção que distingue os dois atos não é, portanto, absoluta. Além disso, segundo os autores,

Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação. [...] Em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais que persuadir. Aliás, ora essa característica racional da convicção depende dos meios utilizados, ora das faculdades às quais o orador se dirige. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.30).

Koch (2011, p.18), por sua vez, apresenta de modo distinto a diferença entre esses dois atos. Para a autora, convencer volta-se à razão, mediante emprego de raciocínio lógico e de provas objetivas. Assim, esse ato possui caráter demonstrativo e atemporal, atingindo o auditório universal. Nisso, assemelha-se à distinção presente no *Tratado*. Já o ato de persuadir é relativo à vontade, ao sentimento dos envolvidos na interação, o que se dá por meio de “argumentos plausíveis e verossímeis”. Logo, persuadir “tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um ‘auditório particular’”. Convencer conduz a certezas, e persuadir, a inferências, “que podem levar esse auditório - ou parte dele - à **adesão** aos argumentos apresentados” (KOCH, 2011, p.18 - grifos da autora). Também podemos distinguir os atos como faz Aquino (1997, p.161): “convencer é levar o interlocutor a acreditar, persuadir é levar o interlocutor a agir”. Resumidamente, podemos entender os atos como representado na figura que segue.

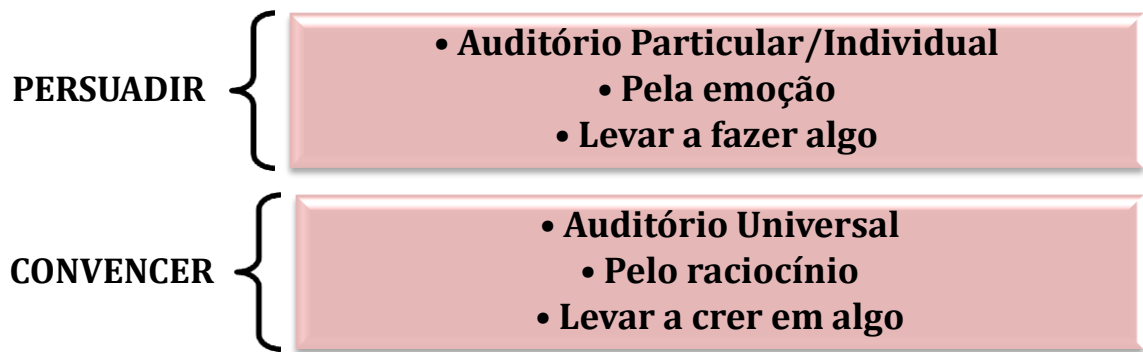


Figura 3: Convencer e Persuadir
Fonte: A autora.

Ademais, a argumentação relaciona-se a dois aspectos: à **objetividade** e à **(inter)subjetividade** da linguagem, os quais são codependentes na construção do discurso, que, como já dito, é por natureza argumentativo; há, portanto, forte imbricação entre esses dois aspectos da argumentação. Devido a isso, segundo Aristóteles (2005, p.244), uma excelente argumentação tem como características, além da clareza (relacionada à argumentação objetiva), a adequação dos recursos discursivos e expressivos ao contexto de produção, aos sujeitos envolvidos (argumentação subjetiva). Assim, a boa argumentação é aquela em que o orador consegue correlacionar, de maneira coerente e clara, tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos da linguagem, de modo a envolver o seu interlocutor em uma atmosfera de total convencimento.

Apenas didaticamente, buscando um melhor entendimento, podemos falar em **argumentação objetiva** e **argumentação (inter)subjetiva**³⁹, porque ambas são inter-relacionadas e são codependentes, ou seja, ao argumentar acionamos igualmente recursos objetivos e subjetivos, a fim de que o objetivo da interação seja plenamente alcançado. Ainda assim, o *Tratado* de Perelman e Olbrechts-Tyteca enfoca os aspectos objetivos, mesmo que implicitamente a argumentação subjetiva esteja envolvida quando falamos do auditório; já Amossy (2011a, 2011b), Maingueneau (2014b, 2011,

³⁹ Não serão caracterizados de modo bastante preciso todos os tipos de argumentos (provas). Contudo, conforme for necessário, o que aparecer no *corpus* e for pertinente para a análise será devidamente explicado no capítulo de análise e discussão dos dados. Isso se deve, em grande parte, à escolha metodológica para a realização desta pesquisa, pois adotamos o método empírico-indutivo, por meio do qual são as ocorrências dos argumentos que devem levar ao seu estudo mais aprofundado. No entanto, isso não impede que mencionemos algumas teorias a respeito dos tipos de argumentos.

2008a, 2008b) e outros focam nos subjetivos. Aristóteles (2005) fala em provas (argumentos) objetivos e subjetivos. Segundo Plantin (2008), o principal objetivo da argumentação é justamente **provar** algo, de modo a almejarmos a adesão de valores. Logo, podemos dizer que há três atos de fala **demonstrar**, **provar** e **argumentar** (PLANTIN, 2008)⁴⁰. Em alguns contextos, provar e argumentar podem ser tomados como quase-sinônimos; em outros, como antônimos argumentativamente anteriores (PLANTIN, 2008), isto é, demonstramos algo, recorrendo a provas a fim de que possamos, por último, argumentar a respeito do foi demonstrado e, posteriormente, provado. Essa concepção está estreitamente relacionada ao Direito, em que demonstrações, provas e argumentos são distintos: nesse contexto, podemos considerar os argumentos como recursos discursivos e as provas como elementos objetivos não discursivos para demonstrar algo ou para defender determinada tese. Seguindo essa linha de raciocínio, distinguem-se esses três atos (demonstrar, provar e argumentar): demonstrar é mostrar que algo é correto ou verdadeiro por meio de provas ou de raciocínio conclusivo, trata-se de comprovação; provar é mostrar que algo é verdade; e argumentar é mostrar que algo é verossímil por meio de argumentos, é apresentar razões para algo.

O *iDicionário*⁴¹ *Aulete* (2014, s/p) traz estas concepções para os verbetes: **prova** é “aquilo que serve como evidência de algo, que atesta a veracidade ou a autenticidade de alguma coisa; que atesta ou garante uma intenção, um sentimento; **argumento**, “raciocínio que se pretende baseado em fatos e em relações lógicas a partir deles, us. para se chegar a uma conclusão ou para justificá-la, para convencer alguém de algo”; **demonstração** é “manifestação, mostra (de uma intenção, um sentimento etc.) [...] raciocínio que comprova uma hipótese ou do qual se infere uma verdade”. O mesmo *idicionário* apresenta traços que podem tomar os termos como quase-sinônimos, aproximando-os. Mauro (2004, p.183), por sua vez, afirma que o raciocínio humano divide-se em **raciocínio argumentativo** e **raciocínio demonstrativo**: “neste, as premissas são verdadeiras (necessárias e permanentes);

⁴⁰ Plantin (2008) distingue essas três atividades de fala, situando-as em distinção a um atividade cognitiva (*raciocinar*), ou seja, aquelas situam-se num mesmo polo que se mostra distinto do polo do raciocinar.

⁴¹ O *idicionário* é o *dicionário on-line* de *Caldas Aulete*.

naquele, o ponto de partida do raciocínio humano está assentado em premissas verossímeis (prováveis e controversas).

A partir de outra perspectiva, a do envolvimento maior ou menor com o discurso e da presença ou ausência de um contradiscurso, demonstração, prova e argumento são diferenciados por Plantin (2008, p.99), segundo o qual “*argumento* é uma ‘atenuante lexical’ de *prova*, seu uso manifesta uma distância, um menor compromisso do locutor com seu discurso” (grifos do autor). Prova remete ao real, nisso se distancia da demonstração e do argumento. Quanto à demonstração ganha caráter de fato, ela passa a ser uma prova, que pode ser utilizada como um argumento no discurso. Aristóteles (2005, p.289), em seu tempo, afirmou que “é necessário que as provas sejam demonstrativas”, ou seja, que elas possam ser apresentadas, mostradas ao interlocutor, pois a existência do fato não é por si razão para crermos, é preciso verificar (demonstrar) por meio do discurso. Em contrapartida, segundo Plantin (2008), o discurso pode ser negado mediante a prova-fato.

Portanto, podemos alterar o espírito do interlocutor, de modo que ele aceite novos valores (seja persuadido), transmutando sua perspectiva sobre algo, tomando partido de algo ou fazendo algo, por meio de uma argumentatividade voltada para o orador, para o auditório ou para a prova (ARISTÓTELES, 2005). Isto é, a adesão do interlocutor pode ser alcançada por meio de dois métodos: pela **argumentação objetiva** (voltada para o discurso) e pela **argumentação subjetiva** (voltada para o orador e para o auditório). Em outros termos, “as provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no carácter moral do orador [o *ethos*]; outras, no modo como se dispõe o ouvinte [o *pathos*]; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar [o *logos*]” (ARISTÓTELES, 2005, p.96). Assim, o *ethos* (ἦθος) é o carácter pessoal do orador; o *pathos* (πάθος) resulta da inserção da audiência em determinado estado psicológico; e o *logos* (λόγος) decorre do discurso em si, das provas nele apresentadas.

A partir dessa tripartição, podemos falar, fundamentados no filósofo, em argumentos⁴² éticos (relacionadas ao *ethos*, à imagem que o locutor constrói de si

⁴² Provas, na concepção aristotélica.

mesmo na interação, à máscara que ele emprega para conseguir a adesão do auditório, ou seja, à face que ele deseja fazer conhecida e ver reconhecida, utilizando, para tanto, de recursos verbais e não verbais), argumentos patéticos (relacionados ao *pathos*, à elevação dos espíritos, à comoção, à emoção despertada no auditório durante a interação) e argumentos lógicos (relacionados ao *logos*, isto é, ao discurso propriamente dito, aos aspectos linguístico-discursivos que são requeridos na busca pela adesão do auditório)⁴³.

Entendemos por **imagem** - termo derivado do latim *imāgo, -inis* (HOUAISS et al., 2008) - a representação sociocognitiva e sociointerativa de algo ou de alguém (locutor, interlocutor, tópico⁴⁴ discursivo, contexto interacional etc.). Imagem é um “conceito genérico resultante de todas as experiências, impressões, posições e sentimentos que as pessoas apresentam em relação a uma empresa, produto, personalidade, etc.” (AURÉLIO, 2004, s/p) ou “qualquer representação mental de uma ideia, de uma abstração ou de um ser imaginário” (iDICIONÁRIO AULETE, 2014, s/p). É também “aspecto particular pelo qual um ser ou um objeto é percebido”, e “opinião (contra ou a favor) que o público pode ter de uma instituição, organização, personalidade de renome, marca, produto etc.; conceito que uma pessoa goza junto a outrem” e “representação ou reprodução mental de uma percepção ou sensação anteriormente experimentada” (HOUAISS, 2008, p.1573). Assim, assumimos a perspectiva de que imagem é uma **representação simbólica** (PÊCHEUX, 1995), **sociocognitiva** e **interacional**, ou seja, um **produto cognitivo** - seja ele consciente ou inconsciente. Logo, não é simples ilustração, mas a representação/interpretação simbólica de algo no e pelo discurso. Nesse sentido, a imagem é compreendida como uma prática discursiva, como um discurso, um objeto simbólico. Segundo Duarte (2014, p.20), “um mesmo objeto tanto pode ser percebido de modo imediato, sendo visualizado em sua corporeidade, como pode ser recordado ou imaginado. Desta forma, pode corresponder a fenômenos de visualidade distintos: presentes, passados e/ou futuros. O olhar é condicionado, cada experiência de olhar possui um

⁴³ No próximo tópico, os conceitos de “máscara” e de “face” são melhor estudados.

⁴⁴ Assunto da interação.

limite e, tanto a visão quanto a imaginação são conduzidas pela experiência.” Aproveitamo-nos dessa concepção para defender que a imagem social que produzimos está também condicionada a um passado, a um presente e a um futuro, isto é, a nossa imagem pode ser visualizada, recordada e imaginada. Assim, a imagem de hoje sofre interferências da imagem passada e interfere na construção da imagem futura⁴⁵.

Os dois primeiros tipos de argumentos (ético e patético) são subjetivos, porque estão relacionados aos sujeitos da interação; o último (lógico) é objetivo, pois é relativo ao discurso. Com base nessa tripartição, de acordo com Declerq (1992), podemos entender os três deveres do orador, quais sejam: agradar, emocionar e demonstrar. O orador, por meio da construção de uma autoimagem positiva (ou como diria Aristóteles, prudente, benevolente e virtuosa) deve agradar o auditório por meio do seu moral; com base no seu conhecimento sobre o interlocutor cuja adesão busca adquirir, ele precisa cativá-lo, para isso deve afetar as suas emoções, ou seja, emocionar pelas paixões; por meio de um discurso claro e coerente, precisa argumentar, demonstrando fatos, apresentando provas, dando evidências, isto é, demonstrar mediante argumentos (cf. DECLERQ, 1992; MAINGUENEAU, 2014b). Essa tríplice estratégia busca prender a atenção do auditório: “por uma emoção suscitada - *movere*; por um conhecimento transmitido - *docere*; por um prazer oferecido - *delectare*” (GUIMARÃES, 2004, p.152). Eggs (2011, p.32) complementa o quadro. Segundo ele, as três qualidades que Aristóteles apresentou como inspiradoras de confiança - *phrónesis* (ponderação ou “ter ar ponderado”), *areté* (simplicidade e sinceridade ou “se apresentar como sendo simples e sincero”) e *eúnoia* (agradável, amável, solidário ou “dar uma imagem agradável de si”) - relacionam-se, respectivamente, ao *logos*, ao *ethos* e ao *pathos*. Ou seja, “os oradores inspiram confiança, (a) se seus argumentos e conselhos são sábios e razoáveis, (b) se argumentam honestamente e sinceramente, e (c) se são solidários e amáveis com seus ouvintes” (grifos do autor). Essa tripartição (sábio/razoável, honesto/sincero,

⁴⁵ Não nos debruçaremos aqui em detalhar mais amiúde e minuciosamente o conceito de imagem, que pode ser melhor pesquisado em trabalhos futuros.

amável/solidário⁴⁶) é entendida como causa da persuasão no discurso e por fazer convincente o orador; logo, essas três qualidades relacionam-se à imagem projetada do orador. Segundo o filósofo (2005, p.160), a importância dessas causas “é tal que por elas nos persuadimos, sem necessidade de demonstrações”; assim, o orador que possui (ou aparenta possuir) as três qualidades torna-se convincente aos olhos do auditório, o qual nele deposita a sua confiança (Figura 4).

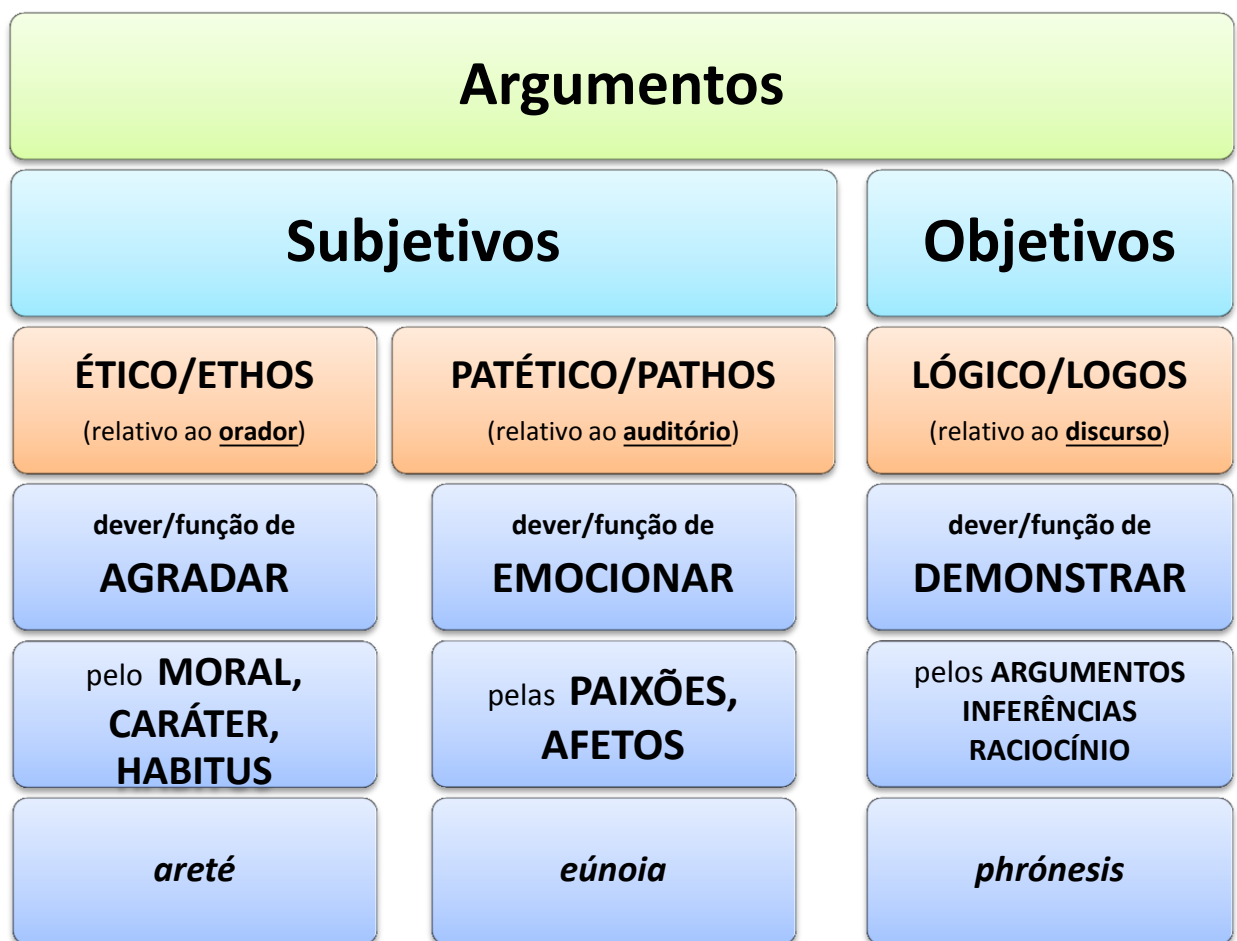


Figura 4: Tipos de argumentos

Fonte: Elaborado pela autora com base em Aristóteles (2005), Declerq (1992), Eggs (2011) e Maingueneau (2014b).

⁴⁶ Em alguns trabalhos que retomam a tripartição aristotélica, os termos são traduzidos como *prudência*, *virtude* e *benevolência*.

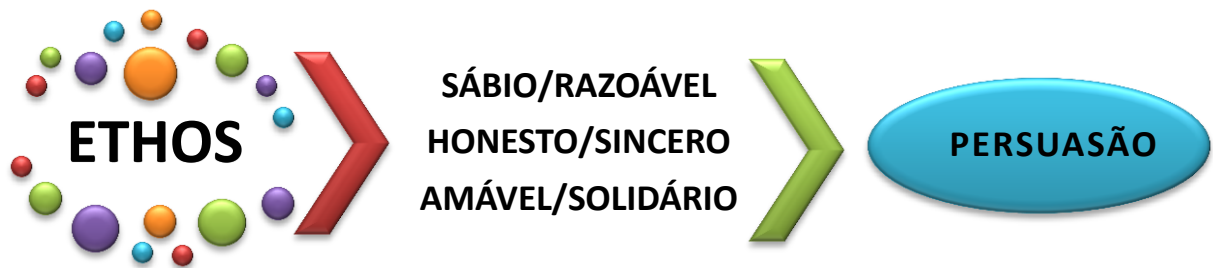


Figura 5: Qualidades argumentativas do caráter do orador
Fonte: A autora.

Contudo, não se trata de nos darmos uma aparência de sábio/razoável, honesto/sincero, amável/solidário, porém de apresentarmos-nos, mostrarmos-nos e sermos percebidos assim (EGGS, 2011), ou seja, o *ethos* não é dito, é **mostrado** (AMOSSY, 2011a, 2011b; EGGS, 2011; MAINGUENEAU, 2011, 2008c; SANTANA NETO, 2005), apresentado ao auditório que o reconstrói por meio de signos (pistas) fornecidos por elementos linguísticos, paralinguísticos e suprasegmentais (AMOSSY, 2011a, 2011b; EGGS, 2011; MAINGUENEAU, 2011, 2008c; SANTANA NETO, 2005). Esses “são traços de caráter que o orador deve **mostrar** ao auditório (pouco importa sua sinceridade), para dar uma boa impressão (...) o orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: eu sou isto aqui, não aquilo lá” (BARTHES, 1975, p.203 – grifo nosso). É justamente em mostrar, e não dizer, que reside a persuasão, posto que, se dizemos, se afirmamos, podemos projetar uma imagem indesejada, um *antiethos*, como o da arrogância e o da presunção. Logo, o *ethos* deve permanecer em segundo plano na enunciação, não devendo ser objeto do discurso (MAINGUENEAU, 2011, 2008c). Maingueneau (2008c, p.17 – grifos do autor) afirma que

- o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica.

Assim, o conceito deve ser analisado em contexto determinado, verificando os aspectos verbais e não verbais por meio dos quais o *ethos* é construído e projetado, já que o *ethos* “é um comportamento que, como tal, articula verbal e não verbal, provocando nos destinatários efeitos multi-sensoriais” (MAINGUENEAU, 2008c, p.16 – grifo do autor).

Segundo Eggs (2011), o destinatário deixa-se persuadir por meio das três provas (*ethos*, *pathos* e *logos*). Então, ao *ethos* relacionam-se também as três instâncias (*ethos*, *pathos* e *logos*) ou “todo *ethos* constitui uma *condensação específica* dessas três dimensões” (EGGS, 2011, p.42 - grifos do autor). Contudo, cumpre salientar que, nas interações, os três elementos JUNTOS são responsáveis pelo poder de persuasão do discurso, ou seja, consideramos inapropriado afirmar que o enunciador recorre única e exclusivamente a um dos elementos, apagando os demais. Na realidade, observamos que há entre seus usos certa predominância, isto é, um discurso, embora remeta-se aos três componentes, apresenta um deles como predominante. É o que verificamos nos resultados da pesquisa de Adam (2011), o qual apresenta um esquema para representar os elementos a que se voltam uma argumentação. Trata-se, na verdade, de uma **tríade retórica**, um **triângulo retórico** ou um **triângulo da argumentação**, cujo centro é preenchido juntamente pela argumentação, elemento fulcral da tríade retórica; as setas mostram que a argumentação pode ser direcionada ao *ethos* (locutor), ao *pathos* (locutário) e/ou ao *logos* (discurso).



Figura 6: Esquema da Argumentação de Jean-Michel Adam
Fonte: Adam (2011, p.94).

Segundo Adam (2011, p.94), “qualquer esquematização discursiva deve ser considerada uma estrutura dinâmica submetida a atrações tendenciais entre esses três polos”. Nesse esquema, cabe ainda uma consideração: a argumentação pode prevalecer sobre um desses elementos, mas nada impede que, por exemplo, buscando emocionar o auditório, o orador ora centre sua argumentação no *pathos*, ora no *ethos*, ora no *logos*, ou que, para atingir mais pontualmente esse auditório, ele se coloque no cerne da discussão, voltando seu discurso ora para o *ethos*, ora para o *logos*. Por isso, Santana Neto (2005) reelabora a tríade (Figura 7):

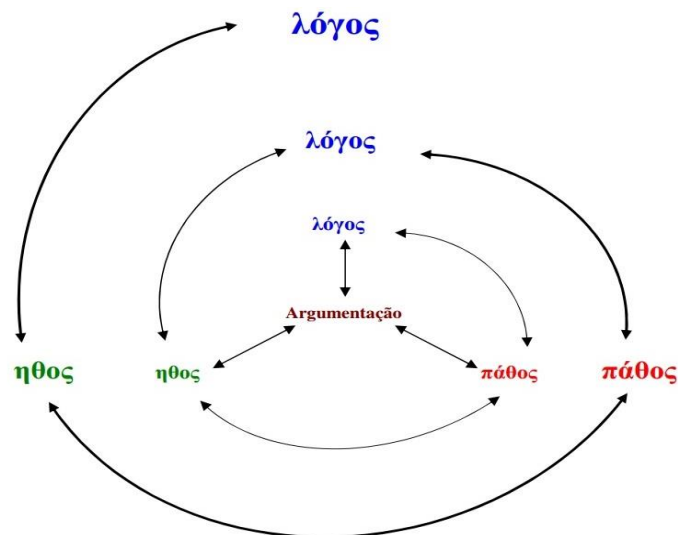


Figura 7: Espiral da argumentação
Fonte: Santana Neto (2005).

Segundo o autor (2005, p.102), “a argumentação é a síntese que congrega o logos, o ethos e o páthos, uma vez que esses três elementos são utilizados para a construção da argumentação num processo de complementariedade espiralada que objetiva atingir à persuasão”, ou seja, o espiral permitiria melhor visualizar a interação entre esses elementos que visam à persuasão. Todavia, o movimento do espiral proposto pelo brasileiro pode dar a entender, embora essa não pareça ser sua intenção, que a argumentatividade está inscrita *a priori* ou *a posteriori* no logos (início ou fim do espiral, conforme o foco), ou seja, como se houvesse um início ou um fim para a

argumentatividade ou como se o movimento da argumentação fosse: *logos* ↔ *ethos* ↔ *pathos* ↔ *logos* ↔ *ethos* ↔ *pathos* ↔ *logos*.

Creemos, entretanto, que a argumentação, cerne da tríade, princípio e fim de sua relação, é construída de modo não determinado ou delimitado. Para tanto, um círculo mostra-se mais adequado à perspectiva que aqui assumimos. Ele permite ainda que possa haver certo equilíbrio entre as três dimensões, de modo que a argumentação possa ser projetada tanto para uma quanto para outra instância da tríade e não impede que uma ou duas instâncias predomine(m) na argumentação, pois argumentar é um “jogo complexo, de igual para igual, do logos, do ethos e do pathos – e isso simultaneamente ao jogo entre orador e auditório” (EGGS, 2011, p.50). Logo, conforme Adam (2011), existem **dominantes argumentativas** ou **dominantes da argumentação**. Assim, a argumentação é o centro, o fulcro, o objetivo primeiro de algo infinito; conseqüentemente, ela é projetada nos elementos da tríade, e eles, por sua vez, são projetados na argumentação. Portanto, cabe a seguinte adequação ao esquema: transformar o triângulo e o espiral em um círculo, cuja formação é representada justamente pelos três elementos que se relacionam de modo não linear e não hierárquico, como segue.



Figura 8: Esquema argumentativo: o infinito da argumentação

Fonte: A autora.

A linha pontilhada mostra que não se trata de uma ligação direta entre os elementos, mas de uma ligação perpassada pelo discurso (pelo *logos*), já que é na e pela linguagem que as interações e as imagens (*ethos*, *pathos*) são construídas. Já a linha contínua apresenta uma ligação direta. O esquema traz a argumentação como fulcro, centro da tríade argumentativa e da relação que se estabelece entre seus elementos, relação que se dá em um infinito, algo sem início ou fim claros e determinados, em que fim e começo se misturam, se fundem; algo sem hierarquias e não linear. Sobre o círculo, Fischer (1987) afirma que se trata de algo contínuo, cujo centro indica o eterno retorno e cada elemento da tríade, que encerra uma parte do todo, está relacionado ao centro, no caso à argumentação. Essa figura indica, portanto, o todo, a integração das partes de uma totalidade. Além disso, a forma circular, que é considerada a mais perfeita de todas (FISCHER, 1987), caracteriza movimentação e continuidade. Convém dizer que os elementos da tríade relacionam-se a um passado, a um presente e a um futuro; por conseguinte, eles sofrem interferências dessas instâncias, de forma a serem visualizados, recordados e imaginados (DUARTE, 2014). Assim, em um movimento contínuo e ininterrupto, o *ethos/pathos/logos* de agora sofre interferências do *ethos/pathos/logos* do passado e interfere na construção do *ethos/pathos/logos* futuro.

Ainda em relação à tríade, Santanna Neto (2005) afirma que, durante a interação, são projetadas oito imagens (ou faces) distintas, as quais se voltam aos elementos da argumentação:

1. imagem que o locutor faz de si;
2. imagem que o locutor faz do alocutário;
3. imagem que o locutor faz do referente;
4. imagem que o locutor acredita que o alocutário faz dele;
5. imagem que o alocutário faz de si mesmo;
6. imagem que o alocutário faz do locutor;
7. imagem que o alocutário faz do referente;
8. imagem que o alocutário acredita que o locutor faz dele.

Ou seja, em uma interação, relacionamos as imagens que os interlocutores fazem de si (*ethos*), do outro (*pathos*), do referente (*logos*) e aquela que eles acreditam que o outro faz dele. Podemos, então, acrescentar à lista duas outras imagens:

- 9. imagem que o alocutário acredita que o locutor faz de si mesmo; e
- 10. imagem que o locutor acredita que o alocutário faz de si mesmo.

Exemplo: o pastor pode acreditar que o fiel considere que ele (o pastor) se ache mais importante que o fiel, o que acontece por meio da projeção de um *ethos* de arrogância; o pastor pode entender que um fiel considere que ele (o pastor) se ache menos importante do que o fiel, o que é manifestado mediante o *ethos* da inferioridade. Embora, na maioria das vezes, essas imagens permaneçam implícitas, não sendo ditas nas interações, encontramos exemplos em que elas são exteriorizadas, é o que acontece nos excertos que seguem, nos quais, durante sua pregação, o pastor tece comentários que se remetem a esse jogo de representações: ao pregar, o pastor considera que alguns fiéis possam se considerar superiores a outros:

EXCERTO 1

SMA.: *cuidado querido... cuidado pra você não ficar pensando que é alguma coisa melhor do que os outros... cuidado pra você não se achar... superior aos outros... Deus não suporta a soberba... eu tenho que falar pra você... que existe um ser... que ODEIA... o ser humano... ele ODEIA... o ser humano... como é o nome dele?... como é o nome dele?*

Pr. Silas Malafaia - Pregação 03 - L. 193-196

EXCERTO 2

RRS.: *aquele que acha que é o dono da verdade... que não obedece a Deus... comete um erro... a poór/a pior burrice que uma pessoa faz... é praticar um erro e continuar achando que ninguém vai descobri-lo...*

Pr. R. R. Soares - Pregação 03 - L. 149-151

EXCERTO 3

SMA.: *tu é cheio de apelidos... sempre tirando onda com você... aí você fica com raiva... e sabe como é que você usa a sua raiva?... assim... eu não sou nada mesmo... eu sou um porcalhão... eu nunca vou conseguir nada... eu sou um crente ruim mermo/mesmo... eu sou o pior mesmo... tá vendo nada dá certo na minha vida... tudo que eu faço dá errado... eu sou um porcalhão... não vou conseguir nada... não vou chegar a lugar nenhum... nunca vou ter um padrão de vida cristã melhor... nunca vou ser alguém... que vai conquistar... alguma coisa na sociedade... cê tá usando a raiva contra você...*

Pr. Silas Malafaia - Pregação 03 - L. 304-310

Nos excertos, o pastor constrói uma imagem da imagem que alguns fiéis possam fazer de si mesmos, mas com focos distintos: em (1), o discurso é marcado pelo “você”, interpelando diretamente o ouvinte, trazendo-o para o contexto discursivo; em (2), o foco está no “ele”, generalizando o referente extradiscursivo, a pessoa a quem o pastor se refere pode ser qualquer uma, inclusive o próprio interlocutor, assim, camufla-se e indefine-se o referente; em (3), no “eu”, porém não se trata do “eu do locutor”, mas do “eu do alocutário utilizado na voz do locutor”, ou seja, esse “eu” do pastor não se refere ao pastor, mas aos fiéis. Trata-se de um **discurso indireto livre**, porque o falante não marca a passagem da sua voz para a voz do outro, elas se misturam no texto. O falante poderia ter marcado a mudança de voz utilizando algum verbo dicendi⁴⁷. Portanto, trata-se de um jogo de representação em que se apresentam as máscaras (os *ethé*) que melhor condizem com o contexto, com os objetivos e com o auditório, a fim de alcançarmos a adesão dos espíritos.

Podemos ainda acrescentar duas outras imagens:

- 11. imagem que o locutor acredita que o alocutário faz do referente;
- 12. imagem que o alocutário acredita que o locutor faz do referente.

Tais imagens diferem-se das imagens 3 e 7, por exemplo, porque aquelas se referem à imagem que locutor ou alocutários fazem do referente; e essas (11 e 12) à suposição que locutor e alocutários fazem a respeito da imagem que seu(s) interlocutor(es) têm do referente. Esquemáticamente, imagem 3 e 7 relacionam locutor/alocutários ao referente diretamente; e 11 e 12, a relação é suposta. Exemplo disso é: o pastor acredita que há fiéis que consideram o texto bíblico bonito, forte ou que Deus (referente) tem uma obrigação com eles. Ao contrário, os fiéis podem fazer a mesma imagem do pastor. Nos excertos que seguem, os locutores acreditam que seu interlocutor possa construir determinada imagem do referente (Bíblia e Deus). Cumpre comentar que a construção dessa imagem suposta relaciona-se à imagem anterior projetada pelo sujeito.

⁴⁷ Verbo dicendi é um verbo de declaração cuja função é introduzir a fala de pessoas ou personagens, como *afirmar, dizer, comentar, declarar* e outros.

EXCERTO 4

EDM.: porque de nada adianta... você ler a Bíblia e achar bonito... forte... isso é bom... não... a minha vida tem que mudar... Deus não veio a esse mundo... pra trazer uma filosofia... pra trazer uma ideia... ele veio pra trazer vida... vida... e eu quero que você tenha essa vida...

Pr. Edir Macedo - Pregação 01 - L. 179-181

EXCERTO 5

RRS.: glória a Deus nós vamos hoje... continuar um tema que eu comecei no culto anterior... sobre Deus honrar... a sua pessoa... há muitas pessoas que... acham que Deus está na obrigação de atendê-las... é mais do que obrigação... quando cê faz o que é certo... Deus cumpre... agora quando você... sabe o que fazer... mas troca por aquilo que a religião diz... aquilo que o homem diz... você fica sozinho...

Pr. R. R. Soares - Pregação 01 - L. 55-59

Logo, na interação, estariam arroladas **doze imagens**, como ilustra a próxima figura.

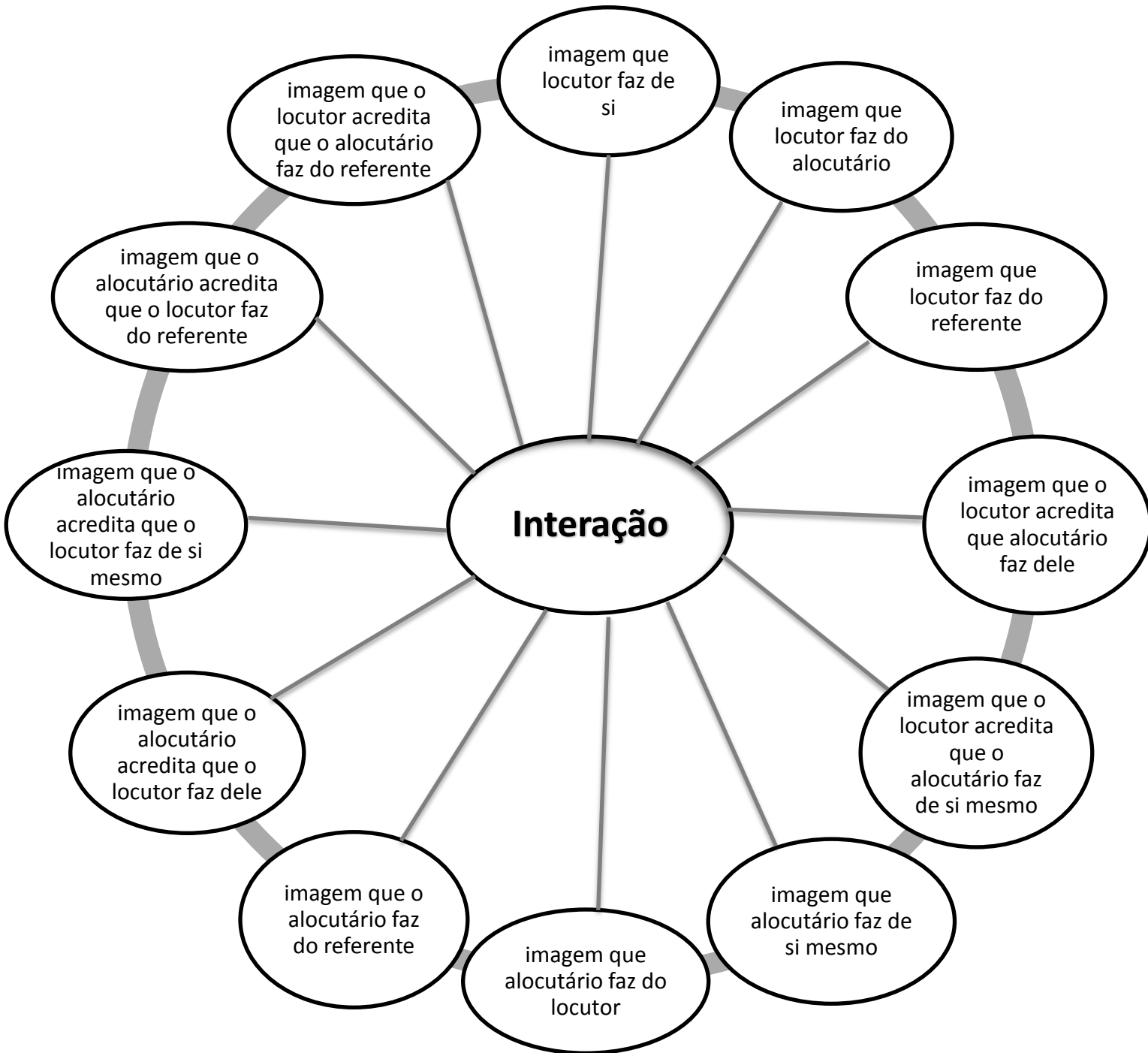


Figura 9: Imagens dos interactantes nas interações
Fonte: A autora.

O esquema apresenta as dozes imagens da interação em disposição cíclica, mostrando a sua não linearidade (as imagens ocorrem simultaneamente na interação) e a inexistência de hierarquias (todas colaboram para o convencimento do auditório e para a preservação das faces, isso em maior ou menor grau dependendo do contexto interacional).

Apresentados os tópicos em argumentação, voltemos o olhar às estratégias argumentativas.

1.2 ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS⁴⁸

Por meio das marcas deixadas no discurso pelo locutor, é possível conhecermos seus pontos de vista, suas atitudes e posicionamentos, mesmo que não sejam revelados explicitamente. Podemos, ainda, reforçar ou atenuar aquilo que está sendo dito. Para que isso aconteça, os discursos são constituídos de marcas da argumentatividade, que são, segundo Koch (2011, p.33):

1. as **pressuposições**;
2. as marcas de **intenções**, explícitas ou veladas, que o texto veicula;
3. os modalizadores que revelam **atitude** perante o enunciado que produz (através de certos advérbios, dos tempos e modos verbais, de expressões do tipo: “é claro”, “é provável”, “é certo” etc.);
4. os **operadores argumentativos**, responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação argumentativa;
5. as **imagens recíprocas** que se estabelecem entre os interlocutores e as **máscaras** por eles assumidas no jogo de representações ou [...] nas pequenas cenas dramáticas que constituem os atos de fala. (grifos da autora).

⁴⁸ As estratégias apresentadas neste tópico, apesar de comuns à pregação, não se restringem a esse gênero textual, sendo comumente utilizadas em textos pertencentes a gêneros como propagandas, sermões, artigos de opinião e muitos outros.

Por motivo meramente didático-metodológico, dividimos essas marcas ou, como preferimos chamar, estratégias argumentativas em: **linguísticas e de textualidade**, aquelas em que são empregados elementos da língua e dos fatores de textualidade que colaboram para a persuasão; e **de mascaramento**, em que são utilizados elementos verbais, não verbais (paralinguísticos) e prosódicos (suprasegmentais) para a construção de uma máscara (uma face, uma imagem, um *ethos*) e para a preservação das faces. Cumpre comentarmos que, na interação, essas estratégias (linguísticas e de mascaramento) coadunam-se na e para a construção de sentidos, muito embora em algumas situações possamos valorizar mais um elemento do que outro com vistas a atingirmos os nossos objetivos.

1.2.1 Estratégias argumentativas de mascaramento

Quando falamos de linguagem e de argumentação, é importante analisarmos mais cuidadosamente os recursos linguísticos, paralinguísticos e suprasegmentais utilizados para a persuasão, entre eles salientamos a preservação das faces e a construção e uso de máscaras⁴⁹ na/da comunicação, em cuja acepção o conceito de face e de *ethos* encontram similaridade.

A linguagem é como um palco, o lugar em que, colocando-a em cena, nós nos representamos por meio de elementos verbais, não verbais (aparência, vestimenta, gestualidade, expressão facial etc.) e prosódicos (tom de voz, velocidade de fala etc.). Por meio dela, (re)construímos o mundo e suas situações ao passo que, ao fazermos isso, nós o representamos de determinada forma (KOCH, 1992). Entendemos

⁴⁹ No próximo tópico, explicamos o que consideramos *máscara*, *face* e *ethos* como termos quase-sinônimos, mas esse é o mais recorrente, sendo empregado nas mais diversas áreas do conhecimento (Filosofia, História, Linguística – especialmente em Análise do Discurso –, Sociologia, Psicologia e outras); face é mais comum em pesquisas da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional; já máscara é o termo empregado por Bakhtin (2006, 1997) e por alguns brasileiros (MELLO, 2003; MONNERAT, 2003; KOCH, 2011; VOGT, 1989, 1983), especialmente Carlos Vogt, da Semântica Argumentativa, ele é ex-orientando de Ducrot e autor citado por Ingedore Koch. Em relação à área de pesquisa, o termo máscara é utilizado em Semântica Argumentativa, Teorias da Argumentação na Língua e em alguns trabalhos de Análise do Discurso. Devido à concepção de que a linguagem, mais precisamente o texto, é o palco do discurso (MAINGUENEAU, 1998) em que criamos cenografias e cenas (MAINGUENEAU, 2014, 2011, 2008a, 2008b, 2008c, 1998), optamos por destacar o termo máscara em consideração à nomenclatura utilizada pelo brasileiro e citada por Koch (2011).

a língua como o lugar da intersubjetividade, como uma ação dramática (KOCH, 2011), em que construímos e utilizamos máscaras para interagir uns com os outros. Logo, o mascaramento “é parte constitutiva essencial do jogo argumentativo da linguagem” (KOCH, 2011, p.22; VOGT, 1989), e as máscaras são as (auto)imagens que nós interlocutores construímos para nós durante a interação (BAKHTIN, 2006). Além disso, esse “jogo de representações acionado pela atividade lingüística põe a linguagem na cena de um espetáculo maior e mais complexo: o da história, da cultura e das máscaras sociais” (VOGT, 1983, p.11), cujo enunciador não apenas se esconde por detrás delas, mas também as sustenta (VOGT, 1989). Nesse sentido, o locutor é o ator, aquele que projeta a voz de um enunciador, o qual a vê representada em um palco, cujo auditório participa ativamente da construção e do desenvolvimento da ação dramática, trata-se de uma obra interativa, de um “teatro do improvisado”.

A respeito da construção e da utilização de máscaras sociais, Vogt (1983, p.11-12) afirma que, “embora coladas ao nosso rosto, nem sempre sabemos o que significam e nem por que as portamos”. Assim, as máscaras do enunciador (as imagens) não se confundem com o enunciador em si, trata-se de um jogo de mascaramento essencial para a argumentatividade. Podemos também considerar, na perspectiva bakhtiniana, que as máscaras são do enunciador no locutor, ou seja, a voz daquele é projetada no texto desse, o qual emprega as imagens (as máscaras) daquele na produção discursiva. Um exemplo disso é o pastor quando comenta um texto bíblico: nessa situação, o pastor é o locutor e representa uma voz superior, a voz do seu enunciador, no caso Deus. Para isso, o locutor veste as máscaras necessárias para representar o enunciador, sem as quais o discurso perde em argumentatividade.

Segundo o *iDicionário Aulete* (2014, s/p), máscara pode ser entendida como:

1. Objeto de diferentes formatos que cobre o rosto, us. como disfarce, enfeite etc.: *Pegou sua máscara de gorila e foi para o carnaval*
[...]
3. Teat. Elemento de linguagem cênica que cobre total ou parcialmente o rosto, us. praticamente em toda a história do teatro
[...]

7. Fig. Comportamento fingido, falsa aparência: "...Na vida, precisamos sempre usar máscaras, pois ninguém nos reconheceria se nos apresentássemos de rosto nu..." (Ledo Ivo, *Confissões de um poeta*)

8. Fig. Contração facial para esconder os verdadeiros sentimentos: "...Bondade muita, mas escondida debaixo de máscara espessa..." (Antônio Carlos Vilaça, *O nariz do morto*)

[...]

15. Bras. Presunção, falsa modéstia: *Diz que não sabe jogar, mas é tudo máscara para enganar os parceiros*

[F.: Do árabe *maskhara*]

Cair a máscara

1 Fig. Tornar-se evidente o verdadeiro caráter ou objetivo (de alguém), a verdade dos fatos, da situação etc. (grifos do dicionário).

As acepções apresentadas dão uma ideia do que entendemos por construção e utilização de máscaras nas interações: recurso empregado por nós para projetar uma imagem desejada a determinado interlocutor e também para esconder a nossa real face ou parte dela que não desejamos ver revelada, porque muitas vezes não queremos mostrar algo a alguém. O uso ou a renúncia de determinada máscara configura-se já como uma estratégia argumentativa, uma vez que os interactantes devem decidir a respeito do que expor e do que omitir do outro durante a interação. Esse aspecto relaciona-se ao que Plantin (2008) afirmou sobre argumentação: realizamos determinadas ações em detrimento de outras, construímos um objeto do discurso no lugar de outro, construímos e utilizamos uma máscara em vez de outra, dependendo do contexto de produção do discurso, ou seja, do auditório, do espaço e do tempo em que enunciamos, dos objetivos pretendidos, do papel discursivo que desempenhamos na interação e que o nosso interlocutor, por sua vez, exerce.

Segundo Koch (2011, p.32), na interação, muitos recursos argumentativos da língua corroboram a construção desse jogo cênico, por meio do qual são distribuídas "entre os personagens máscaras que só têm realidade dentro do próprio discurso, determinando um jogo de representações dramáticas". Assim, podemos dizer que "a linguagem é representação, ação dramática", pois além de representar-se a si mesma, a linguagem representa o contexto, os personagens, o mundo linguístico e extralinguístico.

No entanto, os conceitos de máscara, de face e de *ethos* representam o quê? Os lados da mesma moeda? Moedas distintas de mesmo valor? Ou talvez os valores sejam diversos? Essa discussão é relevante porque, na literatura, os termos aparecem de modos semelhantes, mas são utilizados por pesquisadores (e áreas de estudo) diferentes. A nomenclatura *ethos* é, provavelmente, a mais estudada e a que analisamos há mais tempo (remonta aos filósofos da Grécia Antiga), é comumente empregada em Retórica, Filosofia, Análise do Discurso, só para citar algumas, e entre pesquisadores sobretudo europeus. Já o termo **face** é constante em Análise da Conversação e em Sociolinguística Interacional, e entre pesquisadores brasileiros e americanos. A expressão **máscara**, por seu turno, é pouco empregada. O termo é corrente em textos de Bakhtin e de Vogt, sendo bastante comum entre os trabalhos que retomam as ideias do linguista brasileiro.

Quadro 2: Definições de Máscara, *Ethos* & Face

	ETHOS	FACE	MÁSCARA
Definição	<p>Imagem de si; representação da pessoa do locutor; apresentação de si; “construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório”; “construção espetacular da imagem dos interlocutores”; “como pretendia Aristóteles, a imagem de si construída no discurso ou, como entendiam os romanos, um dado preexistente que se apoia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seu estatuto social, o que se sabe de seu modo de vida etc.)”. (AMOSSY, 2011a, p.09 ss.).</p> <p>“A imagem que eles fazem de si mesmos, do</p>	<p>Autoimagem pública dos interlocutores na interação (GOFFMAN, 1970).</p> <p>“Valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si” (GOFFMAN, 1970, p.13).</p> <p>Face positiva é “a ‘fachada’ social, à nossa própria imagem valorizante que tentamos apresentar aos outros” (MAINGUENEAU, 2008b, p.38).</p> <p>É a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados ainda que se trate de uma imagem que os outros podem compartilhar, como quando uma pessoa enaltece sua profissão ou</p>	<p>Imagens que os interlocutores constroem para si durante a interação (BAKHTIN, 2006).</p> <p>Jogo enunciativo entre enunciador, locutor, enunciatário, alocutário (MONNERAT, 2003).</p> <p>O mascaramento recíproco - do locutor para o alocutário e vice-versa - “é parte constitutiva essencial do jogo argumentativo da linguagem” (VOGT, 1989, p.66).</p> <p>“Enquanto categoria pragmática, o enunciado longe de ter uma identidade positiva mostra-se como uma superposição de</p>

	<p>outro e a que imaginam que o outro faz deles” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p.20).</p> <p>O <i>ethos</i> é diferente dos atributos “reais” do orador, não se trata do que ele é, mas do que ele aparenta ser (MAINGUENEAU, 2014b).</p> <p>“Imagem de si no discurso” (MAINGUENEAU, 2011).</p>	<p>religião graças aos seus próprios méritos (GOFFMAN, 1970).</p> <p>Autoimagem “pública construída pelos participantes do ato conversacional” (GALEMBECK, 2006).</p> <p>Face é a expressão social de um “eu” individual. (GOFFMAN, 1970).</p>	<p>máscaras” (VOGT, 1989, p.91).</p> <p>“Duplicação do rosto do personagem e a tensão que se esconde atrás da aparente unidade do enunciador produzido pelo falante” (VOGT, 1989, p.91).</p> <p>“Nada sei sobre muitas coisas ou que o que eu sei não é a coisa, mas sua máscara” (ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p.07), ou seja, a sua imagem, a sua representação construída por meio da interação.</p>
--	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora com base em: Almeida Júnior (2004; Amossy (2011a); Bakhtin (2006); Galembeck (2006); Goffman (1970); Kerbrat-Orecchioni (1980); Maingueneau (2014b, 2011, 2008b); Monnerat (2003); Vogt (1989).

Conforme se nota, há intersecções entre os conceitos, já que a principal definição para *ethos*, face e máscara é a imagem de si e do outro construída em/por/para o discurso. Chamou a nossa atenção o fato de os pesquisadores mais modernos que tratam do *ethos* aceitarem a postura de que há uma preservação ou um gerenciamento das faces. É o que fazem Eggs (2011) e Maingueneau (2008b). Esse afirma que toma o termo “face” no sentido de “perder a face”, algo não explicitado nas teorias de análise do *ethos*.

Se face é a imagem que os interlocutores constroem na interação e *ethos* é a imagem moral deles, logo, nesta pesquisa, consideramos *ethos* e face como termos quase-sinônimos. O conceito de **face** representa, metaforicamente, a imagem do “**eu individual**” do sujeito na sociedade e perante seu interlocutor, um “**eu**” que é moldado e modificado, no percurso interacional, de acordo com o contrato e com as negociações sociais estabelecidos entre os interactantes. Portanto, tratamos esses termos como quase-sinônimos, o que podemos perceber pelas observações presentes no Quadro 3.

Quadro 3: Máscara, *Ethos* & Face: algumas particularidades

	ETHOS	FACE	MÁSCARA
Função/Objetivo	Suscitar a adesão; causar impacto (MAINGUENEAU, 2011). Permitir a adesão de espíritos, a comunhão de valores (AMOSSY, 2011a).	Proteger a imagem que os interlocutores têm de si e sua liberdade e intimidade, proteger a interação (GOFFMAN, 1970). Levar a interação a uma conclusão satisfatória (GOFFMAN, 1970).	Dobrar a identidade dos falantes (VOGT, 1989).
Relaciona-se	Ao locutor como tal, à origem da enunciação (DUCROT, 1981) Ao estatuto do locutor à sua legitimidade (MAINGUENEAU, 2011). À esfera do caráter (AMOSSY, 2011a).	Às interações faladas, ao gerenciamento das imagens dos interlocutores, à preservação e à perda das faces. (GALEMBECK, 2006; GOFFMAN, 1970).	Às modalidades/ instâncias enunciativas: enunciador, enunciatário, locutor, locutário, destinatário etc. (MONNERAT, 2003; MELLO, 2003).
Relações de oposição	“Perda da face” ⁵⁰ (MAINGUENEAU, 2008b).	Preservação e perda da face (GOFFMAN, 1970).	Perda da face.

Fonte: Elaborado pela autora com base em: Amossy (2011a); Bakhtin (2006); Ducrot (1981); Galembeck (2006); Goffman (1970); Maingueneau (2011, 2008b); Mello (2003); Monnerat (2003); Vogt (1989).

Porém, essas particularidades não diminuem a carga semântica similar que os termos carregam, por isso ainda podemos considerá-los como termos quase-sinônimos. Mas uma distinção se faz necessária, tanto que foi assinalada por alguns autores (MAINGUENEAU, 2008; MONNERAT, 2003), a da preservação das faces. Isso porque a linguagem é representação, na representação de uma autoimagem, os interlocutores constroem e utilizam máscaras, as quais têm por função preservar as suas faces.

Nas interações verbais face a face, há uma estratégia muito recorrente e que tem como objetivo maior a adesão dos espíritos, trata-se da **PRESERVAÇÃO DAS FACES**, podemos falar também em **POLIDEZ**, que é um fenômeno recorrente nas interações faladas, pois “*todos os aspectos do discurso (...) são regidos por regras, cuja*

⁵⁰ Maingueneau coloca a expressão entre aspas para se referir ao *ethos*.

função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.76 – grifos da autora), ou seja, as regras da boa convivência nas interações orais têm como objetivo maior a preservação das faces, cuja intenção primeira é a persuasão, o convencimento. O **conceito de face** foi estabelecido inicialmente por Goffman (1970), a partir do quadro geral de interação face a face dos textos falados, e *a posteriori*, complementado e aprofundado por Brown e Levinson (1978). Goffman (1970) denomina de face a autoimagem pública dos interlocutores na interação. O pesquisador afirma que face pode ser entendida “como o valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si” (GOFFMAN, 1970, p.13).

Na interação verbal falada, devemos resguardar as nossas faces, ou seja, preservar a nossa autoimagem social. Por conseguinte, enquanto nos mantemos em comunicação, assumimos dois pontos de vista: um de defesa, em que devemos preservar a nossa própria face; e um de proteção, em que devemos proteger a face de nosso(s) interlocutor(es). Nesse sentido, tanto ao falante quanto ao ouvinte é atribuída uma dupla atividade: não “arranhar” a sua nem a face de seu interlocutor, o qual também deve primar por não ofender a face do outro, “porque a perda da face é uma falha simbólica que tentamos evitar, na medida do possível, a nós mesmos e aos outros” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.80). Isso porque, de acordo com Goffman (1970), a interação quebra o equilíbrio social que é preexistente, pois ameaça virtualmente⁵¹ a face, ou seja, a autoimagem pública dos interactantes, os quais devem resguardá-la de possíveis “arranhões”. Logo, os atos de defesa e proteção são necessários, porque o contato com o outro, *per si*, já representa uma ameaça à autoimagem pública construída na, pela e para a interação.

Galembeck (2005, p.174) afirma que os **processos de representação** (*face-work*) são “os procedimentos destinados a neutralizar as ameaças (reais ou potenciais) à face dos interlocutores ou a restaurar a face dos mesmos”. Em outras palavras: a fim de nos proteger, de preservar a nossa face e a do nosso interlocutor, expomos, por meio de processos de representação, aquilo que desejamos ver desvendado e ocultamos aquilo que desejamos esconder. Galembeck (2005, p.173),

⁵¹ No sentido de algo que existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual.

corroborando essa perspectiva, afirma que, nas interações face a face, “o falante acha-se em posição vulnerável, já que expõe publicamente sua auto-imagem (face)”. Com isso, “ele corre o risco de exibir o que deseja ver resguardado e deixar de colocar em evidência o que tem a intenção de mostrar”.

As denominações de **face negativa** e **face positiva**, cunhadas por Brown e Levinson (1978), levam a refletir acerca da interação em si, pois esses dois polos referem-se ao momento da interação e só podem ser compreendidos nele, uma vez que, obviamente, o que expomos ou omitimos de algumas pessoas não o fazemos de outras, e o que expomos ou omitimos de determinado indivíduo depende do papel social que nós e ele desempenhamos na interação e dos objetivos almejados. Durante a exposição da face positiva, permitimos aos interlocutores visualizar aquilo que valoriza o falante. Ao contrário, a omissão de algo negativo é necessária ao resguardo de ambas as faces, a do falante e a do ouvinte, uma vez que, com o “arranhamento” da face, os interactantes podem abandonar o tópico em andamento e até mesmo a própria interação.

Durante a comunicação, os interactantes estão envolvidos em trocas verbais e não verbais, as quais podem ameaçar algumas das quatro faces presentes em uma interação entre os participantes (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.80) (a face negativa do falante, a face positiva do falante, a face negativa do ouvinte, a face positiva do ouvinte). Esses atos ameaçadores são designados por Brown e Levinson (1978) como *Face Threatening Act* (FTA). Para os autores, a **FACE POSITIVA** diz respeito à autoimagem do interlocutor, sua personalidade; e a **FACE NEGATIVA**, ao território de cada interlocutor, à sua privacidade e à sua liberdade. Corroborando essa perspectiva, Galembeck (2005, p.175) define a face positiva como “aquilo que o interlocutor exhibe para obter aprovação ou reconhecimento” e negativa como “‘território’ que o interlocutor deseja preservar ou ver preservado”. Isso quer dizer que, em relação à face positiva, os interlocutores projetam (*ethos efetivo*⁵²) ou buscam projetar (*ethos visado*⁵³) uma autoimagem positiva para o outro, a fim de que essa

⁵² Cf. Maingueneau (2011).

⁵³ Cf. Maingueneau (2011).

imagem seja, *a priori*, apreendida e, posteriormente, aprovada e estimada, a fim de se chegar à adesão. Em se tratando do discurso religioso – um tipo de discurso que pode ser ignorado ou recusado pelo auditório pretendido (MAINGUENEAU, 2011) – a positiva, que além da adesão busca também o respeito do outro, deve ser bem burilada, a fim de que seja apreciada. Caso contrário, o pastor pode perder fiéis para um “concorrente”. A face negativa, por seu turno, é relativa ao que temos de particular, aquilo de mais íntimo que possamos ter e que muitas vezes desejamos negar ou esconder. Trata-se da nossa intimidade e liberdade. Assim, quanto mais próximos (e íntimos) somos dos nossos interlocutores e quanto mais informal é a interação mais projetamos uma face negativa; ao contrário, quando se trata de interações mais formais ou de interlocutores que pouco conhecemos ou entre aqueles com os quais mantemos determinada hierarquia, a face positiva é projetada com maior vigor e escondemos ainda mais a face negativa. Isso se deve ao fato de que, na interlocução, não nos é possível prever (todas) as ações e reações de nossos interlocutores, por isso é necessário adotarmos determinados mecanismos que preservem aquilo que não desejamos exibir e que evidenciem aquilo que desejamos ver exibido (GALEMBECK, 2005), ou seja, empregamos para isso os recursos de preservação da face. Por conseguinte, podemos considerar que eles também funcionam como elementos de argumentação.



Figura 10: As quatro faces dos interlocutores na interação
Fonte: A autora.

Embora muitas vezes inconscientemente, mas nunca mecanicamente, os interactantes realizam atos de ameaça e de preservação dessas faces. Os atos ameaçadores podem ser resumidos como Kerbrat-Orecchioni (2006), Marcuschi (1989) e Maingueneau (2008b) fizeram-no:

- **atos que ameaçam a face positiva do locutor/emissor:** admitir um erro, desculpar-se, corrigir-se, auto-humilhar-se, confessar-se, autocriticar-se etc. – todos os atos que representam (ou causam, geram) humilhação a quem fala, trata-se de atos “autodegradantes” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006);
- **atos que ameaçam a face negativa do locutor/emissor:** agradecer, aceitar ofertas, prometer coisas – todos os atos que comprometem o sujeito a realizar algo que demandará atenção, tempo, energia, dinheiro etc.
- **atos que ameaçam a face positiva do destinatário/receptor:** criticar, reclamar, corrigir, desaprovar, proibir, insultar, acusar, contatos corporais inadequados, agressões visuais, sonoras ou olfativas etc. – todos os atos que representam (ou causam, geram) humilhação ao destinatário, atos considerados inoportunos ou “diretivos” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006);
- **atos que ameaçam a face negativa do destinatário/receptor:** elogiar, pedir, ordenar, tecer perguntas indiscretas, dar conselhos não solicitados, refutar, a chacota, a ironia, o sarcasmo etc. – todos os atos que representam (ou causam, geram) uma invasão à subjetividade (individualidade) do destinatário, que colocam em risco o seu narcisismo.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), os dois primeiros atos são considerados “autoameaçadores”, e os dois últimos como atos de polidez voltados à atitude do falante em relação ao auditório. Os atos ameaçadores realizam-se ou podem ser minimizados por meio de estratégias de preservação da face, cujo objetivo é evidenciar aquilo que desejamos exibir e ocultar aquilo que desejamos esconder. Entre meios de preservação da face, estão, entre outros, a cortesia (positiva e negativa) e a indiretividade:

- **cortesia positiva:** envolve interesse no outro, interesse nos desejos e necessidades do outro, aprovação e simpatia pelo outro, otimismo, doação, explicações, bom humor, cooperação etc.;

- **cortesia negativa:** questionamentos, invasões, desrespeito, pessimismo, impessoalidade etc.;
- **indiretividade:** pressuposições, detrimento, ambiguidade, vagueza, presunção, ironias, tautologias, contradições etc.;

Segundo Galembeck (2005), há, ainda, outros processos de preservação da face: o **distanciamento** e o **envolvimento** do locutor em relação ao interlocutor e/ou ao tópico. No primeiro, o locutor recorre a recursos que apagam as marcas da enunciação, tais como: elementos gramaticais (“é possível”, “parece que”, “é provável”), marcadores de rejeição (“não sei”, “se não me engano”) e indeterminantes do sujeito (“dizem”, “falam”, “diz-se”). No outro, o locutor utiliza expedientes cuja propriedade é assinalar a atitude de compromisso do locutor perante os conceitos por ele assumidos, ainda que parcialmente. Esses recursos são os marcadores de opinião, a alusão a terceiros (polifonia), os “hedges⁵⁴” e as paráfrases. Em interações verbais faladas, a utilização de aspectos de envolvimento são mais comuns que os de afastamento devido à necessidade de o interlocutor marcar a sua presença (autoenvolvimento) nas situações de interação face a face (GALEMBECK, 2005).

Além da utilização de máscaras e da preservação das faces, a linguagem nos oferece diversos outros recursos linguístico-textuais que corroboram a adesão dos espíritos, é o que discutimos a seguir.

1.2.2 Estratégias argumentativas linguísticas e de textualidade

Como a argumentação está na língua e, portanto, no texto e no discurso, a argumentatividade relaciona-se também aos aspectos linguístico-discursivos e textuais, incluindo os gramaticais, de toda língua, manifestando-se por meio deles. Isso porque, na gramática de toda e qualquer língua, existem mecanismos

⁵⁴ Galembeck (2005) explica que os *hedges* são marcadores que modificam o valor ilocutório de um enunciado (exemplos: “assim”, “quer dizer”, “digamos”, “vamos dizer”, “talvez”, “quem sabe”, “sei lá”, “não sei”).

que permitem mostrar a orientação argumentativa dos enunciados, entre eles os operadores argumentativos (OpA). Segundo Koch e Travaglia (2003, p.98),

A argumentatividade manifesta-se nos textos por meio de uma série de marcas ou pistas que vão orientar os seus enunciados no sentido de determinadas conclusões, isto é, vão determinar-lhes a orientação argumentativa, segundo uma perspectiva dada. Entre estas marcas encontram-se os *tempos verbais*, os *operadores* e *conectores argumentativos* (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim, etc.), os *modalizadores* (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente, etc.), entre outros). (grifos dos autores).

Os operadores argumentativos (termo cunhado por Ducrot) têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados e a direção (sentido) para o qual eles apontam. Consoante Fávero ([s/d], p.100), os operadores argumentativos não são, apenas responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, “mas também os que determinam o valor argumentativo destes mesmos enunciados, constituindo-se em marcas importantes”. Há vários tipos de operadores argumentativos (KOCH, 1992, 2011): os que assinalam o argumento mais forte em escala orientada no sentido de determinada conclusão, os que somam argumentos em face de uma mesma conclusão, os que introduzem argumentos relativos e outros.

Além dos já citados, há os que indicam: a) soma do argumento decisivo (aliás, além do mais); b) contraste ou oposição (mas, todavia, contudo, entretanto); c) explicação (ou seja, ou melhor, quer dizer, em outras palavras, uma vez que); d) oposição ou concessão (embora, mesmo que, ainda que); e) condição (se); f) afirmação (todo, tudo) ou negação plena (nada, ninguém); g) restrição (só, apenas); h) condição favorável, mas mínima (pelo menos); i) confirmação (assim); j) mudança de estado (já). Os operadores argumentativos são elementos que amarram o texto, dando-lhes a coesão e a coerência necessárias. Em textos escritos, eles têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados e a direção para o qual eles apontam. Na língua falada, colaboram com a liberdade e a fluidez discursiva, contribuindo com a coerência textual.

Além dos operadores argumentativos, há os marcadores de pressuposição, que também introduzem pressupostos: verbos que indicam mudança

ou permanência de estado, verbos factivos e por certos conectores circunstanciais. Os indicadores de modalidade são igualmente importantes na construção do sentido discursivo. Podemos apontar alguns tipos de modalidade: necessário/possível; certo/incerto, duvidoso; obrigatório/facultativo. Há diversas formas de expressão da modalidade: advérbios ou locuções adverbiais; verbos auxiliares modais; construção de auxiliar + infinitivo; orações modalizadoras. Uma mesma modalidade pode ser expressa mediante recursos linguísticos de diferentes tipos, e um mesmo indicador modal pode exprimir modalidades diferentes. Além desses, há os indicadores atitudinais, índices de avaliação e de domínio, que mostram o estado psicológico do locutor no momento da enunciação (diante dos enunciados que produz). Além de mostrar o estado psicológico, o locutor tem a possibilidade de avaliar ou valorar algo que enuncia e de, até mesmo, delimitar, através dos indicadores, o domínio (político, econômico, geográfico, religioso etc.) dentro do qual o enunciado deve ser entendido.

Para Koch (1992, 2011), é inegável o papel fundamental que os tempos e modos verbais desempenham na construção da significação discursiva. Segundo a autora, eles são divididos em duas classes, a do mundo narrado e a do mundo comentado. No primeiro, não nos comprometemos com aquilo que enunciamos, utilizando, para isso, do presente, do futuro do presente, do pretérito perfeito composto e do discurso direto. Já, no segundo, comprometemo-nos com o que enunciamos, responsabilizando-nos pelo que dizemos, para isso utilizamos os verbos no pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, pretérito perfeito e futuro do pretérito, usa também o discurso indireto. Porém pode ocorrer a metáfora temporal (ocorrência de um tempo de um dos mundos no interior do outro).

Além disso, a orientação argumentativa também se revela mediante os traços linguísticos e, algumas vezes, gramaticais de subjetividade, algo presente e manifestado na e pela língua. A **subjetividade** diz respeito à inscrição do(s) sujeito(s) no discurso e ao estabelecimento da relação com o outro, ou seja, às marcas (sempre existentes) da presença dos interlocutores no enunciado, o qual parte de alguém para um outro alguém. Galembeck (2002, p.67) afirma que a subjetividade liga-se à “noção de que todo sujeito constitui uma entidade dúplice, já que o ‘eu’ só pode instituir-se como tal em face do ‘outro’”. Consequentemente, “a noção de sujeito é reversível e

transitiva, e disso decorre o caráter dialógico da linguagem e a existência de um componente interpessoal nos textos, sobretudo nos textos falados”. Assim, toda subjetividade é uma intersubjetividade, já que não existimos apenas por nós mesmos, mas nos definimos em face do outro. Conseqüentemente, todo texto e todo discurso é subjetivo e intersubjetivo. Desse modo,

A subjetividade é [...] ‘a capacidade do locutor se propor como *sujeito*’. Trata-se da emergência do eu no seio da linguagem, ou seja. [...] O eu fundamenta a consciência de si e esta, como se viu, dá-se no contraste com o tu. Assim, a *subjetividade nasce no seio da intersubjetividade*. Esses aspectos vão se tornar relevantes no tratamento do texto quando se observar o funcionamento dos dêiticos (este, aqui, agora, hoje etc.) sejam de lugar, tempo, pessoa ou mesmo a modalidade e os tempos verbais. (MARCUSCHI, 2008, p.71 - grifos do autor).

Segundo Galembeck (2002), a construção desse sujeito pressupõe dois processos, inseparáveis e associados, um de exclusão e outro de inclusão: aquele relaciona-se à instituição de um “eu” no discurso, elemento único e central; todavia, esse processo de consciência da subjetividade e da individualidade pressupõe o outro processo, o de inclusão, uma vez que o “eu” só se revela em face do “outro”, do “você” e em face daqueles com os quais esse “eu” se integra, o “nós”, o “a gente” – ambos não devem ser desconsiderados pelo enunciador na construção do discurso, haja vista o nosso discurso ser construído para um auditório (o “outro”), mediante a projeção que dele fazemos. Logo, “o ‘eu’ isolado não existe, porque o sujeito e o outro se complementam e é nessa complementaridade que o ser humano pode exercitar a sua liberdade, como tal entendida a capacidade de escolha” (GALEMBECK, 2002, p.69).

Essa percepção do “eu” em face ao “outro” foi considerada por Bakhtin (2006, p.126) como o princípio do dialogismo, trata-se de um princípio básico da linguagem, já que “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta”. Por conseguinte, cada enunciado pressupõe os enunciados anteriores e os posteriores a ele, com os quais dialoga. Bakhtin (1997, p.376) afirma que, devido a isso, “não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o

precederam e que lhe sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia” contínua e sem fim. Assim, o texto (ou o discurso) não pode ser observado fora do contexto ao qual se integra, de que faz parte e ao qual pertence.

Cumprido comentar que, entre os recursos argumentativos que marcam a subjetividade e a intersubjetividade, apontamos aqueles que indicam a presença dos interlocutores na interação, tais como marcadores conversacionais, pronomes, verbos e outros (GALEMBECK, 2002). A subjetividade divide-se em dêitica (os dêíticos podem ser: pessoais, marcas de pessoas do texto; temporais, marcas de tempo; e espaciais, marcas de lugar) e afetiva (ou avaliativa). A subjetividade afetiva é aquela na qual o enunciador coloca a sua avaliação pessoal, expressa os seus sentimentos, pois “nenhum falante descreve a natureza com imparcialidade absoluta; mesmo que se imagine neutro, é obrigado de alguma forma a imprimir sua interpretação” (CARVALHO, 1996, p.36).

De acordo com o *Dicionário de lingüística e gramática*, de Mattoso Camara Jr. (2007, p.49), a afetividade diz respeito à “capacidade – a) de exprimir o falante na linguagem os sentimentos de simpatia, entusiasmo ou repulsa que lhe despertam as idéias enunciadas, bem como – b) de despertar, nos ouvintes, análogos sentimentos”. Entre outros recursos, a subjetividade afetiva se reflete nos:

- **Artigos:** definidos (texto mais concreto, elementos mais familiarizados ou notórios dos interlocutores) e indefinidos (texto mais abstrato, apresentando mais imprecisão, conhecimento não compartilhado ou novidade).
- **Adjetivos:** os adjetivos são os elementos gramaticais mais afetivos, eles demonstram a relação subjetiva entre o locutor e o referente e o interlocutor, marca também o engajamento afetivo do locutor (julgamento ou apreciação) em relação ao que enuncia. Os “adjetivos representam as qualidades em si (algo intangível) ou qualificam um objeto representado por um nome” (CARVALHO, 1996, p.39). Além disso, de acordo com Oliveira e Souza (1993, p.428), “o adjetivo expressa uma relação subjetiva entre ele e o substantivo caracterizado que permite que se avalie a expressividade do texto, dando uma orientação argumentativa ao enunciado, e conduzindo o destinatário à direção almejada

pelo locutor”. Segundo Monnerat (2003, p.98), a adjetivação é um importante recurso argumentativo, por meio do qual é possível perceber não só a intenção comunicativa, mas também “a maneira pela qual o sujeito falante interpreta a realidade, refletindo, conseqüentemente, a sua subjetividade”. Além do mais, a posição do adjetivo em relação ao substantivo a que se refere revela estilos, acrescenta sentidos, modifica significados.

- **Figuras de linguagem** (ou **figuras de retórica, figuras retóricas**): refletem o emocional do locutor perante aquilo que está dizendo. Segundo Guimarães (2004), as figuras são um modo especial, diferente, de falar, trata-se de um modo que se distancia daquele considerado “normal”, objetivando causar um “estranhamento” no interlocutor, uma surpresa, chamando-lhe a atenção. Segundo a autora, o objetivo *a priori* das figuras é, justamente, argumentar, produzir efeitos de persuasão, de modo que “a análise das figuras está, portanto, subordinada a uma análise prévia da argumentação” (GUIMARÃES, 2004, p.159). Mosca (2004) afirma que são conhecidos mais de 250 tipos de figuras de linguagem, entre as quais a metáfora é tida como “rainha” (ou seja, uma das mais pesquisadas). Nesta tese, assumimos a divisão de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.194 ss.), que as categoriza em: figuras de escolha (ou de caracterização), figuras de presença e figuras de comunhão. As figuras, segundo Mosca (2004), são um recurso textual, discursivo, que participa da produção de sentidos nos textos, discursos.
- **Modalizadores**: quase todos os advérbios, em especial os de modo, são afetivos (exceção: advérbios de tempo e de espaço, pois são dêiticos); modalizar significa avaliar. Os modalizadores também funcionam como atenuadores, pois diminuem a força ilocutória dos enunciados, de modo que, na interação, funcionam para a preservação das faces dos interlocutores⁵⁵.
- **Exclamação e interjeição**: apresentam, claramente, o sentimento do locutor diante de algo, servindo para indicar emoções, estados emocionais.

⁵⁵ Preservação da face é o resguardo da autoimagem dos interlocutores na interação. Falaremos mais a respeito no próximo tópico.

- **Intensificadores:** os advérbios de intensidade e as figuras de linguagem de repetição são intensificadores, funcionando para aumentar a força ilocutória dos enunciados, isto é, aumentam a carga semântica daquilo que é dito no discurso.
- **Comparadores:** em especial a conjunção subordinativa comparativa “como”, funcionam para tecer comparações, que implicitamente marcam a orientação argumentativa do discurso.
- **Sufixo diminutivo:** de caráter depreciativo ou, ao contrário, apreciativo. Além disso, indica ironia ou familiaridade do enunciador diante daquilo que enuncia.

Além dessas marcas linguísticas e da argumentatividade propriamente dita, alguns fatores de textualidade, em especial a intencionalidade, a aceitabilidade e a intertextualidade, colaboram para o caráter persuasivo do discurso.

Segundo o *iDicionário Aulete* (s/d, s/p), o termo **intencionalidade** (do latim *intentione*) etimologicamente nos remete à intenção, àquilo que é intencional, aludindo às ideias de desejo, intento, propósito. Segundo Koch e Travaglia (2003, p.97), “a intencionalidade refere-se ao modo como os enunciadores utilizam os textos para realizarem intenções”, construindo-os de modo coerente e “dando pistas” para seus interlocutores construir o sentido desejado. Esse fator de textualidade “diz respeito ao valor ilocutório do discurso” (COSTA VAL, 1999, p.11). Para Koch (2006b, p.42), “em sentido restrito, refere-se à intenção do locutor de produzir uma manifestação lingüística coesa e coerente, ainda que esta intenção nem sempre se realize integralmente”. Para tanto, o produtor do texto conta com a colaboração do enunciatário, em uma atitude responsiva, de modo que esse busque a coerência no texto, colaborando para a sua construção e para a compreensão textual (COSTA VAL, 1999). Trata-se, pois, da aceitabilidade. Marcuschi (2008) faz uma ressalva em relação à intencionalidade, pois, segundo o autor, ambos os interlocutores – enunciatário e enunciatário – são munidos de intenções. “É difícil identificar a intencionalidade porque não se sabe ao certo o que observar. Também não se sabe se ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos têm intenções” (MARCUSCHI, 2008, p.127). Todavia, esse fator não desconsidera a historicidade do discurso e dos sujeitos, que não são vistos como entidades independentes e a-históricas (MARCUSCHI, 2008). Assim,

“seria mais conveniente vê-la [a intencionalidade] integrada ao plano global do texto e nos processos produtores de coerência” (MARCUSCHI, 2008, p.127), relacionada ao princípio da cooperação (GRICE, 1975).

A **aceitabilidade** é a contraparte da intencionalidade (KOCH, 2006b), o outro lado da moeda (COSTA VAL, 1999), em que o enunciatário estabelece a coerência textual, mesmo para um texto que não contenha todos os elementos de coesão explícitos (KOCH; TRAVAGLIA, 2003). A aceitabilidade relaciona-se à aceitação ou não pelo ouvinte/leitor do texto que ele ouve/lê. Esses dois fatores – intencionalidade e aceitabilidade – “se referem aos protagonistas do ato de comunicação” (COSTA VAL, 1999, p. 10), ou seja, aquele ao produtor; e esse, ao receptor dos textos ou discursos. Assim, a intencionalidade está relacionada às intenções daquele, às estratégias por ele utilizadas para produzir nos textos os efeitos de sentido pretendidos a fim de alcançar os seus objetivos; já a aceitabilidade reporta-se “à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor” (COSTA VAL, 1999, p. 11). Segundo a autora, a aceitabilidade é relativa à suposição de coerência nos textos, ou seja, “o receptor supõe que o discurso seja coerente e se empenha em captar essa coerência, recobrando lacunas, fazendo deduções, enfim, colocando a serviço da compreensão do texto todo conhecimento de que dispõe” (COSTA VAL, 1999, p. 12). Nessa perspectiva, Koch e Travaglia (2003, p. 98) afirmam que “mesmo que um texto não se apresente, à primeira vista, como perfeitamente coerente, e não tenha explícitos os elementos de coesão, o receptor vai tentar estabelecer a sua coerência, dando-lhe a interpretação”. Marcuschi (2008, p.127-128) colabora com isso afirmando que o receptor “recebe o texto como uma configuração aceitável, tendo-o como coerente e coeso, ou seja, interpretável e significativo”. Ele complementa, “a aceitabilidade se dá na medida direta das pretensões do próprio autor, que sugere ao seu leitor alternativas estilísticas ou gramaticais que buscam efeitos especiais” (MARCUSCHI, 2008, p.128).

Fávero ([s/d], p.97), retomando Beaugrande e Dressler (1981), afirma que, “para que uma manifestação lingüística constitua um texto, é necessário que haja a **intenção** do locutor de apresentá-la e dos alocutários de **aceitá-la** como tal” (grifos

nossos). Segundo Beaugrande e Dressler (1981), a intencionalidade diz respeito à existência de uma finalidade comunicativa voltada ao enunciador; e a aceitabilidade, à existência de utilidade e/ou relevância do texto para o enunciatário⁵⁶. Os autores afirmam que a intencionalidade diz respeito aos objetivos dos indivíduos ao produzirem os seus textos, aquilo que eles querem dizer, conquistar. Nessa perspectiva, Koch e Travaglia (2003), por sua vez, argumentam que tal fator de textualidade é referente à maneira como os enunciadores utilizam-se de seus textos para alcançar seus intentos. Assim, segundo os autores, é preciso que as produções textuais sejam coerentes com as intenções e os efeitos almejados. Com isso, os autores colaboram com a perspectiva de que há uma multiplicidade de objetivos possíveis na produção e na recepção de um dado texto, os quais vão “desde a simples intenção de estabelecer ou manter contato com o receptor ou até levá-lo a partilhar de suas opiniões ou a agir ou comportar-se de determinada maneira” (KOCH; TRAVAGLIA, 2003, p. 97).

Portanto, a intencionalidade está estreitamente relacionada à argumentatividade (KOCH; TRAVAGLIA, 2003), porque o enunciador elabora seu discurso buscando conquistar a adesão do enunciatário. Dessa forma, sempre há um objetivo por parte de quem produz um texto, o qual é, por conseguinte, mediado por crenças, convicções e propósitos, o que, por seu turno, revela uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem, manifestada por meio de “marcas ou pistas”, que orientam os enunciados para determinadas conclusões. Essas marcas podem ser os tempos verbais, os operadores ou conectores argumentativos, os modalizadores e vários outros, conforme apresentado anteriormente (KOCH; TRAVAGLIA, 2003).

Outro fator de textualidade responsável pela produção de sentidos nos discursos e que ajuda a aumentar a sua carga argumentativa é a **intertextualidade** (cujo conceito clássico é de Kristeva⁵⁷), que remete a algo que foi dito antes, ou seja, à memória discursiva (KOCH, 2007, 2006b; KOCH, BENTES; CAVALCANTE, 2007). Por

⁵⁶ No original: “*Intentionality (having a plan or purpose); Acceptability (having some use for the receiver)*”.

⁵⁷ No fim da década de 1960, Julia Kristeva, semiótica e crítica literária, com base em suas pesquisas a respeito do “dialogismo”, de Bakhtin, cunhou o termo “intertextualidade”, remetendo-o à relação dialógica entre os textos.

meio dela, o sentido do discurso é ampliado, modificado, reconstruído, contradito etc. Beaugrande e Dressler (1981) afirmam que a intertextualidade diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto depende do conhecimento de um ou mais textos previamente encontrados, produzidos⁵⁸.

A intertextualidade compreende a relação que os textos mantêm entre si, pois “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 2005, p.68), todo texto é associação, absorção, modulação, negação ou transformação de um outro texto. “Todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário” (MARCUSCHI, 2008, p.129). Logo, a intertextualidade é uma característica intrínseca, imanente dos textos, sendo-lhe constituinte. Assim, a intertextualidade é “constitutiva de todo e qualquer discurso” (KOCH, 2006b, p.145) e “a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (de textos) onde se lê, pelo menos, uma outra palavra (texto)” (KRISTEVA, 2005, p.68). Muitas vezes, a distância entre o texto anterior e o intertexto é muito sutil, e nesse emaranhado de textos presentes na vida discursiva dos indivíduos, podemos até mesmo desconhecer o texto anterior (KOCH; TRAVAGLIA, 2003). Segundo Kristeva (2005, p.185), são “legíveis no enunciado [...] vários outros discursos”, de modo que, considerado na intertextualidade, o texto é “um subconjunto de um conjunto maior, que é o espaço dos textos aplicados em nossos conjuntos”. Assim, “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, em formas mais ou menos reconhecíveis: os textos da cultura anterior e os da cultura circundante; todo novo texto é um tecido de citações de textos passados”⁵⁹ (BARTHES, 1974, p.06 – tradução nossa). Assim, a intertextualidade é condição de todo texto, seja ele qual for⁶⁰ (BARTHES, 1974, p.06 – tradução nossa).

⁵⁸ No original: “*Intertextuality and concerns the factors which make the utilization of one text dependent upon knowledge of one or more previously encountered texts*”.

⁵⁹ No original: “*Tout texte est un intertexte; d'autres textes sont présents en lui, à des niveaux variables, sous des formes plus ou moins reconnaissables: les textes de la culture antérieure et ceux de la culture environnante; tout texte est un tissu nouveau de citations révolues*”.

⁶⁰ No original: “*L'intertextualité, condition de tout texte, quel qu'il soit, ne se réduit évidemment pas à un problème de sources ou d'influences*”.

A intertextualidade como recurso argumentativo tem, segundo Koch (1992), alguns objetivos, entre os quais: a) reafirmar alguns dos sentidos contidos no texto direta ou indiretamente referenciado; b) inverter ou contestar alguns dos sentidos do texto citado anteriormente, a fim de polemizar com ele. Segundo a autora, em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto. Em sentido restrito, a conversão de um discurso em texto é uma operação ideológica (leitura), de modo que, “em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores” (KOCH, 2006b, p.145-146; KOCH, BENTES; CAVALCANTE, 2007, p.17). Assim, intertextualidade, em sentido restrito, “é a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos” (KOCH, 2007, p.62; KOCH, BENTES; CAVALCANTE, 2007, p.17). A escritura, ao converter o discurso produzido por uma leitura em novo discurso a ser relido, executa uma operação retórico-dialógica que consiste no apagamento da interpretação proposta a fim de postular a possibilidade de outras interpretações. Isso porque a escrita pode ser compreendida como subjetiva e comunicativa, isto é, intertextual: “face a esse dialogismo [de Bakhtin], a noção de *pessoa-sujeito da escritura* começa a se esfumar para ceder lugar a uma outra, a da *ambivalência da escritura*” (KRISTEVA, 2005, p.71). Assim, ao se retomar um texto anterior, ao dialogar com ele, produz-se “uma mudança de clave, uma alteração em sua força ilocucionária e em seu efeito perlocucionário - ou seja, no que ele vale (*counts as*) e no que ele faz” (KOCH, BENTES; CAVALCANTE, 2007, p.17). Isso porque ao se retomar/recuperar um texto, acrescenta-se-lhe algo, modificando-o.

Vale ressaltar que a intertextualidade funciona como um **argumento por autoridade** quando encenamos a voz de um enunciador com o qual nos identificamos (KOCH, 2007). Assim, “o estudo da argumentação dialogada é necessariamente intertextual” (PLANTIN, 2008, p.66).

Para o processamento cognitivo de um texto, recorreremos ao nosso conhecimento prévio de outros textos, ou seja, a intertextualidade acontece “na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos”; “a produção e a recepção de um texto

dependem do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele, de alguma forma, se relaciona. Essas formas de relacionamento são [...] bastante variadas” (KOCH, 2007, p.60). Isso porque “todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude ou a que se opõe” (KOCH, 2007, p.59). Ela ocorre quando um texto remonta expressões, enunciados ou trechos de outros textos ou mesmo o estilo de um escritor, texto ou gênero textual, trata-se, nesse caso, da intertextualidade estilística (DISCINI, 2008).

Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.17) afirmam que “diversos tipos de intertextualidade têm sido relacionados, cada qual com características próprias”, citando: intertextualidade temática (de conteúdo), intertextualidade da forma/conteúdo e intertextualidade estilística; intertextualidade explícita e implícita; autotextualidade (ou intratextualidade) e intertextualidade com textos de outros enunciadores/discursos/contextos; intertextualidade das semelhanças e das diferenças; intertextualidade intergenética e intertextualidade tipológica (KOCH, 2007; KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007; KOCH; TRAVAGLIA, 2003; MARCUSCHI, 2008).

A intertextualidade de conteúdo é constante, já que os textos de uma mesma época ou de uma mesma área dialogam entre si, de modo explícito ou implícito (KOCH; TRAVAGLIA, 2003). No primeiro, o texto contém a indicação do texto primeiro/anterior; no segundo, não há indicação da fonte, e o enunciatório depende de seus conhecimentos prévios para recuperá-la, assim como para detectar a intenção do enunciador ao utilizá-la. A intertextualidade de conteúdo também está presente nos veículos de comunicação, que “dialogam” entre si ao tratarem de um fato em destaque⁶¹. Existe ainda a distinção entre a intertextualidade das semelhanças, em que aderimos ao texto de base, e a intertextualidade das diferenças, em que propomos uma leitura diferente ou contrária ao que foi dito antes. Logo, retomamos um texto

⁶¹ Um exemplo disso é a Copa do Mundo de Futebol em 2014, que foi assunto citado nas mais diferentes mídias e fontes, mudando-se, contudo, o foco dado ao tema.

anterior para com ele concordar ou discordar. De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2007), pode-se retomar texto de autoria do próprio enunciador (autotextualidade ou intratextualidade) ou de outros enunciadores. Marcuschi (2008) acrescenta que a retomada pode ser de textos próprios, textos alheios ou de textos genéricos (aqueles sem autoria específica, caso dos provérbios).

Ademais, um gênero textual pode empregar a forma ou a função de outro (intertextualidade intergenérica), isto é, “no lugar próprio de determinada prática social [...] se apresente(m) gênero(s) pertencente(s) a outras molduras comunicativas, evidentemente com o objetivo de produzir determinados efeitos de sentido” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p.64). Trata-se de uma configuração híbrida ou de uma hidridização, também chamada de mescla de gêneros (MARCUSCHI, 2008). Koch e Travaglia (2003) afirmam que, na intertextualidade tipológica, o ponto de partida para a construção da superestrutura textual são os conjuntos de conhecimentos textuais utilizados em dadas culturas e armazenados na memória. Assim, pode-se reconhecer a tipologia dos textos mediante sua macroestrutura, marcas estilísticas e linguístico-enunciativas etc. Marcuschi (2008, p.166) faz uma ressalva: “a intergenericidade de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero deve ser distinguida da questão da heterogeneidade tipológica do gênero, que diz respeito ao fato de um gênero realizar seqüências de vários tipos textuais”, ou seja, em um mesmo texto haver seqüências argumentativas, descritivas, narrativas ou outra.

Além da identificação dos textos anteriores remontados em um discurso, a compreensão dos sentidos dos textos depende do conhecimento partilhado entre enunciador e enunciatário (KOCH; ELIAS, 2006). Esse conhecimento abrange o contexto social e histórico em que o texto se insere e também daquele em que os interlocutores estão inseridos. Mas não só isso, para a compreensão de um texto, são acionados determinados conhecimentos⁶², os quais, segundo Heinemann e Viehweger (1991), Koch (2006b), Koch e Elias (2006) e Koch e Travaglia (2003), dizem respeito:

⁶² Trata-se de um quatro grandes sistemas de conhecimento, os quais são responsáveis pelo processamento textual (KOCH, 2006b). Esses sistemas foram elaborados por Heinemann e Viehweger (1991) e, posteriormente, discutidos por autores como Koch (2006b) e Koch e Elias (2006).

- ao conhecimento acumulado pelos interlocutores durante sua vida, conhecimentos que se acumulam por meio de suas leituras, de suas interações, das experiências, esse conhecimento é derivado do próprio ato de viver, trata-se, portanto, de um processo contínuo e ininterrupto (**conhecimento de mundo** ou **enciclopédico**). Trata-se dos conhecimentos gerais sobre o mundo, sobre eventos situados em um espaço e um tempo;
- ao conhecimento da língua e da variação linguística em que um texto foi produzido (**conhecimento linguístico**). Esse conhecimento abrange o conhecimento lexical e gramatical (uso de conectivos, processo de retomada textual, seleção lexical adequada, conhecimento do significado do léxico etc.), além do conhecimentos dos elementos coesivos da língua (KOCH; ELIAS, 2006);
- às maneiras de interagir em determinada situação de comunicação, aos papéis sociodiscursivos dos interlocutores, aos objetivos, às estratégias de polidez mais adequadas etc. (**conhecimento interacional**). Esse conhecimento refere-se às formas de interação por meio da linguagem e engloba os conhecimentos ilocucional (reconhecimento dos objetivos empreendidos na interação e/ou no texto), comunicacional (relativo à quantidade de informação necessária para que o texto seja compreendido, ou seja, à informatividade e à adequação do gênero à situação comunicativa), metacomunicativo (relativo ao uso de sinais de articulação ou de apoio textual) e superestrutural (relativo ao conhecimento acerca do gênero textual a que pertence o texto, sobre seu conteúdo temático, seu contexto de produção e de recepção, sua construção composicional, seu estilo, suas marcas linguístico-discursivas, objetivos, suporte e veículo de circulação). (HEINEMANN; VIEHWEGER, 1991; KOCH; ELIAS, 2006);
- ao conhecimento que os interlocutores devem partilhar, ou seja, para que se compreendam, os interactantes precisam partilhar de saberes em comum, quanto menor for o partilhamento de saber, maior será o nível de informatividade dos textos (**conhecimento partilhado**) (KOCH; TRAVAGLIA, 2003).



Figura 11: Tipos de conhecimento acionados nas interações

Fonte: Elaborado pela autora com base em: Koch e Travaglia (2003); Koch e Elias (2006).

Enfim, todos esses recursos (fatores de textualidade, máscaras e *ethos*, preservação da face, seleção lexical, elementos linguísticos, paralinguísticos e suprasegmentais) são selecionados pelo falante em consonância com o contexto de interação, ou seja, de acordo com os seus objetivos, o espaço e o tempo da interação, o papel social que ele e seu(s) interlocutor(es) desempenham durante o tempo em que interagem, o valor social que ele atribui ao auditório, entre outros. Nesse sentido, o locutor deve adaptar-se e a seu discurso ao auditório, a fim de lhe alterar o espírito, ou melhor, de persuadi-lo; por isso, os sujeitos da interação só são construídos, definidos e compreendidos na e pela interação. Por isso, é necessário considerar, julgar o auditório na elaboração do discurso argumentativo, porque ele determina a escolha dos recursos argumentativos que são mais pertinentes e persuasivos em determinado contexto de comunicação, pois “*é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve*” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.6 – grifos dos autores). Isso porque, segundo Mauro (2004, p.188), “o conhecimento do auditório, tanto de suas paixões quanto de suas crenças e ideologia, é condição prévia de qualquer argumentação eficaz”. O discurso é, portanto, construído em função desse auditório ou da imagem/representação/projeção que temos dele. Segundo Amossy (2011a,

p.19), como oradores, devemos nos adaptar ao auditório, ou seja, temos necessidade de “fazer uma imagem dele e, correlativamente, de construir uma imagem confiável de sua própria pessoa, em função das crenças e valores que ele atribui àqueles que o ouvem”. Dessa parte, concluímos que “a adesão, a adaptação ao auditório, o uso da linguagem, a forma de dizer, o encadeamento dos argumentos, a ordem de apresentação dos argumentos, o efeito de presença e as figuras de estilo são alguns recursos [argumentativos] do discurso” que buscam garantir a persuasão (SANTANA NETO, 2005, p.33).

Consideramos ser importante compreender o gênero textual a que pertencem os textos por nós analisados. Assim, no próximo tópico, diferenciamos a pregação do sermão e, brevemente, da homilia, a fim de demonstrar que os termos fazem referência a objetos discursivos distintos. Além disso, apresentamos as características do gênero pregação, defendendo-o como pertencente à modalidade falada de uso da língua.

CAPÍTULO 2: PREGAÇÃO OU SERMÃO?

“A pregação que mata é a letra; pode ter bela forma e ordem, mas continua a ser letra; letra rude e seca, casca nua e vazia.” (autor desconhecido)

O objeto de pesquisa deste estudo são textos falados de cunho religioso. Entre os teóricos⁶³, encontramos dois termos principais⁶⁴ que fazem referência ao gênero de texto com o qual trabalhamos: **sermão** e **pregação**. O *iDicionário Aulete* e o *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS et al., 2008) apresentam-nos como semelhantes, quase-sinônimos. Segundo o *idicionário* (s/d, s/p), pregação é “Ação de pregar; Discurso de explanação ou incitação religiosa; SERMÃO; PRÉDICA”; e sermão, “Discurso de natureza religiosa feito num púlpito, em igrejas católicas, protestantes etc.; PRÉDICA; PREGAÇÃO”. Seguindo essa perspectiva, Houaiss et al. consideram que pregação é “ato de pregar (‘fazer sermão’) [...] discurso religioso, sermão” (HOUAISS et al., 2008, p.2284); e sermão, “discurso religioso pronunciado no púlpito por um predicador, esp. católico; prédica, predicação, pregação; discurso moralizador, ger. longo e enfadonho; qualquer fala com o objetivo de convencer alguém de algo” (HOUAISS et al., 2008, p.2555 - grifos nossos). Contudo, consideramos que são gêneros textuais distintos, especialmente pela modalidade de língua e pela formalidade. Por isso, estabelecemos a seguir uma diferenciação entre eles, com base principalmente em trabalhos da Teologia e da Homilética.

⁶³ Os teóricos consultados são, principalmente, da Teologia e da Homilética.

⁶⁴ Outro termo também é utilizado com essa acepção, “prédica”, que será melhor analisado ainda neste capítulo.

Sermão vem do latim *sermo, sermonis*, que apresenta sentido de “conversa”, “fala”. No *Dicionário Teológico* (ANDRADE, 1998, p.264), encontramos a seguinte explicação para o termo:

Discurso religioso, prédica. Conversa em tom familiar, visando à edificação dos ouvintes. A oratória cristã, conforme enfatizou Paulo aos coríntios, tem como principal temática a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Seu objetivo básico é conduzir os pecadores ao arrependimento com base nos méritos do sacrifício do Filho de Deus e edificar a Igreja de Cristo (2 Tm 3.16.17).

Já pregação vem do termo latino *praedicare (prae + dicare)*, significa “antes de dizer”, “pregador”. Ainda segundo o *Dicionário Teológico* (ANDRADE, 1998, p.242), pregação é a

Proclamação da Palavra de Deus, visando à divulgação do conhecimento divino, a conversão dos pecadores e a consolação dos fiéis. A pregação deve ter um caráter bíblico, evangélico e profético. Além de ter a Bíblia como base, há de mencionar a obra salvífica de Cristo, e mover o pecador a arrepender-se de seus pecados.

Na distinção entre os vocábulos, é possível notar que o dicionário ressalta que o sermão é uma conversa cujo tópico principal é a cruz de Jesus Cristo; já a pregação é a anunciação das obras de Cristo. Embora bastante discreta, existe nisso uma diferenciação importante: os conteúdos temáticos de ambos os gêneros apresentam pequenas nuances que podem distingui-los, assim como são distintos seus objetivos: da pregação, evangelizar e/ou converter uma pessoa a determinada Igreja; do sermão, edificar, fortalecer os laços dos fiéis com a Igreja.

Segundo Proença (2011, 2014), o sermão não é preparado principalmente para as chamadas para a evangelização, ou seja, para os apelos evangelísticos, cujo objetivo é levar as pessoas a se converterem a determinada confissão religiosa, pois se volta à doutrinação e/ou exortação corretiva daqueles que professam a fé em questão. Já a pregação, de acordo com o autor, visa a convencer o auditório a respeito de um tema ou ideia, a converter os indivíduos a professar determinada fé.

Inicialmente, pregação era a proclamação da palavra profética (do profeta), da predição (predizer o que acontecerá no futuro), porém passou a ter o significado de discurso. Esse conceito é corroborado pela etimologia do termo pregação, que deriva do grego *prophetes* (*pro* = antes; *phetes* = derivado do verbo dizer), o qual, por seu turno, significa *profeta*. De acordo com o *Dicionário Teológico* (ANDRADE, 1998, p.244-245), profeta era

A pessoa devidamente vocacionada e autorizada por Deus para falar por Deus e em lugar de Deus (Ez. 2.1-10). O profeta era um mestre incontestável quando sob a inspiração do Espírito Santo. Porta-voz oficial da divindade, sua missão era preservar o conhecimento divino e manifestar a vontade do Único e Verdadeiro Deus. [...] o dom profético têm [sic] como função exortar, consolar e exortar o povo de Deus; jamais modificar artigos de fé, alterar doutrinas ou trazer novas revelações.

Com o tempo, agregou-se ao termo profeta o sentido de “arauto”, “orador”, justamente por o profeta ter a função de mensageiro. Segundo Silva (2014, p.2), “a palavra grega correspondente a pregador é ‘*Keryx*’, arauto, isto é, aquele que tem uma mensagem (*Kerygma*) do reino de Deus, uma boa notícia, uma boa-nova – evangelho, ‘*evangelion*’”.

Por sua vez, arauto era, na Idade Média, o oficial responsável por fazer as publicações solenes, por anunciar a guerra e também a paz. Ele era o mensageiro da mensagem do rei aos seus súditos. Metaforicamente, o pregador é justamente isso, um mensageiro de alguém considerado por muitos como superior, ou seja, Jesus Cristo, considerado pelos cristãos como rei. O profeta seria, nesse caso, o sujeito que leva aos fiéis as ordens e os pedidos de Deus (CATENASSI; CITO, 2014).

Por tudo isso, pregação é mais abrangente que sermão e pode ser entendida como o ato de aplicá-lo, o ato de pregar (termo corrente entre evangélicos), que é realizado por um pregador, ou seja, “aquele que prega a palavra de Deus” (SANTOS; SILVA, 2001, p.75), figura representada em geral por um pastor(a) ou um

missionário(a) em Igrejas evangélicas ou por um padre ou diácono⁶⁵ em Igrejas católicas. Silva e Dias (2010, p.83) acrescentam a essa ideia o fato de que “a vivência religiosa evangélica é a vivência da prática da pregação”.

Por todas essas razões, o termo “pregação” é mais recorrente entre evangélicos. Em contrapartida, o termo sermão é comumente utilizado na referência a textos religiosos de vertente católica. Para ilustrar isso, recorreremos aos conhecidos sermões do Pe. Antônio Vieira, embora também sejam conhecidos (porém com menos ênfase) sermões de pastores evangélicos. Proença (2014, 2011) corrobora essa perspectiva. Segundo ele, o sermão, que se faz mais presente entre as Igrejas do protestantismo histórico (como as Igrejas Luterana, Presbiteriana, Batista, Metodista, dentre outras), envolve exposição mais dogmática ou doutrinária, que exige recursos homiléticos e fundamentação exegética no estudo do texto bíblico. Segundo Proença, o termo sermão também se aplica ao catolicismo tradicional, em razão da homilia realizada pelo padre. Além disso, o sermão está mais restrito ao ambiente litúrgico e eclesial.

Quanto à palavra da pregação, de acordo com Proença, o seu uso é mais comum entre as denominações de natureza pentecostal ou entre comunidades católicas de perfil carismático, conhecidas também por Renovação Carismática Católica (RCC). Segundo Proença, a pregação requer a comunicação de uma mensagem temática, independentemente de haver ou não uso de um texto bíblico específico como base (critério exigido nos sermões).

Todavia, podemos distinguir sermão de pregação de modo diverso, em que sermão é o objeto da pregação, e essa, o evento interacional cujo objetivo é pregar um sermão. Segundo Pettry (2012, p.26), pregar é “proclamar publicamente, conclamar à aceitação ou rejeição de uma ideia ou tipo de ação; entregar um sermão”, que, por sua vez, “é uma expressão extensiva de pensamento sobre um assunto”. Silva (2014, p.2) concorda ao afirmar que pregação é o “ato de pregar a palavra de Deus”.

⁶⁵ “Clérigo da segunda ordem, imediatamente inferior ao padre, e que o ajuda no altar durante a missa” (IDICIONÁRIO AULETE, 2014, s/p).

Jones (2008, p.30) argumenta que há, portanto, o sermão ou mensagem, “o conteúdo daquilo que está sendo anunciado” e também, porém em segundo plano, “há o ato de pregar, a forma, pode-se dizer, ou o que comumente é chamado de ‘pregação’”. Segundo ele, pregação deveria ter sido confinada a essa significação, ou seja, do ato de entregarmos a mensagem. Assim, para o autor, existe grande diferença entre a mensagem (o sermão) propriamente dita e a sua entrega ou transmissão (a pregação). Metaforicamente, podemos comparar o sermão ao roteiro de filme; e a pregação, ao filme em si. Embora sejam gêneros de textos que se complementam, são distintos em algumas de suas particularidades, especialmente no que se refere à modalidade de uso da língua empregada (fala e escrita).

Em outras palavras, “há o sermão, o sermão que ele [o pregador] preparou; e há também o ‘ato’ de entregar, de pronunciar esse sermão [a pregação]” (JONES, 2008, p.31). Assim, “pode-se reduzir um sermão à forma impressa, mas não os relâmpagos e os trovões. Isso só ocorre no ato da pregação, e não pode ser transmitido através da fria página impressa” (JONES, 2008, p.31 – grifos nossos). Isto é, a pregação envolve aspectos interacionais, paralinguísticos e não linguísticos que não estão presentes no sermão, tais como as expressões faciais, os gestos, a movimentação do corpo e das mãos, o tom e o timbre da voz, entre outros. A consequência disso é a aproximação de pregação da fala e de sermão da escrita.

Contudo, a pregação não é a mera apresentação do sermão, trata-se de outro evento comunicacional, mais interativo, espontâneo e expressivo. Para Jones (2008, p.28), a pregação é a interação entre o pregador e o ouvinte. Trata-se, pois, de “algo vital e vivo acontecendo. Não se trata da mera transmissão de conhecimento, há algo de muito mais profundo envolvido nisso”. De acordo com o autor, a pregação autêntica é aquela que consegue envolver o ouvinte, tocá-lo, em que o ouvinte é, conscientemente, tocado e exortado por Deus por meio do pregador, por meio de sua palavra, que é inspirada por e em Deus (JONES, 2008).

Proença (2014, 2011) corrobora essa concepção ao afirmar que, enquanto o sermão é quase uma exposição monologal sem participação importante do auditório, que se mostra atento, a pregação é uma declaração mais espontânea e dinâmica, está mais próxima da improvisação, com maior emprego de estratégias de

interação com o público. A propósito, a interatividade e o envolvimento do auditório com a mensagem são, segundo o autor, sinais de melhores condições e resultados para o que é anunciado e esperado. Nessa linha de raciocínio, Maingueneau (2010, p.104) considera que “o sermão entra na categoria das enunciações monológicas orais, apoiadas em geral em um texto prévia e cuidadosamente escrito” (grifos nossos). Assim, a pregação deve ser considerada como uma enunciação dialogal falada, ainda que as intervenções dos fiéis não colaborem semanticamente para a progressão tópica, ou seja, eles não têm autonomia nem autoridade para alterar o tópico discursivo ou para inserir novos tópicos à interação, encerrar aqueles em andamento etc. Nesse sentido, o sermão tem como objetivo “ao mesmo tempo melhorar a compreensão da doutrina e incitar os fiéis a levar uma vida mais em acordo com as exigências religiosas” (MAINGUENEAU, 2010, p.104), o que acreditamos ser também finalidade da pregação. Todavia, a pregação apresenta-se como menos formal e com estrutura menos rígida; já o sermão é considerado mais formal e sua estrutura e organização são bem mais fixos. Aquela realiza-se por meio da modalidade falada da língua; este, por meio da modalidade escrita, mas pode ser oralizado⁶⁶ em contextos de interação oral.

Além disso, a pregação traz um tom mais conversionista ou apelativo, por isso é mais aplicável para nos referirmos a eventos públicos com maior apelo de público ou a mensagens veiculadas nos meios de comunicação, como rádio e televisão. No caso de Edir Macedo, R. R. Soares, Silas Malafaia e Valdemiro Santiago, é possível afirmar que estariam mais próximos desse perfil; eles não fazem "sermão" propriamente, mas sim, uma pregação temática com apelo conversionista.

Ainda de acordo com Proença (2014, s/p),

No ambiente do protestantismo histórico os fiéis comparecem a um evento religioso para ouvir um "sermão"; já nos ambientes do pentecostalismo dificilmente se empregará a palavra "sermão" para qualificar a mensagem que ali é proferida pelo pregador; de igual modo, no catolicismo tradicional pode se ouvir um "sermão" na homilia; já na Renovação Carismática Católica é mais usual o termo

⁶⁶ O sermão pode ser oralizado (lido ou reproduzido oralmente), sem, contudo, apresentar as características típicas da língua falada, tais como planejamento local e envolvimento dos interlocutores (além daquelas que derivam dessas características, como fragmentações, truncamentos, repetições, digressões etc.). No próximo capítulo, apresentamos, detalhadamente, as características da língua falada.

"pregação" para descrever a mensagem proferida ou ouvida. Em síntese, o sermão está mais circunscrito a um ambiente eclesial regido pela liturgia, pelo dogma e pela formalidade cerimonial; a pregação está mais próxima do que, na linguagem pentecostal ou neopentecostal, chama-se de "inspiração" ou "revelação" divina. Essa dimensão mística que envolve a recepção da "mensagem divina" pelo pregador, encarregando-o de retransmiti-la de forma emotiva e vivaz aos seus ouvintes, identifica-o conceitualmente à noção de "profeta" concorrente do sacerdote no campo religioso.

Vinet (1874, p.189) acrescenta que a pregação é "a explicação da Palavra de Deus, a exposição das verdades cristãs, e a aplicação dessas verdades ao nosso rebanho". Ou seja, a pregação deve ser voltada ao auditório, deve ser atualizada para e por ele, atingindo-lhe diretamente.

Outra diferença importante é em relação ao orador: os sermões católicos são proferidos por um sacerdote (padre) e, na sua ausência, por um diácono (cumprir ressaltar: sempre indivíduos pertencentes ao sexo masculino); nunca por um leigo (VATICANO, 2014). Já as pregações evangélicas são realizadas por pastores ou pastoras, dos quais é solicitada, muitas vezes, a graduação em Teologia, mas sua ausência não impede o pregador de utilizar a palavra para converter os fiéis, caso de Valdemiro Santiago, que não tem formação em Teologia. Assim, algumas Igrejas permitem que a pregação seja realizada por fiéis que se mostrem preparados para tal, sem a necessidade dessa formação específica. Silva e Dias (2010, p.83) explicam isso. Segundo eles, "entre os evangélicos, de forma geral, outro ponto a destacar é a participação que os leigos podem fazer do 'ministério da palavra'. Isso advém da crença da Reforma no 'sacerdócio universal', ou seja, cada cristão tem acesso livre e direto a Deus, tendo dEle algo a ministrar aos demais cristãos".

Faz-se necessário comentarmos que, fundamentadas em textos bíblicos, mais especificamente em I Coríntios 14: 34-35 e I Timóteo 02: 11-15, muitas Igrejas não permitem que nem leigos nem mulheres ministrem a palavra: "nem todos os homens cristãos devem pregar, quanto menos as mulheres!" (JONES, 2008, p.73). Devido a isso, observamos o grande número de pastores homens e o reduzido número de mulheres nessa função, a qual só foi assumida por elas recentemente, mas não em todas as Igrejas.

É preciso ainda distinguir três termos: “homilia”, “estudo da Palavra” e “prédica”. O termo **homilia** - derivado do latim *homilĭa* (*ae*), que significa discurso ao povo (HOUAISS et al., 2008, p.1546) - é usado quase exclusivamente em contexto católico para fazer referência ao momento em que o sacerdote, na missa, comenta o texto bíblico lido. Trata-se, portanto, de um modo específico de realizar o sermão. Costa (2001, p.11), por seu turno, afirma que a homilia é um tipo mais “informal” de sermão, que é mais elaborado que a homilia e lhe é posterior. Costa (2014) define a homilia como “pregação, prática ou comentário expositivo-argumentativo do Evangelho, visando explicá-lo e analisá-lo, geralmente após sua leitura, em um ato religioso (missa, funeral, bênção, etc.), feita em estilo mais coloquial que um sermão ou discurso” (grifo nosso). Notamos que, implicitamente, o autor insere a homilia no contexto católico ao afirmar que é uma explicação bíblica realizada em missas. A pregação não precisa, necessariamente, ser apresentada após a leitura de um texto bíblico, ela pode ser permeada por várias e pequenas leituras bíblicas. Corroborando tais perspectivas, o *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS et al., 2008, p.1546) afirma que a homilia é “pregação em estilo familiar que busca explicar um tema ou texto evangélico. LITUR. CAT. Comentário do Evangelho, depois de sua leitura, por ocasião da missa”.

O objetivo da homilia “é explicar aos fiéis a Palavra de Deus proclamada nas leituras e aplicar essas mensagens ao presente” (SAGRADA..., 2014, s/p). O *iDicionário Aulete* (s/d, s/p) define homilia como “sermão simples, em estilo coloquial, sobre passagens do Evangelho”. O *Dicionário Teológico* (ANDRADE, 1998, p.178) apresenta-o como

Parte da Teologia Pastoral que se ocupa da transmissão oral da Palavra de Deus aos fiéis. O mesmo que oratória sacra. Originalmente, homilia significava pregação em tom familiar e quase coloquial. Na literatura cristã antiga, era a prédica que os bispos faziam logo após a leitura dos Evangelhos.

A homilia é quase sempre curta e versa sobre um texto dos quatro Evangelhos (livros de Mateus, Marcos, Lucas e João). Além disso, as Igrejas católicas

costumam seguir um calendário para as leituras⁶⁷, que se repetem por todo o país, o que se pode perceber nos folhetos litúrgicos das Igrejas⁶⁸ (exemplos no ANEXO C). A pregação evangélica, ao contrário, costuma ser mais longa e a leitura bíblica e o tópico da pregação são geralmente escolhidos pelo próprio pregador. Vale ressaltar que, inicialmente, homilia era sinônimo para sermão, de modo que os termos eram empregados de forma intercambiável, como substituintes (COSTA, 2001). No entanto, com o tempo, os termos passaram a designar sentidos distintos: sermão passou a designar o discurso desenvolvido a respeito de um determinado tema de cunho religioso; e homilia, a análise e a explicação de um texto bíblico durante as missas/celebrações (COSTA, 2001, p.05).

A **prédica** é considerada um subtipo de pregação (ANTUNES FILHO, 2004) ou de sermão (HOUAISS et al., 2008). Segundo Antunes Filho (2004, p.90), trata-se de uma “mensagem religiosa, ou discurso, vinculada ao culto público [...], é concebida como um tipo de pregação realizada pela Igreja cristã”. Costa (2014, p.193) define a prédica como um discurso religioso, relacionando-a a: discurso, homilia, oração, prática e sermão⁶⁹. Ainda de acordo com Antunes Filho (2004, p.90), “prédica é uma modalidade de pregação própria para o culto e que faz parte do sistema religioso protestante”. Se prédica é um tipo de pregação, o que seria, para o autor, a pregação? Segundo ele, pregação são “todas as atividades exercidas pela Igreja para anunciar a ideologia cristã, ou seja, a mensagem bíblica interpretada” (ANTUNES FILHO, 2004,

⁶⁷ Calendários litúrgicos disponíveis em:

- <http://www.canticos.org/?page_id=6865>. Acesso em: fev. 2014.
- <<http://www.vercalendario.info/pt/evento/liturgia-catolica-ano-calendario-2014.html>>. Acesso em: fev. 2014.

⁶⁸ Para verificar exemplo de calendário de leituras nas missas, vide exemplos disso nos folhetos litúrgicos da missa de 09/02/2014 da arquidiocese de São Paulo-SP, da diocese de Apucarana-PR, da diocese de Santo André-SP, da diocese de São José dos Campos e diocese de Colatina-ES respectivamente, disponíveis em:

- <http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/sites/arquidiocesedesaopaulo.pucsp.br/files/12%20%C3%A3o%20Paulo%20Apostolo.pdf>/ http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/folheto_povodeus
- http://www.diocesedeapucarana.com.br/userfiles/pulsandinho/09-02-14_5tc.pdf
- http://www.diocesestoandree.org.br/newsite/wp-content/uploads/n_2025_5DTC_net.pdf
- <http://www.diocese-sjc.org.br/wp-content/uploads/2014/01/Nova-Alianca-09-de-Fevereiro-de-2014.pdf>
- http://www.diocesedecolatina.org.br/adm/pdf/diadosenhora_338.pdf

⁶⁹ Costa (2014), em seu *Dicionário de gêneros textuais*, não apresenta o verbete “pregação”. Subtendemos que isso se deva ao fato de ele considerar prédica e sermão como sinônimos de pregação. Na explicação para sermão, o autor indica a pesquisa dos verbetes discurso, homilia, ofício, oração, prece, prédica e reza (COSTA, 2014, p.213).

p.90 – grifos nossos). Concordamos com essa postura em parte, porque, na concepção do pesquisador, pregação é uma “atitude”, uma “ação”, e não um gênero de texto. Seguindo a definição apresentada por ele, todo ato de caridade, como doar roupas e alimentos aos mais necessitados, seria uma pregação. Assim, consideramos que a pregação pode ser: 1) as ações praticadas pela Igreja cristão para propagar e aclamar a sua fé; 2) um gênero discursivo argumentativo *stricto sensu*. Neste trabalho, assumimos a segunda postura, a qual vai ao encontro do que entendemos ser a pregação. Logo, tomamos os conceitos de pregação e de prédica como sinônimos, haja vista apresentarem sentidos próximos, parecidos.

Assim, defendemos aqui que há dois gêneros textuais falados presentes na esfera religiosa que servem para levar a mensagem de Deus aos fiéis: a) a pregação (em contexto evangélico); b) a homilia (em contexto católico). É possível distinguir os dois gêneros textuais porque apresentam construção composicional, conteúdo temático e contexto distintos, ainda que semelhantes em alguns pontos.

Já o **estudo da Palavra** refere-se a encontros cujo objetivo é realizar a leitura e a discussão de textos bíblicos. Diferentemente da pregação, esses encontros sempre ocorrem fora dos cultos ou das missas, não fazendo parte de tais eventos, e podem ser coordenados por pessoas autorizadas a isso, não necessariamente padres, diáconos ou pastores(as). Além do mais, diferentemente de sermões, pregações e homilias, os estudos da Palavra são eventos bastante interativos, em que a vez de fala não é exclusiva do coordenador (trata-se, portanto, de interações menos assimétricas que as outras aqui apresentadas), mas todos os participantes podem falar. Seu objetivo é levar o conhecimento bíblico aos participantes, não convencê-los de algo ou persuadi-los a algo, intenções mais fortemente presentes na pregação⁷⁰. Além do mais, o estudo da Palavra tem como base fundamental um texto bíblico, devendo a interação centrar-se nele.

Enfim, como neste trabalho analisamos o evento de vertente evangélica, o ato, a interação do orador (figura aqui representada pelo pastor) com o auditório por meio de uma interação falada, em que podemos verificar “os

⁷⁰ No próximo tópico, são mais bem apresentados os objetivos da pregação.

relâmpagos e os trovões”, estudamos o gênero textual falado **pregação**. Logo, para que seus elementos fossem observados, a transcrição do corpus precisou preservá-los. Assim, recorremos às normas do projeto Norma Urbana Culta (NURC/SP), publicadas em Preti e Urbano (1990) e Preti (2005) (Anexo A), para transcrever as pregações que ora analisamos. Os vídeos estão disponíveis na internet. Devido à importância dos recursos paralinguísticos e suprasegmentais para a análise e devido também ao tamanho bastante grande, não deixamos em anexo todas as transcrições das 31 pregações coletadas, pois necessitaríamos de outro volume da tese com cerca de 300 páginas. Deixamos anexas ao nosso trabalho apenas as quatro pregações mais profundamente examinadas (Anexos D).

2.1 PREGAÇÃO: UM GÊNERO TEXTUAL FALADO^{71, 72}

Segundo Bakhtin (1997), toda atividade humana está relacionada ao uso da linguagem. Desse modo, “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p.277). Assim, cada esfera da atividade humana elabora, de acordo com as condições de produção, de circulação e de recepção do seu discurso, respeitando estilo (verbal), conteúdo (temático) e construção composicional, seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p.277 - grifos do autor), ou seja, seus gêneros do discurso. Logo, os gêneros são

⁷¹ Para caracterizar o gênero pregação, utilizamos todas as pregações que compõem o *corpus* deste trabalho; portanto, 31 textos: 5 do Pr. Edir Macedo; 10 do Pr. R. R. Soares; 7 do Pr. Silas Malafaia; e 9 do Pr. Valdemiro Santiago. A discrepância no número de textos elencados para análise está no tempo de cada pregação, porque foram selecionadas cerca de 7h de pregação de cada pastor em um total de 26h40min. Cumpre salientar que são poucos os teóricos da Linguística que se debruçaram sobre esse gênero a fim de compreendê-lo e de descrevê-lo. Por isso, para a construção do modelo, recorremos a pesquisadores da Homilética e da Teologia, acrescentando às suas teorias o que se mostrou necessário.

⁷² Devido ao *corpus* escolhido para análise, as características apresentadas a seguir referem-se necessariamente ao discurso religioso cristão, mais especificamente ao gênero textual falado pregação. Outras pesquisas são necessárias para verificarmos se elas aplicam-se também a discursos religiosos de outras vertentes, como o judaísmo, o budismo, o espiritismo, o candomblé etc.

determinados pelas condições específicas, necessidades e finalidades de cada esfera de atividade humana.

Cumpra salientar que, variando as situações e os propósitos comunicativos, modificam-se também os gêneros, daí considerar sermão, pregação, homilia e estudo da Palavra como gêneros distintos. Todavia, sempre podemos apelar a modelos mentais já internalizados, os quais servem como parâmetro tanto para o reconhecimento quanto para a produção de textos de gêneros variados. Esses modelos mentais são caracterizados por um **conteúdo temático**, uma **construção composicional** e um **estilo** e são negociados sempre dentro de uma **esfera da atividade humana** (BAKHTIN, 1997 – grifos nossos). O conteúdo temático refere-se ao domínio de sentido de que se ocupa o gênero. A construção composicional é o modo de organizar o texto e estruturá-lo. E o estilo é a seleção de meios linguístico-discursivos de que o texto se vale. Além disso, cada gênero possui uma função (ou objetivo) predominante e um contexto de produção e de recepção. Tais elementos podem ser analisados dentro do que alguns teóricos chamam de capacidades de linguagem, que podem ser resumidas como faz Barros (2012):

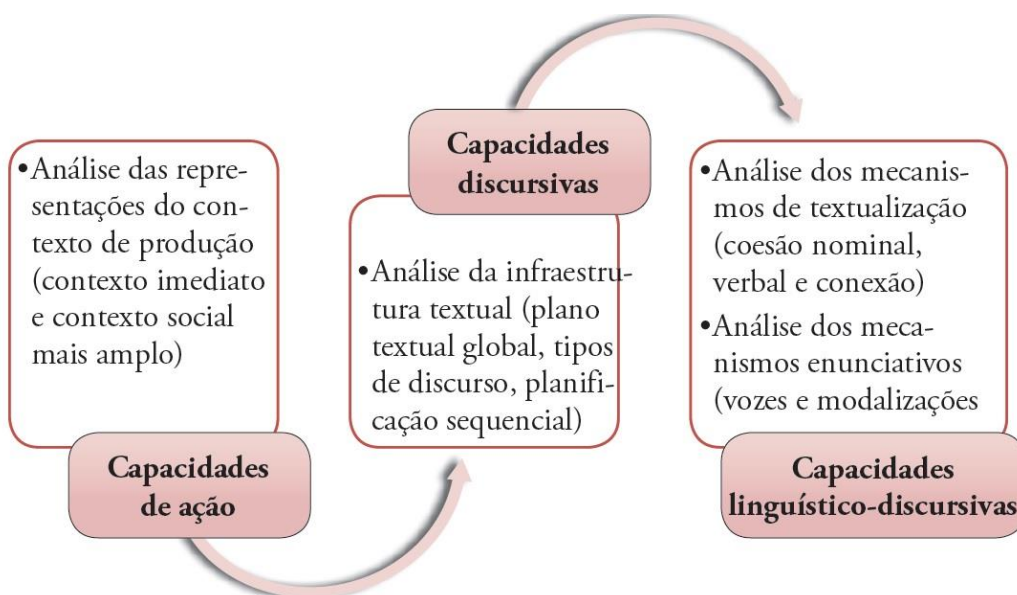


Figura 12: Capacidades de linguagem e categorias de análise textual

Fonte: Barros (2012, p.16).

Assim, as capacidades de ação envolvem o conteúdo temático, a esfera da atividade humana, as funções, o contexto de produção e de recepção; as capacidades discursivas, a construção composicional; e as capacidades linguístico-discursivas, o estilo.

A **pregação** é um **gênero textual falado** pertencente à **esfera religiosa** da atividade humana. Como sua modalidade de uso da língua é a falada, as pregações pertencem à interação oral, em geral realizadas face a face. Elas, nos últimos tempos, têm servido a diferentes propósitos comunicativos, tais como: explicação de textos bíblicos; exultação do nome de Deus e/ou de Jesus Cristo; ensinamentos (bíblicos, morais, éticos); conversão dos fiéis; e outros.

Petry (2012, p.26) afirma que “a mensagem da pregação para evangelizar os perdidos visa ao arrependimento, à fé e à consagração. A pregação é também o meio pelo qual os cristãos recebem nutrição na fé e são capacitados a amadurecer nela”. Silva e Dias (2010, p.89) afirmam que

A pregação é no seu todo um gênero específico, sendo proferida normalmente num lugar específico (templo), ainda que possa ocorrer em outros ambientes, principalmente entre os evangélicos; numa ocasião específica (culto), com conteúdo e objetivo específico e, normalmente, por um indivíduo em particular, o líder religioso, ainda que os leigos possam também proferi-lo.

Os propósitos comunicacionais da pregação são, segundo Costa (2001, p.11): Instruir (*docere*); Agradar (*delectare*); e Persuadir (*flectere*). Silva e Dias (2010, p.91) apresentam como objetivo da pregação “despertar a fé. Quando se dirige à própria comunidade evangélica, a pregação tem o objetivo de exortar a viver de acordo com essa fé”. Catenassi e Cito (2014, p.37) dividem os objetivos principais da pregação em dois grupos:

A) Imediato – Evangelizar, anunciar a Boa Nova. O discípulo, quando prega, deve utilizar todos os seus talentos, dons, todo o seu amor, toda sua intercessão, em prol da evangelização.

B) Mediato – É conseguido com a obtenção do objetivo imediato. A finalidade mediata consiste na conversão dos ouvintes e também de curas, prodígios e milagres durante a pregação. É importante ressaltar que cabe primeiro ao pregador preocupar-se com uma boa

evangelização, pois a conversão, cura, prodígios e milagres são obras do Espírito Santo.

Nogueira (2014, s/p) divide-os em sete:

- 1. Evangelístico** - Fazer persuadir os perdidos que estão no auditório a receberem a Jesus Cristo, como único e suficiente Salvador, Mestre e Senhor. Para tal, o arrependimento é o fulcro ou início da salvação. (Jo.3:1-18, A Salvação)
- 2. Doutrinário ou Didático** - Visa a instruir os crentes a estudar e compreender as grandes verdades cristãs e como estas se aplicam na vida diária. De igual forma, o combate das falsas doutrinas. (Ro.6:1-6, O Batismo Cristão)
- 3. Consagração** - Tem a finalidade de desafiar os crentes a uma dedicação real de suas forças, tempo, influência e bens (toda sua vida a disposição) para o trabalho e o serviço de Deus. É a busca de uma vida mais santa e de submissão ao Espírito Santo.
- 4. Ético ou Moral** - Procura ajudar o crente a normalizar a sua conduta diária e suas relações sociais de acordo com os princípios cristãos.
- 5. Pastoral ou de Alento** - Levar o conforto de Deus ao coração do povo. Tem como finalidade: socorrer, confortar, fortalecer, aliviar a opressão do povo, alimentar e consolar nas mais variadas circunstâncias e tribulações. (II Co 1:3-11)
- 6. Devocional** - Objetivo de levar o povo a meditar em Deus. Sermão que exalta o nome de Jesus. Leva o ouvinte a pensar na grandeza de Deus, nas maravilhas que Ele tem operado em nossos dias.
- 7. Ocasional** - São as mensagens especiais, tais como: Casamento, aniversário, cultos fúnebres, formatura, etc.

Segundo o autor, os objetivos específicos da pregação dependem do contexto em que ela ocorre. Cumpre salientar que, segundo Jones (2008), não é objetivo da pregação dar lição de moral aos fiéis.

Com base nas pregações analisadas, podemos verificar três objetivos mais gerais: **converter os não fiéis, alimentar a fé dos convertidos e, nos dois casos, moldar o seu caráter.** Para Jones (2008), a pregação apresenta duas etapas: primeira, converter as pessoas a se tornarem seguidoras/adeptas de determinada fé e, em seguida, após concluída a primeira etapa, reforçar nelas, agora fiéis, essa fé, fortalecendo-a, reiterando-a, tornando-a mais sólida.

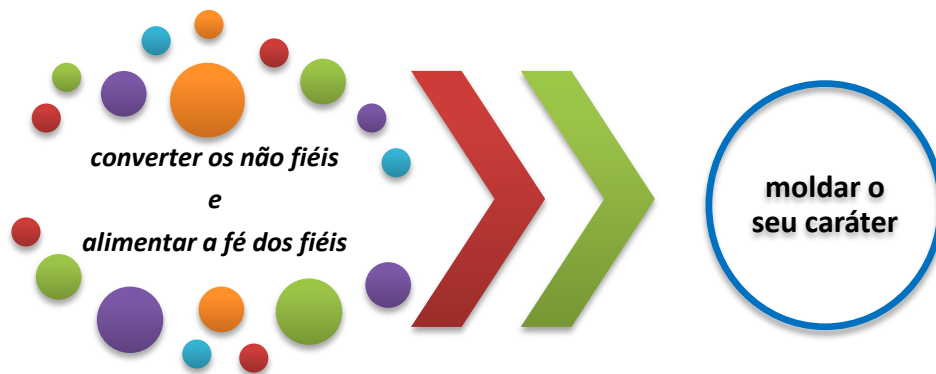


Figura 13: Principais objetivos da pregação
Fonte: A autora.

Tais objetivos apresentam-se, muitas vezes, de modo bastante claro e até explícito nas pregações analisadas, como percebemos no próximo excerto.

EXCERTO 6

VAL.: *quem é que quer aceitar Jesus como senhor da sua vida?... os que não/ eu tô falando pros que não aceitou ainda... quem quer aceitar hoje Jesus como único senhor da sua vida e salvador?... cê aceita?... coloque a mão sobre o seu coração...*

Pr. Valdemiro Santiago - Pregação 06 - L. 314-316

Nesse trecho, Valdemiro Santiago explicitamente convida os não convertidos a “aceitem Jesus como seu Senhor e Salvador”, quer dizer, deixar de professar outra fé ou de não ter fé alguma para professar a fé doutrinada (apresentada) pelo pastor. Trata-se de um ato de vontade e de consciência, pois ao aceitarmos Jesus nos comprometemos a mudar de vida, a seguir a vida conforme os mandamentos bíblicos, o que se refere a, entre outros, participar das celebrações religiosas periodicamente, batizarmo-nos, fazer orações a Deus, devotar-se de corpo e alma a uma fé, o que leva a mudanças de conduta, como: o fiel deve ser honesto, bom, deve perdoar ao próximo, deve pagar fielmente seu dízimo e outros. Ademais, a conversão não é algo imposto ao auditório, ainda que o discurso seja bem articulado para levá-lo a tal ato, nem pode sê-lo, porque ela gera obstáculos e dificuldades. Segundo o discurso dos pastores, a vida do convertido não é fácil, eles enfrentam abandonos (muitos amigos e parentes não aceitam a nova fé e, por isso, deixam de se relacionar com os convertidos), humilhações, críticas, calúnias e outros. Além disso,

eles devem fazer escolhas, as quais, muitas vezes, requerem deles a abnegação de bens e valores (o novo convertido precisa deixar certas ambições e comportamentos para viver como “crente”). Alguns desses aspectos são salientados nos próximos trechos retirados de pregações.

No texto seguinte, Edir Macedo fala que o convertido precisa renunciar a tudo aquilo que não o leva à salvação, o que podemos inferir como atos corruptos, desonestos, promíscuos, consumo de bebidas alcoólicas e uso de drogas, entre outros. O objetivo primeiro da vida do convertido é a busca pela salvação eterna. Tudo aquilo que se coloque contra isso deve, segundo o discurso do pastor, ser abandonado.

EXCERTO 7

EDM.: presta atenção pra você... ser... DE Deus.. pra você ter qualidade pra você ser um SUPER especial... pra ser um cidadão do re::ino dos céus... você tem que atender essa condição... você tem que... largar... deixar... tudo... deixar sua vida de lado... deixar os seus sonhos de lado... e colocar o objetivo... naquilo que é mais importante... que é... a sua salvação... amém... “quem quiser vir após mim... NEGUE-SE a si mesmo”... negue-se às suas vontade... aos seus desejo... TOME a sua cruz... que significa... você ASSUMIR... as humilhações as vergonhas... as gozações as zoeiras... que as pessoas vão fazer... com você por causa da sua fé... por CAUSA da sua fé que você vai ser zoadado ser zombado... criticado... vão rir de você... e SE você não tiver... essa fé FIRMEZA de caráter... então... você ainda tem que passar pelo/... pela outra prova que é... seguir Jesus todos os dias... dia... após dia... após dia... após dia...

Pr. Edir Macedo – Pregação 03 – L. 246-256

Todavia, não basta mudar de vida, é preciso ainda “plantar a boa semente”, ou seja, praticar atos que favoreçam a salvação, tais como: ser bom, ser caridoso, ser fiel com o dízimo, participar dos cultos etc. O próximo excerto apresenta o fato de que não basta “aceitar Jesus”, é imprescindível que o convertido mude de vida, posicione-se a favor de sua própria felicidade.

EXCERTO 8

EDM.: você tem que largar essa vida errada... e começa::r a planta::r... a boa semente... para que... daqui pra frente você venha... começar... a colher os bons frutos se você quiser... venha aqui à frente entregar a sua vida pra Jesus... se você não fez isso ainda... você ainda não entregou... você quer... e não adianta... simplesmente vir aqui na frente receber a minha oração... você tem que querer mudar... porque se você não muda de atitude de comportamento...

Pr. Edir Macedo – Pregação 04 – L. 261-265

Em todas as pregações observadas, ora o objetivo primeiro era buscar a conversão a uma fé, ora alimentar a fé dos convertidos. Para isso, um objetivo secundário era levar a palavra de Deus aos fiéis, a fim de ensinar a eles, o que, por conseguinte, leva a um dos objetivos principais: moldar o caráter dos fiéis, porque mediante o aprendizado da Palavra o homem deve agir de determinado modo. Além disso, notamos que, para aceitar a fé (“aceitar a Jesus”), é preciso mudar de vida, de atitudes, de comportamentos. Logo, o objetivo de converter os interlocutores a professar uma fé leva, conseqüentemente, a outro objetivo, moldar o seu caráter, transformá-los em pessoas dignas de sua fé, em pessoas melhores segundo a perspectiva religiosa que tomamos.

Enfim, os seus propósitos comunicativos são bastante diversificados e dependem do seu contexto de produção, porém podemos considerar como **objetivos principais da pregação**: converter os não fiéis a professar uma fé, alimentar a fé dos fiéis já convertidos e, nos dois casos, “burilar” seu caráter, seu comportamento, objetivos presentes implícita ou explicitamente em todas as 31 pregações examinadas e na maioria dos teóricos estudados (COSTA, 2001; CATENASSI; CITO, 2014; NOGUEIRA, 2014; PROENÇA, 2011; 2014; SILVA; DIAS, 2010).

Em relação ao conteúdo temático, a pregação, segundo Jones (2008, p.30), não deve falar “acerca dos acontecimentos da semana, coisas que tenham ocorrido, que tenham sido manchete dos jornais, questões políticas, ou qualquer outra coisa dessa natureza”. Também não deve ter como tema leituras literárias, ensaios psicológicos e/ou filosóficos, mas “o conteúdo do sermão é aquilo que, no Novo Testamento, é denominado ‘a Palavra’ [de Deus]”, ou seja, a pregação “‘prega a palavra’, ou ‘prega o Evangelho’ ou ‘prega todo o conselho de Deus’ (JONES, 2008, p.44). O **conteúdo temático** da pregação é Deus e sua Palavra, pois Ele é origem e fim do discurso religioso cristão (VILA-CHÃ, 2008), seu instrumento e produto; não há, portanto, pregação que ignore ou diminua esse tema, que se faz central em todo e qualquer discurso que se diz religioso cristão, pois “Deus é o pressuposto daquilo mesmo que se anuncia no discurso” (VILA-CHÃ, 2008, p.26).

Jones (2008, p.44) afirma que o conteúdo temático da pregação pode ser dividido em duas seções: “a primeira é aquilo a que se poderia chamar de

mensagem da salvação, o *herygma*, aquilo que caracteriza a pregação evangelística. A segunda é o aspecto didático, o *didache*, aquilo que edifica aqueles que já creram – a edificação dos santos”. O *Dicionário Bíblico* (BREVI, 2014, p.90-91) afirma que a pregação do Novo Testamento tem três objetos (temas) centrais: o Evangelho ou o anúncio do reino de Deus e dos seus planos aos homens, o que inclui o que Jesus Cristo disse e fez; o convite à conversão e à participação na celebração da fé; o “nome” de Jesus, isto é, a sua elevação à categoria de “Senhor”.

A análise das 31 pregações permite afirmar que os tópicos são variadíssimos, porém alguns são mais comuns, quais sejam: Deus ou Jesus Cristo e sua palavra; fé; vida (e mudança de vida); obediência e temor a Deus; salvação (e perdição); perdão, cura. Frisamos que, segundo os textos analisados, o termo genérico Deus refere-se à trindade Deus Pai, Deus Filho (Jesus Cristo) e Deus Espírito Santo, em que três são um só Deus, conforme afirmaram os pastores de suas pregações.

Consideramos o tópico Deus e sua palavra como um **supertópico**, porque está presente explícita ou implicitamente em todas as pregações analisadas, o que podemos tomar como uma característica básica: o texto para ser pregação precisa falar de Deus e de sua palavra, a qual pode ser lida, parafraseada, citada, comentada ou explicada pelo pregador. Dessa forma, o supertópico está presente nos tópicos; logo, os tópicos podem ser entendidos como: fé em Deus; vida em Deus; obediência e temor a Deus; salvação em Deus; perdão de/em Deus; cura por Deus; díizimo para Deus. Isso é corroborado por Orlandi (1996) quando afirma que o discurso religioso é aquele em que a voz de Deus é ouvida, apresentando-se como sua principal característica.

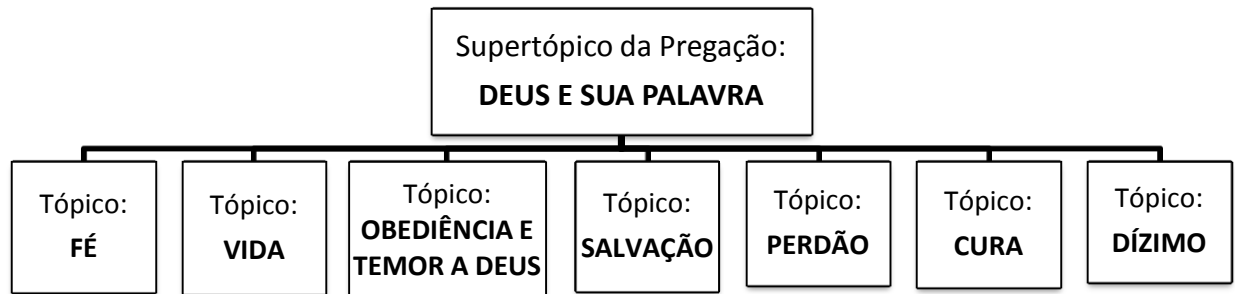


Figura 14: Supertópico e tópicos do gênero textual falado pregação
Fonte: A autora.

O locutor das pregações é o pregador, o mensageiro de Deus, representado por um locutor. Fato relevante é a nomenclatura bastante variada que pregador recebe. Assim, Edir Macedo, além de pastor, é chamado de bispo e, mais recentemente, de sumo sacerdote⁷³; R. R. Soares de missionário; e Valdemiro Santiago de apóstolo. Silas Malafaia, diferentemente dos demais, é simplesmente chamado de pregador ou de pastor. Não são apenas os fiéis que assim os denominam, mas eles assumem o nome quando fazem referência a si mesmos, conforme examinamos nos seguintes excertos.

EXCERTO 9

*EDM.: nem fique esperando do **bispo** Macedo “ah o **bispo** Macedo”... vai... vai esperar de mim não... cê tem que esperar e contar... só com ele... porque eu só conto com ele também... eu não conto com você... amém?...*

Pr. Edir Macedo – Pregação 02 – L. 409-411

EXCERTO 10

*RRS.: está lá no eh:... no Salmo vinte e sete versículo quatorze... na Bíblia do **missionário** é na página oitocentos e oitenta...*

Pr. R. R. Soares – Pregação 01 – L. 05-06

⁷³ “Nome dado ao religioso supremo do antigo povo de Israel” (VEJA, 2014, s/p).

EXCERTO 11

VAL.: se não fosse o apóstolo você estaria abençoado do mesmo jeito... porque... o apóstolo não mudou a sua vida mas Deus escreveu o seu caminho”...

Pr. Valdemiro Santiago - Pregação 01 - L. 118-119

Segundo Orlandi (1996), o locutor dos discursos religiosos não é autônomo, de modo a não poder e/ou dever modificá-los, pois ele é apenas um representante da voz de Deus, que, no contexto religioso, é soberana. Trata-se, portanto, da não reversibilidade do discurso religioso.

Por conseguinte, não há um sujeito-produtor no discurso religioso, mas um sujeito-reprodutor, porque padres, pastores, pregadores e afins são apresentadores da voz de Deus, por isso eles podem ser considerados como os “representantes de Deus na terra”. Logo, esse discurso apresenta muitas marcas de intertextualidade, de apoio ao discurso de outro, no caso na Bíblia, que é considerada pelos cristãos como a Palavra de Deus; trata-se, pois, de um discurso de autoridade que baliza aquilo que é afirmado pelo sujeito-reprodutor na pregação. “Assim, podemos definir o discurso teológico como discurso sobre outro discurso. (...) Aparece como um ‘comentário’ ao texto de origem” (ORLANDI, 1996, p. 259).

Entretanto, podemos aceitar que esse mensageiro é o **sujeito-reprodutor** do discurso religioso, é apenas um veículo, um canal, um instrumento, um representante da palavra de Deus (JONES, 2008), que, no discurso religioso, é locutor e tema; mas esse mesmo sujeito é o **sujeito-produtor** da pregação, cujo enunciador é Deus; mas o locutor é o seu mensageiro, que exerce um papel social bem definido: pastor e/ou pregador (isso porque nem todo pregador é pastor, mas todo pastor é, por conseguinte, um pregador). Trata-se, por conseguinte, de um “porta-voz autorizado” (AMOSSY, 2011b), do mandatário e procurador de Deus na Terra. Isso corrobora a autoridade do discurso religioso, já que “o poder das palavras deriva da adequação entre a função social do locutor e seu discurso: o discurso não pode ter autoridade se não for pronunciado pela pessoa legitimada a pronunciá-lo em uma situação legítima” (AMOSSY, 2011b, p.120). Segundo Citelli (2006, p.61), “o eu enunciador [do discurso religioso] não pode ser questionado, visto ou analisado; é ao mesmo tempo o tudo e o

nada”, já que se trata de Deus; e Ele, segundo Jones (2008), não é passível de questionamentos quando em âmbito religioso. Com isso, a voz de Deus plasma “as demais vozes, inclusive a daquele que fala em seu nome: o agente religioso (pastor, padre, rabino etc.)”. Trata-se, de acordo com Citelli (2006), de um discurso autoritário e altamente persuasivo.

Se o enunciador na pregação é Deus, um ser espiritual e, “de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros, falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens” (ORLANDI, 1996, p.243). Por isso, a relação entre eles se estabelece em termos de poder, em que “Deus é poder”; e o homem, submisso a tal poder. Sendo o pregador o representante desse poder, deve o fiel se submeter hierarquicamente a ele (ALTHUSSER, s/d; ORLANDI, 1996). Trata-se, assim, de uma relação assimétrica, ainda que afetiva, na qual Deus permanece no topo da relação, os pastores/padres/pregadores encontram-se abaixo e, na base, estão os fiéis. Quanto mais acima estiver, maior poder detém sobre os demais, embora, no contexto religioso, o laço que une os interactantes seja a fé em Deus e o modo de professar essa fé, é justamente a fé e, por conseguinte, seu poder (“tudo pode aquele que nEle crê”) que reforça essa assimetria. “Interpretando-se a fé com referência à assimetria, podemos dizer que a fé não a elimina”, pois “a fé é uma graça recebida de Deus pelo homem, com fé, tem muito mais poder, mas como a fé é um dom divino, ela não emana do próprio homem, lhe vem de Deus” (ORLANDI, 1996, p.250). Além disso, “a fé é um móvel para a salvação” (ORLANDI, 1996, p.250); logo, os crentes⁷⁴ estão salvos, já os não crentes não estão.

Consequentemente, há dois destinatários da pregação: as pessoas convertidas (os fiéis, os crentes) e as pessoas a se converter (os não crentes), em outras palavras, os que têm fé e os que não têm fé (ORLANDI, 1996). Hierarquicamente, aquele que tem fé detém mais poder que aquele sem fé, pois, além de tudo, já está salvo da danação eterna, isso segundo o discurso religioso evangélico aqui estudado. Assim, verificamos uma organização piramidal dos interactantes do discurso religioso.

⁷⁴ Tomado aqui como aquele que crê em algo, que tem fé.

Tal organização leva-nos à representação social da Idade Média, em que, no topo, encontrava-se o clero, e, na base, os camponeses e os servos (escravos). Na pirâmide religiosa, encontram-se, hierarquicamente distribuídos de modo decrescente, Deus, os seus representantes diretos na Terra (padres e pastores), os convertidos e os não convertidos.



Figura 15: Organização piramidal do discurso religioso⁷⁵

Fonte: A autora.

Geralmente, a principal fonte de informação da pregação (e do discurso religioso) é um texto escrito, que é diferente de acordo com a crença religiosa e que embasa os seus princípios e dogmas. Trata-se de seu **texto/discurso constituinte** (MAINGUENEAU, 2000) ou **texto/discurso fundador** (ORLANDI, 1993)⁷⁶, que dos cristãos é a *Bíblia*, o dos muçulmanos é o do *Alcorão*, o dos espíritas de ordem kardecista é o *Livro dos Espíritos*, o dos judeus é o *Tanakh* (ou *Tanach*) e o *Torá* (que faz parte do *Tanakh*), o dos budistas é o *Tripitaka* e o dos hindus é o *Veda*. “É interessante se observar que as religiões de conversão (de exclusão) são as religiões que têm escrita. As religiões de cultura sem escrita, e que só se efetuam por rituais, são mais ecléticas”. Talvez por isso o candomblé não apresenta um texto sagrado mais representativo como o fazem as demais crenças religiosas citadas.

⁷⁵ Registramos o agradecimento à professora Dra. Sonia Maria da Costa Mendes, que nos alertou a respeito dessa organização durante a banca de qualificação.

⁷⁶ Como explicado anteriormente, apesar de não se enquadrar em um trabalho em Análise do Discurso de linha francesa, utilizamos alguns termos da área por considerarmos pertinentes ao estudo empreendido.

Voltando à pregação, a Bíblia é o seu texto de base, sendo utilizada como discurso de autoridade, já que não se trata do que o pastor diz, mas daquilo que a Bíblia e, por consequência, do que Deus diz, o que, por conseguinte, faz com que o discurso seja incontestável e confiável, tomado como único, certo e verdadeiro. A busca aos textos sagrados é importante porque “linguagem religiosa está revestida de um sentido e da autoridade daquele que representa Deus, que fala em seu lugar, mas que também não é Ele” (WILSON, 2003, p.156). Assim, “o recurso ao intertexto (os excertos bíblicos) vem outorgar autoridade à fala do locutor, que, com isso, garantiria maior aprovação, maior aceitação e conformação às palavras de Deus” (WILSON, 2003, p.156-157). Isso porque o locutor não deve fazer qualquer interpretação do texto, mas aquela única que é permitida pelo texto. Silva e Dias (2010, p.89) afirmam que a pregação é “um gênero basicamente expositivo, o pregador lê um texto (uma passagem, no dizer evangélico) da Bíblia e, a partir daí, faz as suas considerações, tentando aplicar os ensinamentos do texto às situações vividas por seus ouvintes”.

Por tudo isso, são inúmeras, nas 31 pregações examinadas, as referências a textos bíblicos, os quais são retomados por meio de paráfrase ou *ipsis litteris*, pois “a interpretação própria da palavra de Deus é, pois, regulada. Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossemia” (ORLANDI, 1996, p.246), como podemos ver nos exemplos que seguem, nos quais são retomados, de maneira direta ou indireta, textos bíblicos. Em geral, Silas Malafaia e Valdemiro Santiago iniciam suas pregações com referência a alguma passagem do texto sagrado. Nas 31 pregações analisadas, Silas Malafaia foi o pastor que mais citou textos bíblicos (não só em quantidade, mas também em variedade), e Edir Macedo o que menos os citou. Porém, cumpre ressaltar que, em todas as 31 pregações analisadas, a Bíblia foi citada ao menos uma vez.

EXCERTO 12

EDM.: nos primeiros *livros da Bíblia... Números onze... e versículos... a partir... do versículo... treze... mas... mas propriamente olha só... o povo tava reclamando por carne... não é isso?... o povo tava reclamando carne... “óh... tô cansado... de comer pão... esse maná... eu tô cansado dessa vida aqui no deserto”... aí... diz assim... Moisés diz pra Deus... “donde teria eu carne para dar a todo este povo?... pois cho::ra diante de mim dizendo... dá-nos carne para que possamos comer”... aí ele... continua... “eu sozinho não posso levar todo este povo... pois me é pesado demais”... “pois me é pesado*

demais”...

Pr. Edir Macedo – Pregação 02 – L. 195-201

EXCERTO 13

EDM.: abra sua Bíblia aí... Apocalipse capítulo dois... Apocalipse dois... versículo sete... então... diz assim... quem tem... ouvidos... quem tem ouvidos... ouça... o que o espírito... diz às Igrejas... quer dizer o espírito santo referindo-se ao espírito santo... Jesus... está endereçando sua mensagem a sua palavra... pra Igreja... não é para os incrédulos... não é para os céticos...

Pr. Edir Macedo – Pregação 03 – L. 08-12

EXCERTO 14

RRS.: está lá no eh:... no Salmo vinte e sete versículo quatorze... na Bíblia do missionário é na página oitocentos e oitenta... aqui está escrito assim... “espera no senhor... anima-te... e ele fortalecerá... o teu coração... espera pois... no senhor”... meu amigo... quando Deus lhe abre... uma revelação da palavra... aquilo ali é um retrato dele que ele está dando pra você... aquilo ali ele/é:... como se ele dissesse... “é assim... que eu quero ser pra você”...

Pr. R. R. Soares – Pregação 01 – L. 05-10

EXCERTO 15

RRS.: eu vou falar hoje aqui pra você de início... a respeito de um assunto muito sério que Jesus falou... que está lá no livro de... Mateus... é Mateus? é Mateus... capítulo... dezoito... começando em versículo vinte e três... isso aqui... é pra você... colocar como se diz a barba de molho...

Pr. R. R. Soares – Pregação 07 – L. 15-18

EXCERTO 16

SMA.: ... abra a sua Bíblia em segunda Coríntios... capítulo dois... versículo dez... e versículo... onze... segunda carta de Paulo aos Coríntios... capítulo... de número... dois... versículo dez e versículo de número onze... diz assim o texto da palavra de Deus... diz o texto... da palavra... de Deus... “e a quem perdoardes alguma coisa... também eu... porque o que eu também perdoei se é que tenho perdoado... por amor de vós... o fiz... na presença de Cristo... para que não sejamos vencidos por Satanás... porque NÃO... ignoramos... os seus... ardis”...

Pr. Silas Malafaia – Pregação 04 – L. 16-21

EXCERTO 17

SMA.: ... a Bíblia diz... em Romanos dez dezessete... que “a fé vem pelo ouvir”... e eu ouvi a palavra de Deus... eu tô pregando a palavra de Deus... é possível... ser produzida... fé... no teu coração... CREIA nes-sa ma-nhã... CREIA... em no-me de Je-sus... que as promessas são... pa-ra vo-cê...

Pr. Silas Malafaia – Pregação 07 – L. 55-58

EXCERTO 18

VAL.: ... Romanos capítulo cinco acompanhe comigo por favor... leia comigo essa palavra por favor... “a justificação pela fé e a paz com Deus”... é o que nós precisamos... poderia ser assim... essa mensagem/ esse título aí pode ser traduzido... se você quiser... “a justificação pela fé... e a paz com Deus”...

Pr. Valdemiro Santiago – Pregação 05 – L. 01-04

EXCERTO 19

VAL.: ... Deuteronomio capítulo oito... Jesus falou “está escrito” quando Jesus falou... ele tava pensando lá em Deuteronomio oito que já existia nos pergaminhos ele já tinha lido... e ele sabia... se ele mesmo inspirou aquela palavra... o Moisés né?... ele fala... “o homem não vive só de pão”... ele usou a Bíblia... é... e o diabo continuou bombardeando achou aí meu filho?... isso aí é Deuteronomio é?... Deuteronomio oito... e três?... ah lá... “que o homem não vive”?... “o homem não?”... comé/como é que é?... “que não só de pão viverá o homem mas de tudo que procede da boca do senhor viverá o homem”... Deuteronomio lá da onde Jesus tirou ó... olha da onde ele tirou... é... aó o Diabo continuou... qual foi o próximo passo do Diabo meu filho?... olha o que que o Diabo falou... “então o Diabo o levou à cidade santa colocou-o sobre o pináculo do templo”... lá em cima... “se és filhos de Deus ATIRA-TE... abaixo... porque está escrito... ‘aos seus anjos’” ...

Pr. Valdemiro Santiago - Pregação 09 - L. 139-149

Como notamos, geralmente, os pastores mesclam leitura de passagens da Bíblia com comentários e/ou explicações, a fim de mediar a leitura do texto tanto para facilitar sua compreensão quanto para direcioná-la. Por isso, uma estratégia de leitura muito empregada em pregações é a paráfrase. Como dito antes, a paráfrase é um tipo de retomada do conteúdo em que há alteração da forma, de modo a haver entre os enunciados (matriz e parafrástico) uma relação de equivalência semântica (HILGERT, 1997). Assim, na paráfrase, um enunciado anterior é recuperado em um posterior com algumas distinções, sejam elas semânticas ou distribucionais. Em pregações, é utilizada pelos pregadores para deixar a mensagem mais clara e compreensível ao auditório, sendo, por isso, um recurso muito utilizado.

Além do mais, as pregações são um gênero argumentativo da ordem do expor argumentativo, pertencente ao discurso misto interativo-teórico. É interativo porque é escrito em primeira pessoa, reporta-se diretamente ao seu interlocutor, tentando manter com ele maior proximidade e porque são explicitados o tempo e o espaço em que a interação ocorre, seja por meio do próprio contexto físico das pregações *in loco*, seja pelo discurso dos pastores, seja pelas informações contextuais encontradas nas páginas eletrônicas em que os textos são disponibilizados ou na abertura⁷⁷ de algumas pregações. As marcas da subjetividade são bastante claras nas pregações tanto mediante elementos dêiticos de pessoa quanto vocativos e formas

⁷⁷ Algumas pregações analisadas, especialmente as do pastor Silas Malafaia, apresentam uma abertura que muitas vezes contextualiza a pregação.

verbais. Só a título de exemplo, citamos algumas linhas do início de uma pregação de cada pastor, nelas foram marcadas as referências pronominais.

EXCERTO 20

EDM.: *daqui a pouquinho eu vou falar pra vocês... a respeito do segredo... da fé... como você pode mudar a sua vida... COMO você pode mudar a sua vida... porque nós temos ferramentas...*

Pr. Edir Macedo - Pregação 01 - L. 30-35

EXCERTO 21

RRS.: *agora eu queria você de pé... porque eu quero que você... a::bra o seu coração... Deus vai usar o Fabiano aqui... naquela canção*

Pr. R. R. Soares - Pregação 01 - L. 34-35

EXCERTO 22

SMA.: *eu quero trazer uma palavra pra você sobre... você precisa ser de-ter-mi-na-do... esse texto mostra... que Daniel... era... um homem... deter::minado... aí você po::de... me perguntar... ahn?...*

Pr. Silas Malafaia - Pregação 01 - L. 18-20

EXCERTO 23

VAL.: *Deus Ele... é diferente de tudo que você conhece... éh... de tudo que nós conhecemos... Deus não depende de nós pra nada... - - gente eu queri/eu queria falar eu queria pregar vocês*

Pr. Valdemiro Santiago - Pregação 01 - L. 01-02

Por se tratar de um discurso que se quer envolvente e, por conseguinte, persuasivo, nas pregações as marcas de intersubjetividade são abundantes, porque favorecem o engajamento dos interlocutores, de modo que eles se sintam parte do grupo e, ao mesmo tempo, importantes como ser único que são. Além disso, em geral, o discurso é construído por meio de verbos pertencentes ao mundo narrado, de que fazem parte os tempos presente, pretérito perfeito composto, futuro do presente, futuro do presente composto e as locuções verbais formadas com esses tempos (KOCH, 2011). Segundo Koch, o tempo zero do mundo comentado é o presente, o que explica a recorrência desse tempo nos excertos (e em todas as pregações):

- a) você **pode** mudar a sua vida... COMO você **pode** mudar a sua vida... porque nós **temos** ferramentas...
- b) eu **quero** que você... a::bra o seu coração...
- c) eu **quero** trazer uma palavra pra você sobre... você **precisa** ser de-ter-mi-na-do... esse texto **mostra**... que Daniel... era... um homem... deter::minado... aí você **po::de**... me perguntar...
- d) Deus Ele... **é** diferente de tudo que você **conhece**... **é**... de tudo que nós **conhecemos**... Deus não **depende** de nós pra nada...

Trata-se de um gênero textual caracterizado por um discurso teórico, pois é ele é construído por meio de verbos do mundo narrado na terceira pessoa discursiva. Para distanciar-se daquilo que afirma, o locutor, em pregações, geralmente emprega verbos no modo indicativo no pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito e locuções verbais formadas com esses tempos (KOCH, 2011), como verificamos nos excertos que seguem, nos quais os pastores explicam trechos bíblicos ao auditório.

EXCERTO 24

EDM.: Moisés era um homem de paz... pacífico... muito pacífico... Moisés não foi como... Gideão... que chegou pra Deus e falou "senhor... se tu és conosco por que não nos aconteceu isso?"... não... Moisés era um homem pacífico... homem... de paz... mas chegou um momento na vida dele... chegou um estado... da vida dele... um estágio na vida dele... em que ele orou assim...

Pr. Edir Macedo - Pregação 02 - L. 16-20

EXCERTO 25

RRS.: ... Jesus falou da seguinte maneira... e o que Jesus falou é a plena verdade... João oito cinquenta e quatro na Bíblia do missionário é na página mil seiscentos e setenta e quatro...

Pr. R. R. Soares - Pregação 02 - L. 59-61

Nessa atividade linguageira, narram-se fatos ficcionais, especialmente aqueles relativos ao discurso bíblico, e acontecimentos vividos (relatos), os quais funcionam como estratégias argumentativas, já que funcionam para a persuasão do auditório. Conseqüentemente, percebemos muitos exemplos e testemunhos nas pregações analisadas.

Quanto à construção composicional, as pregações não apresentaram um construção rígida, de modo que as características composicionais relacionam-se mais à figura do pregador que propriamente ao gênero. Contudo, em geral, as pregações são: iniciadas com uma saudação seguida de leitura bíblica ou da apresentação do tema; desenvolvidas em torno de um texto bíblico ou de um tema; e concluídas com uma oração e/ou uma bênção. Fato que chamou a atenção foi a mescla (hibridização) de gêneros presentes na pregação, em que podemos verificar especialmente: I) oração; II) cântico; III) bênção; IV) testemunho; V) propaganda; VI) exorcismo⁷⁸ (principalmente, nas pregações de R. R. Soares); VII) convite - em ordem de recorrência.

Com base no estudo das 31 pregações, verificamos que, globalmente, o gênero planifica-se como uma sequência argumentativa. Esquemáticamente, podemos apresentar o plano textual⁷⁹ como segue:

- saudação e/ou bênção;
- oração;
- leitura bíblica;
- apresentação do tema da pregação, em geral centrado em um texto bíblico ou em assunto relacionado à fé/vida cristã, cuja explicação se apoia na Bíblia;
- opinião/tese inicial (nem sempre explícita);
- argumentos de defesa da tese geralmente fundamentados na Bíblia;
- oração;
- bênção final.

Todavia, essa estrutura não é rígida, já que depende muito do estilo de cada pastor, do local em que a interação *in loco* ocorre e do tópico da pregação.

⁷⁸ Segundo o Dicionário Aulete Digital, exorcismo é “P.ext. Qualquer rito, oração etc. para afastar maus augúrios, pragas, moléstias, tempestades etc.”. Durante as leituras, percebemos que o pastor pode direcionar o seu discurso a satanás, o que acontece ora em meio à pregação, ora em meio à oração. Contudo, como as características desse discurso distinguem-se daquelas desses dois gêneros, consideramos tratar-se de um gênero à parte, cujo enunciatário não é Deus, mas o diabo, e cujos objetivos não são agradecer, exaltar, pedir, mas expulsar, repudiar, rejeitar, reprimir o enunciatário. Logo, é outro gênero textual; no caso, o exorcismo ou a oração exorcista.

⁷⁹ Esquema construído com base na recorrência apresentada nas 31 pregações examinadas.

Cumprido comentar que, em geral, as gravações fazem parte de um contexto discursivo mais amplo, o culto. Logo, dentro desse contexto (que pertence à esfera religiosa), há inúmeros gêneros de texto (pregação, testemunho, cântico, saudação, oração, mensagem, louvor, avisos e recados, apelo, agradecimentos, bênção, salmos, hinos, provérbios, parábolas, entre outros), diferentes interlocutores, objetivos, entre outros. Contudo, analisamos aqui unicamente as pregações de determinados pastores, tendo sido ignoradas demais partes dos cultos, a não ser que elas fizessem parte da pregação do pastor, como acontece com o testemunho, a oração, o cântico e outros, os quais, nesse contexto, funcionam como uma importante estratégia argumentativa utilizada pelos pastores. Resumidamente, temos o seguinte:

Quadro 4: Algumas características do gênero textual falado pregação⁸⁰

GÊNERO TEXTUAL FALADO PREGAÇÃO	
Características Contextuais	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prática social: convencimento dos interlocutores não convertidos a aceitarem determinada fé; reforço da fé dos interlocutores já convertidos. ▪ Gênero falado, de caráter religioso, presente na esfera religiosa ou teológica, também presente na esfera evangélica e católica de vertente carismática. ▪ O texto fundador e a principal fonte de informação é a Bíblia. ▪ Espaço físico: especialmente, igrejas e templos religiosos; no entanto, pode ocorrer em outros locais em que se realizam cerimônias religiosas, em geral devido à grande aglomeração de pessoas que desejam participar da cerimônia. ▪ Espaço midiático: televisão, rádio e internet. ▪ Suporte físico: cultos religiosos evangélicos. ▪ Suporte midiático: páginas eletrônicas das Igrejas e <i>Youtube</i>. ▪ O gênero circula em meios religiosos e canais de rádio e televisão religiosos, além de ser muito comum na internet. ▪ Tempo: as pregações podem ser realizadas diariamente ou 2x, 3x, 4x, 5x e 6x por semana. Há comunidades religiosas em que há duas pregações diárias, e elas ocorrem no mínimo uma vez por semana. ▪ A pessoa física que prega é, em geral, um pastor, considerado o representante de Deus na Terra. ▪ Os destinatários são, em geral, os fiéis ou aqueles que desejam se converter a determinada fé, ou seja, eles assumem o papel de alguém que quer ou precisa mudar de vida e, assim, converter-se a uma Igreja. Ele também assume o papel do sujeito que, tendo se convertido, precisa “abastecer” sua fé ou renovar/modificar o seu caráter. ▪ O conteúdo temático (ou supertópico) é Deus ou Jesus Cristo e sua Palavra. Os subtemas (ou tópicos) são variados, tais como: fé; vida; cura; salvação (céu) e perdição (inferno) etc. ▪ A finalidade da pregação é apresentar a Palavra de Deus aos homens, a fim de convertê-los ou de reforçar sua fé em Deus, mantendo-os disciplinados na fé. Outro objetivo da pregação é moldar/forjar o caráter dos fiéis. 	

⁸⁰ Para a construção desse quadro, utilizamos o dispositivo didático para a modelização de gênero recomendado por Barros (2012). O dispositivo encontra-se anexo a esta tese (ANEXO C).

- A relação entre os interlocutores é de ordem afetiva, hierarquicamente marcada por níveis de poder: o enunciador (Deus) representa o poder supremo, o locutor (pregador) é o representante desse poder na Terra, o destinatário é aquele que, tocado pelo poder de Deus, reconhece-o como seu Senhor, portanto, o destinatário está na posição mais baixa da relação.

Características composicionais

- Gênero argumentativo *stricto sensu* da ordem do expor argumentativo, pertencente ao discurso misto interativo-teórico.
- Construído, em geral, em primeira pessoa do singular.
- O locutor se dirige ao locutário de maneira informal, muitas vezes afetiva.
- A pessoa do locutor está clara por se tratar de um texto falado, seu papel social também é reconhecido e aceito pelos interlocutores.
- Nas pregações *in loco*, não é necessário explicitar o tempo e o espaço da produção, uma vez que a situação comunicacional os apresenta, mas podemos fazê-lo por meio do discurso. Contudo, em meio digital, essas informações são contextualizadas de maneira explícita.
- Construção composicional: saudação, leitura bíblica, desenvolvimento em torno de um texto bíblico ou tema, oração e/ou bênção.
- Trata-se de um gênero textual com mescla de gêneros, especialmente de oração, bênção, testemunho, propaganda e exorcismo.

Fonte: Da autora.

Acreditamos que, além de todos os recursos já apresentados, as características da língua falada são também elementos altamente persuasivos. Assim, a seguir, apresentamos essas características, reafirmando a pregação como um gênero textual falado.

CAPÍTULO 3: INTERAÇÃO VERBAL & LÍNGUA FALADA⁸¹

A boca do tolo é a sua própria destruição, e os seus lábios um laço para a sua alma. (Provérbios 18:7)

A partir da década de 1970, os estudos do texto deslocam a atenção para o “processo”, o que torna viável a incorporação da **língua falada** aos estudos da linguagem, pois “já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta” (KOCH, 2009, p.13-14). Com isso, o foco deixa de ser no “produto da interação verbal” e se desloca para o “evento”, que podemos compreender como texto, discurso ou como a interação em si. Assim, fazemos uso do conceito de interação, mais especificamente de **interação verbal falada**, que é uma prática cotidiana e necessária ao homem, já que é por meio dela que interagimos com outras pessoas, com a sociedade e com o mundo.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p.62), “toda interação verbal pode ser concebida como uma seqüência de eventos cujo conjunto constitui um ‘texto’, produzido coletivamente num contexto determinado”. Bakhtin (2006, p.125), por sua vez, afirma que “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. Para Marcuschi (2006, p.14), é a atividade habitual de comunicação, podendo ser entendida como “a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”. Brait (1997, p.194) a define como sendo “um componente do processo de comunicação, de significação, de

⁸¹ Cumpre comentar que nem toda interação verbal é falada e que nem toda interação verbal falada é face a face (caso das interações telefônicas, de alguns tipos de comunicação mediada por computador e outros).

construção de sentido e que faz parte de todo ato de linguagem”. Corroborando essa perspectiva, Bakhtin (2006, p.125) afirma que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.

Esse fenômeno sociocultural implica uma interação entre seus participantes, os quais se influenciam mutuamente. Falar é, portanto, trocar e mudar na troca, isto é, alternar os papéis de falante e de ouvinte, pois na interação falada os papéis de falante e ouvinte são intercambiáveis (Figura 16). Contudo, existe, nos diferentes tipos de interação, manifestação de poder, especialmente, nas interações assimétricas.

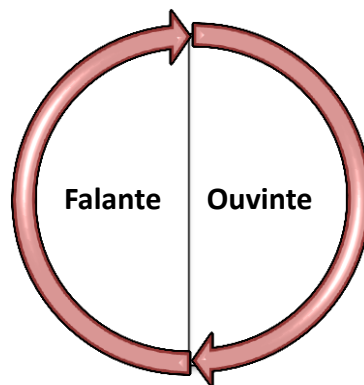


Figura 16: Intercâmbio nos papéis de falante e ouvinte
Fonte: A autora.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p.14 - grifos da autora), “**as conversações são geralmente consideradas como a forma prototípica**” da interação verbal. São, portanto, o exercício mais comum da linguagem. São o mais fidedigno exemplo de comunicação, pois, além de possibilitar a resposta imediata, apresentam *dialogicidade*. De acordo com Rodrigues (1997, p.18), a conversação é um evento de fala especial, pois “corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção para a tarefa

comum, que é a de trocar idéias sobre determinado assunto”. Contudo, as interações verbais orais não se limitam ao gênero textual conversação (face a face ou digital). Elas se realizam mediante diferentes gêneros, tais como as pregações, as entrevistas, as exposições orais, os debates e muitos outros. Algumas interações, como os cultos religiosos, são construídos por meio da união coerente de diversos gêneros, como a pregação, o testemunho, a leitura da Palavra e outros.

Os interactantes compõem os sujeitos da interação e, ao interagirem, desenvolvem-na. Para isso, estão munidos de conhecimentos vários, entre eles os sociais e culturais que regulam a troca comunicativa. Logo, para que a interação se efetive coerentemente, são requisitados dos interlocutores conhecimentos compartilhados, enciclopédicos e interacionais (KOCH; ELIAS, 2006). Inclusive, para haver a interação, a intenção de interagir com outros indivíduos é imprescindível, porque a sua ausência abala o desenvolvimento do tópico discursivo (assunto, aquilo acerca de que falamos na interação), que, por sua vez, é criado e recriado no decorrer da interação. A fim de mantê-la, consideramos imprescindível o envolvimento entre os interlocutores, que é característica importante das interações faladas.

Desse modo, a interação verbal falada é um evento colaborativo, já que nela estão envolvidos os participantes do ato interacional. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006), não é suficiente que os interactantes alternem suas falas para a troca comunicativa, mas que estejam engajados nessa troca e que sinalizem seu engajamento, de modo a validar a interação. Para que ela exista, é fundamental, portanto, que duas ou mais pessoas manifestem a intenção de entrar em contato umas com as outras, o que implica cumplicidade e solidariedade. Isso porque “a oralidade⁸² é um sistema simbólico de expressão, ou seja, um ato de significado dirigido de um ser humano a outro ou a outros, e é talvez a característica mais significativa da espécie” (MURO, 2014, s/p – tradução nossa)⁸³.

⁸² Neste trabalho, consideramos língua falada e oralidade como sinônimos quando se trata de traduções. No entanto, assumimos a postura segundo a qual a oralidade é mais abrangente, abarcando a fala, pois um texto pode ser oral sem ser falado, já que a fala exige interação e espontaneidade.

⁸³ No original “*La oralidad es un sistema simbólico de expresión, es decir un acto de significado dirigido de un ser humano a otro u otros, y es quizás la característica más significativa de la especie.*”

Logo, os envolvidos na interação devem estar dispostos, naquele momento, a interagir, preocupando-se com o acontecimento. A falta de comprometimento de um dos participantes interfere negativamente no desenrolar da interação linguística, pois aquele que está desinteressado deixa de lado fatores essenciais à interlocução, como o monitoramento, que constitui uma atividade ininterrupta, permanente e flui diretamente da tensão que caracteriza o texto conversacional em suas diversas modalidades. Trata-se de uma atividade de fiscalização e acompanhamento da interação em si e do interlocutor que os interactantes desempenham durante a interação.

Segundo Rodrigues (1997), o fenômeno de envolvimento, característico da língua falada, abrange, inicialmente, o envolvimento dos interlocutores com o tópico conversacional, o que explica o processo de construção e desenvolvimento da interação, que é um trabalho cooperativo, “a duas vozes”, pois, sem a participação dos interactantes, não há interação. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p.11 - grifos da autora), “na interação face-a-face, o discurso é inteiramente ‘co-produzido’, é o produto de um trabalho colaborativo incessante”. O falante não o produz independente de seu interlocutor, não pode ignorá-lo. O ouvinte, por sua vez, não pode deixar de contribuir com o diálogo, fornecendo ao seu interlocutor as “pistas” (verbais ou não verbais) necessárias ao desenrolar da interação.

Devido a isso, a interação entre os interlocutores não se faz apenas verbalmente, mas também por meio da demonstração de interesse em falar e ouvir e também em compreender. Essa participação é indicada tanto por meios linguísticos (palavras ou expressões, elementos não lexicalizados, marcadores suprasegmentais) quanto por meios cinésicos e/ou gestuais (olhar, movimentos de cabeça, sorriso, postura, entonação de voz e outros). De acordo com Silva (2001, p.130), “a ausência deles implica perturbações no comportamento do locutor e acaba interferindo na boa comunicação”. Cabe a nós enquanto ouvintes reagir de forma a mostrar ao outro como nos sentimos perante a interação e a ele.

Para Silva (2001), na interação verbal, por razões convencionadas social e culturalmente, cada interlocutor tem, em dado momento, a sua vez de falar: alternam-se, assim, os papéis transitórios de falante e de ouvinte. O falante é aquele

que, em um certo instante, assume a função de condutor principal do diálogo e torna-se o responsável pelo desenvolvimento do tópico em andamento, podendo dar-lhe continuidade, redirecioná-lo ou abandoná-lo. Desse modo, conforme o autor salienta, em uma interação, essas atribuições dos participantes podem ser determinadas previamente, de modo a existir interações simétricas, em que os papéis são alternados, sem a prévia determinação desses, e interações assimétricas, nas quais as funções conversacionais são apontadas tanto para o falante quanto para o ouvinte, cabendo àquele conduzir o tópico discursivo, desenvolvê-lo, modificá-lo ou encerrá-lo e ceder o turno⁸⁴ ao seu interlocutor, o qual, ao assumir e iniciar o seu turno, deixa de ser ouvinte e passa a ser, naquela ocasião, o falante.

Falante e ouvinte, em interações simétricas, intercalam, portanto, as suas intervenções, as quais não são predeterminadas. Já nas interações assimétricas, pregações, por exemplo, as funções não se interpolam. Porém, o ouvinte nunca é um simples espectador como afirma o esquema tradicional de comunicação (emissor - receptor), já que o falante não apenas deseja que o seu interlocutor alterne os momentos de fala consigo, mas, ao falar, anseia ser ouvido e compreendido (SILVA, 2001). Assim, a interação verbal falada pressupõe, da parte de quem fala, o desejo de ser ouvido e, da parte de quem ouve, a predisposição de ouvir e compreender.

Cabe ressaltar que falante e ouvinte sempre contribuem para a interação, pois o ouvinte deve saber como desenvolver o tópico e, também, como monitorá-lo, a fim de manter a interação e a coerência. Além disso, os interlocutores precisam compartilhar conhecimentos para que possam interagir. Assim, seria um equívoco desconsiderar ou minorar a importância do ouvinte para a interlocução, pois a sua “simples” (simples, porém não simplória) presença já lhe confere um papel ativo na interação, visto que o falante não pode deixar de levá-lo em conta. Além disso, o

⁸⁴ O conceito de turno foi estabelecido inicialmente por Galembeck, Silva e Rosa (1990). Segundo Galembeck (1997, p.60), turno é “qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão”. Essa concepção “valoriza todas as intervenções dos interlocutores, tanto aquelas que possuem valor referencial ou informativo (ou seja, que desenvolvem o assunto tratado num fragmento do diálogo), como aquelas intervenções breves, sinais de que um dos interlocutores está ‘seguindo’ ou ‘acompanhando’ as palavras do seu parceiro conversacional”. Fávero, Andrade e Aquino (2007, p.35) definem turno estruturalmente como sendo “a produção de um falante enquanto está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio”.

ouvinte orienta todo o tempo o falante, de forma que esse possa modificar a condução do tópico para deixá-lo mais claro ao ouvinte, o qual, então, interfere na sua formulação. Por conseguinte, tanto o ouvinte quanto o falante participam, ativamente, da interação.

É importante lembrar que a participação do ouvinte pode se dar explícita ou implicitamente. A sua participação implícita ocorre com a sua “singela” – porém não passiva – presença. Quando explícito, o ouvinte apresenta sinais de atenção, de modo a mostrar ao falante o seu interesse (ou não) acerca do tópico em desenvolvimento. Contudo, são raras as participações unicamente implícitas dos ouvintes, pois eles buscam o tempo todo sinalizar a sua participação, colaborando para a coesão e a coerência da interação. Em pregações, por exemplo, os fiéis recorrem ao emprego de marcadores conversacionais para sinalizar sua concordância e para mostrar exultação.

Além disso, os elementos não linguísticos ou paralinguísticos, decorrentes do contexto discursivo, são muito importantes para a interação, pois “a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.)” (BAKHTIN, 2006, p.126). Entre esses elementos, podemos citar os gestos, os meneios de cabeça, a aparência, a movimentação do corpo, os risos, a expressão facial, entre outros.

Em relação ao nosso *corpus* de análise, as pregações são interações assimétricas, cujos pastores são os falantes principais, são os organizadores da interação, que, embora se realize oralmente, apresenta também traços da língua escrita, haja vista o pastor planejar antecipadamente o tópico da pregação. Isso não exclui a existência de marcas da oralidade nesse contexto, pois, mesmo com esse planejamento prévio, o discurso do pastor apresenta características da língua falada que corroboram a argumentação do discurso religioso. Dentre elas, cabe salientar o contexto partilhado entre os interlocutores, o envolvimento do ouvinte e as marcas do planejamento linguístico e, por conseguinte, as marcas que derivam dessas três características principais, como podemos perceber na análise e discussão dos dados. Outra marca importante do *corpus* é a força argumentativa presente no discurso religioso. Desse modo, é necessário discutirmos a argumentação endossada pelas

marcas da fala nesse discurso de cunho falado, mais especificamente em pregações, o que fazemos no capítulo de análise.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA FALADA

Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo. (Provérbios 25:11)

Antes de caracterizar a língua falada (doravante LF), é preciso defini-la. Segundo Marcuschi e Dionisio (2007, p.71),

Língua falada é toda a produção lingüística sonora dialogada ou monologada em situação natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais em condições de proximidade física, ou por meios eletrônicos tais como rádio, televisão, telefone e semelhantes.

Todavia, como ressaltam os autores, não cabe enfatizar demais essas características em contraste com outras, haja vista existirem comunicações, como os bate-papos na internet, que apresentam muitas dessas características, mas cujo meio de produção é escrito (trata-se de escrita teclada). Segundo Marcuschi (2007c, p.40), “a fala seria uma forma de produção textual-discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano”.

Para Marcuschi e Dionisio, a LF se realiza por meio de gêneros de texto autênticos e naturais, formais ou informais, realizados em tempo real. Além disso, seus gêneros podem ser prototípicos (conversações face a face) ou não prototípicos (conversas telefônicas, pregações, palestras, entrevistas, aulas etc.) (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007). Consoante Muro (2014), a principal função da língua falada é permitir as relações sociais, porque grande parte delas se realizam por meio da LF, tanto que elas muitas vezes acabam quando deixamos de falar com alguém.

Definida a LF, é momento de caracterizá-la. A LF apresenta três características básicas (GALEMBECK, 1999; RODRIGUES, 1997), quase determinantes de sua existência e caracterização, quais sejam: a) a ausência de um planejamento anterior, mas a ocorrência de um **planejamento local**; b) a existência de um **espaço ou tempo comum partilhado entre os interlocutores**; c) **o envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto da conversação** (grifos nossos). Essas três características funcionam como condições de produção da LF, sendo indispensáveis para sua produção. Tanto que, dessas três características, derivam todas as demais da língua falada, tais como a necessidade de monitoramento da interação, a presença de marcadores conversacionais, de digressões, parênteses, paráfrases, correções, hesitações, truncamentos, repetições e muitas outras marcas. Logo, verificamos que a LF apresenta três características fundamentais ou condições de produção e inúmeras características derivadas ou consequentes, as quais são resultado ou condição das três principais. Corroborando essa perspectiva, Andrade (1998, p.2) afirma que “as marcas características da construção do texto falado decorrem do vínculo que se estabelece entre falante e ouvinte no momento da interação face a face”.

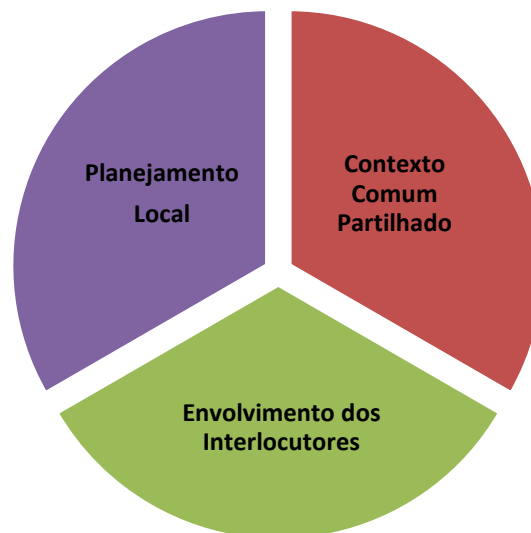


Figura 17: Principais características da língua falada (condições de produção)

Fonte: A autora.

Como dito, uma das causas para a presença de elementos como os citados na língua falada é o contexto comunicacional. Castilho (1998, p.16), com base

na teoria do dialogismo de Bakhtin, afirma que “a linguagem humana é fundamentalmente dialógica [...], na LF os usuários estão em presença, e a construção do enunciado se ressent de maneira acentuada da interação que aí se desencadeia”. Isto é, interação falada pressupõe uma identidade temporal e, muitas vezes, uma identidade espacial, ao que corresponde o engajamento dos interlocutores na construção do texto falado (GALEMBECK, 1999). Corroborando essa perspectiva, Koch (2006a, p.46) afirma que

Durante o processo de produção do texto falado – salvo exceções como a conversa telefônica, gravações, programas radiofônicos e de televisão, por exemplo –, os interlocutores se encontram *in praesentia*, num mesmo tempo, e partilham um mesmo espaço físico, onde estão presentes muitos dos referentes de que o discurso irá tratar.

Isso se deve ao fato de a língua falada ser produzida socialmente, em meio a uma interação em que há, no mínimo, dois interlocutores (CAMPOS, 1989). Assim, os interactantes envolvem-se no planejamento do texto conversacional, alterando os rumos da interação, que ocorre devido ao contexto. As pregações analisadas neste trabalho ocorrem em dois tipos de espaço físico principais: igreja, durante cultos, ou estúdios de gravação. A maioria das pregações estudadas ocorreram durante cultos em igrejas (maioria das pregações de Edir Macedo, R. R. Soares e Silas Malafaia) ou ao ar livre (maioria das pregações de Valdemiro Santiago).

Contudo, essas pregações estão disponíveis no ambiente digital, porque, como é sabido, as tecnologias têm favorecido comunicações virtuais (ou digitais) e midiáticas, para as quais a presença *in loco* dos interlocutores é prescindível. É o que ocorre, por exemplo, com conversações digitais (comunicações mediadas por computador) e com pregações midiáticas. Nesse último caso, mais especificamente, existem duas possibilidades de participação dos interlocutores (no caso, os fiéis): primeiro, em cultos ou sessões gravadas com presença de auditório; segundo, o interlocutor não se encontra *in loco*, mas está em sua residência e assiste à pregação por meio de televisão ou computador, pode ainda acompanhá-lo por rádio. Trata-se, por conseguinte, de interações virtuais ou à distância.

Se, nas interações faladas face a face, o texto é transmitido de imediato ao interlocutor, o qual está determinado (não é um sujeito que supomos, ele está presente, é a ele que o nosso texto/ discurso se dirige e se contextualiza), nas interações midiáticas ou virtuais, contudo, ele é pressuposto, mas há sempre laços afetivos ou formais que os unem. No caso das pregações em análise, o que une seus participantes é a fé em comum: todos os interlocutores (pastores, fiéis e outros) congregam da mesma fé, por isso interagem. Não conhecendo profundamente seu interlocutor, o falante pressupõe quem ele seja com base nas informações contextuais de que dispõe, no auditório que deseja atingir e nos objetivos que busca alcançar. Além do mais, a interação do interlocutor com o discurso falado virtual pode ocorrer tempos depois de sua realização. Exemplo disso é o fato de termos acesso a pregações meses/anos depois de elas terem ocorrido. Ainda que se trate de língua falada, devido ao seu registro, o momento de realização e de interação com o discurso podem ser distintos e até distantes. Segundo Berruto (1985), a LF, em relação à distância, é comunicada mesmo na presença de obstáculos entre os interlocutores.

Essa característica aproxima de certa maneira a língua falada virtual da língua escrita, em que o momento de planejamento e construção do texto é diferente do momento de interação com interlocutor, que, em ambos os casos, é pressuposto, variado e incontrolável. Não podemos controlar ou limitar a interação entre o texto escrito e o “texto falado registrado” com seu leitor/ouvinte, porque ele pode voltar ao texto e vê-lo, revê-lo e reanalisá-lo quantas vezes desejar, quando e como quiser. Está nisso talvez um dos grandes fascínios das interações midiáticas e virtuais: elas tornam a aproximar fala e escrita, corroborando ainda mais a perspectiva de um *continuum* em que os textos podem ir do mais falado para o mais escrito, sem, contudo, deixar de apresentar característica do discurso oral.

Cabe salientar que, embora a presença dos fiéis possa ser virtual, o falante (pastor) não pode ignorá-los. Dessa maneira, eles também exercem influência na interação, que precisa ocorrer em conformidade com as expectativas e os desejos do auditório virtual, mantendo-se, conseqüentemente, a audiência. Devido à influência que o auditório (*in loco* ou virtual) exerce na interação, o contexto conversacional é construído no decorrer da própria interação, de modo que o falante monitora seu

discurso constantemente, a fim de atingir seus objetivos e manter a atenção de seu público; para isso, o falante rearranja seu discurso todo o tempo, haja vista o planejamento da fala não ser determinado previamente.

Segundo Rodrigues (1997, p.20), o texto falado não apresenta planejamento prévio, mas é planejado localmente, como uma “atividade administrada passo a passo”, porque “nós falamos num tempo real e num fluxo contínuo” (RISSO, 1994, p.58). Castilho (1998, p.19) assinala que

É habitual reconhecer a existência de duas fases constitutivas da linguagem: uma fase de planejamento, pré-verbal, de natureza cognitiva, em que selecionamos o que vai ser dito e analisamos as condições da interação para a veiculação do que vai ser dito, e uma de execução, ou fase verbal, em que codificamos através do léxico e da gramática as idéias consideradas adequadas àquele ato de fala.

Marcuschi (2007b, p.62) afirma que a fala também apresenta planejamento, pois “todo o funcionamento lingüístico, por mais espontâneo e informal que seja, segue algum tipo de planejamento, pois, quando falamos, seguimos regras e não podemos fazer qualquer coisa”. Consoante Castilho (1998), o planejamento e a execução da linguagem, na língua falada, são praticamente concomitantes e “se dão numa situação discursiva plena, isto é, com todos os usuários em presença [ainda que virtual], o que interfere diretamente na organização e execução dos atos de fala”. Assim, para Rodrigues (1997), planejamento e realização do discurso coincidem no eixo temporal ou são, praticamente, simultâneos, de modo que “a língua falada apresenta o fenômeno como processo⁸⁵” e “a língua escrita apresenta o fenômeno como produto⁸⁶” (HALLIDAY, 1989, p.81 – tradução nossa). Cabe considerar que os autores citados retomam as mesmas ideias, o que denota coesão no que entendemos por planejamento na LF.

Ochs (1979) apresenta quatro níveis de planejamento: i) falado não planejado; ii) falado planejado; iii) escrito não planejado; e iv) escrito planejado. Como a pregação apresenta planejamento temático e organizacional, ela é um texto falado

⁸⁵ No original: “*Spoken language represents phenomena as process*”.

⁸⁶ No original: “*Written language represents phenomena as products*”.

com algum planejamento, porém não podemos afirmar que haja formulação verbal totalmente planejada em textos falados, mas que o planejamento ocorre localmente, em simultaneidade à execução da falada. Devido a isso, segundo Galembeck (1999, p. 109), a língua falada apresenta “um caráter fragmentário, que pode ser verificado tanto no plano de construção da frase ou enunciado como no da sequência de assuntos”.

Um aspecto salientado por Fávero, Andrade e Aquino (1994) é a questão do tempo, que, segundo elas, concentra a diferenciação entre fala e escrita e, além disso, interfere significativamente no planejamento e na estruturação do texto, em especial do texto falado, o qual, em decorrência, apresenta-se com maior fragmentação, como comentado anteriormente. Segundo Campos (1989), Chafe (1982) e Rodrigues (1997), a fala produz-se bastante rapidamente e ocorre em curtas frações de tempo, “não havendo espaço temporal para o planejamento e a organização das idéias, para a escolha dos vocábulos, para as correções, enfim todo aquele trabalho prévio de reflexão que existe na língua escrita” (CAMPOS, 1989, p.203). Dessa característica resulta a fragmentaridade sintática da língua falada, isto é, a fala apresenta-se aos borbotões, aos “jatos” (CHAFE, 1988; GALEMBECK, 1999; RODRIGUES, 1997), o que leva a repetições, retomadas, truncamentos, correções, hesitações, alongamentos, emprego de marcadores conversacionais, grande ocorrência de pausas, emprego reduzido de conectivos concatenando as unidades de ideia (CHAFE, 1985) e vários outros, como podemos notar no exemplo que segue.

EXCERTO 26

SMA.: a questão:... não é você sabê que você tem direito a promessas de Deus...a questão:... é Como você pode obtê-las... ((pausa longa)) aqui que é que tá o segredo... porque SABER... dizem os estudiosos... que existem mais de trinta mil promessas na bí-bli-a... e elas são para mim e para você... então:... O QUE É QUE É QUE EU TENHO QUE FAZEER... PRA ME APOSSAR:... DAS PROMESSAS... que eu tenho direito... ((pastor fala isso batendo sobre seu peito com a mão direita aberta)) aí você precisa a-pren-DEER:: os princípios:: de Deus:: para você botá as mãos nas promessas... ((pausa longa)) o fundamental... não é você SABER... que você tem direito às promessas... o fundamental... é você SABER... os PRINCÍPIOS... para se APOSSAR... das promessa... cê tá pronto?... então eu vou te dar aqui... alguns princípios... e dizer pra você... algumas coisas... relativas... às promessas de Deus... eu quero ler... segundo Coríntios... capítulo um... versículo vinte... olha o que diz o texto...

Nesse excerto, observamos claramente o que Chafe (1988) chama de “jatos”, sendo possível ligar a noção de planejamento à de fragmentação sintática, que foi sugerida por Chafe (1988), o qual assegura que a língua falada espontânea é produzida aos “jatos”, aos “borbotões”, que são unidades de ideia com um contorno entonacional típico e limitadas por pausas. Segundo Galembeck (1999, p.109), cada um dos jatos equivale a uma parte do enunciado, a qual está relativamente isolada das demais, não havendo muitas vezes conectivos tecendo a amarração do texto. Castilho (1998, p.16-17) ressalta:

Na LF, locutor e interlocutor assumem a coautoria do texto, que vai sendo gerado numa forma interacional, obrigando ambos a uma sorte de co-processamento sintático. [...] Uma das conseqüências é que o texto da LF é rico em descontinuações e o interlocutor deve a todo momento preencher vazios.

Assim, a língua falada, muitas vezes, apresenta “descontinuações sintáticas, com a omissão de categorias sintáticas (como a preposição), de constituintes de sintagma (como o núcleo do sintagma nominal) e de categorias funcionais (como o sujeito e o objeto)” (CASTILHO, 1998, p.18). Outro aspecto notado por Castilho (1998, p.18) é a “categoria vazia” (\emptyset), que ocorre nas interações bastante espontâneas e mais vinculadas à situação. Nelas, o núcleo da unidade não é preenchido, e o interlocutor o completa em uma atividade colaborativa. Além dessas, devido ao planejamento local, são comuns na LF anacolutos, segmentos epilinguísticos, paráfrases, alguns marcadores e negações “de dicto” (os quais podem ocorrer por negação do verbo utilizado, por negação do argumento do verbo) e outros (CASTILHO, 1998).

Portanto, na língua falada, planejamento e realização verbal se dão de modo simultâneo ou praticamente simultâneo, o que deixa explícitas as suas marcas de construção, como podemos verificar no excerto anterior, em que são comuns pausas (representadas pelas reticências), repetições, ocorrências de elevação do tom de voz, de silabação e de marcadores discursivos (“aí”, “então”) e presença reduzida de conectivos (especialmente de conjunções subordinativas). Esse aspecto se deve ao fato de que é “o discurso e não a sintaxe que faz a ligação entre os elementos” no texto

falado, nos quais, desse modo, há “o predomínio da coordenação sobre a subordinação, o pouco uso de orações adjetivas e a falta de conexão entre os elementos da oração” (CAMPOS, 1989, p.212). Isso se deve ao modo distinto com que o falante, na modalidade falada, emprega os recursos linguístico-discursivos e gramaticais disponíveis nas línguas.

Fávero, Andrade e Aquino (1994) argumentam que outra consequência dessa condição de produção na língua falada é o fato de ela apresentar, do ponto de vista linguístico, grande liberdade na construção e estruturação dos enunciados, tanto em relação ao caráter local (unidade sintática) quanto ao global (inter-relacionamento de tópicos); serem mais frequentes as expressões generalizadoras (ex.: “coisa”, “gente” etc.) e os elementos contextualizados, especialmente expressões dêiticas de referência a tempo, espaço e pessoa. Esse aspecto pode ser notado no próximo excerto (27), em que percebemos: a) dêiticos de pessoa (“eu”, “você”, “nós”); b) nome generalizador (ex.: “coisa”); c) maior liberdade de estruturação sintática; isso só para citar algumas ocorrências em um pequeno trecho da interação.

Além disso, conforme assinalado por Chafe (1985) e Campos (1989), a interação social é fator imprescindível para a realização da língua falada, sendo, até, anterior ao planejamento. Assim, outra característica muito importante da LF é o envolvimento entre os interlocutores. Isso porque, em contextos orais, nós, no papel de falantes, regulamos a nossa linguagem em relação aos ouvintes e em função deles, de modo que podemos elidir formas linguísticas quando percebemos a intercompreensão do que foi dito, alterar a estrutura frásica durante sua construção a partir de um sinal de incompreensão, inserir informações adicionais e subsidiárias quando se nota a necessidade (RISSO, 1994). Para Grice (1975), o princípio da cooperação é preceito fundamental que rege a comunicação, pois os interlocutores cooperam consigo, com o outro e com a própria interlocução, para que essa ocorra da melhor maneira. Logo, eles dialogam, sempre e preferencialmente, a respeito de um mesmo tópico (assunto). Com isso, o texto falado realiza-se por meio de um trabalho cooperativo (falante e ouvinte(s)), ou seja, um trabalho cooperativo entre os interactantes, construído a “duas vozes” (RODRIGUES, 1997), como podemos perceber no excerto que segue, que

mostra a participação ativa dos fiéis em uma interação assimétrica, cujo domínio da palavra é dado ao pastor, o que não os impede de participarem com e sem tomada de turno (intervenção do interlocutor, vez de fala). No trecho, verificamos que os fiéis são “convidados” a participar da pregação e aceitam o convite, colaborando para a construção do texto falado e, por conseguinte, da sua significação. Com certeza, para os envolvidos na interação transcrita, esse chamamento contribui para envolver e emocionar o auditório, que, por se sentir parte daquele grupo, daquele culto, torna-se mais vulnerável a aceitar o discurso do outro (o pastor) e a aderir ao seu pensamento e, no caso, sua Igreja.

EXCERTO 27⁸⁷

VAL.: [...] eu e você¹ somos chamados de louco... doido... e não pode entendê-las... porque ela se discerne espiritualmente... porém... o homem espiritual julga todas as **coisas**²... mas ele mesmo não é julgado por ninguém... pois quem conheceu a mente do Senhor... que o possa instruir?... nós¹ porém... temos:... a mente... de Cristo (**fiéis**) ((palmas))... éh... PÉRA/ESPERA AÍ péra/espera aí péra/espera aí... nós¹ temos o que mesmo de Cristo?

FIÉIS: mente...

VAL.: o que é que é mente?

FIÉIS: coração...

VAL.: o que é coração?

FIÉIS: mente...

VAL.: não... não volta não... CORAÇÃO é o quê?

FIÉIS: pensamento...

VAL.: pensamento... e pensamento é o quê?

FIÉIS: mente...

VAL.: você¹ é o que você¹ pensa... você¹ é o que você¹ pensa... o que você¹ pensa é o que você¹ é... se você¹ pensa “eu¹ sou doente” então você¹ é doente... se você¹ pensa “eu¹ esTOU doente” então você¹ está doente... se você¹ pensa “eu¹ estou acabado” então você¹ está acabado... você¹ pode estar por um fio... se você¹ pensa “eu já venCI... eu¹ já conseGUI” então você¹ conseguiu... (**fiéis**) ((palmas))... .. você¹ quer ver uma coisa? quem já ouviu falar do Josué?... e do Moisés?... quem é o maior Moisés ou Josué?... Moisés é claro... Moisés... era SERVO... (**fiéis**)... completa por favor... me ajuda aí vocês¹ não estão vendo como é que está? ((a garganta))... Moisés era serVO?³

FIÉIS: de Deus...

Pr. Valdemiro Santiago – Pregação 02 – L. 273-294

⁸⁷ Legenda:

1= Dêitico de pessoa (ex.: eu, você, nós).

2 = Nome generalizador (ex.: coisa).

3 = Liberdade de estruturação sintática.

No início do excerto, o falante coloca-se no mesmo nível que o seu interlocutor, não se trata de um “eu” que apresenta um monólogo, mas de um “nós” (“você(s) e eu”): nós que não somos compreendidos, que “*somos chamados de louco... doido...*”, o que, necessariamente, não importa, pois não fazemos parte desse mundo, estamos aqui para convertê-lo, para mudá-lo, porque “*o homem espiritual julga todas as coisas... mas ele mesmo não é julgado por ninguém... pois quem conheceu a mente do Senhor... que o possa instruir?...*”, não somos desse mundo, estamos nesse mundo, somos “seres espirituais”. Nesse momento, o pastor envolve o auditório por meio da projeção de uma imagem de igualdade, de pertencimento a Deus (“somos todos iguais, pertencemos ao mesmo grupo, somos homens espirituais”) e de afastamento do mundo⁸⁸, que leva à emoção, angariando a fé e a confiança dos fiéis. Essa emoção é reiterada pela escolha lexical, em termos como coração. No fim do trecho, o falante focaliza o seu interlocutor, o que pode ser observado pela reiteração do pronome “você” (17 ocorrências em um turno contendo cerca de 120 palavras). Com isso, ele chama a atenção do auditório e não para si (apenas 5 ocorrências no mesmo turno), que passa a receber a mensagem com teor particularizado, criando-se um clima de maior proximidade, intimidade entre os interactantes⁸⁹. Observamos que todas as ocorrências de “você” estão no singular, de modo que o interlocutor do discurso sente que a mensagem é diretamente destinada a ele, o que aumenta o teor argumentativo e afetivo do discurso.

Chafe (1988, 1985) e Chafe e Danielwicz (1987) afirmam que há três tipos de envolvimento dos interlocutores durante o diálogo: a) envolvimento dos interlocutores com o tópico discursivo; b) envolvimento do falante com o ouvinte; c) envolvimento do falante consigo mesmo (**egoenvolvimento**). Segundo ele, “a língua falada contém indícios de envolvimento do falante com o público, bem como de envolvimento do orador consigo mesmo e , além disso, o seu envolvimento com a realidade concreta do que está sendo falado”⁹⁰ (CHAFE; DANIELWICZ, 1987, p.19).

⁸⁸ Discurso do afastamento. No quarto capítulo desta tese, retomamos essa discussão.

⁸⁹ Retomamos esse assunto no tópico 4.2 (*Estratégias argumentativas linguísticas e de textualidade*).

⁹⁰ No original: “*Spoken language contains indications of the speaker's involvement with the audience, as well as of the speaker's involvement with himself, and furthermore of his involvement with the concrete reality of what is being talked about*”.

Assumindo uma perspectiva dialógica do discurso como propõe Bakhtin (2006, 1997)⁹¹, consideramos que o ouvinte, por meio de uma atitude responsiva ativa, também se envolve na interação, com o outro e consigo mesmo, por isso, na verdade, trata-se de: a) envolvimento dos interlocutores com o tópico discursivo e com a interação em si (**envolvimento tópico-interacional**); b) envolvimento entre os interlocutores (**heteroenvolvimento**), ou seja, do falante com o ouvinte e do ouvinte com o falante; c) envolvimento do interactante consigo mesmo (**egoenvolvimento** ou **autoenvolvimento**).

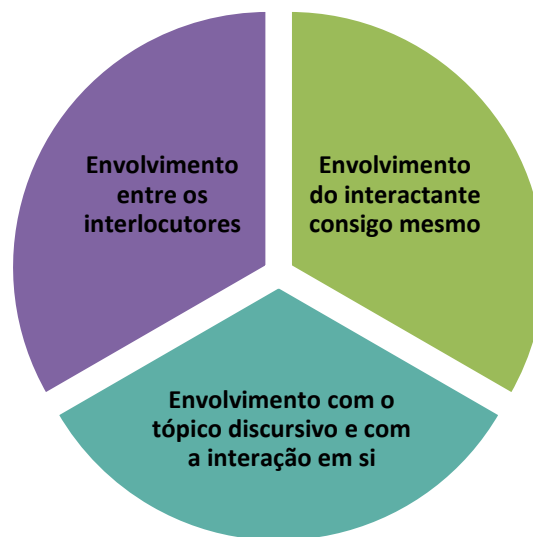


Figura 18: Tipos de envolvimento na língua falada
Fonte: A autora.

No heteroenvolvimento, são recorrentes marcas dêiticas de pessoa (primeira plural, segunda plural e singular) e também ocorrência de marcadores conversacionais, especialmente os de envolvimento do ouvinte, de busca de aprovação discursiva e de atenuação. No egoenvolvimento, as marcas de pessoas são relativas ao

⁹¹ “O ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor” (BAKHTIN, 1997, p.291 – grifos do autor).

falante; apresentam-se dêiticos de primeira pessoa singular e plural, especialmente os de singular, além de alguns marcadores.

As marcas do envolvimento dos interlocutores com o tópico e com a interação, em geral, são as paráfrases (recorrência do conteúdo, com alteração na forma), as repetições (reiteração de itens lexicais ou estruturas, sem alterações ou com alterações pouco significativas), as correções (reformulação do discurso a fim de resolver problemas, infrações e falhas, podendo-se anular ou substituir totalmente os enunciados⁹²), as inserções parentéticas (rápidos e breves desvios do tópico em andamento) e alguns marcadores conversacionais, especialmente os de atenuação.

Rodrigues (1997, p.24) aponta que perguntas e respostas constituem marcas de envolvimento dos falantes, uma vez que esse **par adjacente** ou **par dialógico**⁹³ ilustra o interesse dos participantes em manter a interação, envolvendo-os e monitorando seu entendimento e desejo em participação da interação. Aliás, elas “constituem mecanismos típicos de construção do texto conversacional”, pois quando interagimos verbalmente, em geral fazemo-lo por meio de perguntas e respostas ou então de asserções e réplicas (MARCUSCHI, 2006). Por isso, as perguntas, especialmente as retóricas, são bastante comuns em textos falados de cunho religioso.

Para Castilho (1998), ao interagir, os interlocutores se envolvem em pelo menos três estratégias: a) a **manutenção do turno conversacional**, em que o falante pode, por exemplo, usar pausas não muito longas preenchidas por meios fáticos (“ah”); b) o “**assalto**” ao turno, como, por exemplo, quando há sobreposição de vozes e um interlocutor apropria-se do turno do outro; c) e a **passagem consentida de turno**, na qual o processo mais habitual é de natureza não verbal (olhares, gestos, meneios de cabeça), mas há também processos verbais, como uma pergunta ou a utilização de marcadores conversacionais (né?, certo?). Essas estratégias intensificam a

⁹² Cf. Barros (1997); Fávero (2005).

⁹³ Par adjacente ou par dialógico é a sequência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação (MARCUSCHI, 2006). Na concepção de Castilho (1998, p. 44), “os pares adjacentes são dois turnos emparelhados”. Marcuschi (2006) apresenta-nos alguns exemplos de pares: pergunta-resposta; ordem-execução; convite-aceitação/recusa; cumprimento-cumprimento; xingamento-defesa/revide; acusação-defesa/justificativa; pedido de desculpa-perdão.

participação dos interactantes, de modo a envolvê-los, uma vez que a contínua troca de turnos dá dialogicidade e dinâmica ao texto falado.

O próximo quadro traz as principais características/aspectos da língua falada, as quais “não são aleatórios nem equívocos de produção linguística” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p.25).

Quadro 5: Características da língua falada

CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA FALADA	
PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS: condições de produção	CARACTERÍSTICAS DERIVADAS OU CONSEQUENTES: resultado das condições de produção
Planejamento local	Menor espaço temporal para organização das ideias, escolha lexical, correções e outros.
	Maior uso de elementos contextualizadores, especialmente os dêiticos de pessoa, espaço e tempo.
	Maior liberdade na estruturação sintática.
	Maior ocorrência de marcadores discursivos, especialmente os conversacionais ⁹⁴ .
	Maior frequência de expressões generalizadoras.
	De concepção oral e, geralmente, de meio sonoro ou de canal fônico-acústico ⁹⁵ .
	Maior velocidade de produção. A média de velocidade da língua falada (incluindo pausas) é em torno de 180 palavras por minuto.
	O texto apresenta-se “em se fazendo” (<i>in statu nascendi</i>), deixando transparecer o próprio processo de construção.
	Presença de pausas, repetições, retomadas, anacolutos, elipses, truncamentos, correções, inserções parentéticas, hesitações, alongamentos, segmentos epilinguísticos, paráfrases, negação de dicto, elipses, anacolutos, prolongamentos, reinícios, expressões hesitativas, falsos inícios, recuos, retoques e outros.
	Caráter fragmentário da sintaxe e construção por meio de “jatos”, aos borbotões, ou seja, por unidades de ideia com um contorno entonacional típico e limitadas por pausas.
	Informação menos espessa, densa.
	O fluxo discursivo apresenta descontinuidades frequentes.
Predomínio de orações curtas, simples ou coordenadas.	

⁹⁴ Distinção no próximo tópico, “Marcadores Conversacionais”.

⁹⁵ Isso às vezes não ocorre, ex.: as comunicações tecladas mediadas por computador apresentam concepção oral, mas meio gráfico. (Cf. MARCUSCHI, 2007a).

	<p>Impossibilidade de consulta a outros textos.</p> <p>Presença reduzida de conectivos concatenando as unidades de ideia, já que é o discurso que amarra o texto, não a sintaxe.</p>
Contexto comum partilhado	<p>Interlocutores interagem face a face ou virtualmente.</p> <p>Rápida e fácil identificação da fonte da mensagem.</p> <p>A mensagem pode ser comunicada ao mesmo tempo para um grupo de ouvintes diferentes.</p> <p>Emprego de recursos paralinguísticos (ou semióticos), como gestos, expressão facial, mímicas, meneios de cabeça, movimentos corporais e outros.</p> <p>Contexto extralinguístico pode interferir em sua produção.</p> <p>Não há possibilidade de apagarmos o dito nem os elementos do processo de construção da LF; sem a gravação, a mensagem é evanescente, dissipa-se no tempo e no espaço, podendo ser rapidamente esquecida.</p> <p>Os reparos são públicos, marcados e podem ser realizados tanto pelo falante como pelo ouvinte.</p> <p>Em geral, o falante pode observar o ouvinte e suas reações. Logo, ele tem acesso imediato ao <i>feedback</i> (retroalimentação, monitoração) do ouvinte.</p> <p>Abundância de elementos prosódicos e de signos semióticos.</p> <p>Geralmente, o processamento acontece em tempo real, ou seja, comunicação síncrona⁹⁶ na maior parte das vezes.</p> <p>Maior vinculação situacional.</p> <p>As coordenadas de espaço e de tempo já estão dadas pela própria situação de fala, não havendo, portanto, necessidade de explicitá-las.</p> <p>Necessidade de monitoramento da interação.</p> <p>A ordem das palavras tem caráter pragmático.</p> <p>Construção do texto por meio de turnos.</p>
Envolvimento dos interlocutores	<p>Envolvimento dos interactantes entre si, com o tópico da interação e com a própria interação.</p> <p>Alto grau de envolvimento emocional, de mútua referencialidade, de cooperação, de dialogicidade e de espontaneidade entre os interlocutores.</p> <p>Dependência situacional e interacional das atividades de comunicação.</p> <p>Menor grau de centração temática.</p> <p>Sinalização do envolvimento dos interlocutores.</p>

⁹⁶ Na comunicação síncrona, os enunciados produzidos por uma pessoa são imediatamente recebidos e respondidos por outra(s) pessoa(s), ou seja, trata-se de uma comunicação cuja produção e recebimento ocorrem ao mesmo tempo, coincidem temporalmente.

Envolvimento dos interlocutores	Tendência a ser mais dialogada.
	Maior espontaneidade.
	Falantes interagem diretamente com seus interlocutores.
	Emprego de marcadores conversacionais, especialmente os de busca de aprovação discursiva, envolvimento do interlocutor e de atenuação.
	Grande importância da modalização, especialmente aquela com vistas à preservação das faces e à atenuação.
	Presença de entonações, silabações, segmentações, elipses, descontinuações, paráfrases, repetições, correções, inserções parentéticas, digressões, prolongamentos, interjeições, interrupções, reformulações e outros.
	Emprego de pares adjacentes, especialmente de pergunta-resposta e asserção-réplica.
	Necessidade do preenchimento de vazios pelo interlocutor.
	Presença constante de dêiticos de pessoa.
	Mudança nos papéis de falante e de ouvinte.
	Coautoria na produção textual, ou seja, colaboração na construção do texto, gerando sobreposição de vozes e troca de turnos, com ocorrência de turno cedido e assaltado.
	Sintaxe interativa.
	Ocorrências de atividades metaenunciativas e de comentários.
Redução no emprego de conectivos.	

Fonte: Elaborado pela autora com base em Andrade (1998, 2011); Berruto (1985); Campos (1989); Castilho (1998); Chafe (1988); Chafe e Danielwicz (1987); Fávero, Andrade e Aquino (1994); Galembeck (1999); Hilgert (2000); Kerbrat-Orecchioni (2006); Koch (2006a, 1992); Marcuschi (2007a, 2007b, 2006, 1997a); Rodrigues (1997).

Algumas características consequentes são resultado de mais de uma condição de produção da LF, tal como a ocorrência de marcadores conversacionais, as repetições e outros, e que “o texto falado apresenta uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua” (KOCH, 2006a, p.45), perspectiva corroborada por Campos (1989) e Marcuschi (2007b, 2007c).

Ressaltamos que essas características não são únicas e exclusivas da LF, pois não há “fenômenos lingüísticos cruciais nem regras lingüísticas de base exclusivas de uma ou outra modalidade de funcionamento da língua” (MARCUSCHI, 2007b, p.70), mas algumas podem aparecer também em gêneros textuais da escrita (em menor proporção), em gêneros híbridos e em gêneros cujo meio de realização é a escrita teclada, mas a concepção é oral (MARCUSCHI, 2007a, 2007b). Logo, a distinção

está dentro do *continuum* de textos mais falados e textos mais escritos ou de gêneros textuais mais da esfera da fala em comparação a gêneros mais da esfera da escrita. Além disso,

Todos os usos da língua são situados, sociais e históricos, bem como mantêm alto grau de implicitude e heterogeneidade, com enorme potencial de envolvimento. Fala e escrita são envolventes e interativas, pois é próprio da língua achar-se sempre orientada para o outro o que nega ser a língua uma atividade individual. (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p.25).

Enfim, a língua falada apresenta traços marcantes que a caracterizam como tal, especialmente três particularidades que se configuram como condições de produção para o texto falado nas quais as demais características se apoiam: o contexto comum partilhado, o planejamento local e o envolvimento dos interlocutores. Isso porque “a fala é um modo de produzir textos ou discursos reais, que envolve estratégias típicas do ponto de vista da formulação” (MARCUSCHI, 2007b, p.70-71). Esses traços podem ser considerados como **estratégias argumentativas faladas** (ou **conversacionais**), posto que colaboram para a argumentatividade dos textos, como poderemos perceber no capítulo de análise das pregações.

3.1.1 Marcadores Conversacionais

Antes de conceituarmos os Marcadores Conversacionais (doravante MC), é relevante ressaltarmos que, neste estudo, optamos pela nomenclatura “marcadores conversacionais”, ao invés de “marcadores discursivos” (doravante MD), por aqueles se referirem à língua falada (foco do nosso trabalho); em contrapartida, esses abrangem tanto a fala quanto a escrita, sendo, portanto, uma nomenclatura mais ampla. Segundo Penhavel (2005), o termo MD pressupõe tanto a organização textual quanto a articulação interacional da linguagem; já o termo MC sugere maior comprometimento com a LF e parece privilegiar os aspectos interacionais em detrimento dos textuais. Contudo, não acreditamos que isso seja verdade, porque não privilegiamos nas análises um elemento em detrimento a outro, tampouco

desconsideramos os aspectos textuais dos MC. Todavia, como em língua inglesa o termo correspondente a “marcador conversacional” é “marcador discursivo” (*discourse marker*), os termos podem ser empregados como sinônimos. Por essa razão, neste trabalho, mantemos a denominação utilizada pelos pesquisadores citados.

Segundo Penhavel (2010), Rosa (1992), Schiffrin (1987) e Yang (2012), os MC receberam, ao longo dos estudos, denominações (ou rótulos) distintas, tais como: fórmulas interlocutórias, rotinas conversacionais, marcadores discursivos (ou do discurso), gambitos, operadores discursivos (ou do discurso), marcadores lexicais, partículas discursivas, partículas lexicais, conectivos de discurso, conectivos discursivos, articuladores textuais, expressões pragmáticas, conectivos sentenciais e outros; a gramática normativa, por seu turno, chama-os de palavras expletivas, denotativas ou de realce (CASTILHO, 1998; ROSA, 1992). O motivo para a grande gama de terminologia e definições é que os marcadores discursivos são inerentemente de difícil definição e caracterização⁹⁷ (YANG, 2012). Ademais, essa vasta nomenclatura mostra que também são diversas as teorias e os olhares para esses mecanismos do discurso. Com isso, percebemos que, embora sejam recursos imprescindíveis e muito recorrentes na LF, ainda não há consenso a seu respeito, o que denota certa falta de clareza em sua definição, especialmente por as gramáticas normativas das línguas não o considerarem. A consequência disso é que, muitas vezes, os MC são estigmatizados e vistos como “vícios da linguagem” ou como “cacoetes linguísticos” (FREITAG, 2007). Entretanto, segundo Rosa (1992, p.16),

Estudos mais recentes sobre a ocorrência dessas expressões relativamente fixas na sua forma e típicas da linguagem falada passam a utilizar o termo *marcador* para identificá-las, termo oriundo de pesquisas do comportamento humano para indicar os sinais de mudança de comportamento que acompanham a segmentação da ação. (grifos da autora).

Segundo Schiffrin (2001, p.54), “embora houvesse poucos estudos a respeito de marcadores discursivos na década de 1980, sua pesquisa desde então tem

⁹⁷ No original: “The reason for the wide range of terminology and definitions is that DMs are inherently problematic and difficult to define or characterise”.

aumentado significativamente em vários ramos da Linguística e áreas afins, levando Fraser (1998, p.301) a chamar a análise do marcador discursivo de ‘um mercado em crescimento em lingüística’⁹⁸. Isso e a importância que esses elementos têm para a interação verbal falada se refletem no fato de haver pesquisas acerca dos marcadores conversacionais (ou discursivos) em diferentes línguas: Português, Latim, Inglês, Espanhol, Italiano, Francês, Chinês, Mandarim, Japonês, Coreano, Finlandês, Dinamarquês, Alemão, Hebreu, Húngaro, Indonésio, Maia e outras (SCHIFFRIN, 2001; YANG, 2012). E também pesquisa a respeito dos MC em distintas situações de interação: entrevistas; conversas informais entre amigos e familiares; conversas telefônicas; cenas de filmes; conversas psicoterapêuticas, entre outros (YANG, 2012).

De acordo com Schiffrin (1987), esses elementos podem ser definidos de acordo com suas relações estruturais com outras unidades discursivas, com suas relações de coesão e suas relações interacionais; e também segundo os domínios cognitivo, expressivo, social e textual. Logo, parece vago, ainda de acordo com a autora, estabelecer uma definição fechada dos marcadores. Isso também se deve ao fato de haver muitas unidades de conversa que influenciam o uso de marcadores (SCHIFFRIN, 1987), por isso, para ela, é importante situar uma unidade de análise, como a sintática, a coesiva, a interacional. A autora afirma que a definição de marcadores em relação às propostas levanta alguns problemas: muitas ocorrências de marcadores seriam excluídos se os considerarmos apenas como modificadores proposicionais ou apenas em relação ao significado proposicional. Yang (2012) corrobora essa perspectiva ao dizer que, devido às diferentes perspectivas de análise, existe certa confusão e desacordo em torno da terminologia que se aplica à análise dos marcadores discursivos. Isso porque, como elementos da conversação, os marcadores funcionam dentro e fora do discurso, e refletem as interações entre os interactantes e o contexto. Além do mais, não há consenso na definição, na classificação, propriedades e no que exatamente vem a ser os MC, tanto que aquilo que alguns autores como Marcuschi considera como marcadores, Fraser não o faz.

⁹⁸ No original: “Although there were scattered studies of discourse markers in the 1980s, their study since then has abounded in various branches of linguistics and allied fields, leading Fraser (1998: 301) to call discourse marker analysis ‘a growth market in linguistics’”.

No entanto, devido à grande importância e recorrência desses elementos na LF, cabe uma tentativa de defini-los e classificá-los. Os Marcadores Conversacionais são elementos lexicais ou não lexicalizados de uso convencional que fazem parte dos recursos da língua falada. Ainda que não integrem o conteúdo cognitivo do texto, ou seja, não afetam o conteúdo semântico do enunciado (FRASER, 1994), eles ajudam a dar e a construir coerência e coesão aos textos falados (URBANO, 1997), pois funcionam como “sinais de tráfego” ou “sinais de orientação” para a organização da interação verbal (ROSA, 1992) e também como “orientações muito úteis para explicitar a intenção comunicativa do falante” (FRASER, 1994, p.148). Confirmando essa perspectiva, Burgo, Storto e Galembeck (2013, p.295) afirmam que “os marcadores conversacionais apresentam-se como elementos independentes sintaticamente do verbo, formados por um ou mais itens ou expressões lexicais, que corroboram o monitoramento da conversação e a organização do texto”. Assim, eles são muito relevantes para a manutenção das interações (CASTILHO, 1989, 1998; BURGO; STORTO; GALEMBECK, 2013).

Schiffrin (1987, p.31; 2001, p.57, respectivamente), por sua vez, define os marcadores como “elementos seqüencialmente dependentes que agrupam unidades de fala”⁹⁹ e “itens que funcionam em relação à conversação e ao texto em curso”¹⁰⁰ (traduções nossas). Assim, os marcadores relacionam-se tanto ao enunciado que o antecede quanto ao que o segue. Para Penhavel (2005, p.1296), que os denomina de MD, são “mecanismos que atuam no nível do discurso (aqui entendido como organização textual-interativa), estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores”. Blakemore (1987) considera-os qualquer expressão utilizada para chamar a atenção do ouvinte. Fraser (1994) define os MD como “expressões que simbolizam uma relação de seqüência discursiva”, algo muito próximo do que Schiffrin (1987) considerou.

A autora (2001) propõe uma classificação para os marcadores. Segundo ela, os MD são um conjunto de expressões linguísticas compostas por

⁹⁹ No original: “*Sequentially dependent elements which bracket units of talk*”.

¹⁰⁰ No original: “*Items that function in relation to ongoing talk and text*”.

elementos de categoria (classificação) variada, como conjunções (por exemplo, “e”, “mas”, “ou”), interjeições (“oh”), advérbios (“agora”, “então”) e frases lexicalizadas (“você sabe”, “eu quero dizer”). Fraser (1994, p.143) argumenta que os MD “não são extraídos de uma fonte gramatical única, mas refletem fontes de todo o inventário lexical”, como adverbiais, locuções usadas literalmente, orações idiomáticas, verbos, interjeições, conjunções coordenativas e subordinativas, entre outros (FRASER, 1994). Isso sem considerar as expressões não verbalizadas que também funcionam como MC, tais como: “ah”, “hum”, “eh”, mas que, para Fraser, não são exatamente marcadores, mas alguns são onomatopeia ou interjeições apenas. Essa perspectiva não foi adotada por Marcuschi e Galembeck e Carvalho. Para Schifffrin, os marcadores são uma ferramenta básica por meio da qual os falantes, os ouvintes e os linguistas compreendem o discurso. Risso, Silva e Urbano (2006, p.403) afirmam que se trata

De um amplo grupo de elementos de constituição, envolvendo no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem.

Cooperando com esse conceito, Galembeck e Carvalho (1997, p.847) consideram que os marcadores são “elementos essenciais para o desenvolvimento do texto falado, pois são eles os indicadores de início de turno, de passagem e sustentação do mesmo e de articulação entre os diferentes segmentos tópicos ou temáticos”.

Martín Zorraquino y Portolés (1999, p.4057) definem os marcadores discursivos da língua escrita como unidades linguísticas invariáveis que não exercem uma função sintática determinada, mas possuem uma função discursiva: “guiar, de acordo com suas distintas propriedades morfosintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam na comunicação”¹⁰¹ (tradução nossa). Já na fala, segundo Yang (2012), os marcadores discursivos funcionam como eficazes elementos de

¹⁰¹ No original: “Los marcadores del discurso son unidades lingüísticas invariables, no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicación oracional – son, pues, elementos marginales – y poseen un cometido coincidente en el discurso: el de guiar, de acuerdo con sus distintas propiedades morfosintáticas, semánticas y pragmáticas, las nferencias que se realizan en la comunicación”.

interação, tanto que eles são significativamente utilizados nas comunicações orais, desempenhando um importante papel na compreensão do discurso e na progressão temática e tópica.

Fraser (1994, p.132) define-os como expressões que “sinalizam uma relação seqüencial entre a mensagem básica que se está enunciando e o discurso antecedente”. Em outras palavras, para o autor, os MD “constituem um tipo de classe pragmática (em oposição ao conteúdo), mais propriamente uma classe de marcadores pragmáticos de comentário” (FRASER, 1994, p.157-158). Urbano (1997) compreende-os como elementos de estrutura, posição, natureza, dimensão e complexidade semântico-sintática variadas. Ainda de acordo com o autor, embora aparentemente supérfluos, os MC são essenciais à língua falada, colaborando para a sua produção e compreensão e também para a interação em si. Por conseguinte, eles são elementos típicos dos textos falados, por isso são “de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade, significação discursivo-interacional” (URBANO, 1997, p.85), desempenhando variadas funções.

Segundo Risso, Silva e Urbano (2006, p.414-415), para que um elemento seja considerado um MD, ele deve apresentar alguns dos traços que seguem, aos quais devemos somar aqueles relativos às funções textual-interacionais dos MD (tais como a articulação tópica ou não e a orientação interacional fraca, média ou forte): a) alta recorrência; b) exterioridade ao conteúdo proposicional; c) transparência semântica parcial; d) invariabilidade formal ou variabilidade restrita; e) independência sintática; f) demarcação prosódica; g) não autonomia comunicativa; e h) massa fônica reduzida. Cumpre ressaltar que “a condição de MD não é dada necessariamente pela coocorrência absoluta de todos os traços considerados fortes para caracterizá-los”, isto é, “há oscilação nas combinatórias de traços” (RISSO; SILVA; URBANO, 2006, p.416). Além do mais, os traços (b), (e) e (g), a articulação tópica e a orientação interacionais apresentam-se com maior estabilidade.

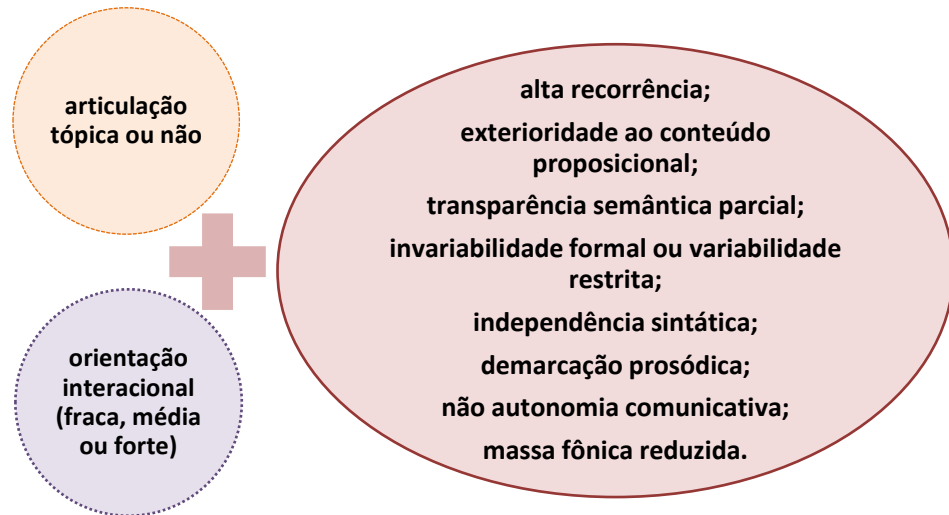


Figura 19: Traços identificadores dos marcadores
Fonte: Elaborado pela autora com base em Risso, Silva e Urbano (2006).

Para Marcuschi (1989), os marcadores desempenham funções conversacionais e sintáticas no texto falado, servindo de elo entre unidades comunicativas, de orientadores do interactantes e outros. De acordo com Galembeck e Carvalho (1997, p.831), eles têm por função: “a) assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre os interlocutores; b) situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e no contexto pessoal de cada um deles; c) articular e estruturar as unidades da cadeia lingüística”. Fraser (1994), por seu turno, afirma que a função dos MD é ambígua, isto é, em um enunciado certo MD desempenha determinado papel e, em outro enunciado, exerce papel distinto. Por isso, a classificação dos marcadores é complexa e até problemática, já que eles se definem pelo uso, não sendo, portanto, categóricos. O autor exemplifica:

- (i) A: I want another candy. B: *Well*, there are six left.
 “A: Quero mais um doce. B: *Bem*, sobraram seis.”
- (ii) A: I want another candy. B: There are... *well*... six left.
 “A: Quero mais um doce. B: Há... *bem*... seis de sobra.”

O MD *well* (“bem”), em (i) sinaliza discordância próxima, e, em (ii), marca uma pausa, que sinaliza algo bem distinto. Contudo, a função principal dos MD, para o autor, é sinalizar as relações sequenciais do discurso. No entanto, Penhavel (2005) considera que os marcadores têm duas funções principais ou duas macrofunções no discurso, quais sejam: **função textual** e **função interacional**, “que integram os componentes ideacional/textual e interpessoal da linguagem, respectivamente” (PENHAVEL, 2005, p. 1296). Dessas duas macrofunções derivam, para os autores, todas as demais funcionais dos marcadores. Penhavel descreve e distingue as macrofunções. Nas funções textuais, os MD atuam na organização informacional do discurso, funcionando como mecanismos de coesão textual e estabelecendo relações semânticas entre os enunciados e entre unidades discursivas. Nessa função, eles articulam, “por exemplo, abertura, expansão, retomada e fechamento de tópicos e distinção de estruturas de figura e fundo” (PENHAVEL, 2005, p.1296). Os MD “agora”, “então”, “e”, “mas”, “aí”, “ou seja”, “enfim”, “em resumo”, “quer dizer” e outros são típicos dessa função. Já os MD de funções interacionais atuam no desenrolar da interação conversacional “quando cumprem alguma função advinda diretamente da relação face-a-face entre os interlocutores, integrando, portanto, o componente interpessoal da linguagem”, porém eles “são exteriores ao conteúdo proposicional e [muitas vezes] sintaticamente independentes de suas unidades adjacentes”. Essa última característica, contudo, não se aplica ao marcador “acho que” e assemelhados. São característicos dessa função os MD: “entende?”, “né?”, “sabe?”, “tá?”, “bom...”, “olha...”, “certo”, “claro”, “sei”, “uhn uhn” e outros. Todavia, ainda de acordo com o autor, alguns MD podem desempenhar simultaneamente as duas macrofunções, pois a simultaneidade de funções é característico desses elementos.

Castilho (1989), por sua vez, afirma que todos os marcadores desempenham uma **função textual** (e também **discursiva**) (o que chamamos aqui de **hiperfunção**), já que atuam na organização e na estruturação do texto. Exatamente por isso, essa hiperfunção dos marcadores pode ser dividida nas duas macrofunções analisadas por Penhavel, porém Castilho chama-as de: **função interacional (ou interpessoal)**, na qual os marcadores voltam-se para interação em si, para os

interlocutores e para a relação que se estabelece entre eles; e **função ideacional (ou coesiva)**, na qual os marcadores apontam para a articulação entre os constituintes textuais ou entre as unidades discursivas, como vemos na figura que segue. Segundo Castilho (1998), é a função textual que assinala a existência das duas outras modalidades de significação que os marcadores exercem no texto (a ideacional e a interpessoal). A primeira, juntamente com a significação textual dos MC, refere-se ao conteúdo e também aos elementos de coesão e coerência. A segunda diz respeito aos aspectos que envolvem os interlocutores durante a conversação – troca de turno e mudança de tópico, por exemplo. Logo, os MC têm **funções textual-interativas**.

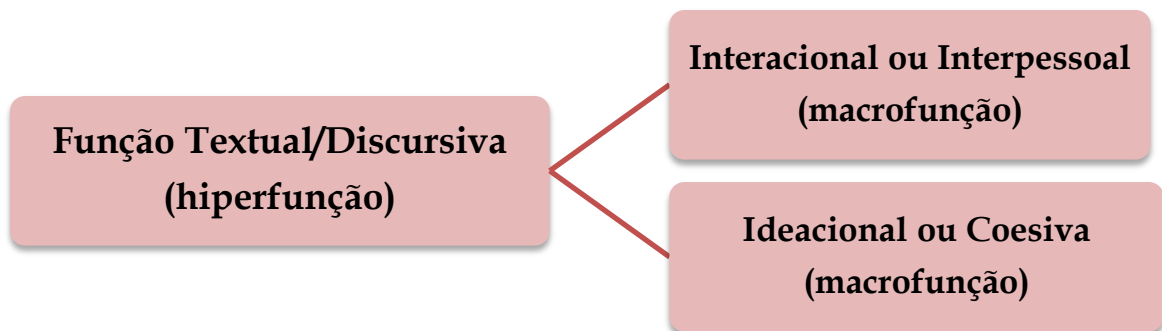



Figura 20: Hiper e macrofunções dos marcadores
Fonte: Elaborado pela autora com base em Castilho (1989).

Cumprе salientar que, embora os marcadores possam desempenhar uma hiperfunção e duas macrofunções, eles são multifuncionais, haja vista que, enquanto interpessoais, eles podem manifestar maior ou menor envolvimento dos interlocutores etc. e, enquanto coesivos, abertura e fechamento de tópicos, inserção de tópico novo e outros. Ou seja, eles são multifuncionais, tendo funções variadas para a interação e para o texto conversacional (MARCUSCHI, 1989; SCHIFFRIN, 2001, 1987; YANG, 2012). Aliás, segundo Marcuschi (1989), esses elementos podem operar simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto, indicadores de força ilocutória, entre outros papéis que possam assumir durante a interação. Essa perspectiva é corroborada por: Castilho (1989), Galembeck e Carvalho (1997); Schiffrin (2001, 1987); Yang (2012).

De acordo com Galembeck e Carvalho (1997), o arranjo dos MC também deixa entrever sua função: a) **iniciais**: indicam o início ou a tomada de turno (“não”, “mas”, “acho que”, “bom”); b) **mediais**: ajudam no desenvolvimento do turno (“né?”, “sabe?” e os advérbios); c) **finais**: marcam a passagem do turno (“né?”, “não é?”, “entendeu?”, perguntas diretas, pausas conclusas). Castilho (1998) acrescenta que isso deve ser visto em função do recorte que analisamos, podendo-se considerar o turno, a unidade discursiva ou o par adjacente em que o marcador ocorre. O autor afirma ainda que, geralmente, os marcadores epilinguísticos aparecem como MC mediais e aqueles como função fática são, em geral, marcadores finais. Contudo, cumpre comentar que é exatamente o caráter multifuncional dos MCs que torna variável a sua posição, que não é fixa, de forma que “o mesmo MC pode aparecer em diferentes posições; eu acho que (inicial e final); não é? (medial e final)” (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p.833 – grifos dos autores). A posição dos marcadores conversacionais, segundo Rosa (1992), varia, contudo, eles geralmente aparecem em posição inicial nos enunciados, perspectiva defendida por autores como Schiffrin (1987, 2001) e Fraser (1994).



Iniciais	<ul style="list-style-type: none"> •De início ou tomada de turno. •Ex.: 'não', 'mas', 'acho que', 'bom', 'então'
Mediais	<ul style="list-style-type: none"> •De desenvolvimento de turno. •Ex.: 'né?', 'sabe?', 'certo?', 'ok?'
Finais	<ul style="list-style-type: none"> •De fim ou de passagem de turno. •Ex.: 'né?', 'não é?', 'certo?', 'ok?', 'entendeu?'

Figura 21: Posição dos marcadores conversacionais
Fonte: Elaborado pela autora com base em Galembeck e Carvalho (1997).

De acordo com Fraser, não somente a função dos MD é bastante variável como também as interpretações que se podem estabelecer a partir deles, pois elas dependem do contexto de uso do marcador, em outras palavras: a interpretação de um marcador depende do enunciado em que ele aparece em relação ao seu enunciado anterior. Exemplificando:

EXCERTO 28

VAL.: “estando vós arraigados” agarrados... ligados... “e alicerçados em amor:”... o que é isso “alicerçados em amor?”... um coração despojado de rancor de ódio de mágoa... de vingança... de inveja... de avareza... éh... o sujeito que tem inveja... ele não ama... se tem ódio ele não ama... não dá pra conciliar... essa his:tória de que o ódio e o amor caminham juntos é mentira... isso é do diAbo mesmo isso aí... não tem nada a ver... são opostos... uma coisa é o ódio outra coisa é o amor... **então**¹... se você estiver alicerçado em amor... ou seja... sempre disposto a perdoar... éh... sempre disposto a ajudar... a socorrer... sempre es-ten-den-do a mão não interessa pra quem... pode ser pro maior inimigo seu aquele que te odeia... ele precisou de você estenda a mão pra ele e o perdoa ((fiéis))... éh... ((palmas))... **então**² você vai estar alicerçado... no amor... e o que é... alicerçado? o alicerce é o que?... esse prédio aqui tem alicerce?... o que é que sustenta este prédio?... os alicerces?... **então**³... o que SUSTENTA o ser humano... o que mantém o homem de PÉ... é o amor... e do lado do amor a fé... alicerçados em amor... “Deus habita/Cristo habita pela fé”...

[.....]
 “ninguém poderá vir a mim se meu pai... não lhe for... conce/se pelo meu pai não lhe for concedido”... pelo pai não for concedido... **então**⁴... o caminho de Deus... nós não conhecemos... éh... você não sabe... às vezes o caminho parece cansativo... doloroso... às vezes o caminho parece difícil demais mas é o caminho de Deus...

Pr. Valdemiro Santiago – Pregação 01 – L. 60-71 e 103-107

Nesse excerto de pregação do pastor Valdemiro Santiago, percebemos o emprego do “então”¹⁰² como marcador. Como vemos, é uma árdua tarefa classificá-lo, já que seu entendimento depende do contexto de uso. Analisando o excerto, na primeira ocorrência, o “então” pode ser compreendido como uma marca do planejamento discursivo, isso pode ser verificado porque ele é precedido e seguido por pausas e não há, necessariamente, uma relação de causa e consequência entre o enunciado antecedente e o posterior. No segundo caso, o “então” (equivalente a “por conseguinte”) tem valor de consequência (o fiel será alicerçado no amor de Deus se ele ajudar o próximo, especialmente se se tratar de inimigo). Na ocorrência seguinte, ele pode ser entendido como uma marca de conclusão lógica, equivalendo a “portanto”. E na última, como uma conclusão razoável (“nesse caso”). Assim, de acordo com Fraser (1994, p.158), os marcadores “apresentam um significado pragmático nuclear, um significado à parte de qualquer significado de conteúdo da forma homófona e um

¹⁰² O **então** “tem sua origem no latim vulgar (século XV) "intunc", composto por "In" e "tunc" (do latim arcaico), significando nesse ou naquele tempo, nessa ou naquela ocasião (tempo passado ou futuro)” (ANDRADE, 1988, p.62).

significado que sinaliza como o falante pretende que a mensagem seguinte se relacione com o discurso anterior”. Com isso, verificamos que o conteúdo semântico-discursivo do “então”, diferentemente do que determinam alguns manuais de gramática, está estreitamente relacionado ao contexto interacional em que é empregado e à intenção do locutor. Andrade (1988, p.65) afirma que

As gramáticas mais antigas e os dicionários comuns ou etimológicos registram a palavra “então” como: advérbio de tempo, interjeição, locução interjeitiva e substantivo. Por outro lado, as gramáticas contemporâneas, salvo algumas exceções, preferem caracterizá-la como “palavra denotativa de situação”.

Esse último é o caso de Cunha e Cintra (2008, p.567 – grifo dos autores), que classificam o “então” como uma palavra denotativa de situação, ao lado de “afinal”, “agora”, “mas” etc., exemplificando “**Então** conheceu o meu irmão – Érico Veríssimo”. Segundo os autores, é inapropriado enquadrar palavras como o “então” como advérbios, pois “não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil” (CUNHA; CINTRA, 2008, p.567). Por isso, eles preferem a expressão “palavra denotativa”.

Neves (2000) apresenta algumas funções para o “então”, o que corrobora a perspectiva aqui apresentada. Segundo a autora, esse item é um advérbio que indica:

- **Conclusão:** ex.: “**ENTÃO**, não conto mais nada. (A)” (NEVES, 2000, p.241 – grifos da autora).
- **Tempo:** como um dos “**advérbios** que se referem a um momento ou período determinado da **enunciação** ou de outro ponto do **enunciado (fóricos)**” (NEVES, 2000, p.265 – grifos da autora), mas se trata de um “tempo não-cronológico, sem ligação com o calendário” (NEVES, 2000, p.266). “Então = neste momento, naquele momento. ‘Era **ENTÃO** adolescente e gostava de exibir-se nu.’ (FR)” (NEVES, 2000, p.267 – grifos da autora).

Ela também o classifica como uma conjunção subordinativa adverbial indicando causa e apresentando uma informação nova ao texto. Ex.: “**ENTÃO/POR ISSO** todas as conquistas tem de ser avalizadas e até indicadas pelo poder central” (NEVES,

2000, p.814 – grifos da autora). Azeredo (2008, p.193) considera que o “então” é um advérbio de tempo que denota “uma ocasião arbitrária, reconhecível pelos interlocutores relativamente ao momento da enunciação (função dêitica) ou a um ponto de referência instituído no próprio discurso ou texto (função anafórica)” (grifos nossos). Andrade (1988, p.66) classifica o “então” como:

Indicador de tempo: “nesse ou naquele tempo, momento ou ocasião”.

Indicador de consequência: “nesse caso, nessas circunstâncias, el tal caso”, em que “a relação de consequência se faz através de um raciocínio hipotético (condicionalidade)”.

🌸 Indicador de conclusão: “pois, à vista disso, portanto”. “A relação estabelecida por esse operador é uma relação argumentativa tal que em construções como X logo Y, o locutor apresenta o conteúdo A de X como o conteúdo C de Y”. Ex.: “esse funcionário tem cumprido o seu dever; não deve, então, ser despedido” (ANDRADE, 1988, p.66 – grifos da autora).

🌸 Indicador de conjunção: aproximação. Ex.: “Estouravam trovões, brilhavam raios, então, começou a chover” (ANDRADE, 1988, p.68 – grifos da autora).

🌸 Interjeição:

- “serve para animar: ‘Então?! Seja homem’” (ANDRADE, 1988, p.68 – grifos da autora);
- “denota espanto, admiração: ‘Então, é possível’” (ANDRADE, 1988, p.68 – grifos da autora);
- “confirma e serve para corroborar a veracidade daquilo que se disse: ‘Está vendo?, ‘Então, eu não disse?’” (ANDRADE, 1988, p.68 – grifos da autora).

🌸 Locução interjetiva: “afinal de contas, pelo que vejo, quer dizer que” (ANDRADE, 1988, p.68).

🌸 Nome: “certo tempo passado, momento, ocasião: ‘Um domingo de então me traz recordações dolorosas’” (ANDRADE, 1988, p.68 – grifos da autora).

🌸 Indicador atitudinal: “(uso afetivo) – emprega-se para revelar interesse pelo interlocutor: ‘Então, como foi de viagem?’” (ANDRADE, 1988, p.68-69 – grifos da autora).

- Em diálogos: serve para caracterizar uma conclusão extraída das palavras do interlocutor.
- Usado como esclarecimento final.

Para Koch e Vilela (2001), o “então” tem valor narrativo e argumentativo, classificando-se como:

- advérbio de tempo, segundo critérios puramente semânticos;
- advérbio pronominal, que pode servir de pró-palavra, pró-frase ou pró-texto, catafórica e anaforicamente, ex.: “A filha foi passar dez dias no Algarve. Só *então* os pais foram para férias” (KOCH; VILELA, 2001, p.254 – grifo dos autores);
- conjunção indicativa de relação sequencial (ou pontual) de tempo;
- marcador do discurso (ou marcador da coerência/coesão discursiva, marcador de relações discursivas, ordenador da “matéria” discursiva, conjunção discursiva ou outros) (KOCH; VILELA, 2001, p.272). Trata-se de categoria de “expressões já (total ou parcialmente) lexicalizadas [...] que balizam o discurso, que orientam na interpretação, salientando, retomando, explicando determinados conteúdos ou apelando para a atenção do interlocutor para que o contato não se perca” (KOCH; VILELA, 2001, p.272), o que confirma a nossa perspectiva.

De acordo com os autores, “os advérbios pronominais aproximam-se, por força do seu caráter pronominal, dos pronomes e, pela sua função na frase e no texto (como elementos de ligação), aproximam-se das conjunções” (KOCH; VILELA, 2001, p.254). O “então” é considerado, ainda pelos pesquisadores, como advérbio conjuncional quando coordena frases, isso sem se confundir com as conjunções coordenativas. “Por outro lado, *então, assim (e ainda não), logo, já (e já não)*, etc., podem funcionar como advérbios dentro da subclasse tempo, mas podem transportar valores diferentes” (KOCH; VILELA, 2001, p.254 – grifo dos autores).

Koch e Vilela (2001, p.255) argumentam que “precisamente por a classe ‘advérbio’ ser capaz de modificar elementos individuais, estados de coisas e textos, é que esta classe se torna tão difícil de enquadrar e de explicar de modo sistemático”. Nisso reside a dificuldade em classificar o “então”, que só deve ser

analisado dentro do seu contexto sociodiscursivo de produção. Entretanto, Andrade (1988, p.69) pondera que, “embora a palavra seja usada além de seu primeiro valor (advérbio de tempo), sua classificação se torna difícil porque ela não deixa de revelar indiretamente uma situação de tempo”, o que é intensificado por seu emprego como recurso desencadeador do discurso narrativo (ANDRADE, 1988). Assim, “a palavra ‘então’ seria uma espécie de ‘coringa’ que o locutor (autor) utiliza, principalmente na linguagem coloquial, para preencher situações variadas” (ANDRADE, 1988, p.70).

Silva e Macedo (1987) sugerem uma classificação dos marcadores em língua portuguesa mediante a função que eles desempenham no discurso. Assim, as autoras reconhecem a existência de oito tipos de marcadores, a saber: os **esclarecedores** (“quer dizer”), os **de apoio** (“né?”, “sabe”), os **redutores** (“eu acho”, “sei lá”), os **preenchedores de pausa** (“assim”, e as hesitações), os **resumidores** (“e tal”, “e tudo”), os **iniciadores** (“bom”, “ah”), os **finalizadores** (“então”, “tá”, “certo”) e os **argumentadores** (“agora”, “mas”).

Marcuschi (1989, 2006), devido à configuração dos marcadores, classifica-os em: **verbais**, **não verbais** (ou **paralinguísticos**) e **suprasegmentais** (ou **prosódicos**). Urbano (1997), apoiado no aspecto formal dos MC, classifica-os em **linguísticos** (**verbais** e **prosódicos**), **não linguísticos** e **paralinguísticos**. Castilho (1998) considera-os: **lexicais**, **não lexicais** e **prosódicos**. Assim, podemos classificar os marcadores em:

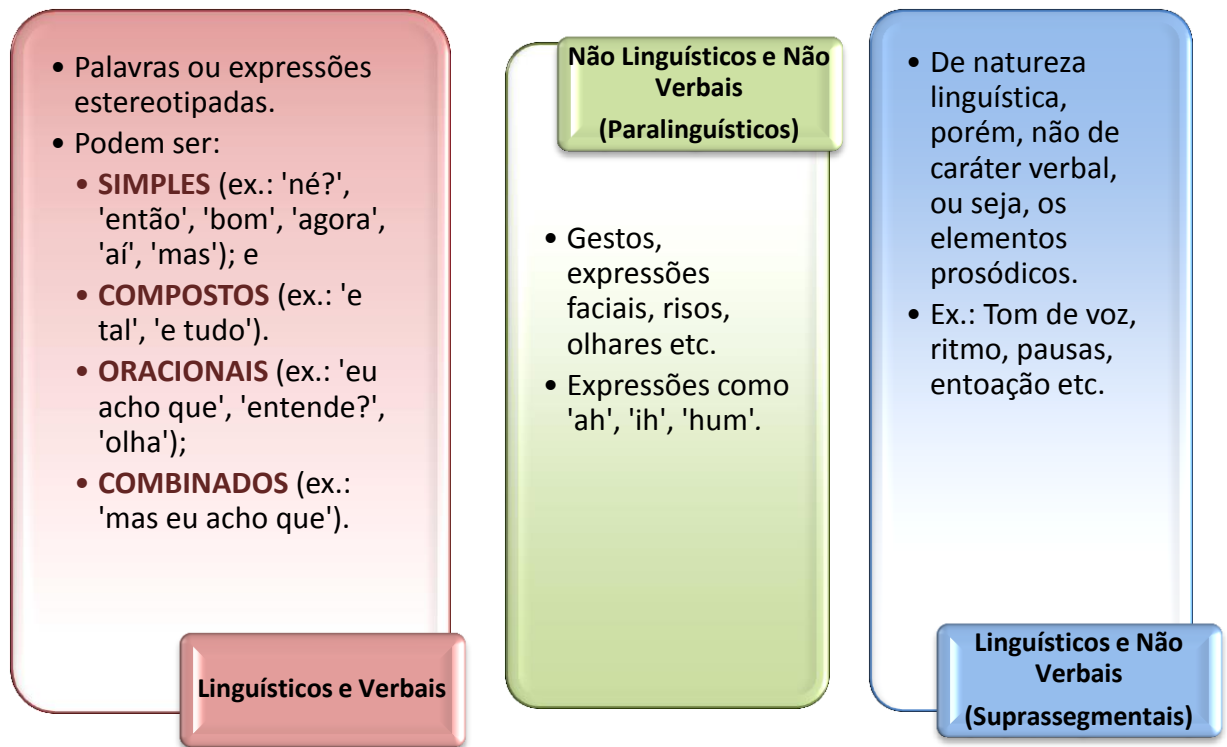


Figura 22: Classificação dos marcadores conforme sua configuração

Fonte: Elaborado pela autora com base em Marcuschi (1989, 2006), Urbano (1997) e Castilho (1989, 1998).

Os marcadores verbais são os que formam uma categoria de palavras ou expressões estereotipadas e de grande ocorrência. Embora geralmente não forneçam informações novas para o desenvolvimento do tópico, contribuem para situá-lo no contexto geral ou particular da conversação. Podemos ainda classificar os marcadores conversacionais verbais como: **simples** ou **compostos** (ou **complexos**), **oracionais** e **combinados** (URBANO, 1997). O MC simples é realizado por uma só palavra/lexema, como as interjeições, os advérbios, os verbos, os adjetivos, as conjunções, os pronomes, entre outros. Já o marcador composto é de caráter sintagmático, sendo formado por dois ou mais lexemas ou paralexemas. Eles têm maior tendência à estereotipia e pouca alteração morfológica no tipo produzido. Por fim, os marcadores oracionais são aqueles representados por pequenas orações, podem ocorrer em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais (assertivo, indagativo, exclamativo). Segundo Castilho (1998, p.48), esses marcadores são “itens

plenos, cujo sentido foi alterado, passando de um sentido mais concreto para um mais abstrato”.

Risso, Silva e Urbano (2006), por seu turno, classificam os MD linguísticos verbalizados como: **palavras de fundo lexical** (ex.: “claro”, “certo”) ou **palavras de fundo gramatical** (ex.: “mas”, “então”), **locuções** (ex.: “quer dizer”, “não é?”), **contrações** (ex.: “né?”), **reduções** (ex.: “tá”) e **segmentos fônicos não dicionarizados** (ex.: “uhn uhn”). Os marcadores não verbais compreendem as marcas representadas pelos gestos e pelas expressões faciais (risos, gestos, olhares, entre outros) e por expressões como “ah”, “ih”, “hum” (CASTILHO, 1998). Operam como mantenedores e reguladores do contato na interação face a face. Os suprasegmentais configuram-se como elementos de natureza linguística, porém não são de caráter verbal. Referem-se à prosódia; por isso, encontram-se, nesse contexto a entonação ou tom de voz, o ritmo, as pausas, a entoação, a silabação, o alongamento, entre outros. Os marcadores desse tipo são formados com recursos prosódicos e são normalmente utilizados com algum MC verbal. No caso das pausas, há de levarmos em consideração seu papel decisivo na organização do discurso conversacional. Apresentam-se também como pausas curtas (micropausas), médias ou longas e são comuns em final de unidades comunicativas. São utilizadas, também, junto a outros marcadores.

Portanto, esta pesquisa assume a abordagem da Perspectiva Textual-Interativa a respeito dos MC, segundo a qual eles colaboram para a construção e compreensão dos textos falados mesmo sendo vazios de conteúdo semântico, isto é, eles não criam significados, funcionando principalmente para orientar os interlocutores (CASTILHO, 1998; FRASER, 1994); são, portanto, irrelevantes para o processamento do assunto, porém bastante importantes para a manutenção do diálogo, pois são organizadores globais que funcionam no monitoramento da conversação e na organização textual (CASTILHO, 1998; SILVA, 2001). Consoante Urbano (1997, p.86), eles “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva”, pois colaboram com a construção da coerência e da coesão do texto falado, “mas também enquanto estrutura de interação interpessoal”, já que revelam e marcam as condições de produção do texto, o envolvimento dos

interlocutores, o monitoramento da interação. Assim, são utilizados no planejamento verbal, na atenuação da força ilocutória do enunciado, na manutenção do canal de comunicação, entre outras funções.

Feitas as considerações teóricas que embasam a nossa pesquisa, é momento de nos debruçarmos no *corpus* elencado para estudo a fim de analisá-lo, o que fazemos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS


“Deus não é objeto de pensamento. É objeto de degustação. Provai e vede que Deus tem gosto bom...” (Rubem Alves)

Como o nosso objetivo é examinar as estratégias argumentativas empregadas no discurso religioso midiático presente em pregações evangélicas para compreendermos a razão pela qual ele conquista tantos adeptos, é importante analisarmos o contexto de produção desse discurso, seus traços linguísticos, a intencionalidade do falante, as intertextualidades e outros aspectos, pois ao analisarmos um discurso, segundo Andrade (2014, p.82), é preciso

Observar a prática discursiva como uma prática social desenvolvida em determinado contexto, prática essa que se materializa por meio de um gênero discursivo, veiculado em determinado suporte material e visando a estabelecer uma interação com determinado público alvo. Portanto, devemos levar em conta os traços linguísticos que permitem reconhecer a intencionalidade do enunciador (escritor/falante), os efeitos de sentidos construídos por esse enunciador ou pelo locutor por ele instaurado/instituído, e a persuasão ou manipulação que o enunciador busca exercer sobre o enunciatário (leitor/ouvinte).

Por isso, para compreendermos o discurso religioso midiático, cremos ser importante a análise que segue, na qual verificamos os aspectos apontados por Andrade. Cumpre salientar que o nosso objetivo não é discutir a respeito de Deus, de religião ou de dogmas religiosos, pois “não se pode debater ou discutir sobre Deus. Deus não é tema para debates, porque Ele é Quem é e é o Que é” (JONES, 2008, p.24). Objetivamos na verdade analisar o discurso religioso de determinados pastores para compreender o seu processo argumentativo. A nossa pesquisa é de cunho linguístico-científico, não teológico.

Para a análise, examinamos as seguintes pregações:

 **P-EDM:** “Para mudar de vida é preciso ser violento!”;

- 📌 **P-RRS:** “Deus é bom!”;
- 📌 **P-SMA:** “Aprendendo a esperar em Deus”;
- 📌 **P-VAL:** “O milagre da cura”.

A seguir, apresentamos os resultados referentes à análise do discurso religioso midiático dos pastores Edir Macedo, R. R. Soares, Silas Malafaia e Valdemiro Santiago.

4.1 ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS DE MASCARAMENTO

Para a adesão dos espíritos, os aspectos interacionais relacionados à preservação das faces e à construção e uso de máscaras são muito importantes, pois servem como elementos de reafirmação do indivíduo dentro de uma comunidade, neste caso do pastor em determinado grupo religioso, e como estratégia de convencimento, afinal os fiéis não creriam nos pastores se fosse diferente. Assim, vários elementos corroboram a criação de vínculos entre locutor(es) e alocutários, tais como as vestimentas, os gestos, as expressões faciais, o cenário, o auditório e outros. Qual a importância de se analisar todos esses aspectos para estudarmos a construção dos *ethé*/das máscaras dos pastores? O valor de tal exame reside no fato de que **“a análise do ethos discursivo integra-se [...] ao estudo da interlocução que leva em conta os participantes, o cenário e o objetivo da troca verbal”** (AMOSSY, 2011b, p.122 – grifos nossos). Assim, deve-se considerar o “caráter”, isto é, o feixe de traços psicológicos do locutor (MAINGUENEAU, 2011) e a “corporalidade”, “compleição corporal e “forma de vestir-se e de mover-se no espaço social” (MAINGUENEAU, 2011, p.72). Complementando, Mussalim (2008, p.72) alude que

O ethos ainda compreende, além da vocalidade (ou tom), mais duas dimensões: o caráter e a corporalidade. O caráter corresponde ao conjunto de traços “psicológicos” que o leitor-ouvinte atribui à figura do enunciador, em função do seu modo de dizer. A corporalidade, por sua vez, corresponde a uma representação da compleição do corpo do fiador, inseparável de uma maneira de se vestir e se movimentar no espaço social.

Desse modo, o *ethos* implica “um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global” (MAINGUENEAU, 2011, p.72) que deve ser considerado no todo. Logo, para considerarmos a projeção de uma imagem, não devemos nos limitar ao estudos dos aspectos linguístico-discursivos, mas ponderar cuidadosamente todo o contexto sócio-discursivo em que o objeto de exame está inserido. Isso porque “o *ethos* é condicionado pela cena de enunciação, ela própria considerada na distribuição dos papéis implicados pelo gênero de discurso e pela cenografia” (AMOSSY, 2011b, p.122). Completando esse pensamento, citamos Declerq (1992, p.48), segundo o qual “o tom de voz, a velocidade da fala, a escolha de palavras e argumentos, os gestos, as expressões faciais, o olhar, a postura, a aparência etc., todos os signos de elocução e de oratória, indumentários ou simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica¹⁰³” (tradução nossa) devem ser considerados no estudo da construção do *ethos*, pois, “em uma enunciação discursiva, tudo contribui para a projeção de uma imagem do orador ao auditório¹⁰⁴” (DECLERQ, 1992, p.48 - tradução nossa). Para Maingueneau (2008c), trata-se de uma representação dinâmica, que envolve todos esses aspectos de maneira não delimitada, construída pelo auditório por meio da fala do locutor.

No discurso religioso, há a ideia de que o homem é a imagem de Deus. Logo, os pastores, como representantes de Deus na Terra, devem passar uma imagem positiva, limpa, séria e condizente com seu papel social. Com isso, eles criam e utilizam uma máscara de responsabilidade e seriedade, o que colabora para o convencimento de seus adeptos e retoma o discurso de temor e respeito a Deus e à sua palavra. Quando iniciamos a pesquisa, verificamos que os quatro pastores em análise apresentavam-se como segue: cabelos curtos, barba feita, vestindo camisa e muitas vezes terno e gravata, com uma imagem sem exageros e - no mínimo - limpa, o que reflete justamente a imagem apresentada antes (positiva, limpa, séria) exigida por

¹⁰³ No original: “*Ton de voix, débit de la parole, choix des mots et arguments, gestes, mimiques, regard, posture, parure, etc., sont autant de signes, élocutoires et oratoires, vestimentaires et symboliques, par lesquels l’orateur donne de lui-même une image psychologique et sociologique*”.

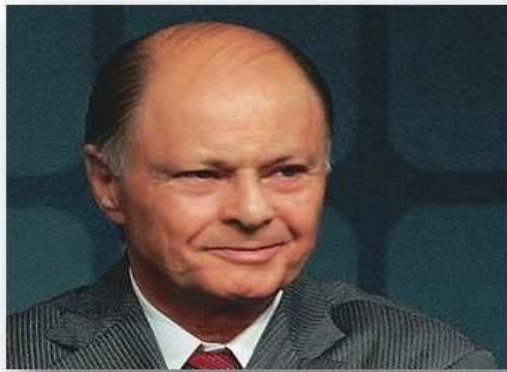
¹⁰⁴ No original: “*Tout ce qui, dans l’énonciation discursive, contribue à émettre une image de l’orateur à destination de l’auditoire*”.

aqueles que desejam representar Deus na Terra. Isso denota o afastamento dos pastores das coisas mundanas. Esse discurso de afastamento ou ascetismo intramundano (VITAL; LOPES, 2013) tem se reafirmado entre os evangélicos, pois, para eles, “a conversão é uma transformação radical do viver, caracterizada pelo **afastamento das ‘coisas do mundo’**” (SCHELIGA, 2009, p.81 – grifos nossos). Trata-se de não mais aceitar aquilo que vem do homem, mas apenas o que é divino. Logo, considera-se que, no contexto religioso, trajas mais informais são desrespeitosos com a “presença” de Deus. Portanto, exige-se dos fiéis a utilização de roupas características de contextos de maior formalidade, como terno e gravata para o fiel do sexo masculino. Tais elementos cobrem todo o corpo do pastor, que, em decorrência do papel social que assume ao pregar, não poderia manter às vistas pernas, braços ou seu tronco, não cabendo roupas próprias de um contexto de maior informalidade e espontaneidade. Scheliga (2009, p.81 – grifos nossos), em sua pesquisa sobre a conversão religiosa de pessoas em privação da liberdade, afirma que “o ‘comportamento’ dos convertidos deveria ser ‘exemplar’: **supõe cuidados com a higiene pessoal e vestuário**; abandono de ‘vícios’; ‘andar sempre junto’; ‘ler a Bíblia diariamente’; participar de vários momentos de oração, realizados individualmente ou em grupo [...]”. Vital e Lopes (2013, p.37) apresentam como características desse ascetismo intramundano “um padrão moral de conduta rigoroso que se expressava numa **estética sóbria**, a presença durante vários dias da semana na igreja etc.” (grifos nossos). Um exemplo disso é que, em algumas comunidades evangélicas, os fiéis não devem frequentar praias, muito menos se banhar; em outras, eles até podem tomar banho de mar desde que não estejam trajados com roupas de banho. Isto é, eles adentram o mar com suas roupas do dia a dia (calças e camisas para os homens; saias longas e fechadas e blusas de manga para mulheres, como se pode ver na figura que segue.



Figura 23: Afastamento das coisas mundanas: o banho de mar
Fonte: Acervo pessoal.

Outro sinal desse afastamento era o conselho (ou proibição) para os evangélicos – especialmente os assembleianos – não assistirem à televisão ou de terem-na em suas residências. Porém, com o televangelismo, isso mudou um pouco: agora, eles podem assistir a programas religiosos veiculados na televisão, devendo evitar novelas, filmes (a não ser os religiosos), jogos, programas de auditório, *reality shows* etc. O discurso de afastamento aparece no discurso dos pastores tanto verbalmente (“*vou pra igreja... vivo afastado de pecado... heim?*” – pregador do Pr. Silas Malafaia, L. 94) quando não verbalmente, caso de suas roupas e higiene, por exemplo. Na próxima figura, notamos que eles estão vestindo camisa, terno e gravata, sinais do afastamento das coisas mundanas.



Pr. Edir Macedo



Pr. R. R. Soares



Pr. Silas Malafaia



Pr. Valdemiro Santiago

Figura 24: Fotografia dos pastores

Fonte: Google imagens.

Em todas as pregações analisadas, os pastores apresentam-se formalmente trajados. Eles vestiam camisa social com ou sem gravata e/ou terno e estavam em geral devidamente barbeados. A máscara utilizada é de respeito ao enunciador de seu discurso, Deus, e ao seu auditório, e também de afastamento das coisas do homem e de aproximação com as coisas divinas; logo, não caberia outra composição. Com isso, esses sujeitos, ainda que façam parte de uma sociedade secularizada, “negam que sejam mundanos; buscam viver uma experiência que é sagrada e os distancia da sociedade secularizada ao mesmo tempo em que fazem parte dela e ela devem evangelizar” (COSTACURTA, 2012, p.08). Isso porque

A postura estética das igrejas pentecostais identifica-se **pela rejeição e afastamento do mundo**, onde o crente, para ser santificado, precisa exteriorizar sinais através de comportamentos exigidos pela

comunidade religiosa, que os tornem diferenciados em relação ao restante da sociedade. Para alcançar essa perfeição cristã, eles devem livrar-se das coisas do mundo, suas paixões e prazeres. (COSTACURTA, 2012, p.14 – grifos nossos).

Assim, o afastamento do homem das coisas mundanas é considerado um processo de **sacralização**, em que o que é mundano (do mundo) e, por conseguinte, profano (não sagrado, não pertencente à religião) deve ser distanciado do que é divino (de Deus), ambos os universos (mundano/profano e divino) não se misturam. Contudo, esse afastamento tem sido relativizado, atualizado (VITAL; LOPES, 2013). “Ou seja, a globalização (e o processo de subjetivação/individualização nela forjado) e o crescimento da presença evangélica na mídia televisiva contribuíram para o surgimento de novas formas de “ser evangélico” (VITAL; LOPES, 2013, p.37). Porém, isso não quer dizer que o discurso de afastamento esteja anulado, mas que o novo (afastamento modernizado/atualizado) e o antigo (afastamento) não se excluem, eles “se somam, convivem com os ‘antigos’ modos de se ‘viver a fé’ cristã (seja entre os evangélicos, seja entre os católicos)”. Trata-se de um modo que os religiosos encontraram para sacralizar o que era mundano e, portanto, profano aos seus olhos, de modo que se mantivessem “o máximo de tempo possível num universo sagrado” (ELIADE, 1992, p.14).

Também notamos nas fotografias dos pastores um semblante tranquilo, doce, como convém às pessoas felizes, o que é também estratégia argumentativa. Isso porque, no contexto religioso, os fiéis têm a opção de frequentarem uma ou outra Igreja; logo, é preciso cativá-los, o que pode ser efetuado por meio da afetividade demonstrada em suas faces, as quais são amigáveis e convidativas.

Embora inicialmente os pastores se apresentassem como indicado anteriormente, no decorrer da pesquisa, Edir Macedo alterou a sua imagem, como notamos a seguir.

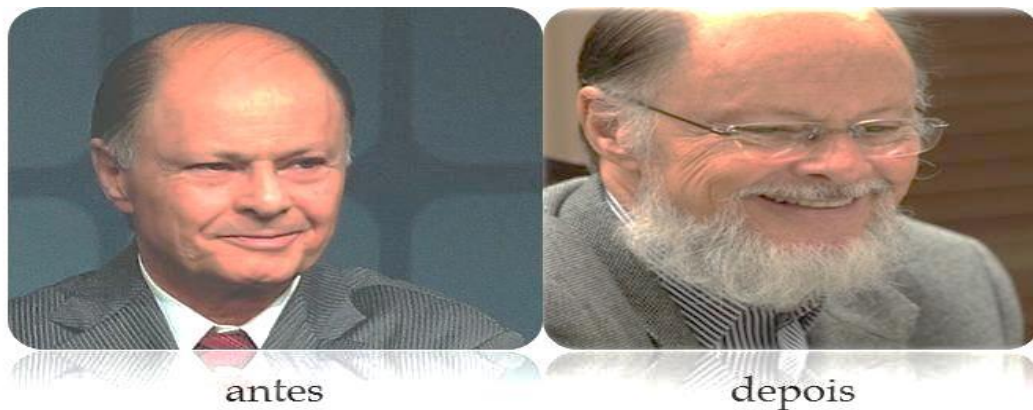


Figura 25: Antes e depois de Edir Macedo
Fonte: Google imagens.

Acreditamos que tal mudança deve-se à inauguração do Templo¹⁰⁵ de Salomão¹⁰⁶, que fica no bairro do Brás na cidade de São Paulo. Assim, mais recentemente, o pastor acrescentou elementos judaicos à sua aparência (barba branca) e à sua “encenação”¹⁰⁷ religiosa (quipá e *talit*, como vestimentas, e outros itens presentes no templo, como menorás¹⁰⁸, uma réplica da Arca da Aliança¹⁰⁹, oliveiras, o Tabernáculo de Moisés, o altar de sacrifícios, o cenáculo, a bacia de bronze etc.¹¹⁰) e o próprio templo, que faz referência aos hebreus e ao judaísmo, pois o templo original, que fica em Jerusalém, é considerado pelos judeus como o lugar mais sagrado. Tudo isso imprimiu um novo significado à sua obra eclesiástica, dando-lhe um toque de judaísmo, tradição e, devido à grandiosidade do templo, de elegância e de suntuosidade (um exemplo do luxo do templo é o fato de o altar ser banhado a ouro e

¹⁰⁵ Cumpre comentarmos que, em maio de 2012, a prefeitura de São Paulo anunciou a autorização para a construção da sede da Igreja Internacional da Graça de Deus, cujo líder é o pastor R. R. Soares. Segundo o site da Igreja (ONGRACE, 2014), o templo, que se encontra em construção, terá capacidade para mais de 10 mil pessoas e ficará na Av. Cruzeiro do Sul, próximo ao Terminal Rodoviário Tietê, São Paulo, capital. Segundo o pastor, o templo terá 29.167,00m², estacionamento com vagas para cerca de 71 ônibus e/ou vans e 1571 veículos.

¹⁰⁶ Mais informações disponíveis em <<http://www.otemplodesalomao.com/#/otemplo>>. Acesso em: set. 2014.

¹⁰⁷ No sentido de que a cerimônia (o ritual) religiosa é por nós entendida como algo encenado, algo que faz parte de uma cena.

¹⁰⁸ Menorás são candelabros de sete pontas, braços.

¹⁰⁹ Para os cristãos, a Arca da Aliança (ou Arca do Testemunho) guarda “as duas tábuas da lei que Moisés recebeu, a vara de Arão (irmão de Moisés) e o maná, o pão que descia do céu durante a travessia no deserto” (KACHANI, 2014, s/p), ou seja, guarda os Dez Mandamentos de Deus (ou as Tábuas da Lei), sendo função do templo proteger a arca.

¹¹⁰ Mais informações disponíveis em: <<http://www.otemplodesalomao.com/#/otemplo>>. Acesso em: set. 2014.

de que há pedras importadas de Israel, Oliveiras do Uruguai e cadeiras da Espanha; o templo custou quase R\$ 700 milhões¹¹¹).



Figura 26: Templo de Salomão pertencente a Edir Macedo: a suntuosidade no cenário religioso

Autoria: Leandro Martins/Futura Press; Unicom

Fonte: Cardoso (*IstoÉ*, 2014, s/p).

Além disso, o discurso também parece ter mudado: parece haver maior tolerância com outros grupos religiosos, pois o pastor, durante oração, pediu a bênção de Deus aos católicos, aos espíritas e a outros, seu tom de voz está mais branco e ele se mostra mais tranquilo ao pregar. Isso é corroborado pela Revista *Veja* (2014, s/p); segundo a qual, as alterações não ficam apenas na aparência: “Edir Macedo fez uma mudança surpreendente na narrativa da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a maior confissão neopentecostal do país, criada por ele”.

¹¹¹ Cardoso (2014).

Na próxima figura, é possível observar a nova imagem exibida pelo pastor. Agora, ele se apresenta de barba longa e bigode brancos e acrescentou dois acessórios à vestimenta utilizada nas cerimônias religiosas, inclusive nas pregações: um quipá e um *talit*.



Figura 27: Edir Macedo em 2014 no Templo de Salomão: barba, quipá e *talit*¹¹² de ornamentos
Fonte: Imagens extraídas de pregações do Pr. Edir Macedo disponíveis na internet.

A barba simboliza a masculinidade, a diferenciação entre homens e mulheres, as quais utilizam o véu como forma de dimorfismo sexual¹¹³. Tais elementos funcionam como símbolos de uma dicotomia sexual (MORAES, 2014). Segundo Moraes (2014, s/p), “inspirados nas recomendações de Maomé, vários textos sagrados associam o comprimento da barba à amplitude da razão, estabelecendo uma correspondência estreita entre ela e a autoridade, a sabedoria e o poder”, e ela “indica igualmente a posição social de seu portador”. Segundo Moraes, a barba das pessoas

¹¹² O quipá (ou *kipá*) é um adorno de cabeça, espécie de solidéu; e o *talit*, um manto ou xale de oração.

¹¹³ Característica física não sexual que marca a diferença entre seres do gênero feminino e masculino.







notáveis, e cremos que o pastor se enquadra nessa categoria, e de importante profissão (médicos, professores etc.) deveria ser branca e longa. Assim, os sábios, os doutores da lei ou entendidos na/da lei, ou seja, do Torá usam barba longa e branca. Ao contrário, a barba de homens menos abastados deve ser bastante curta; e a dos militares, negra. Logo, a barba longa e branca é um signo de prestígio social e de respeito. Além dessa conotação religiosa, a barba tem também conotação sexual, servindo como instrumento de sedução (MORAES, 2014). Com isso, o pastor constrói e utiliza a máscara da sabedoria, do respeito, de alguém que entende e vive a lei divina, a qual deve reger tanto a vida religiosa quando social dos seus doutores.

O quipá (do hebraico *kipa*, כיפה, significa “cobertura”, “arco”) é um “solidéu usado pelos judeus” (HOUAISS et al., 2008, p.2364). Solidéu (do latim *solī Deo* significa “só a Deus”) é “pequeno barrete de lã ou de seda, em forma de calota, com que os eclesiásticos cobrem a tonsura¹¹⁴ ou um pouco mais” (HOUAISS et al., 2008, p.2602). O quipá funciona como símbolo religioso principalmente para os judeus rabínicos em sinal de respeito e temor a Deus e em consideração à sua onipresença. Em geral, o acessório, que se parece com uma “boina”, é utilizado em celebrações e momentos de devoção ou de solenidades. Segundo os costumes judaicos, não devemos entrar em uma sinagoga, recitar uma prece ou bênção, estudar o Torá ou realizar qualquer ato religioso de cabeça descoberta. Todavia, o solidéu, embora muito mais comum entre os judeus, é também empregado por representantes de outras religiões. A Igreja Católica, por exemplo, permite que todos os membros ordenados usem o solidéu, cuja utilização é bastante comum pelo Papa e por cardeais e bispos. Em desuso entre protestantes desde o século XIX, o solidéu foi retomado por Edir Macedo em 2014, assim como o *talit*.

Talit (do hebraico תלית) é um xale branco de seda, lã ou linho com: listas azuis; franjas; em cada uma das quatro pontas (bordas), há cinco nós, em um total de vinte nós, e oito fios, em um total de trinta e dois fios (SEARA ÁGAPE, 2014). Em geral, é utilizado por rabinos e judeus para fazer preces e em cerimônias nas sinagogas (VEJA, 2014). Existem dois tipos de *talit*, um pequeno utilizado por debaixo

¹¹⁴ Alto da cabeça.

da roupa (*talit calán*) e um maior usado nas preces (*talid gadol*) (MONTESIÃO, 2014). O ornamento apresenta algumas simbologias:

-  A veste em si simboliza a relação de Deus com os homens. “Não importa quão sagrados nos sentimos, Deus é infinitamente mais sagrado. Ele é o Talit que nos circunda” (MONTESIÃO, 2014, s/p).
-  As cores: o azul representa o céu, a morada de Deus; o branco a pureza dEle; e o dourado, sua grandiosidade e glória.
-  Os nós: o *talit* apresenta cinco nós em cada ponta, os quais simbolizam os cinco Livros de Moisés. Os nós representam ainda as mãos, os pés e os dedos neles presentes (SEARA ÁGAPE, 2014).
-  Os fios: os oito fios sugerem os oito órgãos do corpo que estimulam o homem a pecar (ouvidos, olhos, boca, nariz, mãos, pés, genitais e coração), que devem ser subjugados e santificados. Estes “órgãos” são entendidos como portas para entrada de pecados, já que cada um deles está relacionado a um tipo de propensão que pode levar o homem à queda: sentimentos, sexualidade, caminhos errados, tocar onde não devemos, contaminarmo-nos em ambientes indignos, liberar palavras de maldição, desejar o que não nos pertence e, finalmente, ouvir aquilo que não é santo.
-  Os quatro cantos: significam “que em qualquer uma das direções (Norte, Sul, Leste e Oeste) que os israelitas se voltassem, as franjas os tornariam conscientes da presença de Deus”, ou seja, “em todas as áreas da nossa vida, a palavra de Deus é soberana” (SEARA ÁGAPE, 2014, s/p). Assim, “as franjas à mostra despertam no homem uma consciência direta da Presença Divina”.
-  As franjas: “denominadas *tsitsit*, funcionam como lembrete de todas as *mitsvot* (mandamentos) da Torá” (MONTESIÃO, 2014, s/p). As franjas mostram que “não importa o quanto possamos nos sentir sagrados, Deus desce até nós e nos pede para falarmos com Ele. Ele é o *Tsitsit* que desce para segurarmos e o beijarmos” (MONTESIÃO, 2014, s/p). Elas também têm a função de ser lembrança vívida e constante do pecado original, de modo que devem permanecer presas à roupa. Ademais, elas “advertem o homem para ficar atento contra as inclinações do coração (símbolo dos sentimentos, das emoções

e da vontade) e dos olhos (símbolo da sabedoria e do intelecto), os dois ‘provocadores do pecado’” (SEARA ÁGAPE, 2014, s/p).

O objetivo desses elementos é lembrar o homem dos mandamentos de Deus e de Sua cobertura e autoridade sobre ele (SEARA ÁGAPE, 2014). O *talit* representa a totalidade do homem que se volta a Deus, pois, segundo a tradição judaica, o homem precisa entregar-se de corpo inteiro, todo o seu ser deve servir a Deus e deve zelar pela fé. “Assim, o *talit* nos faz lembrar que um crente guiado pelo Espírito Santo (fio azul) já tem a cobertura do sangue de Jesus sobre sua vida e pode entrar em Sua presença sempre que necessitar” (SEARA ÁGAPE, 2014, s/p). Para melhor compreensão, apresentamos a seguir um esquema do *talit*.

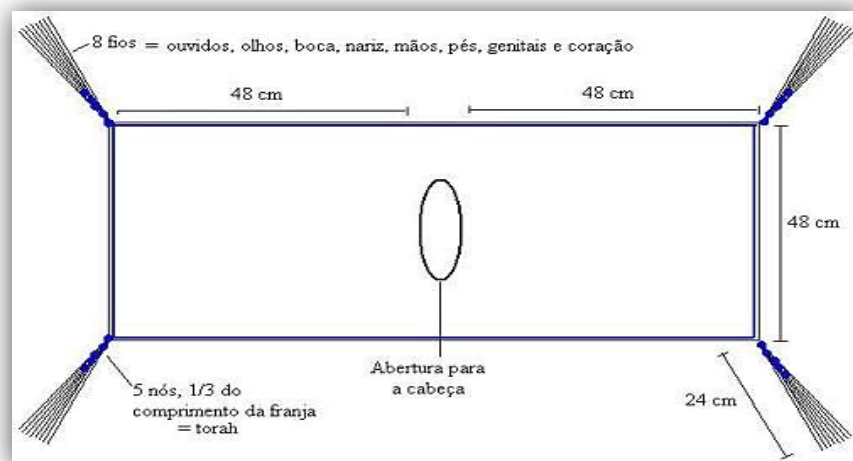


Figura 28: Talit

Fonte: Seara Ágape (2014, s/p).

Ao utilizar o *talit*, o indivíduo – no caso, o pastor Edir Macedo – busca se isolar do mundo ao seu redor e também procura maior concentração (SEARA ÁGAPE, 2014). Isso reflete o discurso de que “o evangélico não pertence a esse mundo”. Essa imagem conservadora de que os evangélicos estão separados do mundo e de que eles não se misturam com as coisas mundanas é bastante comum entre as Igrejas que veem o que é mundano como ofensas a Deus, sendo, por isso, bastante reforçada em algumas Igrejas.

Os acessórios utilizados por Edir Macedo denotam ainda, na cultura judaica, humildade perante Deus e a consciência, a aceitação e a submissão a esse ser maior. Logo, com sua utilização, o pastor mostra que se põe humildemente diante de Deus. Tudo isso, colabora para a construção de uma máscara de tradição, de aceitação de culturas afins (judaísmo), de humildade e, acima de todas, de homem santo. Além disso, o pastor aproxima sua imagem das tradições judaicas, berço do cristianismo, e do movimento judaizante. “Por meio dessas importações miméticas de visual e de acessórios de rituais tradicionais do judaísmo, ele [Edir Macedo] pleiteia para si a mesma majestosa aura dos velhos profetas bíblicos” (CARDOSO, 2014, s/p).

Todavia, o templo em si e seus elementos, incluindo a vestimenta do pastor, manifestam um ambiente de luxuosidade, o que vai de encontro à humildade antes defendida. E a proximidade com Salomão (que significa “pacífico”), o primeiro a construir um Templo de Salomão, defronta-se com a busca por santidade e sabedoria, tendo em vista que, segundo a Bíblia, Salomão representava saber¹¹⁵ e paz, diferentemente de seu pai, Davi, o qual, segundo a Bíblia, não tinha o “coração tão puro” por ter participado de inúmeras guerras e por ter mantido relações com uma mulher casada (Bate-Seba, ou Betsabé, esposa de Urias, o heteu; após a morte dele, Bate-Seba casou-se com Davi, segundo rei de Israel, predecessor a Salomão). Segundo a Bíblia, Salomão, que é filho de Davi com Bate-Seba, teria sido o terceiro rei de Israel, provavelmente, entre 970 a 931 a.C. (KASCHEL; ZIMMER, 1999). Foi Salomão quem ordenou a construção de um templo para Deus em Jerusalém, conhecido como Templo de Salomão. Biblicamente, afirma-se que Davi ensejava construir o templo, mas que não recebeu a autorização divina para isso devido à sua participação em guerras, ficando a cargo do seu filho construí-lo. Logo, ao estabelecer uma cenografia que relaciona o pastor ao rei Salomão, projeta-se a imagem deste naquele, ou seja, o pastor Edir Macedo passa a assumir as máscaras características de Salomão, quais sejam: sabedoria e tranquilidade. Assim, toda a cenografia cria algumas oposições:

¹¹⁵ O *Dicionário bíblico: de A a Z* (BREVI, 2014) relaciona os verbetes “sabedoria” e “Salomão”. No dicionário, encontramos o seguinte “SABEDORIA: Salomão destacava-se como o grande sábio de Israel” e “SALOMÃO: Ver ‘Sabedoria’” ((BREVI, 2014, p. 101 e 102, respectivamente).

Quadro 6: Oposições implicitamente presentes na cenografia de Edir Macedo

Santo	X	Profano/Pecador
Celestial/Divino		Mundano
Suntuoso		Humilde
Grande		Pequeno
Judeu		Cristão
Puro		Impuro
Sábio		Ignorante
Tranquilo/Pacífico		Intranquilo/Aguerrido

Fonte: A autora.

Tais contrastes também servem como recursos argumentativos, na medida em que recriam no interlocutor o próprio paradoxo da existência humana e dos discursos que têm circulado há anos na sociedade, os quais buscam entender essa importante relação que há entre Deus (ou os deuses) e os Homens. Orlandi (1996), ao se referir às marcas do discurso religioso, traz à tona a forte presença de antíteses como representativas desse discurso, que é marcado, gramaticalmente, pela negação e, semanticamente, pela dissimetria ou pela assimetria entre o plano espiritual, representado por Deus, e o plano temporal, representado pelos homens, ou seja a não reversibilidade (ORLANDI, 1996). A dúvida gerada no interlocutor pode funcionar para que ele se aproxime desse contexto, a fim de melhor conhecê-lo. Ou seja, projeta-se a dúvida para que o outro busque no discurso do locutor a resposta. Isso também é verificado no intenso jogo de oposições e de perguntas presente no discurso religioso, o que discutiremos *a posteriori*.

“Com a construção do Templo de Salomão o eixo simbólico religioso é no mínimo compartilhado (ou deslocado) para uma outra religião que mostra sua força e vontade de competir numérica e simbolicamente com a religião que até então (500 anos) detinha o monopólio religioso”, a Igreja Católica (KACHANI, 2014, s/p). Ou seja, todo esse cenário busca não somente atrair novos fiéis, afinal, segundo o Censo 2010 (IBGE, 2014), a Igreja Universal perdeu mais de 200 mil fiéis em uma década, mas também chamar a atenção para a grandiosidade religiosa que não pertence somente aos católicos, mas também aos evangélicos, especialmente àqueles da Igreja Universal do Reino de Deus. Assim, projeta-se o discurso de que os

evangélicos também podem ser luxuosos, com grandes templos, bem ornamentados, centro de atenção, peregrinação, adoração e turismo. Agora, com o Templo de Salomão, cria-se um “capital simbólico” para os evangélicos, especialmente aqueles pertencentes à IURD, pois “até então grandes catedrais (que representam capital simbólico) eram monopolizadas pela Igreja Católica romana” (KACHANI, 2014, s/p). Segundo Kachani, outro sentido que esse cenário implicitamente apresenta relaciona-se ao pertencimento: a Universal, ainda que tenha se internacionalizado, mostra que pertence ao Brasil. Procura, com isso, “estabelecer suas raízes em solo pátrio”, reforçando a ideia de que a Universal “veio pra ficar, criar raízes e disputar fiéis no interior do campo religioso brasileiro”.

Outro fator relevante é o fato de que todo o cenário representa não verbalmente o discurso teológico que o pastor prega, ou seja, a Teologia da Prosperidade, segundo a qual a fidelidade a Deus e a fé nEle (simbolicamente representada pela obediência a Deus e, conseqüentemente, ao dízimo) “derramam” bênçãos na vida dos fiéis, ou seja, se o crente é fiel a Deus, Ele o abençoará com riquezas materiais e espirituais, como boa saúde.

O termo “Teologia da Prosperidade” - ou “Evangelho da Prosperidade”, “Confissão Positiva”, “Palavra da Fé”, “Movimento da Fé” e “Evangelho da Saúde e da Prosperidade” (MATOS, 2008) é corrente no discurso religioso e entre seus pesquisadores. Trata-se de “um movimento de origem americana que tem tido enorme receptividade no meio evangélico brasileiro desde os anos 80” (MATOS, 2008, s/p). Segundo essa Teologia, as bênçãos imateriais e materiais (financeiras) são sinais de Deus aos fiéis, pois Ele deseja àqueles que nEle creem e seguem os seus desígnios felicidade e prosperidade em todos os campos da vida (financeiro, profissional, pessoal, na saúde etc.). Trata-se de pensar a prosperidade como consequência da fé e da obediência a Deus. Segundo Garrard-Burnett (2011, p.181), “O evangelismo baseado em dinheiro tem uma longa história neste país [Estados Unidos], data pelo menos do século XIX, quando pregadores que defendiam o que eles então chamavam de ‘Evangelho da Riqueza’ estimulavam os crentes a contar com Deus para recompensar sua fé com ‘acres de diamantes’. A equação que une fé a doações financeiras, com vistas a uma vida boa ou ‘regalada’, há muito tempo

tem sido praticada por uma corrente minoritária no Protestantismo evangélico americano e tem sido um denominador comum na radiodifusão e no televangelismo norte-americano por quase um século. [...] A manifestação moderna da ‘Teologia da Prosperidade’ data do início do século XX, tendo suas origens por volta do Avivamento Pentecostal da Rua Azusa (1906), o movimento que lançou o Pentecostalismo moderno. As raízes da Teologia da Prosperidade estão também intimamente ligadas ao aparecimento da mídia religiosa”. Segundo Cunha et al. (2008, p.159), a Teologia da Prosperidade

Baseia seus fundamentos na compreensão de que a prosperidade material (saúde, aquisição de bens financeiros e materiais) são sinais da real presença e da bênção de Deus na vida de uma pessoa. Neste sentido, a prosperidade material (“Vida na Bênção”) está condicionada à fidelidade material e espiritual a Deus. Nesse caso, os abençoados são os “escolhidos de Deus” e a acumulação de bens materiais é interpretada como as bênçãos para os que passam a ser considerados “filhos do rei” (ou “Príncipes”).

Esse discurso da prosperidade esteve presente em todas as cinco pregações analisadas do pastor e pode ser exemplificado no excerto que segue.

EXCERTO 29

EDM.: [...]o povo de Deus... é príncipe... os filhos de Deus são príncipes de Deus... você é um príncipe de Deus... o dízimo... quando você... traz o dízimo... VOCÊ é o próprio dízimo... você é o próprio dízimo... você é príncipe... você é príncipe... diante de Deus você é princesa diante de Deus... você sabia disso?... ah a sua maioria não sabia... mas você é... se você é dizimista fiel... dizimista é aquele que coloca Deus em primeiro lugar porque dízimo... são as primícias... primícias da nossa renda... então... quando você... faz do senhor Jesus o primeiro da sua vida... então... você se torna... príncipe de Deus... porque você passa a ser... o primeiro para Deus... se você considera Deus o primeiro na sua vida... ele considera você o primeiro na vida dele... é assim... é uma troca... é uma troca... então príncipe... andando a pé... e servos... escravos... andando a cavalo... que que significa isso?... significa... que os filhos das trevas... andam a cavalo... enquanto os filhos da luz... andam... a pé... é isso que você quer?

Pr. Edir Macedo - L. 01-03

Assim, é envolvente a relação que há entre esse discurso e os elementos não verbais, tais como o cenário da pregação e a aparência do pastor, o que pode criar uma imagem no interlocutor: se eu fizer parte desse grupo também serei

bem sucedido, terei riquezas, participarei de uma “casa”¹¹⁶ colossal e poderosa como o Templo de Salomão, serei importante e, ao mesmo tempo, humilde como o pastor. Esses elementos imbricados geram um ar de persuasão que leva, conseqüentemente, à adesão dos espíritos e, no contexto religioso, à conversão dos não crentes. Notamos que não bastam as palavras para o convencimento do auditório, é importante apresentar – sem dizer – uma imagem que condiz com o discurso, é o **ethos mostrado**. Essa máscara de poder (poder manifestado de diversos modos, seja por meio de elementos verbais, como o nome das Igrejas, exemplo da Igreja Vitória em Cristo, seja por não verbais, como a cenografia de Edir Macedo), força e sucesso relacionada à máscara da submissão a Deus, da humildade e da igualdade (também simbolizada pelo xale) cria um ambiente altamente persuasivo, pois a pessoa convence-se daquilo que vê e sente sem que palavras tenham de ser ditas. Não acreditamos que todo fiel que participe da cerimônia conheça os pormenores da simbologia presente, mas isso também não é necessário, já que o cenário em si apresenta sentidos que, mesmo sem serem desvelados em sua totalidade, são experimentados, percebidos e, muitas vezes, acolhidos pelos interlocutores. Conseqüentemente, o pastor, com essas ações que incluem a construção do templo, conquista a mídia e a simpatia de novos fiéis, angariando, em contrapartida, muitos desafetos, os quais, ao criticarem o pastor e o templo, fazem propaganda, gerando nas pessoas curiosidades por conhecê-los e por saber mais a respeito daquilo tudo.

Não é sem motivo ou proveito que Edir Macedo passou a utilizar *talit* e quipá, ao contrário: os acessórios agregados à vestimenta e sua aparência mudada acrescentam sentidos, servindo para a sedução do auditório. Toda a transformação pode deificar/divinizar o pastor, que passa a ser cultuado pelos fiéis e adorado quase como um deus. Além do mais, pode funcionar também como estratégia para chamar a atenção do auditório e da mídia. Trata-se, portanto, de rica estratégia argumentativa e

¹¹⁶ Em muitos contextos religiosos, a igreja é considerada a casa, a morada de Deus. Isso tem sido muito afirmado por Edir Macedo ao falar de seu templo, o que também funciona como estratégia de persuasão, afinal que teísta não gostaria de conhecer de perto a casa de Deus? Que teísta não deseja sentir essa presença de perto?

de *marketing* pessoal que levam, por conseguinte, à deificação do pastor, ainda que isso possa não fazer parte dos seus objetivos.

A cerimônia religiosa solicita dos interlocutores certo protocolo, um pouco de solenidade e sobriedade, o que é quebrado por outro pastor que também chama a atenção por um acessório: Valdemiro Santiago muitas vezes utiliza um chapéu durante suas pregações, como mostram as imagens que seguem.



Figura 29: Valdemiro Santiago

Fonte: Google imagens.

O uso do chapéu, que já se tornou marca registrada do pastor, releva não só seus gostos pessoais (ele gosta de pescar e de aproveitar a natureza) e sua raiz humilde (ele nasceu em uma comunidade pobre em Minas Gerais), mas serve também para aproximá-lo dos fiéis, torná-lo mais popular, o que também é corroborado pelo uso de camisa sem o terno ou a gravata. Tais aspectos deixam implícita uma mensagem ao alocutário: somos todos iguais, pessoas simples que só querem professar sua fé. Segundo a Revista *IstoÉ* (2014, s/p), em reportagem sobre o pastor, “sua identificação direta com a massa – é negro, tem sotaque caipira e português falho,

trabalhou na roça e passou fome – o coloca nos braços humildes e carentes daqueles que procuram uma solução espiritual para as mazelas da vida”. Com isso, vínculos afetivos são construídos e alimentados, já que o pastor projeta uma imagem de humildade que é salientada por seus atos, como abraçar os fiéis (Figura 29 e 44). Tudo isso funciona para aproximá-lo dos fiéis, conquistando sua simpatia e confiança, pois eles se identificam com o pastor, de modo que essa identidade criada funciona como uma estratégia de convencimento.

Cumpre comentar que, há alguns anos, o pastor Silas Malafaia usou bigode, mas deixou de utilizado, de modo que ele agora tem se apresentado de rosto perfeitamente barbeado.

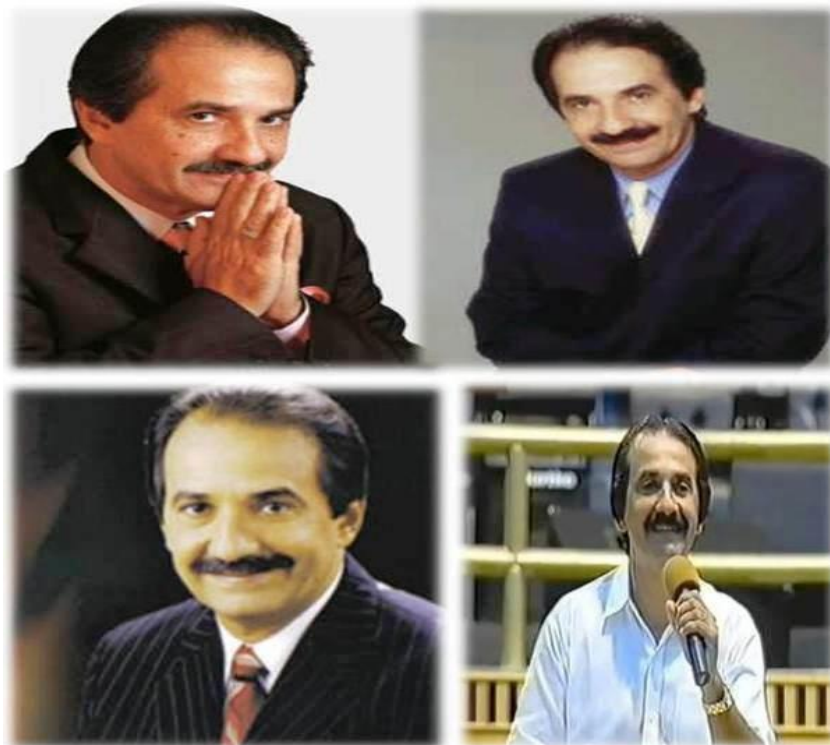


Figura 30: Silas Malafaia
Fonte: Google imagens.

Esses aspectos são importantes porque participam da construção de um *ethos* prévio (HADDAD, 2011) dos pastores, máscara elaborada por meio do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado dos telespectadores, dos fiéis.

Além da aparência propriamente dita, as expressões faciais são também estratégias argumentativas, pois elas podem envolver e aproximar o

interlocutor, como distanciá-lo. Analisando as quatro fotografias da Figura 24 e as pregações, um aspecto chamou a nossa atenção: todos os pastores mostram-se doces e serenos. Em muitos momentos, os pastores aparecem sorrindo, o que denota a sua amabilidade e doçura, fatores que funcionam como estratégias de convencimento do auditório, porque funcionam para atraí-lo. Essa imagem gera uma inferência que pode vir a ser observada, analisada e aceita pelo interlocutor: esses homens são felizes por causa de sua fé, assim, se eu aceitar a sua fé, posso ser feliz como eles. Sem dúvida, a felicidade é um dos valores mais procurados pelos homens. Logo, mostrar-se feliz é atrair a atenção, é conseguir fiéis. Vale comentar que os dois pastores mais sorridentes são, respectivamente, Valdemiro Santiago e R. R. Soares.

Assim, o aspecto feliz representado inicialmente pelo sorriso e, *a posteriori*, pelo riso funciona como estratégia argumentativa em interações faladas face a face ou virtuais. Isso porque as pessoas desejam criar vínculos com os outros e o sorriso significa abertura à relação social, a ausência de medo ou de raiva. O sorriso transmite uma sensação agradável, de prazer (iDICIONÁRIO AULETE, 2014); com o sorriso, os locutores se mostram favoráveis ao outro, à proximidade com ele. Segundo Mariano (2005, p.1242), o riso funciona como uma figura de comunhão, ou seja, ele busca aproximar o auditório do locutor. Para a autora, “nas situações discursivas mais formais pode-se buscar a adesão do auditório por meio do riso ou da graça, alguns dos efeitos possíveis do inesperado”. Para Souza (2012, p.2654), “a graça na ‘espetacularização religiosa’, proposta pela televisão, transforma sentidos normalizados sobre o comportamento litúrgico no espaço sagrado, pois ressignifica uma manifestação que historicamente é reconhecida como marca inerente do humano, portanto do mundano, do profano - o riso”. Com isso, o riso aproxima o que divino do que é humano, tornando o discurso religioso mais próximo daquele que ele precisa atingir. Assim, com o riso, o discurso religioso se atualiza, de modo a se refazer “no imaginário social a imagem do crente enquanto sisudo ou infeliz historicamente postulada” (SOUZA, 2012, p.2653). Para a autora, as imagens de riso em pregações seriam uma “prova visível de uma igreja alegre, satisfeita. Mostrar as imagens significa autenticar, fazer crer que é possível ser crente e não ser infeliz, não ser oprimido” (SOUZA, 2012, p.2650). Vale comentar que não é apenas a imagem do

sorriso/riso dos pastores que é utilizada como estratégia argumentativa, a imagem dos fiéis sorrindo/rindo/felizes também é importante, ou seja, o *pathos*, a colocação do auditório em certo estado psicológico, como já atestou Souza (2012) e como observamos na figura que segue, na qual há recortes de imagens de fiéis mostradas nos vídeos das pregações analisadas.



Figura 31: Imagem dos fiéis rindo contagiados pelo riso dos pastores
Fonte: Retiradas das pregações que compõe o *corpus* analisado.

Se colocarmos os pastores em uma esquema que vai do mais sorridente ao menos sorridente, teríamos o que segue:

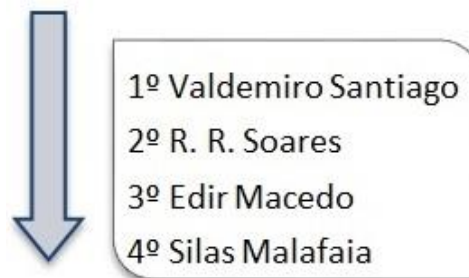


Figura 32: Sorriso como fator de argumentatividade
Fonte: A autora.

A análise das pregações dos pastores possibilitou-nos verificar que Valdemiro Santiago é o pastor que mais sorri para seus interlocutores; e Silas Malafaia,

o que menos sorri. Em contrapartida, o estudo também nos permite dizer que Silas Malafaia (Figura 33) e Edir Macedo (Figura 34) são os pastores que apresentam a maior versatilidade no que se refere a expressões faciais, de modo que a sua expressividade facial é bastante evidente e colabora para a construção de um ambiente persuasivo e para a construção e a manutenção da máscara do homem sério e temente a Deus, daquele que fala de coisas celestiais, divinas com a seriedade que elas podem exigir.



Figura 33: Expressões faciais de Silas Malafaia

Fonte: Imagens extraídas da pregação do Pr. Silas Malafaia compõe o *corpus* analisado.



Figura 34: Expressões faciais de Edir Macedo pregando
Fonte: Imagens extraídas da pregação do Pr. Edir Macedo que compõe o *corpus* analisado.

Na observação das pregações, percebemos que apenas o pastor R. R. Soares mantém a aparência doce e de tranquilidade, satisfação na maior parte do tempo, os demais em muitos momentos estão sérios, às vezes parecem até nervosos ou bravos. Com isso, R. R. Soares utiliza mais que os outros a máscara da benevolência (*eunoia*), retomando o discurso de que Deus é bondade, é amor. Durante sua fala, o pastor mantém um tom de voz baixo a maior parte do tempo. Seus ternos, em geral, são claros, normalmente em tons de azul. Ademais, em muitos momentos da pregação ele permanece com as mãos unidas, como em sinal de oração.



Figura 35: R. R. Soares pregando
Fonte: Imagem extraída da pregação do Pr. R. R. Soares que compõe o *corpus* analisado.

No material analisado, o pastor exibe um vídeo em que T. L. Osborn, missionário americano que é irmão de fé de R. R. Soares, tece considerações a respeito do brasileiro em uma entrevista cedida a esse, de modo a corroborar a construção do *ethos*. No trecho que segue, a máscara da bondade e do amor é explicitada.

“Não é maravilhoso o que você [R. R. Soares] tem feito na vida das pessoas? Eu te amo! Eu amo a sua liderança, eu amo a sua alegria, eu nunca te vi nervoso! Eu tenho certeza que você tem que ficar nervoso de vez em quando, mas você é bondoso com as pessoas. Os seus olhos projetam... amor!”

Esse *ethos* é, portanto, construído para o pastor, que o mostra ao auditório por meio do exemplo de outro pastor, alguém considerado importante. Trata-se, pois, do uso de um discurso de autoridade, que serve para tornar ainda mais convincente esse caráter. Se fosse o pastor falando acerca de si mesmo, ele construiria talvez uma imagem de arrogância, de presunção, ou seja, um *antiethos*, o que poderia afastar o auditório. Exatamente por isso, quem fala do pastor é outra pessoa, mas não uma pessoa de pouca importância para o contexto em que R. R. Soares está inserido, mas alguém conhecido e respeitado internacionalmente. Segundo o *Osborn Ministries International* (2014, s/p), Dr.¹¹⁷ T. L. Osborn (1923-2013), americano radicado em Tulsa, Oklahoma, Estados Unidos, foi missionário, televangelista, professor, autor, editor, linguista, desenhista, pianista, entre outros. Entre seus livros mais conhecidos estão *Cura dos doentes*, um best-seller com mais de um milhão de exemplares vendidos, e *Curai enfermo e expulsai demônio*, citado por R. R. Soares na pregação analisada. O *Osborn National Missionary Assistance Program* (Programa de Assistência Missionária Nacional Osborn) patrocinou mais de 30.000 homens e mulheres nacionais como missionários de tempo integral, fundando mais de 150 mil novas Igrejas. Por tudo isso, podemos dizer que a autoridade do falante confere veracidade e força argumentativa ao seu discurso sobre o missionário brasileiro, de modo que a máscara é reforçada e valorizada, contribuindo, conseqüentemente, para a persuasão.

Em contrapartida, não é apenas o sorriso que funciona para agregar os espíritos, a imagem mais séria, mais fechada ou até mais brava serve também para a

¹¹⁷ T. L. Osborn é chamado de doutor por R. R. Soares e em muitas páginas eletrônicas que pesquisamos.

persuasão, porém os sentidos construídos são outros. Com essa imagem, o pastor gera a sensação de respeito, seriedade, voltando-se à ideia de temor a Deus. Embora felizes e simpáticos, eles, ao falar de Deus e de sua palavra, são sérios, porque o contexto pede isso, porque não podemos debochar de Deus, que merece atenção e respeito. Por isso, em boa parte das pregações, os pastores mostram-se sérios, especialmente Silas Malafaia e Edir Macedo. Assim, a alegria (representada pelo sorriso) e a seriedade são oposições importantes que se relacionam ao discurso religioso e que funcionam para persuadir o auditório.

ALEGRIA/ SORRISO/ RISO	X	SERIEDADE
------------------------	---	-----------

Como os aspectos não linguísticos (visual, gestual e facial), ou seja, os elementos paralinguísticos também são importantes nas/para as interações faladas, os pastores falam sempre olhando firmemente para o auditório, eles têm movimentos firmes, confiantes, dão socos ou tapas no púlpito, apontam para o céu, para os ouvintes ou para si mesmos. Nesse momento, o “eu” significa um “nós” ou tem sentido de Deus, trata-se de Deus falando por meio do pastor, o qual, nesse instante, exerce a função de profeta. Logo, os pastores utilizam a máscara do profeta, do mensageiro de Deus na Terra, e do homem sério cuja palavra deve ser respeitada. É comum nas pregações o pastor apontar para si mesmo ou para o auditório, de modo a chamar-lhe a atenção. As próximas figuras mostram justamente isso: na primeira, os pastores indicam os fieis *in loco*; na segunda, os virtuais. Logo, os gestos são também estratégias persuasivas e de envolvimento; e não é preciso o fiel estar presente para o pastor falar diretamente com ele. Cumpre comentar que Edir Macedo e, em sequência, Silas Malafaia são os pastores com maior ocorrência de apontamento para os fiéis (aqueles que mais apontam as mãos para o auditório). Em contrapartida, R. R. Soares apresenta o menor índice de ocorrências de apontamentos.



Figura 36: Pastores apontam para fiéis *in loco*
Fonte: Imagens extraídas de pregações que compõem o *corpus* analisado.



Figura 37: Pastor Silas Malafaia aponta para os fiéis virtuais
Fonte: Retirado da introdução às pregações do Pr. Silas Malafaia que compõem o *corpus* de 27h.

As mãos, no discurso religioso, são utilizadas para abençoar os fiéis, tendo forte simbologia e, conseqüentemente poder persuasivo. Assim, é bastante comum a imposição de mãos nesse contexto, em que elas são projetadas em direção ao auditório, podendo tocá-lo ou não. Segundo Maués (2000, p.125), a imposição de mãos

é uma prática comum no contexto religioso¹¹⁸, ocorrendo “nas orações que se fazem nas casas dos doentes ou nos hospitais, nas sessões do ministério de cura etc.”. A imposição de mãos é utilizada como técnica auxiliar para criar um estado espiritual e psicológico, em que os interlocutores se encontram envolvidos com aquele ato. Para os religiosos, por meio desse gesto, aquele que impõe as mãos sobre o outro, podendo tocar-lhe ou não, medeia uma bênção, transmite uma sensação de bem-estar e, em alguns casos, funciona como instrumento de cura. Nesse momento, quem impõe as mãos (em nosso caso, os pastores e alguns obreiros¹¹⁹ da Igreja) assume a máscara de intercessor (entre Deus e os homens) e de instrumento de Deus. Nas quatro pregações analisadas, notamos que esse tipo de imposição de mãos é salientada apenas na interação com Valdemiro Santiago, nas demais não. Esse também é o único pastor a se aproximar dos fiéis, chegando a tocá-los, abraçá-los.



Figura 38: Imposição das mãos

Fonte: Imagem extraída da pregação do Pr. Valdemiro Santiago que compõe o *corpus* analisado.

Em um momento da pregação de Valdemiro Santiago, os fiéis tentam tocá-lo (vide figura que segue), remetendo a passagens bíblicas em que as pessoas tentam tocar as vestes de Jesus Cristo, buscando cura de enfermidades, entre outros.

¹¹⁸ O autor analisa o contexto religioso católico, mais especificamente a Renovação Carismática Católica (RCC), mas pode ser utilizado como aporte teórico para nossa pesquisa porque as cerimônias/ os encontros da RCC muito se assemelham às pregações evangélicas, distanciando-se da tradicional missa católica.

¹¹⁹ Pessoas que ajudam os pastores na missão de evangelizar, colaborando em cultos, pregações etc.

Notamos nisso uma comparação implícita (uma metáfora) entre Jesus e o pastor, como se os fiéis confiassem que, ao tocar em Valdemiro Santiago, seriam abençoados/curados. Assim, esse aspecto não verbal funciona como um forte recurso argumentativo, já que se constrói uma máscara de bênção e santidade pelo não dito (*ethos* mostrado): não se trata do que o pastor disse ou fez, mas da fé de alguém nele apresentada por meio de uma imagem.

“E toda a multidão procurava **tocar-lhe**, porque saía dele virtude, e curava a todos.” (Lucas 6:19 – grifos nossos).

E uma mulher, que tinha um fluxo de sangue, havia doze anos, e gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curada, Chegando por detrás dele, **tocou na orla do seu vestido**, e logo estancou o fluxo do seu sangue. E disse Jesus: Quem é que me tocou? E, negando todos, disse Pedro e os que estavam com ele: Mestre, a multidão te aperta e te oprime, e dizes: Quem é que me tocou? E disse Jesus: **Alguém me tocou, porque bem conheci que de mim saiu virtude**. Então, vendo a mulher que não podia ocultar-se, aproximou-se tremendo e, prostrando-se ante ele, declarou-lhe diante de todo o povo a causa por que **lhe havia tocado, e como logo sarara**. E ele lhe disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz. (Lucas 8:43-48 – grifos nossos).



Figura 39: Fiéis tocam em Valdemiro Santiago

Fonte: Imagem extraída da pregação do Pr. Valdemiro Santiago que compõe o *corpus* analisado.

Os fiéis abrem as mãos, fecham os olhos e, algumas vezes, abaixam a cabeça em sinal de recebimento da oração e/ou da bênção. Assim, no contexto analisado, os elementos não verbais como os gestos dizem muito. Logo, o pastor para abençoar impõe as mãos em direção ao auditório, que, para não aceitar, não abre as mãos e mantém os olhos abertos. Receber a oração é sinal de humildade, de aceite de uma proteção. Com esse ato, cativa-se os fiéis, que veem naquele que recebe a bênção um irmão na fé, um semelhante.

Além disso, os fiéis, para mostrar concordância e aceite, utilizam suas mãos: i) levantando-as enquanto dizem “amém” ou “glória a Deus”, como demonstram as ilustrações A e B da figura que segue, na qual, após o pastor perguntar se alguém ali espera em Deus, muitos levantam as mãos e dizem “amém”, que, naquele momento, quer dizer “sim, eu espero em Deus”; ii) apresentando-a em sinal de recebimento, ou seja, com a palma virada para cima, como na ilustração C da figura que segue; iii) batendo palmas.



Figura 40: Manifestação de concordância dos fiéis
Fonte: Imagens extraídas de pregações que compõem o *corpus* analisado.

Imagens dos fiéis¹²⁰ são utilizadas como estratégia argumentativa, uma vez que elas denotam não só a concordância deles e mostram uma igreja cheia, mas também podem apresentar sua fé, sua atenção e/ou sua emoção (notada na Figura 42, a qual focaliza a comoção dos fiéis durante as pregações). As próximas figuras são recortes dos vídeos, nos quais os fiéis *in loco* são focados de modo a servir como referência aos auditório virtual. Especialmente nas pregações do pr. Valdemiro Santiago, a emoção dos fiéis (e do pastor) é ressaltada, construindo-se uma máscara de humildade, sofrimento, solidariedade. Outros pastores, ao contrário, projetam com mais intensidade uma máscara de força.



Figura 41: Imagem da atenção dos fiéis é destacada nas pregações
Fonte: Imagens extraídas de pregações que compõem o *corpus* analisado.

¹²⁰ Não ignoramos o fato de haver uma equipe que realiza um processo de edição. Todavia, consideramos que essas imagens fazem parte do contexto desse discurso, devendo, portanto, ser consideradas na análise.



Figura 42: Imagem da emoção dos fiéis é destacada nas pregações

Fonte: Imagens extraídas da pregação do Pr. Vamidero Santiago que compõe o *corpus* analisado.

Nas figuras, podemos notar a imagem de fé das pessoas, mais um subterfúgio para conquistar a simpatia dos fiéis. Logo, não são apenas os gestos dos pastores que têm valor argumentativo, o dos fiéis também, especialmente quando eles servem de exemplo para os demais, trata-se de despertar paixões, emocionar (*pathos*). Assim, o testemunho de fé e os exemplos são também recursos importantes para a adesão dos espíritos. Exatamente por isso, são tão comuns no discurso religioso. Por meio da observação da fé de outras pessoas, somos tocados, comovidos, de modo que queiramos fazer parte daquele grupo. Cumpre comentar que a focalização dos fiéis mostrou-se recurso muito importante nas pregações dos quatro pastores, mas os fiéis são mais enfatizados de ângulos diferentes, mostrando aspectos distintos, em primeiro lugar, nas pregações de Valdemiro Santiago e, em segundo, nas de Silas Malafaia, em terceiro, nas de R. R. Soares e, em quarto, nas de Edir Macedo.



Figura 43: Imagem dos fiéis é destacada nas pregações do Pr. Valdemiro Santiago
Fonte: Imagens extraídas da pregação do Pr. Valdemiro Santiago que compõe o *corpus* analisado.

A importância dos gestos reside no fato de que o corpo é “o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem” (MAUSS, 1974, p.217). Assim, é natural que o corpo e a expressão corporal estejam relacionados a muitos símbolos, como o de fé.

No discurso religioso, são empregadas outras estratégias de mascaramento, como as de preservação da face, especialmente em relação ao interlocutor, ao auditório. Isso porque, durante a interação, os interactantes estão envolvidos em trocas verbais e não verbais que podem ameaçar a face negativa e a face positiva do falante e dos ouvintes. Nas pregações analisadas, verificamos a prevalência da cortesia positiva. Para exemplificá-la, observamos os momentos em que os pastores levam o auditório ao riso devido ao conteúdo do que diz, ao tom que emprega para dizer algo ou às brincadeiras que ele faz. Na pregação de Edir Macedo, ocorreram doze (12) momentos de riso explícito como reação às palavras do pastor; na

de R. R. Soares, nove (9); na Silas Malafaia, seis (6); e na de Valdemiro Santiago, sete (7)¹²¹.

EXCERTO 30

RRS.: *[[...]] eu tava em Manaus uma vez num hotel... quando eu entendi isso aqui eu/ eu dei pulo lá dentro do hotel... falei "Jesus que coisa linda"... e... gritei "velha desdentada... da foice... e da (sacola) cê nunca vai me pegar" ((risos)) ((risos ao fundo))... olha o que Jesus falou aqui olha... "em verdade em verdade vos digo que... se alguém guardar a minha palavra NUNCA haverá morte" ô glória a Deus... [[...]]*

Pr. R. R. Soares -L. 31-35

O tom jocoso de R. R. Soares nesse momento e o conteúdo enunciado criam um ar de descontração que leva ao riso, que funciona para envolver os fiéis, abrandar a seriedade com que os assuntos de cunho religioso são tratados. A brincadeira do pastor aconteceu em meio a enunciados sobre a morte, em que ele afirma que não adianta temê-la, pois se trata de algo certo e irremediável. Com a brincadeira, o locutor quebra um pouco da "acidez" do discurso, servindo para resguardar as faces e para a construção de uma máscara de alegria.

Além da jocosidade, a cortesia positiva está presente quando o pastor mostra-se preocupado com os problemas dos fiéis, quando ele os abraça e diz que Jesus está intercedendo naquele momento por eles. Assim, doa-se aos fiéis a intercessão de Jesus. Novamente, o pastor assume a máscara de instrumento de Deus, de intercessor. Dos quatro pastores, Valdemiro Santiago é, sem dúvida, o mais afetivo, o que utiliza estratégias de cortesia positiva para a adesão do auditório, seja para a manutenção dos fiéis, seja para a conversação dos não fiéis. Isso é facilmente observado quando se buscam imagens do pastor abraçando os fiéis.

¹²¹ Para quantificar os dados, utilizamos a pregação na íntegra a fim de sermos mais fiéis ao contexto.



Figura 44: Valdemiro Santiago abraça os fiéis

Fonte: Imagens extraídas da pregação do Pr. Valdemiro Santiago que compõe o *corpus* analisado.

O abraço funciona também para mostrar que o pastor é querido pela comunidade, que ele não é apenas aceito e respeitado, mas é também, e talvez acima de tudo, amado. Isso é importante em um contexto em que esse e os demais pastores de nossa pesquisa são muito criticados na mídia. Apresentar a imagem de uma pessoa benquista é fundamental para combater a imagem negativa que muitas vezes a mídia expõe. Outro *ethos* fortemente construído pelo pastor é de homem simples e humilde, de alguém sentimental, que se emociona. A emoção é um recurso relevante ao passo que, tocando os sentimentos dos fiéis, eles se tornam mais susceptíveis a aceitar a imagem do pastor, a vê-lo como alguém próximo, que também sofre, que também tem problemas. Assim, o pastor é um espelho para os fiéis, que podem ver nele a sua própria imagem, o que muito corrobora a persuasão. Isso porque não se cria um muro que separa pastor de um lado e fiéis de outros. O pastor não é visto aqui como a imagem da força soberana, mas de alguém que, como os fiéis, enfrenta problemas, mas

que consegue se sobressair devido à sua fé em Deus. Eis uma máscara que exerce força argumentativa no auditório: vencedor pela fé.

Edir Macedo, de modo diverso, também constrói a imagem de vencedor pela fé. Mas esse pastor, diferentemente daquele, apoia-se na imagem de força, de revolta e de coragem. Segundo seu discurso, não basta sofrer calado, é necessária a revolta interior, a força interior, para que a graça seja alcançada.

EXCERTO 31

EDM.: [...] a conquista que você quer... depende da sua fé... depende da sua convicção... depende da certeza que há dentro do seu peito... é assim que funciona... não é uma religiosidade... não é... não é... carece... você tem que... você tem que expressar essa... essa... esse ARROJO... essa CORAGEM... você não pode ser religioso... você não pode ser religioso jamais... porque se não você vai perder... você vai ficar enganado... você vai lu/... ficar o resto da sua vida na Igreja e não vai acontecer nada... você tem que mudar a maneira de agir... você tem que... você tem que... fazer algo diferente... você tem que PENSAR diferente... porque se você não fizer alguma coisa diferente NADA vai acontecer de diferente na sua vida... ou vai?

Pr. Edir Macedo -L. 06-13

A escolha das palavras (conquista, convicção, arrojo) colabora para a construção argumentativa. Mas não só as palavras trabalham em prol da persuasão, essa força e coragem comentadas pelo pastor manifestam-se também por meio dos elementos não verbais, como a voz firme, vigorosa e bem colocada de Edir Macedo, a movimentação de cabeça (em sinal negativo) e das mãos (abertas a maior parte do tempo), a expressão facial forte e a sua movimentação no altar. Logo, elementos verbais (escolha lexical) e não verbais corroboram para a construção dessa máscara.

A cortesia negativa está no pessimismo, na ênfase ao que é considerado ruim (ao inferno, à morte, ao pecado), que é comentado para angariar a fidelidade dos fiéis e o temor a Deus, ao medo que parece se lhes infligir, impor. Nas pregações analisadas, a fidelidade é reiterada inúmeras vezes; e, em geral, ela diz respeito a alguns aspectos: à permanência dos fiéis na Igreja (pesquisas mostram que os brasileiros têm tendência a trocar de Igreja e até mesmo de religião); à credibilidade e à confiança na fala do pastor e à sua figura, ao que ele é e representa. Especialmente nas pregações de Edir Macedo, outro elemento é comumente relacionado à fidelidade,

qual seja: o pagamento do dízimo e das ofertas. Tal aspecto é explicitado pelo pastor na pregação que analisamos.

EXCERTO 32

EDM.: *[[...]] por que que Deus fala em dízimos... e oferta?... por quê?... Deus não precisa de dinheiro... pra que dinheiro?... Deus precisa de dinheiro?... Deus precisa de ouro? Deus precisa de alguma coisa?... por quê?... a Bíblia... está che:::ia... de símbolos... che:::ia de símbolos... representações... quando você... no altar coloca uma aliança... que que é a aliança?... aliança é casamento? não... aliança não é casamento... ela sim-bo-li-za... uma... palavra que você empenhou... no altar... é ou não é?... não é verdade?... é um símbolo... isso aqui é símbolo... isso não garante fe/felicidade ou garante?*

FIÉIS: *não...*

EDM.: *isso é um símbolo... o que que simboliza... o dízimo?... os dízimos... e as ofertas?... que que simbolizam?... os dízimos simbolizam... a sua FI::DELIDADE para com Deus... porque eles... os dízimos... antigamente eram assim... o povo de Deus... quando ia colher o fruto da terra... os prime::iros dez por cento das primí::cias... são primícias... eles... recolhiam... e entregavam... ao sacerdote... então Deus abençoava... os noventa por cento... e prosperava... a vida deles... porque que que eles tinham que dar... os dez por cento?... por quê?... porque quando eles dessem os dez por cento... eles estavam dando... a sua própria vida para Deus... da mesma forma... como Deus... deu... Jesus para a humanidade... então o dízimo... é você... no altar de Deus... como Jesus foi o dízimo de del/de Deus... para a humanidade... amém?... é um símbolo... é um símbolo... só isso... mas que Deus... respeita... e quer... entendeu pessoal?*

FIÉIS: *sim...*

Pr. Edir Macedo -L. 608-626¹²²

Nesse excerto, o pastor fala claramente que dízimos e ofertas, segundo ele, “simbolizam... a sua FI::DELIDADE para com Deus...” (EDM., L. 617). Logo, a obediência a Deus também é representada pela entrega fiel do dízimo e das ofertas e que essa fidelidade é abençoada por Deus, que multiplica aquilo que recebe. Mas mais que fidelidade, o dízimo e a oferta demonstram o amor do fiel a Deus:

EXCERTO 33

EDM.: *[[...]] então o dízimo... a oferta... significa ou simbolizam... a lealdade a fidelidade e o amor... que a pessoa tem para com o senhor Jesus... amém?*

FIÉIS: *amém...*

EDM.: *as religiões não ensinam isso porque tem vergonha... tem vergonha de perder o povo... eu não... se você quiser obedecer amém... se você não quiser paciência... a gente ensina... mas o... você que toma... a sua decisão... por isso que todos... todos os meses... as primeiras... os primeiros sete dias... do mês... do dia três até o dia dez des/... desse mês desse próximo mês... nós vamos ter... a consagração dos dízimos... [[...]]*

Pr. Edir Macedo -L. 640-648

¹²² Embora esse trecho não pertença aos 15min que analisamos, consideramos importante acrescentá-lo, tendo em vista que ele representa aquilo que notamos no estudo das 27h de pregações, ou seja, a obediência a Deus é entendida também como fidelidade ao pagamento do dízimo e de ofertas.

Cumpra salientarmos que, no contexto examinado, dízimo e oferta são elementos distintos. Dízimo diz respeito ao pagamento mensal de um décimo dos recebimentos dos fiéis (salário e outros). Já as ofertas são as contribuições que os fiéis depositam a cada culto. Assim, se há sete cultos na semana, a Igreja recebe o dinheiro depositado nos cultos mais o dízimo.

Segundo Galembeck (2005), para preservar a sua face, os locutores realizam dois processos: de distanciamento e de envolvimento. No primeiro, são empregados elementos que aplacam as marcas da enunciação. No outro, são utilizadas estratégias que servem para assinalar o compromisso do locutor com o que afirma. Assim, no discurso religioso, percebemos os dois processos. Embora Galembeck (2005) tenha afirmado que, em textos falados, o envolvimento é mais comum que o afastamento, percebemos que, nas pregações, o afastamento é mais recorrente. Isso se deve à necessidade de o pastor anular a sua própria voz e deixar a voz de Deus sobressair. Assim, para se distanciar do texto deixando transparecer a outra voz, os pastores empregam o discurso direto (voz de Deus Pai ou Filho) e citam a Bíblia¹²³. Assim, são inúmeras as referências ao fato de que aquilo que é dito provém de Deus e está presente em sua palavra, como se pode ver nos trechos que seguem:

- 📖 *como é que eu vou conseguir isso?... através da palavra do senhor... (RRS., l. 14)*
- 📖 *nós temos a palavra do senhor... (RRS., l. 55)*
- 📖 *Jesus falou do que acontece com a pessoa... João quinze... versículo sete... que... realmente está nele... o próprio Jesus falando disse o seguinte... (RRS., l. 70-72)*
- 📖 *eu quero ser BOCA de Deus pra sua vida... aqui... essa noite... (SMA., l. 11)*
- 📖 *diz assim... a palavra... do senhor... (SMA., l. 13)*
- 📖 *não tá escrito na sua Bíblia não?... (VAL, l. 05)*
- 📖 *mas a Bíblia diz ali... (VAL, l. 16)*

Ademais, ao pregar, os pastores podem eles mesmos dizer que falam em nome de Deus, pois Ele lhes atribuiu o papel de profeta. Tal aspecto pode ser observado no excerto que segue, no qual Valdemiro Santiago explicita isso.

¹²³ No tópico 3.2 *Estratégias argumentativas linguísticas e de textualidade*, discutimos mais profundamente a respeito de discurso direto e indireto livre e de intertextualidade nas pregações analisadas.

EXCERTO 34

VAL.: (...) e leia... a Bíblia conosco... leia... a Bíblia... Isaías capítulo cinquenta e três... quem tem a Bíblia levanta a mão... leia por favor cinquenta e três... “quem creu... em nossa pregação”... eu tô lendo... eu não tô perguntando... quem perguntou foi Deus... através do profeta... é... Deus perguntou através do profeta ó... “quem creu em nossa pregação?”...

Pr. Valdemir Santiago -L. 01-04

No trecho, o pastor lê um versículo bíblico: “Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do SENHOR?” (Isaías 53:1). Em seguida, ele comenta que não se trata de uma pergunta dele, mas de uma pergunta feita por Deus mediante a voz de Isaías, um profeta. Todavia, o auditório poderia supor, como o considera Valdemiro Santiago, de que se trata de o pastor indagando: “eu tô lendo... eu não tô perguntando... quem perguntou foi Deus... através do profeta... é... Deus perguntou através do profeta ó...” (VAL., L. 03-04). Com isso, implicitamente o pastor consegue questionar se os fiéis creem na pregação, ressaltando que não se trata de uma indagação sua, mas de uma pergunta de Deus realizada mediante o profeta Isaías. Com isso, constrói-se um **ethos mostrado** de profeta: pastor, nesse momento, assume explicitamente a máscara de profeta, de mensageiro de Deus na Terra. Ainda nesse excerto, observamos uma construção recorrente no discurso religioso: o “nós” falado pelos pastores equivalente a “Deus e eu (pastor)”. Trata-se, pois, do ser celestial falando na voz do ser humano, do sagrado permitindo ao terreno a exposição de sua face. Esse aspecto é reiterado por outro que observamos na análise das 27h de pregações: ao se referir a textos bíblicos ou à Trindade Santa (ao Deus Pai, ao Deus Filho ou ao Deus Espírito Santo), os pastores utilizam o **discurso direto precedido de verbo dicendi**¹²⁴, como podemos observar nos excertos abaixo. Isto é, no discurso religioso falado prevalece o discurso direto para as referências a Deus e à Bíblia; e o indireto livre, para menção aos homens ou à comunidade. Trata-se, pois, de um **discurso reportado** em que as vozes de locutor e enunciador se confundem. Esse tipo de discurso “permite transpor, para uma forma e um contexto monológico, uma ocorrência original de fundo dialógico, de modo a produzir-se uma coerência textual

¹²⁴ Conforme nota anterior, discutimos o recurso no item 3.2 *Estratégias argumentativas linguísticas e de textualidade*.

capaz de acomodar, dentro de um discurso, um outro discurso, sem ruptura do fluxo enunciativo” (PAGOTTI, 2008, p. 35).

No caso em análise, o pastor empregou o discurso indireto livre, no qual se misturam as vozes (sua e do enunciador, no caso o profeta Isaías e, por meio dele, Deus). Logo, notamos que o pastor fez uso do texto bíblico para perguntar a respeito de sua pregação aos fiéis, para verificar se eles creem em sua palavra e se com ela concordam.

EXCERTO 35

EDM.: [...] eu só vou... falar com vocês... men::cionar... a oraçã::o... que Moisés fez... cê sabe que... Moisés era um homem de paz... pacífico... muito pacífico... Moisés não foi como... Gideão... que chegou pra Deus e **falou** “senhor... se tu és conosco por que não nos aconteceu isso?” ... não... Moisés era um homem pacífico... homem... de paz...

.....
olha só... **ele disse para Deus assim...** “sozinho... eu não posso levar todo este povo... pois me é pesado demais”... Moisés... era o líder... de três milhões... de EX::... escravos... eram escravos... mas haviam deixado o Egito...

Pr. Edir Macedo -L. 15-26

EXCERTO 36

RRS.: [...] **e Jesus disse em João oito cinquenta e um...** “na verdade em verdade vos digo... que aquele que” deixa eu pegar direitinho aqui pra não citar da minha cabeça... [...]

Pr. R. R. Soares -L. 30-31

EXCERTO 37

SMA.: [...] **diz assim... a palavra... do senhor...** “es::pera... no senhor... anima-te... ele for::talecerá... o teu... coração... espera... pois... no senhor”... esperar... é aguardar... é... contar com... quem espera aguarda... [...]

Pr. Silas Malafaia -L. 13-15

EXCERTO 38

VAL.: [...] cê pode ver que **quando ele começa ele começa assim** “quem creu na nossa pregação?”... porque imagina você... com um homem... um pregador... multiplicar pães e peixes... purificar leprosos abrir olhos de cego... tirar cadáveres... podres... de dentro do túmulo... vivos... e ainda ser... crucificado e ainda ser condenado à morte... ainda atribuírem a ele um crime... crime hediondo... então Deus mostrou pro profeta o **profeta falou...** “quem creu em nossa pregação?”... é o próprio Jesus perguntando na alma... no coração dele... é o próprio Jesus falando ali... o profeta Isaías era a/ a voz de Jesus... **ele dizia...** “quem creu em nossa pregação?”... ou seja... é alguém lamentando porque pregou e ninguém ouviu... porque curou e ninguém percebeu... porque li-ber-tou... res-sus-citou e ninguém atinou ninguém entendeu... ninguém entendeu... então **ele pergunta** “quem creu em nossa pregação?”... ah lá... “e a quem foi revelado o braço do senhor?” ((riso))... aí... o **profeta diz assim...** “ele era como a raiz de uma terra seca”... raiz de terra seca é bonito é?... hen?... é morta né?... [...]

Pr. Valdemir Santiago -L. 21-32

Nesse último excerto, de Valdemiro Santiago, observamos a continuidade da explicação do texto bíblico. Nela, acreditamos estar implícita uma queixa do pastor, qual seja: ele realiza muitos milagres, como também o realizou Jesus, mas muitas pessoas não creem que sejam verdadeiros, como alguns não creram nas obras de Cristo. Isso fica subentendido em “é alguém lamentando porque pregou e ninguém ouviu... porque curou e ninguém percebeu...” (VAL., L. 28-29). Nisso, outra máscara aparece, a de santo. Valdemiro Santiago compara-se a Jesus, que é apresentado como pregador, realizador de milagres, como o pastor vê a si mesmo.

Quadro 7: Comparação implícita entre Jesus Cristo e Valdemiro Santiago na pregação

JESUS CRISTO	VALDEMIRO SANTIAGO
Um homem	Um homem
Um pregador	Um pregador
Filho (primogênito) de Deus	Filho de Deus
Realiza milagres	Realiza milagres
Purificou um leproso	Curou um leproso ¹²⁵
As pessoas dele duvidavam	As pessoas dele duvidam

Fonte: A autora.

Outros elementos são relevantes, especialmente a utilização de indeterminantes (artigo indefinido “um”). O pastor afirma que Cristo era “**um** homem”, e não que era “**o** homem”, ou seja, Cristo era uma pessoa simples, sem poderes, alguém comum, assim como o pastor. Do mesmo modo que Valdemiro Santiago, Cristo foi “um pregador”, apenas mais um entre tantos, não foi nem o primeiro pregador, João Batista, por exemplo, o antecedeu, preparou-lhe o caminho. Também não foi o último, centenas de milhares surgiram depois dele; aliás, esses outros falaram justamente dele. Inconscientemente, os fiéis também podem construir essa imagem de santidade e de semelhança entre o pastor e Jesus, o que corrobora ainda mais a sua adesão ao discurso. Cumpre comentar que não estamos afirmando que o pastor conscientemente se compara a Jesus em suas pregações, mas que seu discurso dá indícios que possibilitam que a comparação seja realizada.

¹²⁵ P3: Pregação em que o pastor apresenta um fiel que foi curado de lepra.

Galembeck considera que os indeterminantes do sujeito, algumas expressões gramaticais e os marcadores de rejeição são utilizados para marcar o distanciamento do falante. Contudo, tais elementos são pouco empregados nas pregações evangélicas analisadas, haja vista o pastor ser considerado uma autoridade designada por Deus. Desse modo, ele assume essa voz, não precisando indeterminá-la. Além do mais, recorrendo ao auxílio da bíblia, o pastor fala por Deus (máscara do profeta). Assim, suas palavras são sempre verdadeiras e inquestionáveis, porque são as próprias palavras de Deus, o que corrobora o convencimento e, por conseguinte, a adesão de fiéis ou a conversão dos não fiéis. Isso tudo evidencia que tanto locutor quanto auditório pertencem ao plano corporal, mas o enunciador (Deus) é do plano espiritual (ORLANDI, 1996). Isso é possível mediante a mistificação¹²⁶, pois o pastor fala em nome de Deus, não é o pastor que fala, mas é Deus que fala utilizando o homem como instrumento (ORLANDI, 1996). Logo, o pastor assume a máscara de instrumento de Deus. Assim, o uso desses elementos (indeterminantes do sujeito, algumas expressões gramaticais e marcadores de rejeição), no contexto estudado, tem uma função mais saliente: projetar a voz de Deus na fala do pastor.

Na análise das pregações, notamos que os pastores enfatizam as faces positivas, pois elas geram credibilidade, empatia, piedade e respeito. Dependendo do que é dito, do pastor e do auditório, as máscaras utilizadas são distintas. Assim, o pastor R. R. Soares salienta uma máscara de benevolência; Valdemiro Santiago, de popularidade (“sou também um homem do povo, como você, mas acima de tudo um homem de Deus”) e de emotividade; Edir Macedo, de temor, fidelidade e inteligência; Silas Malafaia, de seriedade e inteligência. Os quatro pastores assumem, entre outras, as seguintes máscaras durante sua fala: santidade; homem temente a Deus; homem vitorioso; homem que subiu na vida pelas mãos de Deus (ou seja, homem que venceu pela fé); profeta; instrumento de Deus; homem sério para coisas sérias, mas risonho para coisas alegres. Todavia, como dito antes, cada pastor salienta mais uma máscara

¹²⁶ O *iDicionário Aulete* (2014, s/p) apresenta duas definições para mistificação, uma delas é “Crença um tanto fanática em alguém ou algo”.

que outra e algumas são bem particulares de cada um deles, como resume o próximo quadro.

Quadro 8: As máscaras características de cada pastor

Edir Macedo	R. R. Soares	Silas Malafaia	Valdemiro Santiago
Força/Poder Coragem Inteligência/Sabedoria Sucesso	Amor Benevolência Paternidade Tranquilidade	Força/Poder Inteligência/Sabedoria Respeito Seriiedade	Afetividade Alegria Emotividade Humildade

Fonte: A autora.

Esses *ethé* devem ser (e são) condizentes com o auditório, a fim de persuadi-lo. Tudo isso corrobora a interpretação de que o fiel deve ser temente a Deus e que Ele, além de um pai sensato e sério, é bom. Para representar isso, muitos pastores mostram que aquilo de que eles falam é sério, é a verdade e, por isso, eles devem ter a credibilidade do público, o qual, por sua vez, deve ouvi-los com atenção, respeitando e obedecendo ao que lhe é dito. Ao mesmo tempo, os pastores apresentam a máscara da alegria, da felicidade, da bondade e do amor, porque Deus, segundo o discurso analisado, é isso também. Além das estratégias de mascaramento, outros recursos argumentativos são empregados em pregações a fim de ganhar e manter a atenção do auditório. Por isso, no próximo tópico, analisamos alguns elementos linguísticos e de textualidade que corroboram a argumentatividade.

4.2 ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS LINGUÍSTICAS E DE TEXTUALIDADE

Em relação às estratégias argumentativas linguísticas e de textualidade, o estudo do *corpus* mostrou-nos que, no discurso religioso midiático, há muitos recursos importantes, tais como: invocação ou apóstrofe (representada pelo expressivo e variado número de vocativos); adjetivação; quantificação (representada pelo uso dos numerais); operadores argumentativos; imperatividade (emprego de verbos no imperativo); metáforas; analogias; discurso reportado (direto e indireto

livre); testemunhos e exemplos; intertextualidade etc. Contudo, selecionamos para exame apenas aqueles que se mostraram de fato relevantes para a composição de um ambiente persuasivo e atrativo no início da pregação. Assim, nesta seção, foram escolhidos para estudo os seguintes artifícios: invocação, definição, imperatividade, paráfrase, metáfora, discurso reportado e intertextualidade¹²⁷.

A invocação é fator importante no discurso religioso e se reflete no emprego dos vocativos que os pastores usam para se dirigir ao auditório e para clamar à Trindade Santa (Deus Pai, Filho e Espírito Santo). Trata-se, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005)¹²⁸, de uma figura de comunhão, cujo objetivo é justamente criar ou aumentar a comunhão do falante com o auditório. Por meio da invocação, o locutor empenha-se em buscar a participação ativa dos ouvintes (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005).

Quadro 9: Vocativos empregados pelos pastores no *corpus* analisado

	EDM.	RRS.	SMA.	VAL.
Com auditório	Você/Cê (s) Pessoal Meu amigo, minha amiga	Você/Cê (s) Amigo(s), amiga(s) Irmão, irmã Meu irmão Meu irmãozinho	Você/Cê (s) Meus irmãos Meus amados irmãos Meu irmão, minha irmã Meu filho Meu querido	Você/Cê (s) Filhinho, Filhinha Meu irmão Igreja

Fonte: A autora.

Em relação aos grupos de interlocutores, notamos que, para se referir ao auditório, os pastores, em geral, empregam vocativos afetivos; e para a referência à Trindade, vocativos respeitosos (Senhor) ou afetivos (Pai).

O vocativo com valor afetivo imprime sentimentalismo e aproximação no discurso. Segundo Castilho (2010, p.479), o pronome pessoal “**você**” estabelece essa proximidade, pois relaciona iguais: “*você* passou a ser no PB [português brasileiro] um

¹²⁷ Os marcadores conversacionais, apesar de se configurarem como um elemento linguístico, serão tópico da discussão em língua falada, devido a seu caráter mais latente.

¹²⁸ Para se referir a esse recurso, os autores utilizam as seguintes nomenclaturas: “apóstrofe” e “interrogação oratória”.

tratamento de igual para igual” (grifo do autor). Assim, os pastores mostram-se próximos, íntimos dos fiéis, que não são apenas seus irmãos na fé, mas seus queridos irmãos. Isso gera empatia e simpatia no auditório, que pode se comover com esse contexto mais envolvente, acolhedor. A mensagem implícita que ele pode entender é: fiel, és uma pessoa querida para nós (da Igreja, dessa comunidade), que temos em ti um irmão amado com quem nos preocupamos, a quem queremos bem, por quem oramos e intercedemos.

Assim, o emprego do “você” é um dos principais responsáveis pela criação desse ambiente de proximidade, já que o pronome é utilizado entre falantes que se conhecem ou que desejam estreitar relações. Por outro lado, ele pode, implicitamente, mostrar a hierarquia que há entre os interlocutores, já que o pastor chama os fiéis de “você”, mas esses, geralmente, chamam-no de senhor ou mesmo de pastor e demais nomenclaturas que cada comunidade utiliza, como: bispo, sumo-sacerdote (para Edir Macedo), missionário (para R. R. Soares), apóstolo (para Valdemiro Santiago).

Edir Macedo é o pastor que mais utilizou o pronome “você” (cê) para se referir ao auditório (61 ocorrências). Em contrapartida, Valdemiro Santiago foi quem menos o empregou (apenas 10 ocorrências), pois esse pastor preferiu os vocativos mais afetivos (irmãozinho); e aquele, os pronomes de valor hierárquico. R. R. Soares e Silas Malafaia mantiveram a mesma margem de ocorrências. Na maior parte delas, o pronome foi empregado no singular, as ocorrências no plural foram pouco representativas (apenas 4% do total).

Quadro 10: Pronome você/cê(s) no discurso religioso midiático

	VOCÊ/CÊ	VOCÊS/CÊS
EDM.	65 (96%)	03 (4%)
RRS.	40 (100%)	--
SMA.	48 (100%)	--
VAL.	11 (79%)	03 (21%)
Total	159 (96%)	06 (4%)

Fonte: A autora.

A maior incidência do emprego desse pronome de valor referencial indica a busca por envolver o auditório, trazê-lo para o discurso, direcioná-lo a ele, a fim de, por conseguinte, angariar a sua adesão. Além do mais, o uso acentuado de pronome que individualiza o ser denota a particularidade que o indivíduo como ser único adquire nesse discurso, em que o fiel se sente valorizado, enaltecido, de modo que se persuade mais facilmente. Com a particularização do ser, o locutor dispara a mensagem de que, naquela comunidade, cada pessoa é de fato vista e valorizada como única, insubstituível, pois a pessoa é valorizada pelo que é, e não pelo conjunto a que ela pertence, de forma que ela adquire para o grupo um valor imensurável, não podendo ser trocada por outra pessoa. É assim que o fiel pode sentir quando o pastor fala diretamente para ele, não para o todo. Além do mais, com o emprego dos pronomes na segunda pessoa do singular (ainda que *a priori* o termo funcionasse como pronome de tratamento, hoje ele é empregado no papel de pronome pessoal de terceira pessoa ou como pronome indefinido), o discurso volta-se diretamente ao interlocutor, que o toma para si, o que pode criar o seguinte sentido na mente do auditório: nossa, ele (o pastor) está falando comigo, isso é para mim. Com tais elementos, além do conseqüente convencimento, angaria-se a atenção do público, que precisa estar atento às palavras, porque elas são ditas para ele, não para o colega ao lado.

O termo “igreja” também foi empregado como vocativo, servindo para denotar toda a comunidade eclesial. Assim, o fiel, ainda que valorizado na sua individualidade, faz parte daquele todo que forma a igreja. Está nisso outra oposição do discurso religioso: indivíduo x coletividade (igreja).

Quadro 11: Oposições causadas pelo uso de você x vocês no discurso religioso

VOCÊ/CÊ	X	VOCÊS/CÊS
Individual Igualdade		Coletivo Superioridade

Fonte: A autora.

Outro elemento linguístico de doutrinação que exerce grande força persuasiva nesse discurso é o imperativo (ou imperatividade), que, segundo Orlandi (1996), é característico do discurso religioso.

EXCERTO 39

EDM.: *[[...]] quando você vier aqui na frente... por favor não venha como se estivesse carregando um caixão... nem venha... como se estivesse seguindo uma procissão... venha com raiva... venha com ódio... venha... revoltado... porque... a sua maneira de expressar... quando você vem aqui na... frente... mostra... como vai ser o seu futuro... mostra como você vai atingir o seu objetivo... porque... o... a conquista que você quer... depende da sua fé... depende da sua convicção... depende da certeza que há dentro do seu peito... é assim que funciona... não é uma religiosidade... não é... não é::... carece... você tem que... você tem que expressar essa... essa... esse ARROJO... essa CORAGEM... você não pode ser religioso... você não pode ser religioso jamais... porque senão você vai perder... você vai ficar enganado... você vai lu/... ficar o resto da sua vida na Igreja e não vai acontecer nada... você tem que mudar a maneira de agir... você tem que... você tem que... fazer algo diferente... você tem que PENSAR diferente... porque se você não fizer alguma coisa diferente NADA vai acontecer de diferente na sua vida... ou vai?*

Pr. Edir Macedo -L. 02-13

EXCERTO 40

RRS.: *[[...]] o lado de Jesus é se creres... terás a glória de Deus... não é fazer por onde se matar... se desesperar... "eu vou vender a minha casa vou dar pra Igreja"... não faça isso que precisa morar na sua casa... venda sim... aquilo que não presta em você... joga fora mesmo de graça pega e joga fora... [[...]]*

Pr. R. R. Soares -L. 10-13

EXCERTO 41

SMA.: *[[...]] se de fato... queremos esperar em Deus porque CREMOS... que ele tem a melhor resposta?... quem crê nisso... diga amém...*

*.....
cê tem que ter esperança... porque você tem que esperar... você tem que ter paciência... e aí a terceira tá interligada com a segunda... você não pode ser... PRE-CI-PI-TA-DO... sabe como é que a gente toma atitude precipitada?... é tomar decisão com a inteligência com a lógica com a intuição... com as emoções... com a opinião dos outros... e nunca com a direção de Deus...*

Pr. Silas Malafia -L. 25-27, 64-68

EXCERTO 42

VAL.: *(...) e leia... a Bíblia conosco... leia... a Bíblia... Isaías capítulo cinquenta e três... quem tem a Bíblia levanta a mão... leia por favor cinquenta e três... [[...]]*

Pr. Valdemiro Santiago -L. 1-2

O pregador, por assumir a voz de Deus ao falar, é compreendido pelos fiéis como o mensageiro do Senhor, exatamente por isso suas palavras não são passíveis de contestação. Logo, se o pastor pede ou ordena algo, é na verdade Deus pedindo ou ordenando, de modo que não cabe ao fiel a possibilidade de ir contra

aquilo que lhe é colocado, mas de aceitar, respeitar e obedecer. Assim, o emprego do vocativo serve também para envolver os fiéis, levá-los à conversão, moralizar-lhes as ações e pensamentos. Por isso, em (39), o pastor exige dos fiéis uma postura de firmeza diante de Deus, ou seja, que eles sejam corajosos em sua fé, na sua relação com Deus, que, segundo o pastor, não se trata de religião, mas de fé. No excerto (40), o pastor afirma que deve ser jogado fora tudo aquilo que não pertence à vida cristã, que não é para ele vender nada, especialmente aquilo de que precisa, mas é para dar fim naquilo que o afasta de Deus. Em (41), o pastor diz como os fiéis devem ser, o que devem ter para receber as promessas de Deus. Para isso, os fiéis precisam, de acordo com o pregador, ter paciência, saber esperar, não ser precipitado etc. Já em (42), o pastor quer a participação do auditório, busca o acompanhamento da leitura bíblica. Todavia, nem sempre a atenção é solicitada de maneira implícita. Nas pregações, há momentos explícitos em que os locutores solicitam a atenção do auditório, como nos excertos que seguem, nos quais esse recurso funciona para angariar a atenção do auditório, corroborando a persuasão e a participação atenta.

EXCERTO 43

EDM.: *[[...]] presta atenção minha amiga meu amigo... Moisés tinha... um fardo pesado... carregar... aquele povo todo... para uma terra prometida... uma terra... que segundo Moisés para ele... o povo... terra que emana leite e mel... quer dizer uma terra maravilhosa... que que nós fazemos aqui?...*

Pr. Edir Macedo -L. 58-61

EXCERTO 44

VAL.: *[[...]] presta atenção nisso aí... tá falando de quem mesmo?... Jesus... Jesus é o ser... mais perfeito... que Deus fez que o Pai fez... quem sabia disso?... [[...]]*

Pr. Valdemiro Santiago -L. 13-14

Nos trechos analisados, a imprecisão serve também para envolver o auditório, ganhar-lhe a atenção com a finalidade última de conquistar-lhe a adesão, por isso é tão recorrente no discurso religioso, chegando a caracterizá-lo. Trata-se, portanto, de uma figura de comunhão e também de presença (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), que funciona para aumentar a força argumentativa do enunciado. O mesmo ocorre com o emprego dos vocativos e de pronomes, especialmente o você(s)/cê(s) no discurso religioso.

Outra estratégia argumentativa comumente utilizada nas pregações em estudo é a **definição**. No contexto religioso, define-se um termo não somente para esclarecê-lo, mas principalmente para direcionar a argumentação para determinada conclusão. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), as definições oratórias são recursos argumentativos de identificação completa quando colocam “em destaque certos aspectos de uma realidade que correriam o risco de ficar no último plano da consciência” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.195-196), configurando-se como uma figura de escolha, já que impõem ou sugerem uma escolha por parte do locutor. Para eles, “uma das técnicas essenciais da argumentação quase-lógica é a identificação de diversos elementos que são o objeto do discurso” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.238). Segundo os autores (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.239), “entre as definições que levam à identificação do que é definido com o que define” estão as: normativas, descritivas, de condensação e complexas. As definições normativas dizem respeito ao modo de se empregar determinada palavra, ou seja, trata-se de normatizar o uso lexical seja por meio de um compromisso individual, seja por meio de uma ordem destinada a terceiros, seja por meio de uma regra de utilização universalizante. Para os autores, desse grupo, apenas as definições “que se apresentam como uma regra obrigatória são suscetíveis de ser apoiadas ou combatidas através da argumentação”. As descritivas apresentam o sentido que o léxico adquire em determinado contexto sociodiscursivo. Cumpre comentar que elas apresentam estatuto de fato até que sejam contestadas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). As de condensação indicam os elementos básicos da definição descritiva; assim como as normativas, apenas as obrigatórias são passíveis de serem argumentadas, “acerca das quais é possível perguntar-se em que medida as indicações que fornecem são ou não essenciais”. E as definições complexas “combinam, de forma variável, elementos das três espécies precedentes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.239).

Abreu (2005) classifica-as em: lógicas, expressivas, normativas e etimológicas. As definições lógicas fundamentam-se na objetividade e na razão; já as expressivas, na subjetividade e na emoção, liga-se, portanto, ao ponto de vista de quem descreve. As definições normativas referem-se à determinação de um sentido à

determinada palavra em dado contexto sociodiscursivo, o que depende de um acordo entre falante e auditório. As definições etimológicas, por fim, relacionam-se à origem do termo. A respeito desse tipo de definição, o autor faz uma ressalva: nem sempre a etimologia corresponde ao sentido expresso pelo vocábulo, isto é, há casos em que a etimologia não satisfaz as significações suscitadas por determinado termo.

Assim, fundamentados nos autores (ABREU, 2005; PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), podemos classificar as definições como estratégias argumentativas em cinco espécies:

- **Definições lógico-descritivas:** apresentam o objeto descrito objetivamente independentemente do contexto sociodiscursivo, de modo lógico, o mais imparcial possível.
- **Definições expressivo-descritivas:** descrevem o objeto por meio de um ponto de vista em dado contexto sociodiscursivo, aceitando-se a parcialidade do olhar de quem descreve.
- **Definições etimológicas:** fundamentam-se na origem, na formação e/ou na evolução da palavra e da construção de seus significados a partir dos elementos que a compõem, do seu étimo.
- **Definições normativas:** determinam o emprego de dada definição, atribuindo-lhe uma significação *a priori*.
- **Definições complexas:** combinam elementos das espécies precedentes, de modo a se apresentar uma definição mais elaborada do objeto definido.

Segundo o autor (2005, p.57-58), “as definições expressivas e etimológicas são as mais utilizadas como técnicas argumentativas, uma vez que permitem a fixação de pontos de vista como teses de adesão inicial”. É o que se verifica em pregações religiosas midiáticas, em que as definições aparecem, geralmente, para apresentar/inserir um novo subtópico, a fim de colaborar com a adesão do auditório.

No corpus analisado, verificamos que as definições etimológicas e expressivo-descritivas sobressaem-se, pois o locutor objetiva caracterizar o objeto definido de modo a, a partir disso, corroborar a sua argumentação, levando o fiel a concordar com o que lhe é dito. Cumpre salientar que essa estratégia é especialmente

utilizada por Silas Malafaia, sendo bastante expressiva em seu discurso. Embora seja comum também em pregações dos outros pastores, a definição mostrou-se pouco representativa nas pregações que compõem o *corpus* de análise. Por isso, selecionamos para estudo mais profundo apenas as ocorrências na fala daquele pastor.

EXCERTO 45

SMA.: [...] *esperar... é aguardar... é... contar com... quem espera aguarda... e conta com... com alguém com alguma coisa...*

.....
esperar não é uma coisa fácil... [...]

Pr. Silas Malafaia -L. 14-15, 23

EXCERTO 46

SMA.: [...] *você precisa ser uma pessoa... cheia de... es::perança... o que significa esperança... eu defino aqui... a confiante... perseverança... no futuro... esperança... a confiante... perseverança... no futuro... isso é esperança... você sabia que é provado... que um ser humano... CHEIO de esperança... ele pode suportar QUA::SE tudo?... isso tem pesquisas... na segunda guerra mundial... soldados feridos... gente na guerra... aqueles que tinham esperança que iam voltar pra casa... tinham uma... ENERGIA a mais... um PLUS a mais... pra suportar... aquele estado de guerra... uma pessoa que tem esperança... ela suporta quase tudo... [...]*

Pr. Silas Malafaia -L. 27-33

EXCERTO 47

SMA.: [...] *pa::ci::ência... o que que é paciência ou melhor... o que que é uma pessoa paciente?... é uma pessoa que suporta a dor... infortúnios... inconvenientes... sem queixa... e com resignação... isso aqui é o paciente... [...]*

Pr. Silas Malafaia -L. 55-57

EXCERTO 48

SMA.: [...] *cê sabe que que é a murmuração?... é uma reclamação descabida contra Deus... VOCÊ TÁ DIZENDO QUE DEUS NÃO TÁ SENDO DEUS SUFICIENTE... e Deus não suporta murmuração... lembra de Israel?... em Êxodo dezesseis reclamaram da comida... em Êxodo dezessete... reclamaram da água... EM NÚMEROS QUATORZE... RECLAMARAM DA TERRA... AÍ DEUS DISSE... “CHEGA... vai morrer todo mundo no deserto”... murmuração... “Deus não tá me vendo não?... Deus não tá me vendo não?... deu dízimo deu oferta não acontece nada?... vou pra Igreja... vivo afastado de pecado... heim? “será que Deus não tá vendo não... será que Deus não tá vendo essa... essa minha situação não?”... CA::LA A BO::CA... hun... cuidado::... cuidado que a murmuração é um sintoma de que você não sabe esperar em Deus... [...]*

Pr. Silas Malafaia -L. 86-95

EXCERTO 49

SMA.: [...] *controle a an::siedade... um pouco de ansiedade... é fenomenal... faz você ser dinâmico... faz você usar a sua mente a sua imaginação... faz você correr atrás... faz você lutar... agora... uma PRE::OCUPAÇÃO... EX-CES-SI-VA... e essa que é a ansiedade... e-xa-cer-ba-da... é uma preo-cu-pa-ção excessiva... que é... sintoma de medo... essa ansiedade... é uma sen-sa-ção des-con-for-tan-te... de sofrimento e apreensão... ligado... a um acontecimento que ainda não aconteceu... é isso aqui que é ansiedade... [...]*

Pr. Silas Malafaia -L. 102-107

Nos excertos de 45 a 49, Silas Malafaia define alguns termos importantes para a compreensão do seu discurso, quais sejam: esperar (45), esperança (46), paciência (pessoa paciente) (47), murmuração (48) e ansiedade (49). A maioria dos vocábulos foi analisada segundo uma perspectiva religiosa, bíblica, impondo ao auditório tais definições em detrimento de outras. Em geral, não houve pesquisa em dicionário ou outra base de dados a não ser o conhecimento bíblico e de mundo do falante. Essa subjetividade fica bastante clara no excerto (45) quando o locutor afirma “*esperar não é uma coisa fácil...*”. Todavia, em (46), o pastor faz uma breve alusão a uma pesquisa sobre a esperança em situações delicadas, como em uma guerra. Em (47) e (49), Silas Malafaia aproveita-se de sua formação acadêmica – ele é psicólogo – para explicar aos fiéis o que é a ansiedade, o que ela causa no organismo e por que evitá-la, a fim de mostrar, com isso, que a fé não combina com esse sentimento, ou seja, para esperar em Deus é preciso controlar a ansiedade, além de ser necessário ter paciência e esperança.

Notamos que as definições apresentadas pelo pastor em muito se aproximam daquelas dadas em dicionários. Para exemplificar, comparamos a fala do pastor com a definição de paciente dada pelo *iDicionário Aulete* (2014, s/p).

Quadro 12: Definição de *paciente*

Definição de Silas Malafaia	Definição do <i>iDicionário Aulete</i>
Paciente é “ <i>uma pessoa que suporta a dor... infortúnios... inconvenientes... sem queixa... e com resignação...</i> ”	Paciente: “1. <i>Que se conforma; RESIGNADO</i> 2. <i>Que espera tranquilamente (cliente paciente); CALMO</i> 3. <i>Que não desanima (cientista paciente); PACIENCIOSO; PERSEVERANTE</i> 4. <i>Feito ou realizado com paciência, sem pressa (e por isso, ger., com cuidado e atenção) (trabalho paciente, conquista paciente).</i> 5. <i>Pessoa calma e/ou perseverante.</i> 6. <i>Pessoa doente, ou que está sendo cuidada por médico, enfermeiro etc.</i> 7. <i>Réu que vai sofrer a pena de morte; PADECENTE.</i> ”

Fonte: A autora.

A comparação mostra a coerência presente no discurso do pastor. Embora se trata de uma definição expressivo-descritiva em que seu ponto de vista é empregado para determinar o objeto definido, isso não é feito ao acaso, aleatoriamente. Percebemos certo embasamento no que é dito, o que corrobora para a credibilidade do pastor, haja vista acentuar a máscara da seriedade e do

comprometimento. Isso é importante porque colabora para a discussão de que o gênero textual pregação, embora falado, carece de planejamento temático e de que o seu produtor precisa de certo nível de formação acadêmico-cultural e religiosa para exercer o papel social que lhe é atribuído. Vale comentar que, apesar de o falante ter a possibilidade de recorrer à definição etimológica, relacionando esperar à esperança, não o faz. Isso muito provavelmente se deve ao teor pouco argumentativo que essa relação apresentaria no contexto em pauta.

O excerto (48) ressalta o caráter situacional da definição, ou seja, os termos definidos são, na esfera religiosa, endossados pelo discurso que a circunscreve. Assim, a base fundamental para a definição é o texto bíblico e o seu enunciador, Deus. Isso fica mais claro quando se compara a definição do pastor com aquela apresentada em dicionários.

Quadro 13: Definição de *murmuração* e de *murmúrio*

Definição de Silas Malafaia	Definição do <i>iDicionário Aulete</i>
<u>Murmuração</u> é " <i>reclamação descabida contra Deus...</i> "	<p><u>Murmuração:</u> "1. Ação ou resultado de murmurar 2. Falatório, rumor sem fundamento; MALEDICÊNCIA."</p> <p><u>Murmúrio:</u> "1. Ação ou resultado de murmurar. 2. Ruído de vozes simultâneas. 3. Ruído de vento, de folhas, águas. 4. P.ext. Qualquer ruído de baixo volume, constante e indiferenciado. 5. P.ext. Queixa, reclamo ou comentário em voz baixa."</p>

Fonte: A autora.

No contexto religioso, a murmuração diz respeito à reclamação contra Deus, contra a demora em que alcançar as graças pedidas, contra a possível ausência de bênçãos etc. Todavia, murmuração é apresentada em dicionários de maneira mais ampla, referindo-se não somente à reclamação, mas também ao maldizer, à maledicência, à difamação e também a ruídos baixos, constantes e indiferenciados (iDICIONÁRIO AULETE, 2014, s/p).

Em muitos casos, a definição vem seguida de exemplos, os quais têm a função de tornar mais evidente a explicação dada ao termo. É o que ocorre nos excertos (46) e (48) – retomados a seguir –, em que o pregador, após definir uma

palavra, exemplifica-a. É importante salientar que, geralmente, os exemplos são bíblicos, o que ocorre em (48). Nesse trecho, o pregador recorre tanto ao texto bíblico para exemplificar casos de murmuração quanto se utiliza do discurso indireto livre dos fiéis para mostrar como acontece a murmuração no seu dia a dia. Com isso, o falante aproxima o discurso do auditório, que se vê naquilo que ouve, dando-lhe maior sentido e talvez valor. Em (46), embora o exemplo seja retirado de um contexto bastante diferente – uma guerra –, ele é bastante ilustrativo daquilo que o pastor deseja apresentar: a esperança deve ser praticada em todos os contextos, especialmente naqueles de maior adversidade e dificuldade, caso da guerra.

EXCERTO 46

SMA.: [...] você precisa ser uma pessoa... cheia de... es::perança... o que significa esperança... eu defino aqui... a confiante... perseverança... no futuro... esperança... a confiante... perseverança... no futuro... isso é esperança... você sabia que é provado... que um ser humano... CHEIO de esperança... ele pode suportar QUA::SE tudo?... isso tem pesquisas... na segunda guerra mundial... soldados feridos... gente na guerra... aqueles que tinham esperança que iam voltar pra casa... tinham uma... ENERGIA a mais... um PLUS a mais... pra suportar... aquele estado de guerra... uma pessoa que tem esperança... ela suporta quase tudo... [...]

Pr. Silas Malafaia -L. 27-33

EXCERTO 48

SMA.: [...] cê sabe que que é a murmuração?... é uma reclamação descabida contra Deus... VOCÊ TÁ DIZENDO QUE DEUS NÃO TÁ SENDO DEUS SUFICIENTE... e Deus não suporta murmuração... lembra de Israel?... em Êxodo dezesseis reclamaram da comida... em Êxodo dezessete... reclamaram da água... EM NÚMEROS QUATORZE... RECLAMARAM DA TERRA... AÍ DEUS DISSE... “CHEGA... vai morrer todo mundo no deserto”... murmuração... “Deus não tá me vendo não?... Deus não tá me vendo não?... deu dízimo deu oferta não acontece nada?... vou pra Igreja... vivo afastado de pecado... heim? “será que Deus não tá vendo não... será que Deus não tá vendo essa... essa minha situação não?”... CA::LA A BO::CA... hun... cuidado::... cuidado que a murmuração é um sintoma de que você não sabe esperar em Deus... [...]

Pr. Silas Malafaia -L. 86-95

Em relação ao discurso reportado, as pregações analisadas apresentaram um dado instigante: ao se referir a Deus (ou à figura da Trindade Santa) e a textos bíblicos, o pregador utiliza, na maior parte das ocorrências, o discurso direto, com a marcação mais clara das vozes, mas para fazer referência aos fiéis usa, em geral, o discurso indireto livre, em que as vozes se combinam, misturando-se. Ademais, devido ao contexto em que ocorrem (interação verbal falada), o discurso direto é marcado por mudança no tom de voz, pausas, verbo dicendi e por expressões

faciais e gestuais. A seguir, apresentamos alguns exemplos disso. A fim de melhor marcamos o discurso de outrem, utilizamos nas transcrições as aspas.

EXCERTO 50

EDM.: [...] *qual é o trabalho do pastor... do bispo... do obreiro da obreira... quando... você chega na igreja?... a mesma coisa... promessa... de uma vida... de abundância* **Jesus disse** *“eu vim trazer vida... e vida com abundância”... não foi isso?...* [...]

Pr. Edir Macedo -L. 62-64

EXCERTO 51

RRS.: [...] *Deus faz coisas que a gente... nem pensa nem julgava ser possível... e com uma rapidez tão grande... com pouca participação de nós... a não ser de crer... se você está desesperado... “missionário eu estou pagando o preço é joelho no chão eu tô... fazendo isso”... cê tá indo pelo lado religioso... que não chega a parte alguma... o lado de Jesus é se creres... terás a glória de Deus... não é fazer por onde se matar... se desesperar... “eu vou vender a minha casa vou dar pra Igreja”... não faça isso que precisa morar na sua casa... venda sim... aquilo que não presta em você... joga fora mesmo de graça pega e joga fora... e diga “Deus eu quero vida nova... eu quero mudar... me transforma... me modifica”...*

.....
e Jesus disse em João oito cinquenta e um... “na verdade em verdade vos digo... que aquele que” deixa eu pegar direitinho aqui pra não citar da minha cabeça... eu tava em Manaus uma vez num hotel... quando eu entendi isso aqui eu/ eu dei pulo lá dentro do hotel... falei “Jesus que coisa linda”... e... gritei “velha desdentada... da foice... e da (sacola) cê nunca vai me pegar” ((risos)) ((risos ao fundo))... olha o que Jesus falou aqui olha... “em verdade em verdade vos digo que... se alguém guardar a minha palavra NUNCA haverá morte” ô glória a Deus... a passagem é a coisa mais suave... no tempo de Deus... mas quem não guarda a palavra se desespera “não não posso... não tem jeito”... [...]

Pr. R. R. Soares -L. 07-14, 30-37

EXCERTO 52

SMA.: [...] *a nossa esperança é... trans::cendental... “que que significa isso pastor?”... acima... do limite... da experiência humana... você tem um UPGRADE... você tem um NÍVEL maior... de esperança... é o que Pedro diz... na sua primeira epístola capítulo um versículo três... “bendito seja o deus e pai... de nosso senhor... Jesus Cristo... que segundo a sua... GRANDE... esperança... nos gerou”... olha que coisa linda que Pedro tá dizendo... “nos gerou... para uma... VI::VA esperança... pela ressurreição... de nosso senhor Jesus Cristo... para uma herança... incorruptível... e incontaminável... que não... se pode... murchar”... nós não temos esperança... por melhor que seja o governo... por mais sólida... que seja... a empresa... por maior... que seja... a nossa capacidade... a nossa esperança... é TRANScendental... que um dia... todas as lutas... todas as adversidades... todos os problemas... serão... de-fi-ni-ti-va-men-te... res-sol-vi-dos... essa é a nossa esperança... cê sabe... que a::... a esperança... é um dos PILARES... um dos pilares... da vida cristã... primeira Coríntios treze treze diz “agora pois permanece... a fé... a esperança... e o amor”...* [...]

Pr. Silas Malafia -L. 36-47

EXCERTO 53

VAL.: [...] **o profeta falou...** *“quem creu em nossa pregação?”... é o próprio Jesus perguntando na alma... no coração dele... é o próprio Jesus falando ali... o profeta Isaías era a/ a voz de Jesus... ele dizia... “quem creu em nossa pregação?”...*

.....
Deus... estabeleceu que a cruz... era uma maneira... de punir com morte... quem cometesse pecado passível de morte... “o senhor tá dizendo que Jesus cometeu o pecado passível de morte?”... não... você

cometeu... eu cometi... nós cometemos... a humanidade cometeu... e Jesus... foi colocado no lugar de todos nós... no madeiro... tá lá... [[...]]

Pr. Valdemiro Santiago -L. 26-28, 88-91

Com o emprego do discurso indireto livre para se reportar à voz dos fiéis, o pastor aproxima-os de seu discurso, já que sua voz mistura-se à voz deles. Com isso, cria-se um ambiente de cumplicidade entre os interlocutores. Segundo Ducrot (1987), ao fazer isso o locutor (pregador) identifica-se com o enunciador (Deus). No caso da discurso direto para a voz da divindade, projeta-se uma relação de distanciamento e de respeito, cujo objetivo é dar autoridade ao que é dito, por não se tratar do discurso do pastor, mas do próprio dizer de Deus por meio do texto bíblico. Nisso consiste a não reversibilidade do discurso religioso. Segundo Orlandi (1996, p.239), a reversibilidade é “a troca de papéis na intenção que constitui o discurso e que o discurso constitui”. A autora apresenta três tipos de discurso: o lúdico, em que ocorre reversibilidade entre os interlocutores; o polêmico, no qual a reversibilidade depende de certas condições para acontecer; e o autoritário, em que não ocorre a reversibilidade, caso do discurso religioso. Corroborando tal perspectiva, Althusser (s/d) afirma que, nesse contexto, há apenas um enunciador, que é único e absoluto, Deus, que se distingue de seus fiéis por ser o detentor da voz. Isso porque a Igreja é, de fato, um aparelho ideológico de Estado (ALTHUSSER, s/d) dominante em muitas comunidades ainda hoje.

Apesar de não haver de fato a reversibilidade no discurso autoritário, Orlandi (1996) considera que pode existir a ilusão (o sentimento) da reversibilidade. “A ilusão é a passagem de um plano a outro, de um mundo a outro” (ORLANDI, 1996, p.251), o que, na esfera religiosa, é manifestada mediante profecias, visões, revelações e também por meio da própria performatividade das fórmulas religiosas. De acordo com a autora (1996, p. 251), essa ilusão de reversibilidade pode ocorrer em duas direções: “de cima para baixo, isto é, Deus partilha com os homens suas propriedades [divinas]; de baixo para cima, ou seja, o homem se alça até Deus”. No movimento descendente, “quando Deus desce até os homens, há que se considerar o caráter performativo das fórmulas religiosas”, representadas pela “infallibilidade do Papa, a

possibilidade de ministrar sacramentos, a consagração na missa, as bênçãos, etc.”. Já no movimento ascendente, “caso em que o homem é que vai até Deus, e assim alcança suas qualidades atemporais (onipotência, onipresença, eternidade, onisciência, etc.), é o da profecia, da visão, do misticismo” (ORLANDI, 1996, p.251).

A ilusão de reversibilidade funciona, no discurso religioso, como estratégia argumentativa, pois fortalece o que é dito no discurso, tornando-o, muitas vezes, incontestável. Isso tudo corrobora a máscara de seriedade e a de santidade construídas nesse contexto. Na pregação de Valdemiro Santiago analisada, essa ilusão é claramente marcada pelo anúncio de realização de milagres por Jesus Cristo:

EXCERTO 54

VAL.: *[[...]] o profeta Isaías era a/ a voz de Jesus... ele dizia... “quem creu em nossa pregação?”... ou seja... é alguém lamentando porque pregou e ninguém ouviu... porque curou e ninguém percebeu... porque li-ber-tou... res-sus-ci-tou e ninguém atinou ninguém entendeu... ninguém entendeu... então ele pergunta “quem creu em nossa pregação?”... [[...]]*

Pr. Valdemiro Santiago -L. 27-31

Em outras pregações do pastor, observamos o testemunho da ocorrência de milagres, especialmente do milagre da cura, tópico importante no discurso do pastor. Orlandi (1996, p.251 – grifos da autora) afirma que “o *milagre* é a confirmação da ilusão da reversibilidade, da passagem de um plano a outro: nele se juntam a interferência divina e a inexplicabilidade da ciência dos homens”. Nas pregações analisadas, verificamos que há momentos de profecia, de visões ou de misticismo (como situações de exorcismo). O excerto que segue exemplifica uma situação de profecia do pastor Silas Malafaia, o que assegura aos fiéis que a bênção esperada irá chegar. O falante não apresenta uma hipótese, uma possibilidade; ao contrário, ele afirma convictamente que a “vitória” de fato acontecerá, basta o fiel ter fé e paciência.

EXCERTO 55

SMA.: *[[...]] alegrai-vos na esperança... vai acontecer... a porta vai ser abrir... a vitória vai chegar... vai... vai... pode demorar uma semana... pode demorar um ano... pode custar dois três anos... mas vai acontecer... [[...]]*

Pr. Silas Malafia -L. 53-55

Isso coopera para a criação de um ambiente persuasivo, para a conversão dos não fiéis e para a manutenção da fé daqueles que já creem; afinal, o falante não dá margem para dúvidas, já que ele fala mediante a intercessão divina, ou seja, “a voz de Deus se fala no padre” ou no pastor: “a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus” (ORLANDI, 1996, p.244, 243, respectivamente), assim, ainda de acordo com Orlandi, nesse discurso o falante está no lugar de Deus, ele não ocupa um lugar próprio. Assim, “aquele que fala no lugar de Deus transmite Suas palavras”, não tendo poder para modificá-las (ORLANDI, 1996, p.253). Tal aspecto se deve ao fato de o padre/pastor representar a Deus, “mas não se confunde com Ele, não é Deus” (ORLANDI, 1996, p.253 - grifos da autora). Exatamente por isso, são tão comuns a intertextualidade, as paráfrases, as metáforas (ORLANDI, 1996), os discursos diretos e as comparações em textos pertencentes à esfera da religião.

As paráfrases são uma retomada do já dito com uma mudança enunciativa de ordem semântica ou distribucional. Suas funções são, entre outras, refletir a respeito da língua; ampliar ou reduzir o sentido daquilo que está sendo enunciado; focalizar ou desfocalizar e enfatizar ou atenuar algo dito no enunciado matriz. Em textos falados, as paráfrases ocorrem em razão do envolvimento entre os falantes e do planejamento local, pois o falante busca, todo o tempo, situar a informação no universo mental do ouvinte para que o texto seja claro, coerente e preciso. Segundo Hilgert (1997), a paráfrase é, portanto, o processo no qual o enunciado reformulador (paráfrase) mantém com o enunciado anterior (ou matriz) uma relação de equivalência semântica (explicação, reiteração, ênfase), com o objetivo de intercompreensão entre os participantes da conversação e de progressão textual. Assim, parafrasear é, dentro do processo de construção do texto, reformular, é estabelecer “entre um enunciado de origem e um enunciado reformulador uma relação de equivalência semântica, responsável por deslocamentos de sentidos que impulsionam a progressividade textual” (HILGERT, 1997, p.114-115). Dentro desse processo de reformulação, são engendradas metáforas e analogias, as quais favorecem a construção do sentido e a argumentatividade textuais.

No excerto que segue, observamos a construção de uma paráfrase fundamentada em um texto bíblico (livro de Isaías, capítulo 53); nela, encontra-se também uma imagem figurada (raiz de terra seca), presente no texto-base e retomada pelo intertexto. Na formação da tessitura argumentativa, ressalta-se, no discurso, a questão da ausência de beleza e de vida em Cristo na cruz (ou, nos dizeres do pastor, no madeiro).

EXCERTO 56

VAL.: [...] *quem foi o ser mais belo mais bonito que já pisou essa terra?... mas quando o profeta viu ele... ele parecia raiz de uma terra seca... é... ele estava... transformado... ou... deformado perdão... ele estava... ah lá... humilhado... “não tinha aparência nem formosura... olhamo-lo”... [...]*

Pr. Valdemiro Santiago -L. 34-37

O pastor, para angariar a atenção do auditório, lê o seguinte trecho retirado da Bíblia:

Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do SENHOR? Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura e, olhando nós para ele, não havia boa aparência nele, para que o desejássemos. Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum. (Isaías 53:1-3).

Reformulando-o com suas palavras, o pregador intercala momentos de leitura (discurso direto) com outros de releitura (discurso indireto/paráfrase) do texto, a fim de deixá-lo mais claro ao interlocutor, ou seja, o falante exerce o papel de mediador, de intercessor entre Deus, representado no/pelo texto bíblico, e o homem.

Em momento posterior, o falante recorre a outros textos para complementar sua explicação, é o que verificamos no próximo excerto, em que Valdemiro Santiago, para rematar e suplementar sua explicação acrescenta à leitura do livro de Isaías a de Deuteronomio:

EXCERTO 57

VAL.: [...] *vamo abri lá em Deuteronomio vinte e um vinte e dois... Deuteronomio vinte e um vinte dois abra aí sua Bíblia vai lá lá no velho testamento... milha::res de a::nos... antes... agora você vai entender porque que o profeta Isaías... olhava na visão praquele/para aquele... que tinha sido o homem*

mais bonito que a Terra já viu... mais perfeito mais belo... e nem se animava em olhar pra ele... ele estava desfigurado... ele estava acabado amaldiçoado... humilhado destruído... porque veja lá... ah lá... olha o que diz em Deuteronômio vinte... vinte e um vinte e dois... “se alguém houver pecado... passível de pena de morte... e tiver sido morto e pendurares num... num” o que igreja?... num o que igreja?

Pr. Valdemiro Santiago -L. 73-80

Nesse trecho, o falante concatena sua explanação para “raiz de terra seca” com “amaldiçoado” e “destruído”, utilizando-se, para esse remate, de outro livro bíblico. Nos três recortes, vemos a imagem simbólica de “terra seca” significando a ausência de vida e de beleza, o que é parafraseado pelo pastor como deformação, humilhação. Podemos considerar o sintagma “terra seca” como uma metáfora, que é a transferência de sentidos entre termos, em que há a passagem de um sentido inesperado a algo.

Ainda que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.457) tenham afirmado que a metáfora não consiste em uma imagem, defendemos que se trata sim de imagem na perspectiva assumida neste trabalho, como uma representação interativa e sociocognitiva. Não se trata, por conseguinte, de mera ilustração ou de uma imagem gasta, mas da representação/interpretação simbólica de algo por meio de um discurso inventivo, já que a figura é um modo incomum de expressão (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Esse incomum, segundo os autores, relaciona-se ao meio, ao auditório e ao momento do discurso, ou seja, ao contexto sócio-histórico. Assim, a metáfora é um figura em que se cotejam relações, a fim de se construir determinada imagem de algo em dado contexto.

Consoante Mattoso Camara Jr. (2007, p.205), metáfora é uma figura de função expressiva que consiste na transferência de características de um ser (ou objeto) a outro, na cessão “de um termo para um âmbito de significação que não é o seu”, isso sem respaldo em uma “relação objetiva entre a significação própria e a figurada, mas, sim, numa relação toda subjetiva, criada no trabalho mental de apreensão”, produzindo sentidos figurados. Ainda de acordo com o autor, a metáfora põe em evidência aqueles aspectos que o termo não consegue por si mesmo evocar. Podemos considerá-la uma “identidade construída por transferência de sentido” (D’ONOFRIO, 1980, p.152). Assim, na metáfora, entrecruzam-se significados. Segundo Vereza (2007,

p.489), “na perspectiva interacional, a metáfora, ao associar dois domínios de naturezas diversas, cria um terceiro sentido, singular, fruto dessa interação”. Logo, esse tropo adquire função argumentativo-interacional e cognitiva (VEREZA, 2007), colaborando para a coerência discursiva. Assim, a metáfora não seria simplesmente uma figura de linguagem, mas acima de tudo uma figura de pensamento (VEREZA, 2007), caracterizando-se por sua onipresença, inclusive no discurso cotidiano (BERNARDO, 2004; VEREZA, 2007, 2010). Logo, ela “não subjaz somente à linguagem como também a nossas ações” (VEREZA, 2007, p.489). Contudo, ainda de acordo com a autora, “a metáfora, mesmo como figura de pensamento, manifesta-se no âmbito da linguagem em uso, e é a partir do contexto discursivo que ela pode ser mais bem compreendida” (VEREZA, 2007, p.490).

Ao lado da metáfora, Mattoso Camara Jr. (2007) coloca a comparação ou símile, cuja diferença para a metáfora está na presença de um termo comparador. Ou seja, na metáfora, temos uma comparação implícita e, na símile, uma comparação explicitada por um conectivo. Tal perspectiva é também apresentada por Abreu (2005), segundo o qual a metáfora caracteriza-se por ser uma comparação abreviada. Contudo, Bernardo (2004, p.28) afirma que a metáfora não é exatamente uma comparação subentendida, mas se trata de dizer algo que não seria possível por meio de uma comparação, porque são transgredidos “os interditos combinatórios do bom senso e do senso comum”, são violados os sentidos conhecidos para dar lugar a novos. Corroborando essa perspectiva, D’Onofrio (1980) afirma que os novos sentidos da metáfora dados a algo lhe são externos, diferentes, estranhos. Trata-se da “combinação impertinente de signos dentro de um enunciado” (D’ONOFRIO, 1980, p.153). O autor afirma que, na metáfora, um objeto é “abusivamente associado” a outro. Todavia, discordamos dele, por acreditarmos que, para o novo sentido ser estranho, não há como ser “abusivamente associado”, pois, se assim o fosse, perderia a estranheza, o quase-ineditismo, haja vista a metáfora relacionar-se a uma “metáfora conceptual”, coletiva (VEREZA, 2007, 2010).

No trecho bíblico citado (Isaías 53:1-3), há uma comparação iniciada pela conjunção comparativa “como”: “Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura (...)”. Já o excerto (57) é

construído por meio de um “nicho metafórico” (VEREZA, 2007) permeado pela noção de beleza em oposição à feiura, de vida em oposição à morte, sendo Jesus a metáfora para vida e a cruz (ou o madeiro) a metáfora para morte. A seleção lexical (resumida no próximo quadro) contribuiu, no texto, para a construção e para a exposição do “nicho metafórico”.

Quadro 14: Campo lexical como contribuinte para a formação do nicho metafórico no discurso religioso^{129,130}

Beleza		Feiura
Jesus Vida Perfeição Olhar, buscar com os olhos	X	Morte Raiz Terra seca Desfigurado Amaldiçoado Humilhado Destruído Sepultado, enterrado Esconder o rosto Madeiro, cruz Túmulo Rocha Pecado

Fonte: A autora.

A tese implícita nesse nicho é a de que a vida é beleza, e a morte é feiura. Como Jesus representa vida (“e vida em abundância”), ele é beleza; mas quando lhe tomaram a vida terrena, sua beleza deu lugar à feiura. Trata-se de metáfora porque não há nenhuma relação lógica ou necessária entre Jesus e vida ou entre Jesus e beleza. De acordo com a noção de D’Onofrio (1980), temos nisso uma relação sintagmática entre dois sememas (“vida” e “Jesus”) pertencentes a distintos campos semânticos (campo mundano/terreno e campo espiritual) relacionados por um mesmo traço semântico (beleza). Ou:

¹²⁹ Construído por meio da análise dos 15min de pregação do pastor escolhidos para estudo.

¹³⁰ Construção do campo lexical segundo Maurand (1984).

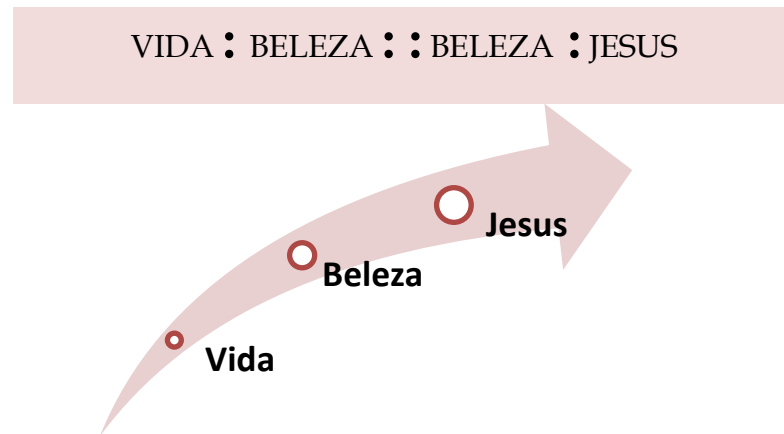


Figura 45: “Nicho metafórico” na pregação de Valdemiro Santiago
Fonte: A autora.

Assim, essa metáfora tem valor predicativo, insólito (D’ONOFRIO, 1980). “Os paralelismos não são inerentes aos dois domínios [...], mas são construídos discursiva e cognitivamente pelo autor” (VEREZA, 2010, p.210). Todos esses elementos formam um nicho metafórico de poder argumentativo (VEREZA, 2007). Os nichos ressaltam “as redes, ou inter cruzamentos cognitivo-discursivos formados por desdobramentos de metáforas específicas, cuja função mostrou-se, do ponto de vista pragmático, de teor argumentativo” (VEREZA, 2007, p.501-502). Eles devem ser entendidos como redes de sentido que colaboram para a coerência e a coesão textuais, corroborando, conseqüentemente, para a progressão de sentidos nos textos falados ou escritos. Rede porque não se trata de uma metáfora, mas de expressões metafóricas que se sucedem, formando uma unidade semântico-discursiva (VEREZA, 2010). “O nicho metafórico, assim, tem a função de organizar não só o texto, como a própria argumentação” (VEREZA, 2010,p.210), pois o *locus* da metáfora é, justamente, o discurso (VEREZA, 2010). Segundo Bernardo (2004) e Vereza (2007, 2010), a linguagem é, por natureza, metafórica. Podemos dizer que a linguagem religiosa também. Isso porque a metáfora é um “importante **recurso cognitivo** usado, não só para se ‘referir’ a algo por meio de outro termo mais indireto, mas, de fato, construir esse algo cognitivamente, a partir da interação com um outro domínio da experiência” (VEREZA, 2010, p.204 - grifos nossos). Por conseguinte, a metáfora tem **caráter polissêmico** (D’ONOFRIO, 1980) e **natureza linguístico-sociocognitiva** ou, simplesmente, de **natureza discursiva** (D’ONOFRIO, 1980; VEREZA, 2010). A

consequência disso é considerar a metáfora como uma maneira não só de dizer algo, mas de pensar, de ver (VEREZA, 2010). Assim, ela exerce função argumentativa nos textos, pois “falante pode explorar a metáfora a partir de desdobramentos ou mapeamentos discursivos, que desempenham, no discurso, um papel tanto cognitivo quanto argumentativo, criando um texto cuja coesão e encadeamento discursivo podem ser caracterizados pelo que aqui denominaremos ‘nichos metafóricos’” (VEREZA, 2007, p.488). Na perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a metáfora se classifica como uma figura de presença, porque faz vivificar aquilo que é metaforizado, colaborando com a adesão do auditório. Isso corrobora a perspectiva de “nicho metafórico” de Vereza (2007, 2010), porque ao reintroduzir constantemente a expressão metafórica no texto, vivifica-se o sentido construído, reiterando-o.

No discurso religioso, a utilização de metáforas, que muitas vezes são explicitadas por paráfrases, é recorrente, caracterizando-o, pois, “como o dizer religioso é obscuro, e sempre são passíveis muitas leituras, as paráfrases indicam a leitura própria para a metáfora” (ORLANDI, 1996, p.259). Assim, o discurso direto seguido de paráfrase e o emprego de metáforas também é bastante recorrente no *corpus* analisado, especialmente nas pregações de R. R. Soares. Para analisar os “nichos metafóricos” (VEREZA, 2007) presentes nesse discurso, recorreremos, como o fez a autora, à observação das “incongruências semânticas” (VEREZA, 2007), que seriam, *a priori*, aquilo que, semanticamente, parece inconveniente, impróprio ou incompatível. Isso porque as figuras são, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.190), “um emprego que se afasta do modo normal de expressar-se e, com isso, chama a atenção”.

EXCERTO 58

RRS.: [...] *segunda aos Coríntios capítulo cinco... é um capítulo que você deve ler depois... versículo por versículo estudando... e eu vou começar no dezessete... aqui temos quatro versículos que é de muita importância... pra nós... é na ver/... eh:... quatro não são cinco... que é o dezessete dezoito dezenove vinte e vinte e um... isso aí... e no dezessete... diz assim... “assim que... se alguém está em Cristo... nova criatura é... as coisas velhas já passaram... eis que tudo se fez novo”... então vamos entender... o que que Deus tá falando aqui se alguém está em Cristo... essa pessoa... passou a ser uma nova criatura... examine você... se você não teve essa mudança... completa... você ainda não está em Jesus... e se não estiver em Jesus cê está numa situação espiritual perigosa... porque todo aquele que está em Cristo ele é nova criatura... se você não é uma nova criatura tem os mesmo pensamentos do passado... é a mesma pessoa que no passado mentia fazia algumas coisas... ou muitas que não prestavam... você não passou pela... pelo novo nascimento... cê pode ter sido colocado numa roupa de cordeiro... [...]*

EXCERTO 59

RRS.: [...] olha o que Jesus falou aqui olha... “em verdade em verdade vos digo que... se alguém guardar a minha palavra NUNCA haverá morte” ô glória a Deus... a passagem é a coisa mais suave... no tempo de Deus... mas quem não guarda a palavra se desespera “não não posso... não tem jeito”... meu irmão não tem jeito esse é o caminho de toda a terra... nascemos é como a flor né? aquele botão desabrochamos... mocidade tudo é bonito... depois vai fecha::ndo fecha::ndo... e um dia... Deus recolhe... e nós vamos estar para sempre com ele... nós não morremos passamos dessa... pra uma vida melhor... [...]

Pr. R. R. Soares -L. 34-40

Na pregação de R. R. Soares, encontramos um “nicho metafórico” (VEREZA, 2007) construído pelas seguintes metáforas sucessivas: passagem (para morte), guardar a palavra de Deus (fazer o que é solicitado), flor (vida, nascimento), desabrochar (viver), colheita de Deus (morte). Há também um eufemismo para morte, passar dessa vida para uma melhor. Tudo isso colabora a argumentatividade do texto. Podemos analisar o “nicho metafórico” (VEREZA, 2007) do texto como: ter Jesus é viver, ser nova criatura, e não tê-lo é morrer. Toda a pregação envereda por esse caminho, o qual aponta o renascimento do homem (nova criatura) que aceita Jesus, que deixa para trás o passado, as coisas que não condizem com sua nova condição de vida: trata-se de pessoa nova, renascida, de uma flor que desabrocha. Assim, tanto flor quanto nova vida (vida em Cristo) apresentam como semelhanças à beleza, à pureza, à jovialidade.

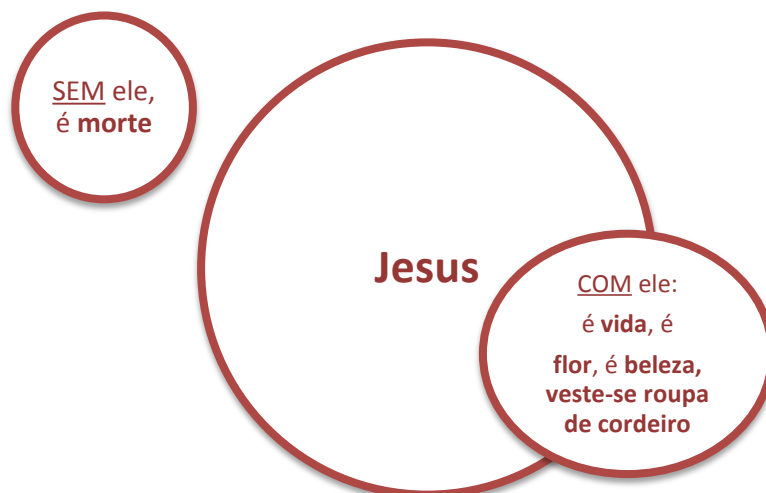


Figura 46: “Nicho metafórico” na pregação de R. R. Soares
Fonte: A autora.

Notamos que o “nicho metafórico” (VEREZA, 2007) VIDA:BELEZA::BELEZA:JESUS reaparece com o acréscimo do semema “flor” (FLOR:VIDA:BELEZA::BELEZA:JESUS). Logo, esse nicho pode ser considerado característico do discurso religioso. O “nicho metafórico” presente na pregação de Valdemiro Santiago traz também essa relação: não é vida, é morte; não há beleza; não é flor, é raiz de terra seca. Assim, essa relação dual (vida-morte) é apresentada com tons distintos, mas que, semanticamente, são coerentes e se correspondem.

Além dessas figuras, outra mostrou-se relevante para a construção textual no discurso religioso falado: a **onomatopeia**, que consiste na reprodução de determinado ruído, ou seja, trata-se de uma palavra (ou um conjunto de palavras) que busca uma interpretação aproximada de um ruído por meio de recursos oferecidos pela língua (MATTOSO CAMARA JR., 2007). O autor afirma que as onomatopeias “são em regra monossílabos, frequentemente com reduplicação acompanhada, ou não, de alternância vocálica; ex.: *pum!*, *tique-taque*, *toque-toque*” (MATTOSO CAMARA JR., 2007, p.227 – grifos do autor). Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.198) classificam-na como figura de presença. Segundo eles, o recurso é percebido “como figura quando há, para evocar um ruído real, quer criação de uma palavra, quer uso inusitado de palavras existentes, pouco importando, aliás, que o som reproduza exatamente ou não o ruído do que se quer tornar presente”. No excerto que segue, a onomatopeia serve para esse fim: tornar presente o som de uma conversa que se pode considerar como repetitiva e até irritante.

EXCERTO 60

*EDM.: [...] então... você veja... que a fé... é que comanda é que norte::ia a nossa vida... é por isso que o senhor disse... “o meu justo... VI::verá... terá... vida... PELA fé”... PELA fé... o que é... uma pessoa... que vive... por exemplo... de depressão... que que é a depressão?... “ah depressão... estado psíquico e não sei o que e **blá blá blá e blé blé blé**”... eu quero saber o que que é depressão... depressão minha amiga meu amigo sabe que que é?... é medo... é dúvida... é insegurança... é isso que é depressão... então um problema.. e-mi-nen-te-men-te espiritual... existe proble/existe comprimido... para o problema espiritual?... não existe... [...]*

Pr. Edir Macedo -L. 93-99

Por meio da figura, o locutor faz vivificar a imagem representada, traz à percepção do auditório a imagem de um diálogo que parece ininterrupto, o que é

salientado pela repetição. O próximo excerto traz uma onomatopeia que, além de vivificar o batimento do coração, intensifica o valor do que dito e agrega expressividade ao discursivo, de modo a colaborar para a adesão do ouvinte.

EXCERTO 61

*SMA.: [...]essa ansiedade... é uma sen-sa-ção des-con-for-tan-te... de sofrimento e apreensão... ligado... a um acontecimento que ainda não aconteceu... é isso aqui que é ansiedade... sabe o que que ela faz?... essa ansiedade “()... não pode passar de hoje... sangue de Jesus tem poder o coração tá aqui na boca pastor o coração tá **bam bam bam bam** tá pela boca... ((simula mal estar))... não tô conseguindo res/respirar”... sudorese... ((simula respiração acelerada)) “ai... vou morrer”... ((pausa longa)) cê sabe o que que essa ansiedade produz?... um tremendo impacto no teu cérebro... [...]*

Pr. Silas Malafia -L. 107-114

Por meio da análise do *corpus*, observamos que as onomatopeias foram utilizadas sempre em momentos de maior euforia por parte do falante, às vezes em situações exasperantes, funcionando como elementos argumentativos, porque servem para prender a atenção do auditório e ganhar a sua audiência.

Podemos afirmar, corroborados por Orlandi (1996, p.259), que o discurso religioso é um discurso inerentemente intertextual, é “um discurso sobre outro discurso”, caracterizando-se, assim, “como um ‘comentário’ ao texto de origem”. Exatamente por isso, em todas as 31 pregações observadas inicialmente, há referência a, pelo menos, um texto bíblico. Entre os quatro pastores, o que mais recorre a textos bíblicos, especialmente no que tange à variedade de livros citados, é Silas Malafaia. Edir Macedo, ao contrário, foi o pastor que menos citou textos bíblicos tanto em quantidade de referências quanto em diversidade de livros. Isso foi verificado nos 15min de pregação analisados de cada pastor¹³¹. Os dados estão resumidos no quadro que segue, em que são apresentadas as ocorrências em que o pregador nominou um livro bíblico ou fez referência ao termo “Bíblia” ou “palavra do Senhor” para se referir a ele.

¹³¹ Notamos isso como característica nas 27h observadas.

Quadro 15: Referências à Bíblia e a textos bíblicos nas pregações

Edir Macedo	R. R. Soares	Silas Malafaia	Valdemiro Santiago
<i>Bíblia (2x)</i>	<i>Bíblia (1x) Palavra do Senhor (3x) 2 Coríntios (2x) João (4x)</i>	<i>Palavra do Senhor (1x) Salmos (1x) 1 Pedro (2x) 1 Coríntios (3x) Romanos (2x) Colossenses (1x) Êxodo (2x) Números (1x)</i>	<i>Bíblia (7x) Isaías¹³² (1x) Deuteronômio (4x) Lucas (2x) Velho testamento (1x)</i>
T.: 1 base num total de 2x	T.: 4 bases num total de 8x	T.: 8 bases num total de 13x	T.: 5 bases num total de 15x

Fonte: A autora.

Cumpra comentar que Edir Macedo, nos primeiros 15min de sua pregação, alude a um texto bíblico, mas não o apresenta a seu interlocutor, a fim, segundo ele, de não dispersar a atenção.

EXCERTO 62

EDM.: [...] Moisés era um homem pacífico... homem... de paz... mas chegou um momento na vida dele... chegou um estado... da vida dele... um estágio na vida dele... em que ele orou assim... olha só... pega o ESPÍRITO da oração de Moisés... eu vou ler... nem vou citar... agora... pra você não... não ficar... buscando na Bíblia... eu quero que você... OUÇA... e depois você vai BUSCAR na Bíblia... para ler... o que eu li... o que eu li pra vocês... pra você... PEGAR o espírito... que é o que você tem que ter... que é o que nós temos que estar vestidos... nós temos que estar VESTIDOS nesse espírito... olha só... ele disse para Deus assim... “sozinho... eu não posso levar todo este povo... pois me é pesado demais”... [...]

Pr. Edir Macedo -L. 19-25

A forte presença de intertextos deve-se ao fato de o discurso religioso basear-se em seu texto fundador, a Bíblia, que representa a voz de Deus que fala com os homens por meio de outros homens. É mediante essa voz que esse Sujeito se faz conhecer, revela-se a seu interlocutor, projeta-se a ele.

No entanto, há referência a outras bases textuais diferentes da Bíblia no *corpus* analisado, especialmente livros de cunho religioso ou outros irmãos na fé. No excerto que segue, de R. R. Soares, há dois intertextos, em um há a retomada de um dizer do Dr. Osborn e, no outro, o pastor refere-se ao livro de seu colega. Com isso, o pastor agrega um argumento de autoridade a seu texto, dando-lhe certo peso argumentativo, corroborando a criação de um ambiente de convencimento e também a máscara de homem sábio, instruído, de doutor da palavra. “O emissor do discurso, ao

¹³² Não contabilizamos a referência ao profeta Isaías, apenas ao livro de Isaías na Bíblia.

apoiar seus argumentos na fala e nos argumentos de alguém de reconhecida autoridade, obtém maior **força argumentativa** em suas afirmações” (GUIMARÃES, 2004, p.157 – grifos da autora). É indiscutível a autoridade que a figura de Deus e da Bíblica efetivamente exercem no discurso religioso. Cumpre ainda comentar que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) classificam a citação como uma figura de comunhão, já que funciona para a criação ou confirmação de vínculos entre falante e auditório, que compartilham determinados saberes.

EXCERTO 63

RRS.: *[[...]] tiveram vários pregadores que deram uma palavra... também me deram a oportunidade... e eu revelei uma coisa pra eles um dos livros do Osborn que me... mexeu comigo é... “Conquistando Almas... lá fora onde os pecadores estão”... e isso antes d'eu/de eu estar pregando ainda estava... sendo... eh:... ensinado pra poder... estar no ministério pelo espírito santo... e ele dizia o seguinte que os... as boates... os bares os cabarés... e toda uma porção de coisas... funcionam todo dia... e as Igrejas naquela época funcionavam duas vezes por semana quarta... e domingo... por que não todo dia?... e eu disse pra ele “()... nossa Igreja no Brasil funciona todo dia... várias delas... até seis cultos de segunda... a segunda... e nós tamos... ajudando o povo... a conhecer o senhor Deus”... [[...]]*

Pr. R. R. Soares -L. 43-51

Enfim, entre as estratégias linguísticas e textuais analisadas, sobressaíram-se nas pregações por serem recorrentes nos quatro textos examinados: intertextos, paráfrases, citações diretas retiradas da Bíblia, metáforas, comparações, eufemismos, vocativos, imperativos e outros. Tais elementos têm o objetivo primeiro de angariar a atenção, a participação e a fé do auditório, de modo a envolvê-lo, persuadi-lo, convertê-lo.

4.3 CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA FALADA

“As palavras suaves são favos de mel, doces para a alma, e saúde para os ossos.” (Provérbios 16:24)

Como visto anteriormente, a língua falada apresenta três características principais (contexto comum compartilhado, planejamento local e envolvimento do interlocutor), de cujas outras características derivam (emprego de

marcadores conversacionais, pausas, truncamentos, repetições, paráfrases, digressões, parênteses e muitas outras peculiaridades).

4.3.1 Condições de produção: características principais

Embora o tema das pregações seja previamente planejado, a construção linguístico-discursiva, o contexto de produção do discurso e o interlocutor interferem no texto falado, de modo que ele, ainda que se trate de uma elocução formal, a qual apresenta grande proximidade com textos de cunho escrito, mantenha presentes muitas características da língua falada, como podemos verificar a seguir.

Em relação ao **contexto comum partilhado entre os interlocutores**, nas interações analisadas, as quais se dão por meio da língua falada, as coordenadas de espaço e tempo são reveladas pela situação de fala ou pelo falante, que em alguns casos faz alusão ao contexto discursivo em que prega. Em geral, as pregações midiáticas são gravadas em igrejas e transmitidas via televisão ou disponibilizadas na internet, é o caso do *corpus* deste trabalho. O pastor, se desejar esclarecer ao interlocutor virtual a situação de interação, apresenta os dados geralmente no início de sua fala. É o que costuma fazer Silas Malafaia.

EXCERTO 64

SMA.: nós estamos aqui no segundo dia da inauguração... da Assembleia de Deus Vitória em Cristo... na bonita cidade de Curitiba... capital... do estado do Paraná Su::l do Brasil... e aqui tem um povo... abençoado que está aqui... a igreja tá HI-PER-lo-ta-da... gente que foi embora... que não deu pra entrar mais... que não tinha mais vaga... e esse povo aqui vai mandar uma saudação que é pro-fê-ti-ca... pra sua vida... vou fazer aqui uma contagem vamo lá?... um... doi... três... já...

Pr. Silas Malafaia -L. 01-05

Nesse excerto, o pastor apresenta aos seus interlocutores o contexto espacial em que a pregação é realizada. Notamos que ele fala não somente com aqueles que estão presentes *in loco*, mas preferencialmente com aqueles que assistirão posteriormente ao vídeo. No excerto, há a parte contextualizadora da pregação em seu suporte físico (o culto). Ademais, nas pregações de Silas Malafaia, em geral há uma parte introdutória do vídeo (como uma “vinheta”) e na tela aparece a contextualização espacial do vídeo (como na figura que segue), comuns nos materiais disponibilizados

pelo pastor na internet e que servem tanto para contextualizar a interação quanto para chamar a atenção do interlocutor, envolvê-lo, de modo que ele assista ao que se seguirá.

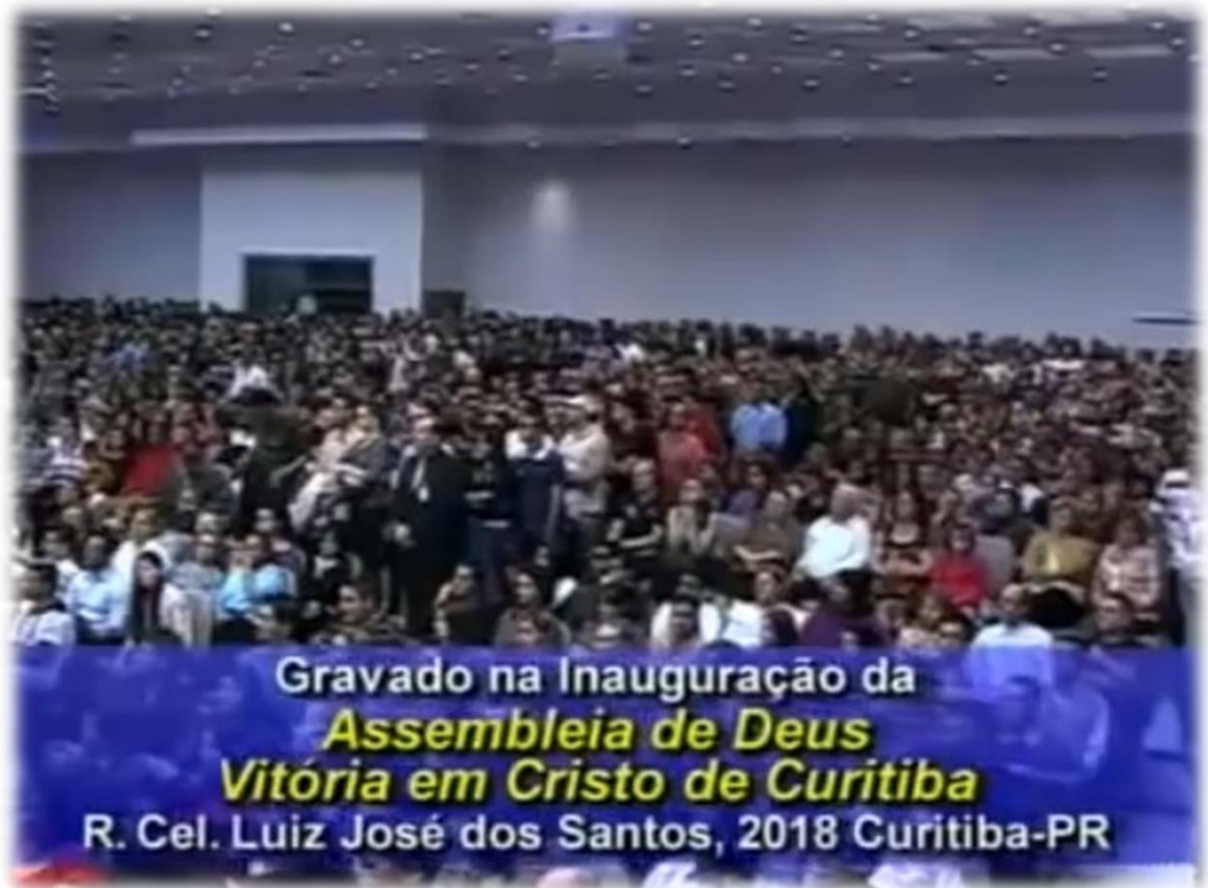


Figura 47: Contextualização espacial presente nas pregações de Silas Malafaia
Fonte: Imagem extraída da pregação do Pr. Silas Malafaia que compõe o *corpus* analisado.

Esse contextualizador espacial também aparece nos vídeos de R. R. Soares e de Valdemiro Santiago, como mostram as figuras abaixo.



Figura 48: Contextualização espacial presente nas pregações de R. R. Soares
Fonte: Imagem extraída da pregação do Pr. R. R. Soares que compõe o *corpus* analisado.



Figura 49: Contextualização espacial presente nas pregações de Valdemiro Santiago
Fonte: Imagem extraída da pregação do Pr. Valdemiro Santiago que compõe o *corpus* analisado.

As informações são sempre relativas ao local em que a pregação ocorreu, não sendo explicitados os dados temporais, o que temos na internet é a informação de quando e por quem o vídeo foi postado. Os vídeos, em geral, são postados por fiéis ou por desafetos dos pastores. Não percebemos vídeos publicados por eles ou por suas Igrejas. Isso se deve ao fato de que o material é muitas vezes transformado em DVD que é vendido na internet, em livrarias evangélicas e nas igrejas. Além disso, os vídeos são postados na página eletrônica da Igreja, mas em geral o acesso é restrito aos fiéis afiliados.

Além de apresentar informações de espaço, observamos que, nas pregações de Silas Malafaia e de R. R. Soares, são dadas informações sobre o locutor (em geral, seu nome e função) e, nas daquele pastor, também há um contextualizador temático, por meio do qual é apresentado o tópico da pregação e o texto bíblico de base, e como nas figuras seguintes.



Figura 50: Contextualizando o locutor: nome e função

Fonte: Imagem extraída da pregação do Pr. Silas Malafaia que compõe o *corpus* analisado.



Figura 51: Contextualizando o locutor: nome e função

Fonte: Imagem extraída da pregação do Pr. R. R. Soares que compõe o *corpus* analisado.



Figura 52: Contextualização temática presente nas pregações de Silas Malafaia
Fonte: Imagem extraída da pregação do Pr. Silas Malafaia que compõe o *corpus* analisado.

Cumpra comentar que, em geral, os materiais do pastor Valdemiro Santiago disponibilizados na internet não apresentam qualquer parte introdutória ou explicativa, de modo que o vídeo é iniciado já com a fala do pastor. Como podemos perceber no excerto que segue.

EXCERTO 65

VAL.: (...) e leia... a Bíblia conosco... leia... a Bíblia... Isaías capítulo cinquenta e três... quem tem a Bíblia levanta a mão... leia por favor cinquenta e três... quem creu... em nossa pregação... eu tô lendo... eu não tô perguntando... quem perguntou foi Deus... através do profeta... é...

Pr. Valdemiro Santiago - L. 01-03

Há, nas pregações do pastor R. R. Soares, a “vinheta” de abertura. Silas Malafaia, em vídeos comercializados, faz um convite aos interlocutores para assistirem à pregação e abençoa-os. Já o pastor Edir Macedo ora é apresentado por um narrador, ora há uma música de abertura, que, muitas vezes, o pastor utiliza para iniciar a sua pregação.

Nas pregações, o fato de se tratar de um contexto virtual de interação é muitas vezes explicitado pelos pastores, como nas próximas passagens, nas quais eles chamam a atenção para o contexto posterior¹³³ (virtual) de interação.

EXCERTO 66

EDM.: nós temos aqui... nós temos... também... infelizmente não podemos estar no Rio por conta de um problema... na aeronave nós tivemos que voltar... mas... veja só... você que está aí me assistindo... aí na catedral no Rio... e aqui... quantas pessoas nós estamos reunindo hoje?... no mínimo no mínimo... umas... VINTE mil pessoas... eu estou falando com vinte mil pessoas... ao vivo... fora... aquelas que estão me assistindo em casa... pelo rádio e pela internet... cada pessoa... é um poço de problemas... é ou não é?

Pr. Edir Macedo -L. 33-38

EXCERTO 67

SMA.: eh:: meu filho... vitória... em Cristo... para a sua vida... eu tenho uma palavra pra você... que está aqui na igreja... pra você que está assistindo pela tevê ou por um DVD... você... que tem atravessado lutas... batalhas.. adversidades... espera... uma SAÍDA... uma resposta... uma SOLUÇÃO...

Pr. Silas Malafaia - L. 07-09

¹³³ Posterior porque, em geral, as pregações não são transmitidas ao vivo na televisão e na internet.

EXCERTO 68

SMA.: [...] você que tá em casa você que tá aqui... cê já parou pra adorar a Deus?... eu vou te dar um minuto pra você adorar..

Pr. Silas Malafaia - L. 214-215

EXCERTO 69

VAL.: [...] igreja... vocês que estão aqui vocês que estão em casa ou num hospital ou num presídio... qualquer lugar... responda pra mim... [...]

Pr. Valdemiro Santiago - L. 33-34

Rodrigues (1997) alega que, além das informações relativas a tempo e espaço, há outros elementos verificáveis durante a interação, os quais podem ser observados na expressão facial dos falantes, nos gestos, nos olhares, nos movimentos dos interlocutores, isto é, nos dados paralinguísticos, os quais, unidos aos diálogos, podem compor o contexto interacional. Sem esses dados, as informações linguísticas podem encaminhar o analista à montagem desse contexto. É o que ocorre, por exemplo, nas pregações transmitidas via rádio. De qualquer forma, a situação de enunciação (espaço físico, assunto, relação entre os participantes) é imprescindível. Isso porque, segundo Marcuschi (2008, p.244), “o contexto tem um papel central na interpretação de textos, sejam eles escritos ou orais”. Logo, ignorá-lo é pecar na construção da coerência do texto, de modo a afetar a sua compreensão global.

No contexto em análise, o falante exerce uma função prévia, a de pastor e pregador, mensageiro de Deus. Ao falante cabe organizar, conduzir, determinar o andamento da interação, que, no caso das pregações, é assimétrica, tendo o pastor maior tempo de fala e a função de passar ou não o turno de fala para o(s) ouvinte(s), dar continuidade, alterar, encerrar ou retomar os tópicos discursivos, ou seja, organizar e conduzir a interação verbal falada.

Já os ouvintes são os fiéis, os quais, como dito antes (em “Características da língua falada”), podem participar da interação *in loco* ou virtualmente, seja por meio da televisão, seja por meio de aparelhos eletrônicos com acesso à internet, haja vista muitos dos programas gravados estarem disponíveis na rede mundial de computadores. Seu papel social na interação é de fiel, de irmão¹³⁴,

¹³⁴ Os evangélicos chamam a seus companheiros de fé de “irmão”, por entender que todos são irmãos de e em Cristo.

embora em outros contextos eles possam desempenhar outros papéis, tais como: mãe, pai, filho; médico ou paciente; advogado ou cliente; vendedor; empresário; psicólogo; professor ou aluno; empregada doméstica; frentista; desempregado etc.

Tanto falante quanto ouvintes partilham de mesma fé, por isso se encontram motivados a interagir e colaborar com a interação. Contudo, o objetivo de ambos pode ser diferente: àquele pode importar converter novos fiéis à sua congregação, arrecadar verbas para custeio das atividades da Igreja ou para manter o horário na televisão, ensinar a palavra de Deus e outros; a esse importaria encontrar conforto e paz, receber perdão e/ou cura, colaborar com as obras da Igreja, participar de uma comunidade, ouvir a palavra de Deus, aprender sobre Cristo e seus ensinamentos, dentre outros.

Além do contexto comum partilhado, as interações faladas têm como característica a falta de um planejamento prévio, mas a existência de um **planejamento local**. Com isso, todo o processo de produção é evidenciado, deixando marcas características da enunciação, as quais apresentam o fazer textual, tais como pausas, truncamentos, hesitações, repetições, emprego de marcadores conversacionais e outras – todas peculiares ao planejamento da fala. Diferentemente da escrita, que apresenta o resultado desse planejamento como um prédio pronto e acabado, cujos tijolos e canos estão encobertos por uma camada de reboco, massa corrida e tinta, a língua falada é um prédio em construção em que podemos ver os andaimes e as marcas do seu desenvolvimento. Logo, nas pregações, embora os pastores planejem o tópico e os principais subtópicos de sua fala (há, portanto, um planejamento temático, o qual diz respeito à procura antecipada do assunto a se falar), a construção linguístico-discursiva é construída no momento da interação. Caso contrário, tratar-se-ia de uma situação de escrita oralizada, isto é, de “língua escrita falada em voz alta”, o que não é o caso.

A análise das pregações mostrou que Silas Malafaia é o pastor com maior planejamento de fala e Valdemiro Santiago, com menor planejamento. Assim, as pregações deste pastor mostram-se mais espontâneas do que as daquele, o que é explicitado pela quantidade de marcas derivadas da língua falada presentes na pregação, especialmente de repetições, truncamentos, hesitações, pausas, parênteses e

digressões. Outro fato relevante é a maior interatividade entre pastor e fiéis apresentada nas pregações de Valdemiro Santiago, nas quais há maior envolvimento com o auditório se comparadas às dos outros pastores analisados.

Em relação ao **envolvimento dos interlocutores**, o texto falado é um trabalho cooperativo dos interlocutores, que o vão arranjando à medida que a conversa se realiza. Em uma elocução formal assimétrica (caso das pregações), como os ouvintes (os fiéis) fazem isso? Por meio de sinais verbais e não verbais manifestados durante a interação e também por meio da troca de turnos com o falante (o pastor). Embora inicialmente acreditássemos que não houvesse troca de turno na pregação, haja vista as particularidades do gênero, verificamos que elas existem e são mais comuns nas pregações de Valdemiro Santiago, e menos, nas de R. R. Soares e de Silas Malafaia. Em algumas pregações do Pr. Valdemiro Santiago, por exemplo, os fiéis são questionados e respondem ao que lhe é perguntado. É o que ocorre no culto da pregação “Homem curado de lepra na Igreja Mundial do poder de DEUS”¹³⁵, em que há participação bastante ativa do auditório. Em outros, fiéis apresentam seu testemunho ao público. Esses recursos (interação (forte) com interlocutores e testemunhos) funcionam como estratégia argumentativa com vistas ao convencimento do público. O excerto que segue, retirado da pregação que compõe o *corpus* de análise, o pastor cede o turno ao auditório. No trecho, grifamos cada uma das intervenções dos fiéis, para os quais o turno foi consentido.

EXCERTO 70

VAL.: [...]] José tirou o corpo de Jesus de onde gente?

FIÉIS: do madeiro...

VAL.: de onde igreja?

FIÉIS: do madeiro...

VAL.: igreja grava isso de onde igreja?

FIÉIS: do madeiro...

VAL.: do madeiro... tirou o corpo de Jesus... de um?

FIÉIS: madeiro...

VAL.: madeiro... que as Igrejas... as Igrejas chamam de que mesmo?

FIÉIS: cruz...

VAL.: de cruz... as Igrejas costumam orar ao pé na cruz?... carregar no peito?... então escuta isso... Jesus foi tirado de onde?

¹³⁵ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=RksxSWqSCzg>>. Acesso em: jan. 2014.

FIÉIS: madeiro...

VAL.: madeiro... vamo abri lá em Deuteronômio vinte e um vinte e dois... Deuteronômio vinte e um vinte dois abra aí sua Bíblia vai lá lá no velho testamento... milha::res de a::nos... antes... agora você vai entender porque que o profeta Isaías... olhava na visão praquele/para aquele... que tinha sido o homem mais bonito que a Terra já viu... mais perfeito mais belo... e nem se animava em olhar pra ele... ele estava desfigurado... ele estava acabado amaldiçoado... humilhado destruído... porque veja lá... ah lá... olha o que diz em Deuteronômio vinte... vinte e um vinte e dois... "se alguém houver pecado... passível de pena de morte... e tiver sido morto e pendurares num... num" o que igreja?... num o que igreja?

FIÉIS: madeiro...

VAL.: igreja lá em Lucas diz... de onde Jesus foi tirado?

FIÉIS: madeiro...

VAL.: lá em Deuteronômio milhares de anos antes... Deus falou "se alguém pecar... e for passível de morte será colocado" aonde?

FIÉIS: madeiro...

VAL.: num madeiro... na cruz num madeiro... olha quantos existe a cruz... e olha pra que que é a cruz... Deus... estabeleceu que a cruz... era uma maneira... de punir com morte... quem cometesse pecado passível de morte... "o senhor tá dizendo que Jesus cometeu o pecado passível de morte?"... não... você cometeu... eu cometi... nós cometemos... a humanidade cometeu... e Jesus... foi colocado no lugar de todos nós... no madeiro... tá lá... ((palmas))... cê viu porque que ele ficou feio?... porque que ele ficou.... desfigurado?... é... então... Jesus foi condenado pelos nossos?

FIÉIS: pecados...

VAL.: pecados... "e o pendurares num madeiro... o seu cadáver... não permanecerá no madeiro durante a noite... mas certamente... o enterrarás no mesmo dia".... Jesus foi enterrado no dia seguinte ou no mesmo dia?...

FIÉIS: no mesmo dia...

[[...]]

Pr. Valdemiro Santiago - L. 33-34

Nesses excertos, chama a atenção o fato de que o turno inserido dos fiéis geralmente é representado por uma repetição, que pode se entendida como uma reiteração de itens lexicais ou estruturas, sem alterações ou com alterações pouco significativas. Em textos falados, as repetições denunciam a simultaneidade do planejamento e da execução do texto falado. Nesse contexto, elas são muito comuns, funcionando como recursos de coesão referencial, de modo a colaborar com a coerência textual, assegurando a inteligibilidade e contribuindo para a organização argumentativa do discurso. A *coesão referencial* (ou *remissiva*) (KOCH, 2006) pode ser entendida como aquela em que um elemento do texto faz remissão a outro(s) componentes(s) do universo textual (KOCH, 2006). De acordo com a autora, "quando empregados com a função de reiterar referentes textuais", itens lexicais podem funcionar como responsáveis pela coesão referencial, função também exercida por itens gramaticais. Segundo Fávero (2001), a repetição de expressões ou de itens lexicais

no texto, quando o referente é o mesmo, deve ser entendida como um caso de coesão referencial por reiteração. Para autora, quando a repetição colaborar para a progressão textual deve ser analisada como um item *de coesão recorrencial*, caso contrário trata-se de *coesão referencial*: “a recorrência tem por função, repito, assinalar que a informação progride; e a reiteração [coesão referencial] tem por função assinalar que a informação já é conhecida (dada) e mantida” (FÁVERO, 2001, p.26). De acordo com a pesquisadora, em textos falados espontâneos,

As repetições têm alta incidência [...], advindas, nesses textos, de uma etapa nítida de planejamento, ou melhor, planejamento e execução coocorrem; além disso, também é alta a incidência de repetição no meio do turno, o que pode significar **um recurso do locutor para continuar falando** [...], ou ser **um meio de o interlocutor ter acesso ao turno**. (FÁVERO, 2001, p.89 – grifos nossos).

Marcuschi (1997b, p.95), por seu turno, afirma que a repetição é mais que uma característica básica da língua falada, configura-se como “uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade”, exercendo variadas funções, tanto textuais quanto interacionais: “contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de seqüências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas”. Conseqüentemente, seu emprego torna o texto falado menos denso e, por isso, de maior acessibilidade ao interlocutor, facilitando “a compreensão através da desaceleração do ritmo da fala” (KOCH, 2006b, p.114). Além disso, segundo Marcuschi (1997b) e Koch (2006b), a repetição tem papel argumentativo, atuando como reforço da argumentação. A título de exemplo, segue um excerto da pregação de Edir Macedo, a fim de mostrar a recorrência e a função desse elemento em textos orais. Sublinhamos apenas as repetições lexicais idênticas¹³⁶.

¹³⁶ As repetições podem ser de: itens lexicais; de conteúdo/repetições semânticas (paráfrases); de estrutura morfológica; de estrutura sintática (paralelismos); de sons (eco, rima, assonância, aliteração, onomatopeia etc.); e outras.

EXCERTO 71

EDM.: ((música é cantada ao fundo)) amém amém amém amém amém amém amém... óh pessoal... quando você vier aqui na frente... por favor não venha como se estivesse carregando um caixão... nem venha... como se estivesse seguindo uma procissão... venha com raiva... venha com ódio... venha... revoltado... porque... a sua maneira de expressar... quando você vem aqui na... frente... mostra... como vai ser o seu futuro... mostra como você vai atingir o seu objetivo... porque... o... a conquista que você quer... depende da sua fé... depende da sua convicção... depende da certeza que há dentro do seu peito... é assim que funciona... não é uma religiosidade... não é... não é... carece... você tem que... você tem que expressar essa... essa... esse ARROJO... essa CORAGEM... você não pode ser religioso... você não pode ser religioso jamais... porque se não você vai perder... você vai ficar enganado... você vai lu/... ficar o resto da sua vida na Igreja e não vai acontecer nada... você tem que mudar a maneira de agir... você tem que... você tem que... fazer algo diferente... você tem que PENSAR diferente... porque se você não fizer alguma coisa diferente NADA vai acontecer de diferente na sua vida... ou vai? [...]]

Pr. Edir Macedo - L. 01-13.

Tais elementos são resultado do planejamento local do discurso e ajudam a “simplificar a tarefa de produção discursiva” (KOCH, 2007, p.134), colaborando, por conseguinte, com a compreensão do texto, de modo a exercer uma função textual-interativa. Em alguns momentos das pregações analisadas, a repetição teve outro papel: envolver os interlocutores, quando solicitada pelo falante ao ouvinte, e mostrar participação, atenção, por parte do ouvinte. Isso porque ele não muito provavelmente deseja tomar o turno de fala, nem o deve, a não ser que o turno seja lhe cedido, já que se trata de interações assimétricas, mas de mostrar que compreende o raciocínio e que com ele concorda. Se os fiéis não repetem, mostram o inverso: um desacordo com o que é dito pelo locutor. Na pregação de Valdemiro Santiago apresentada em excerto anterior, verificamos isso: o pastor repete itens para ora (re)planejar seu discurso, ora para buscar a atenção ou a aprovação do auditório, o qual repete o que é dito pelo falante, a fim de comprovar a atenção e aprovar o discurso. Isso é corroborado por algo dito por Koch (2007, p.133), segundo a qual a repetição da fala do outro “pode ter por fim demonstrar atenção, interesse, concordância ou deferência”. Além do mais, as repetições servem também para aumentar a excitação dos interactantes quando coocorrem com elevação de tom de voz e marcadores conversacionais. Nas pregações analisadas, as repetições do auditório como turno inserido são comuns nas de Valdemiro Santiago, e pouco recorrentes nas dos outros pastores. Os turnos inseridos dos fiéis, nas pregações deles, são caracterizadas, em geral, como respostas curtas a perguntas didáticas feitas pelo

falante ou como marcadores conversacionais. Segundo Rodrigues (1997), perguntas e respostas são marcas de envolvimento dos falantes, uma vez que esse par adjacente também ilustra o interesse dos participantes em manter a interação. Araujo e Freitag (2010, p.) afirmam que

Na fala, perguntas são construções linguísticas que se realizam por meio de uma sintaxe interrogativa, ou seja, possuem entonação ascendente que nos permite identificar que um determinado enunciado se trata de uma pergunta. O uso de perguntas está constantemente presente na língua falada com o intuito de propiciar, entre outras coisas, uma maior proximidade entre os interlocutores, o que nos permite afirmar que se trata de uma estratégia de interação por excelência para comunicação entre os falantes.

Isso vai ao encontro do Fávero, Andrade e Aquino (2006a, p.133) disseram a respeito das perguntas na língua falada. Segundo elas, trata-se de recursos básicos, cruciais na interação, sendo “difícil imaginar uma conversação sem elas”. De acordo com Fávero (2000, p.86),

Na visão tradicional considera-se a pergunta um pedido de informação não conhecida, havendo, nesse par dialógico, uma dupla ligação: a uma pergunta segue-se uma resposta que, por sua vez, é decorrente de uma pergunta, o que acaba por levar a uma circularidade inevitável, geralmente aceita como necessária.

Contudo, na interação verbal, uma pergunta pode não ser respondida pelo alocutário, ficando sem resposta (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006b; ARAUJO; FREITAG, 2010), pode receber a devolutiva do próprio locutor, que a responde (ARAUJO; FREITAG, 2010), pode ser pronunciada sem o desejo de que seja respondida (ARAUJO; FREITAG, 2010) ou pode ser seguida de outra pergunta (FÁVERO, 2000). Além do mais, “não há necessariamente uma única R [resposta] possível a uma dada P [pergunta]” (FÁVERO, 2000, p.86). Todos esses aspectos dependem da negociação entre os participantes da interação, do conhecimento partilhado entre eles e do contexto em que se encontram, pois não há uma lógica necessária que determine a organização do par pergunta-resposta (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006b).

Consoante Fávero (2000), as perguntas são recursos multifuncionais, porque assumem distintas e variadas funções na interação, o que depende do seu contexto de uso (objetivos interacionais, papel social dos interlocutores etc.). As perguntas apresentam quatro funções básicas: introduzir um novo tópico à interlocução, dar continuidade ao tópico, redirecioná-lo e mudá-lo (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006a, 2006b; FÁVERO, 2000). Além dessas funções, as perguntas caracterizam-se por sua natureza, que são de quatro tipos (FÁVERO, 2000): pedido de informação, pedido de confirmação, pedido de esclarecimento e pergunta retórica. Assim, as perguntas são utilizadas na solicitação de informações, confirmações e esclarecimentos, podendo ainda ter função puramente retórica (FÁVERO, 2000).

Dessa maneira, cabe aqui conceituar os tipos de perguntas. Santana Neto (2005) sugere que há **perguntas retóricas** (PR) e **perguntas didáticas** (PD). Aquelas não exigem resposta; mas essas sim. Apesar disso, “as interrogações didáticas não permitem que o co-enunciador mude do pólo receptor para o pólo emissor, pois o que é desejado pelo enunciador é a persuasão do co-enunciador” (SANTANA NETO, 2005, p.63), é o que verificamos no material estudado. De acordo com a perspectiva do estudioso, as perguntas retóricas são um subtipo de pergunta didática. Em ambas, o alocutário/coenunciador não troca de lugar com o locutor/enunciador, mas nas perguntas didáticas é apresentada uma resposta, e nas retóricas não. As PD têm valor ilocutório de interrogação, e as PR não, porque “ela não corresponde ao pedido de informação típico de uma pergunta [...], pode-se afirmar que ela equivale a uma asserção” (SANTANA NETO, 2005, p.65). Ademais, a pergunta retórica “ocorre quando o falante elabora a pergunta mas já conhece a resposta; usada como recurso para manter o turno ou para estabelecer contato (função fática)” (FÁVERO, 2000, p.95). Araujo e Freitag (2010), por sua vez, afirmam que as perguntas dividem-se em quatro tipos: perguntas plenas (as perguntas propriamente ditas), perguntas semirretóricas (aquelas respondidas pelo locutor), perguntas retóricas (aquelas que não exigem resposta) e perguntas metadiscursivas (perguntas sobre o tópico discursivo que servem para chamar a atenção do interlocutor ao focalizar algo no discurso). As autoras inserem as perguntas em dois polos: do mais concreto (perguntas plenas) ao

mais abstrato (perguntas metadiscursivas). A diferença entre as perguntas metadiscursivas e as plenas reside no fato de que estas têm como função inserir novos tópicos encerrando o anterior, ampliar o tópico em andamento, reconfigurar o andamento tópico etc.; as metadiscursivas objetivam desenvolver o tópico já em andamento, dando ênfase a algo, de modo a chamar a atenção do interlocutor para esse algo. A distinção entre perguntas retóricas e semirretóricas está no fato de que aquelas não são respondidas; e estas são predecessoras de “autorrespostas” ou de respostas autoiniciadas. Entendemos as perguntas metadiscursivas como um subtipo de pergunta retórica. Resumidamente:

Quadro 16: Tipos de perguntas

PERGUNTAS				
Perguntas Plenas	Perguntas Didáticas	Perguntas Semirretóricas	Perguntas Retóricas	Perguntas Metadiscursivas
Exigem resposta	Exigem resposta	Exigem resposta	Não exigem resposta	Exigem resposta
Resposta do falante ou do interlocutor	Resposta do falante ou do interlocutor	Resposta do próprio falante	--	Resposta do próprio falante
Na resposta, interlocutor assume posição de locutor	Na resposta, interlocutor NÃO assume a posição de locutor	--	--	--
Objetivos relativos ao tópico ou à interação	Objetivos relativos à interação	Objetivos relativos à interação	Objetivos relativos à interação	Objetivos relativos ao tópico e à interação
Têm valor ilocutório de interrogação	Têm valor ilocutório de interrogação	Não têm valor ilocutório de interrogação	Não têm valor ilocutório de interrogação	Não têm valor ilocutório de interrogação
Menor força argumentativa	Maior força argumentativa	Maior força argumentativa	Maior força argumentativa	Maior força argumentativa
Função tópica e/ou interacional	Função interacional	Função interacional	Função interacional	Função tópica e interacional

Fonte: Elaborado pela autora com base em Santana Neto (2005); Fávero (2000); Fávero, Andrade e Aquino (2006a, 2006b); Araujo e Freitag (2010).

Nas pregações analisadas, as perguntas são, em sua maioria, didáticas, pois o pastor não dá liberdade de voz ao alocutário, que permanece nesse papel, já que “a resposta é imposta pelo enunciador que conduz a argumentação textual”, ou semirretóricas, porque é o próprio falante que apresenta a devolutiva para a pergunta,

respondendo-a. Em termos gerais, na análise das pregações, observamos que as perguntas são recorrentes na fala de alguns dos pastores, servindo para levar o público à reflexão e à posterior concordância com o que eles dizem/pregam. As perguntas servem para deixar implícitas algumas informações, as quais devem ser subentendidas pelo auditório, que as explicitará em suas respostas. Assim, não se trata apenas de o pastor expor um sentido aos fiéis, mas de também levá-los a aceitar tal sentido, impondo-o a eles. A verbalização das respostas traz à tona os sentidos implicitamente colocados nas questões. Além disso, ela serve para construir nos interlocutores a ideia de que tal sentido partiu deles, e não do falante. Isso também é forte estratégia de persuasão, pois o fiel pode crer que a dedução é dele mesmo e que ele não foi conduzido a dada conclusão. Exatamente por isso, nas pregações analisadas, as perguntas são bastante comuns: aparece na fala dos quatro pastores e em todas as pregações estudadas, em um total de 134 perguntas para apenas uma hora de material estudado. No excerto abaixo (de apenas 25 linhas), há 15 (quinze) perguntas, as quais têm como função principal envolver os fiéis, buscar a sua concordância e atenção.

EXCERTO 72

SMA.: *[[...]] o que que é uma pessoa paciente?... é uma pessoa que suporta a dor... infortúnios... inconvenientes... sem queixa... e com resignação... isso aqui é o paciente... aí você "mas pastor como é que pode a coisa tá fervendo pro meu lado... a minha batata tá assando pastor... o negócio tá feio... eu não tô vendo saída... eu não tô vendo solução... cada dia tá pior... comé/como é que é?"... cê não tá vendo resposta?... cê não tá vendo saída?... Romanos oito vinte e cinco pra você... "se esperamos o que não vemos... com paciência... esperamos"... não tá vendo?... paciência... não tem nenhum saída?... paciência... não sabe como vai resolver?... pa-ci-ên-cia... sede paciente na tribulação... segura a onda... meu... irmão... aguentar firme... aí tem uma coisa... que é a terceira atitude... que tá... envolvida com paciência... ela tá envolvida... é:... uma coisa interligada a outra... cê tem que ter esperança... porque você tem que esperar... você tem que ter paciência... e aí a terceira tá interligada com a segunda... você não pode ser... PRE-CI-PI-TA-DO... sabe como é que a gente toma atitude precipitada?... é tomar decisão com a inteligência com a lógica com a intuição... com as emoções... com a opinião dos outros... e nunca com a direção de Deus... eu vou te dar aqui os dois requisitos pra você entender... se a tua atitude tá na hora... ou se você ainda tem que esperar... eu vou te dar... os dois... requisitos... se tá na hora... de você... esperar... ou... se tá na hora... de... agir... como é que eu sei que a minha atitude não tá sendo precipitada?... como é que eu posso saber que é agora... a hora que eu tenho que tomar uma atitude? então vou te dar... a dica... duas coisas fundamentais... como é que eu posso saber que é a hora... agora... é a hora de DEUS pra eu agir?... ou então... eu ainda tenho que ficar quietinho esperando a hora?... duas coisas... primeira Coríntios... quatorze... trinta e três... primeira Coríntios quatorze trinta e três escute... "Deus... não é Deus de?... confusão"... se você vai tomar uma atitude*

na tua vida... debaixo de confusão... de briga.. de desentendimento... a mulher quer uma coisa o marido quer outra... o pau tá quebrando... não tome... a confusão... não pertence a Deus... vai se dar mal... fica quietinho aí... ainda não tá na hora... segundo... como é que eu posso saber que ainda não tá na hora de/de eu tomar uma atitude?... que ainda não é a hora de Deus pra minha vida?... [...]

Pr. Silas Malafaia – L. 56-80.

Percebemos que essas indagações, mais do que um par adjacente de pergunta-resposta, funcionam como perguntas didáticas, as quais têm, no contexto em análise, a função de motivar e envolver o auditório, tornar o discurso atraente, instigante, a fim de angariar a adesão dos espíritos. Assim, no corpus estudado, é bastante comum a ocorrência de várias perguntas seguidas, sem tempo para o interlocutor respondê-las. É o que verificamos no excerto que segue.

EXCERTO 73

EDM.: [...] *que nós fazemos aqui?... qual é o trabalho do pastor... do bispo... do obreiro da obreira... quando... você chega na igreja?... a mesma coisa... promessa... de uma vida... de abundância Jesus disse “eu vim trazer vida... e vida com abundância”... não foi isso?... é ou não é?... salvação... eternidade... vida... eterna.. etc. etc. etc.... você tá vendo essa vida eterna?... você tá vendo?... você tá vendo a terra prometida?... tampouco o povo de Israel via... os problemas que eles vivenciavam naquele... naqueles dias... são os problemas que nós vivenciamos nos dias de hoje... é ou não é?... e o que garantiria... a posse... da terra prometida de uma terra... que emana leite e mel?... por que que ia/... qual/... qual a garantia que eles tinham?... qual a garantia que vocês têm... de que... as promessas de Deus... vão se cumprir?... qual a garantia?... qual a garantia?... a fé... a fé... mas a fé de quem do pastor?... não... a fé... de cada um... de nós... a SUA fé... a SUA fé... a fé... é uma CERTEZA... não é uma vida religiosa... não é uma religião... a fé não tem nada com religião... a fé tem com uma certeza... um convicção... você vai no médico... e vê... a estrutura... do consultório médico... maravilhosa magnífica... você confia no médico... mas se você vai no médico... e vê... que a sua estrutura é pobrezinha... você desconfia da capacidade dele... é assim ou não é?... que que isso?... fé... é ou não é?... fé... pu:::ra fé... convicção... você acredita... naquele torneiro mecânico pra consertar... a privada lá da sua casa... ahn?... você acredita... então você deixa de entrar na sua casa... ele mexe ele tira a privada... ele vai... faz isso faz aquilo... porque você tem fé nele... não é assim?... sim ou não?... você vai no dentista... e abre a boca e deixa o dentista fazer o que bem entende... porque você tem fé você crê você acredita nele... isso é fé... que todos nós precisamos no dia a dia... você é professor... você PRECISA... você precisa da atenção... dos seus alunos... para... que eles... possam aprender... o que você tem pra dar... então você precisa... de trabalhar com essa certeza... com a fé... todos precisamos da fé... todos precisamos da fé... todo mundo precisa da fé... a... a presidenta... Dilma... precisa da fé... pra poder... desenvolver o Brasil... pra acabar com a miséria e etc.... consertar nossas estradas... etc. etc. etc. etc.... enfim... TODOS precisam da fé... o governo do estado precisa... da fé... pra acabar... com a violência... sim ou não?*

FIÉIS: *sim...*

Pr. Edir Macedo –L. 61-86.

Em um único turno de fala, o pastor fez 21 (vinte e uma perguntas) aos fiéis, que as respondem apenas com um “sim”, o qual serve como resposta a todas as 21 questões. Nesses dois excertos, o pastor não busca necessariamente a participação ativa do auditório, caso contrário daria a ele tempo de resposta. Quer na verdade obter sua atenção, sua concordância, levá-lo à breve reflexão. Por isso, trata-se de **perguntas didático-semirretóricas**, pois o locutor não indaga a respeito de algo por ele desconhecido para o que busca conhecimento, tampouco ele espera do interlocutor uma resposta consciente como resultado de reflexão, posto que a resposta encontra-se já no enunciado interrogativo. É o próprio locutor em enunciados posteriores que responde à pergunta, que tem a função de enfatizar uma ideia, um ponto de vista, um argumento. Por isso, não se trata exatamente de questões, mas de enunciados cujo valor interrogativo exerce função argumentativa. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1991), as perguntas retóricas – no nosso caso, consideradas didáticas –, entendidas como atos ilocutórios indiretos, deixam ao interlocutor apenas a possibilidade de réplica, seja para confirmar seja para infirmar a pressuposição ativada pela pergunta. No contexto das pregações, por se tratar de uma interação falada, não há tempo nem falante nem interlocutores para planejar linguisticamente seu discurso tampouco para realizar pesquisas, consultar dados, ou seja, o ouvinte (no caso os fiéis) não têm condição de tecer reflexões a respeito do que lhe é dito, a fim de ponderar se, de fato, concorda com isso. Assim, as perguntas apresentam um caráter altamente aliciador, já que levam o fiel a aceitar um discurso sobre o qual não meditou, a fazer aquilo que o locutor quer ou a acreditar naquilo que ele enuncia. Trata-se de aceitar que aquilo é o melhor, o mais correto, o certo sem a certeza de que o é de fato. Tal aspecto é salientado pelo fato de os fiéis responderem 21 perguntas com apenas um “sim”, que dá dinamicidade à interação. “O emprego dessas perguntas didáticas, na condição de atos de discurso, aparenta um certo ar de diálogo, imprimindo um maior dinamismo, apesar de servir apenas para [...] exprimir as convicções do locutor” (SANTANA NETO, 2005, p.65).

Quantificados os dados, observamos que Valdemiro Santiago é o pastor que mais faz perguntas (47x), e R. R. Soares, o que menos questiona (12x). Edir Macedo e Silas Malafaia apresentaram valor muito próximo de questões: 38 perguntas

para aquele, e 37 para este. Cabe lembrar que esses valores são relativos a apenas 15 minutos de pregação. O gráfico que segue resume os dados.



Gráfico 6: Porcentagem de perguntas feitas nas pregações por cada pastor

Fonte: A autora.

O gráfico mostra que Valdemiro Santiago foi o pastor que mais fez perguntas em sua pregação. Isso denota a busca constante por envolver o auditório durante sua fala, trazê-lo para si, prender sua atenção, a fim de, conseqüentemente, persuadi-lo. Assim, as pregações de Valdemiro Santiago são claramente uma enunciação dialogal falada. Tal aspecto é mais intenso na fala desse pastor do que na dos demais em análise. R. R. Soares é quem menos emprega essa estratégia, de modo que, em seu discurso, ele recorre a outros recursos para angariar a adesão do público, tais como a construção de uma imagem de paternidade e bondade.

Além das perguntas, os turnos são também marcas do envolvimento do auditório. Em geral, nas pregações analisadas, os fiéis não têm direito à palavra, a não ser em momentos que essa lhes é solicitada para concordar com o pastor ou quando eles exultam o que é dito por seu mentor espiritual. É notável que, na maior parte das ocorrências, a passagem do turno ao ouvinte dá-se de maneira bastante incisiva, com o objetivo de levar o ouvinte a concordar com o falante. Ainda assim, por meio de sua observação, notamos que não se trata de um texto construído

isoladamente, mas de um trabalho arranjado a “várias vozes” ou a dois grupos de vozes: a do pastor e a dos fiéis. Entendemos essas intervenções como turno porque, segundo Galembeck (1997, p.60), turno é “qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão”, ou seja, para que haja turno nas pregações, basta que os fiéis se manifestem, como ocorreu no excerto acima. Isso porque tal concepção “considera ambas as modalidades de intervenção (com ou sem valor referencial) relevantes e significativas para a organização de textos e seqüências conversacionais” (GALEMBECK, 1997, p.60). Ainda de acordo com o autor, todos os enunciados de um texto devem ser considerados unidades de turno. Fundamentados em Galembeck (1997), podemos afirmar que as intervenções dos fiéis caracterizam-se como **turnos inseridos**, ou seja, aqueles que não desenvolvem o tópico, mas funcionam como marca de monitoramento da interação, isto é, indicam que o auditório acompanha, vigia, fiscaliza a fala do pastor, mostrando-lhe sua atenção e sua concordância. Ao completar as falas e ao responder as perguntas do locutor, o auditório apresenta-lhe sua colaboração, participando ativamente da construção do texto, mostrando-se envolvido na e pela interação. O “sim” coletivo apresentado pelos fiéis na pregação de Edir Macedo (excerto 63) é exemplo de turno inserido.

Ainda a respeito de envolvimento, observamos que, nas pregações, quando os pastores querem salientar algo bíblico, querem reafirmar as palavras de Deus ou querem se distanciar do que afirmam, buscam envolver os seus ouvintes ao tópico. Quando eles desejam buscar a adesão do auditório, quando buscam a conversão dos não fiéis, o envolvimento é com o ouvinte, salientando-se a segunda pessoa do discurso (tu, vós, você(s), cê(s)). Assim, são inúmeras as referências ao interlocutor presente nas pregações analisadas. No trecho que segue, por exemplo, há várias chamadas, por meio de vocativos, para o auditório.


EXCERTO 74

RRS.: *[[...]] examine você... se você não teve essa mudança... completa... você ainda não está em Jesus... e se não estiver em Jesus cê está numa situação espiritual perigosa... porque todo aquele que está em Cristo ele é nova criatura... se você não é uma nova criatura tem os mesmo pensamentos do passado... é a mesma pessoa que no passado mentia fazia algumas coisas... ou muitas que não prestavam... você não passou pela... pelo novo nascimento... cê pode ter sido colocado numa roupa de cordeiro... mas não me perdoe a palavra não continua... (mudo)... é PRECISO TIRAR isso de você*


completamente “Deus eu preciso me mudar”... por quê?... porque se você não estiver em Cristo... você não vai ser essa nova criatura... as coisas velhas NUNCA vão passar pra você... e:... vo/ nada vai se tornar novo... [[...]]

Pr. R. R. Soares - L. 61-69

Essas chamadas funcionam para envolver o auditório, porque o locutor não se refere a qualquer um, mas exatamente àquela pessoa que o ouve. O texto torna-se, assim, mais envolve e com mais possibilidade de tocar o interlocutor. As chamadas para o *logos* ocorrem mediante marcadores conversacionais ou partículas dêiticas, como no exemplos que seguem.

 *mas a Bíblia diz ali... não tinha aparência... e nem?... e nem? (VAL., l. 16-17);*

 *é o próprio Jesus falando ali... (VAL., l. 27);*

 *porque José... era um dos que esperavam... o reino de Deus mostra lá... ah lá... tá mostrando?... ah lá... “ele esperava” o quê?... “o reino”?... (VAL., l. 51-52)*

Dessas três condições de produção – contexto comum partilhado, planejamento local e envolvimento – derivam as demais características da língua falada, como o emprego de marcadores conversacionais e os recursos prosódicos, analisados no próximo tópico.

4.3.2 Características derivadas das condições de produção

Como dito anteriormente, as condições de produção do texto falado deixam visíveis as suas marcas de construção, tais como: marcadores conversacionais, pausas, aumento de tom de voz, repetições, digressões, parênteses, paráfrases, ideias inacabadas, períodos incompletos e vários outros. São muitas as ocorrências desses elementos no *corpus* que selecionamos para análise. Contudo, os mecanismos linguísticos da língua falada que colaboram para a adesão do auditório mais importantes nas quatro pregações e que ainda não foram devidamente comentados são marcadores e recursos prosódicos (especialmente pausas e entonação). Outros recursos também apareceram, mas não tiveram a mesma relevância nos primeiros

15min de interação ou já foram estudados anteriormente, por isso não serão examinados nos próximos tópicos.

Marcadores conversacionais do discurso religioso

No decorrer do diálogo, os falantes “estão sempre mostrando que compreendem a fala de seu interlocutor, assinalando que ele pode continuar falando como até então vinha fazendo porque o ouvinte se sente em sintonia com o que está ouvindo” (RODRIGUES, 1997, p.24). Essa colaboração mútua, chamada monitoramento da fala, é imprescindível para que a conversa transcorra sem grandes dificuldades, pois, por meio dela, os falantes conduzem as suas falas de maneira mais apropriada à situação e ao interlocutor. Em pregações, como dito anteriormente, os fiéis exultam, dão glórias, gritam ao ouvir as palavras dos pastores, mostrando-lhes que as palavras são fortes, tocantes, verdadeiras e, por isso, nelas acreditam. Nos textos falados, isso ocorre muitas vezes mediante o emprego de marcadores conversacionais, que corroboram a coerência e a coesão do texto falado, auxiliando no monitoramento da interação e na intercompreensão. Por isso eles são muito recorrentes na língua falada. É o que observamos nos próximos excertos, em que é possível notar um número expressivo desses elementos.

No discurso religioso, verificamos que existem MC prototípicos, ou seja, que são claramente reconhecidos como pertencentes a esse discurso, tais como **glória** e suas variações (**glória a Deus**, **glória ao pai**, **glória ao Senhor**, **glória ao Espírito Santo** etc.), **amém**, **aleluia** e **em nome de Jesus**. Esses marcadores apareceram em todas as pregações analisadas. Verificamos que seu uso não se configura como contribuição ao ato interacional, mas como a expressão de uma concordância, que se dá muitas vezes por meio dos marcadores **amém**, **aleluia** e **glória**. Outro marcador prototípico desse discurso é o **misericórdia**, utilizado quando os fiéis têm alguma dúvida, especialmente na procura por textos bíblicos. Consideramos que, no contexto religioso, esses termos podem ser utilizados como marcadores conversacionais porque são pronunciados sem uma reflexão criteriosa a respeito do seu significado inicial ou dos sentidos que eles manifestam e, por conseguinte, das consequências de sua

manifestação. Em tal contexto, o ambiente criado faz com que o fiel sinta a necessidade de pronunciá-los, de modo a participar do grupo.

Etimologicamente, o “amém” deriva do hebraico e quer dizer “é assim” ou “assim seja” (KASCHEL; ZIMMER, 1999). Ademais, pode ser traduzido por “certamente”, “verdadeiramente”, “de fato”, “com certeza” (BREVI, 2014; KASCHEL; ZIMMER, 1999). Outro sentido atribuído a este vocábulo é de “título para Cristo, que é a garantia de que Deus cumprirá as promessas que fez ao seu povo” (KASCHEL; ZIMMER, 1999, s/p). Segundo Andrade (1998, p.36), originalmente o “amém”

Significava “confiável, seguro, verdadeiro”. Significa também “comprovar-se firme, fidedigno”. Se tomada isoladamente, ela [a palavra] tem este sentido: certamente, na verdade. Quando finalizamos uma oração com esta fórmula, reafirmamos nossa petição, e mostramos total confiança nas promessas divinas. No original grego, vemos que o Senhor Jesus utilizou-se desta expressão para chancelar diversas declarações doutrinárias. Observamos, por todo o Evangelho, o Divino Mestre introduzir as mais altas verdades, tendo como introdução tal palavra: *Amen, lego hymin*. Em português: “Em verdade vos digo”.

O “aleluia”, que significa “louvai a Deus”, é descrito nos dicionários teológicos como uma exclamação litúrgica de louvor cuja função hoje é convidar os fiéis a participar desse momento da liturgia. Biblicamente, a expressão ocorre especialmente nos textos dos Salmos, em que o salmista a utiliza como convite ao louvor a Deus (ANDRADE, 1998; BREVI, 2014). O termo deriva do hebraico *haleluyah* que quer dizer “*louvai (halelu) ao Senhor (Yah)*”; e se encontra “no início e/ou final de vários salmos, chamados de salmos de aleluia”, ocorrendo também no Novo Testamento, especialmente em Apocalipse 19 (KASCHEL; ZIMMER, 1999, p.20). Segundo Andrade (1998, p.35), a expressão “servia para conclamar os fiéis do Antigo Testamento a magnificar o Senhor. Era muito usada nas festas de Páscoa, Pentecostes¹³⁷ e dos Tabernáculos. É encontrada quatro vezes nos Salmos e vinte e quatro no Apocalipse”.

¹³⁷ Celebra o recebimento do Espírito Santo pelos cristãos. Originalmente, *pentecoste* é uma festa agrária de cunho religioso em que os israelitas agradeciam ao Senhor pela colheita de trigo. Recebeu esse nome porque era celebrada cinquenta dias depois da oferta do primeiro feixe de espigas de cevada (BREVI,

Já o “glória”, do hebraico *kabod* e do grego *doxa*, é apresentado pelos dicionários teológicos como significado de “manifestação do esplendor e da magnificência da presença divina” (ANDRADE, 1998, p.166). No discurso religioso, funciona como exaltação, como sinal de:

1) Honra ou louvor dado a coisas (1Sm 4.21-22), a pessoas (Lc 2.32) ou a Deus (Sl 29.1; Lc 2.14). 2) A majestade e o brilho que acompanham a revelação da presença e do poder de Deus (Sl 19.1; Is 6.3; Mt 16.27; Jo 1.14; Rm 3.23). 3) O estado do novo corpo ressuscitado, espiritual e imortal, em que os salvos serão transformados e o lugar onde eles viverão (1Co 15.42-54; Fp 3.21; Cl 3.4). (KASCHEL; ZIMMER, 1999, p.146).

Analiseamos algumas ocorrências desses marcadores nas pregações selecionadas.

O marcador “glória” é bastante comum no discurso religioso, porém seu valor semântico tem se perdido ao longo dos anos, já que não refletimos mais a respeito do seu emprego e do seu significado. A expressão é recorrentemente empregada em pregações com valor de concordância e/ou exultação. Outra expressão que se encontra no mesmo status é o “amém”, marcador muito representativo desse discurso, presente não só no fim de cada oração religiosa como em muitos momentos de fala dos pastores.

Em muitas pregações, os ouvintes – representados pelos fiéis e pelos colaboradores da Igreja – interferem na interação para exultar, ou seja, para expressar seu júbilo e sua alegria, para mostrar concordância com as palavras do pastor, exaltando-as. Fazem-no verbalmente e também por meio de palmas. Além disso, a participação pode ser totalmente espontânea ou a resposta a um pedido. Nos excertos que seguem, os fiéis respondem “amém” ao pedido de confirmação do pastor, explicitado também pelo marcador. O marcador serve tanto para solicitar a concordância com o que é dito quanto para manifestá-la. Consequentemente, no contexto religioso, podemos considerar o “amém” como um **marcador conversacional**

2014). Para os cristãos, “na festa de Pentecoste, após a morte de Jesus, a comunidade cristã, reunida no cenáculo, recebeu o dom do Espírito Santo” (BREVI, 2014, p.41-42).

de concordância. No próximo excerto, Silas Malafaia solicita a concordância do auditório por meio do “amém”.

EXCERTO 75

SMA.: esperar não é uma coisa fácil... e eu quero te dar aqui as atitudes... primeira parte da minha mensagem... QUAIS SÃO AS ATITUDES a mensagem tá dividida em três partes... a primeira parte é essa aqui... quais são as nossas atitudes... que temos que ter... se de fato... queremos esperar em Deus porque CREMOS... que ele tem a melhor resposta?... quem crê nisso... diga amém...

FIÉIS: AMÉM...

SMA.: vamo ver então... [[...]]

Pr. Silas Malafaia – L. 23-29

O fiel que acredita no que é dito pelo pastor, isto é, aquele que concorda com a certeza de que Deus tem a melhor resposta e que, portanto, é preciso esperar por Ele, manifesta sua concordância por meio do “amém”. No excerto seguinte, esse marcador exerce outra função interacional: testar a compreensão do auditório.

EXCERTO 76

EDM.: [[...]] foi/foi o meu limite... e aconteceu a Igreja Universal do Reino de Deus... amém pessoal?

FIÉIS: amém...

EDM.: compreendeu como é que é sim ou não?... então... eu aproveitei... eu/eu/eu... o que que eu aprendi com isso?... não foi só essas vezes não... outras vezes também aconteceu a mesma coisa... [[...]]

Pr. Edir Macedo –L. 295-299

Caso o fiel tenha compreendido o que foi dito pelo pastor, ele pronuncia o MC; caso contrário, ele permanece em silêncio ou pronuncia o “misericórdia”. Todavia, nas quatro pregações analisadas, não houve ocorrências desse termo no papel de marcador.

No próximo excerto, o “amém” exerce a função de **marcador conversacional de exultação/adoração**. Nessa função, ele é espontaneamente utilizado pelos fiéis ou pelo pastor em momentos de maior euforia. É exatamente nisso que consiste a diferenciação entre os dois MC: o de concordância, em geral, é empregado após a solicitação do orador, para testar a atenção, a participação e/ou a compreensão do auditório; já o de exultação ocorre, geralmente, de modo mais espontâneo, quando

há certa efervescência do orador e, por conseguinte, do auditório. Kaschel e Zimmer (1999) corroboram essa leitura quando, em seu dicionário bíblico, agrupam os verbetes por assuntos colocando “amém”, “aleluia” e “glória” no grupo de verbetes de adoração:

Quadro 17: Verbetes agrupados por assuntos no dicionário bíblico

ADORAÇÃO		
AÇÃO DE GRAÇAS	EXALÇAR	POLITEÍSMO
ADORAÇÃO	EXALTAR	RENDER
ALTAR	GLÓRIA	SACRIFÍCIOS E OFERTAS
ALTOS	GRAÇA	SALMO
AMANTE	HALEL	SALMOS
ALELUIA	HINO	SALMO DIDÁTICO
AMÉM	HOSANA	SALMODIAR
CÂNTICOS DO ADVENTO	INVOCAR	SINAGOGA
CELEBRAR	MAGNIFICAR	TABERNÁCULO
DOXOLOGIA	MONOLATRIA	TEMER A DEUS
ENGRANDECER	MONOTEÍSMO	TEMPLO

Fonte: Kaschel e Zimmer (1999, s/p).

O “glória” aparece também entre os termos relacionados a Deus; e o “aleluia”, entre os relacionados à música (KASCHEL; ZIMMER, 1999).

EXCERTO 77

SMA.: [...] cuidado... cuidado que a murmuração é um sintoma de que você não sabe esperar em Deus... então veja... quantos aqui esperam no senhor?...

FIÉIS: AMÉM...

SMA.: mas que amém lindo eu ouvi aqui meu Jesus tem/... as/... há poder... quantos esperam no senhor dê um glória a Deus aí meu irmão...

FIÉIS: glória a Deus...

SMA.: SE VOCÊ QUER ESPERAR EM DEUS... ESPERANÇA... SE VOCÊ ESPERA EM DEUS... PACIÊNCIA... SE VOCÊ ESPERAR EM DEUS... NADA DE PRECIPITAÇÃO... SE VOCÊ ESPERA EM DEUS... NA::DA DE MURMURAÇÃO... SE VOCÊ ESPERA EM DEUS...
[[...]]

Pr. Silas Malafaia -L. 93-102

O “aleluia” é o marcador conversacional de exultação por excelência: em todas as suas ocorrências no *corpus* analisado ele exerceu essa função. Cumpre comentarmos, porém, que foi pouco utilizado nas quatro pregações analisadas. Além

disso, ele aparece sempre em momentos de maior “fervor” na pregação, podendo ser pronunciado pelo orador ou pelo auditório.

EXCERTO 78

*EDM.: [...]a igreja é maravilhosa... ar condicionado... o/o/o organista ((simula som do órgão))
domingo pela manhã... louvando Jesus “aleluia aleluia aleluia”... e tal e tal... [...]*

Pr. Edir Macedo -L. 284-286

Ambas as funções – concordância e exultação – exercem outro papel importante na interação: envolver os interlocutores. Por meio de sua utilização, os pastores conseguem atrair e manter a atenção do auditório, envolvendo-o, trazendo-o para o discurso, mostrando-lhe que ele faz parte daquele contexto, que é para ele que aquilo tudo é feito. Isso também está presente no discurso de que Jesus Cristo morreu na cruz pelo ser humano, para salvar a todos, para redimi-lo de seus pecados e começar vida nova. Esse é o sentido do discurso religioso, sentido manifestado materialmente no batismo. Notamos nisso uma relação: o ambiente criado pelos elementos verbais, como os marcadores, recriam o discurso de valorização do fiel apresentado por alguns grupos religiosos.

Importante fato constatado é a distinção quantitativa do emprego desses marcadores nas interações analisadas. No corpus, em geral, o “amém” é o mais utilizado; e o “aleluia”, o menos; como mostra o gráfico que segue. Isso denota que, no discurso religioso, busca-se mais persuadir pela concordância e, conseqüente, aliciamento do que pela glorificação e exultação.

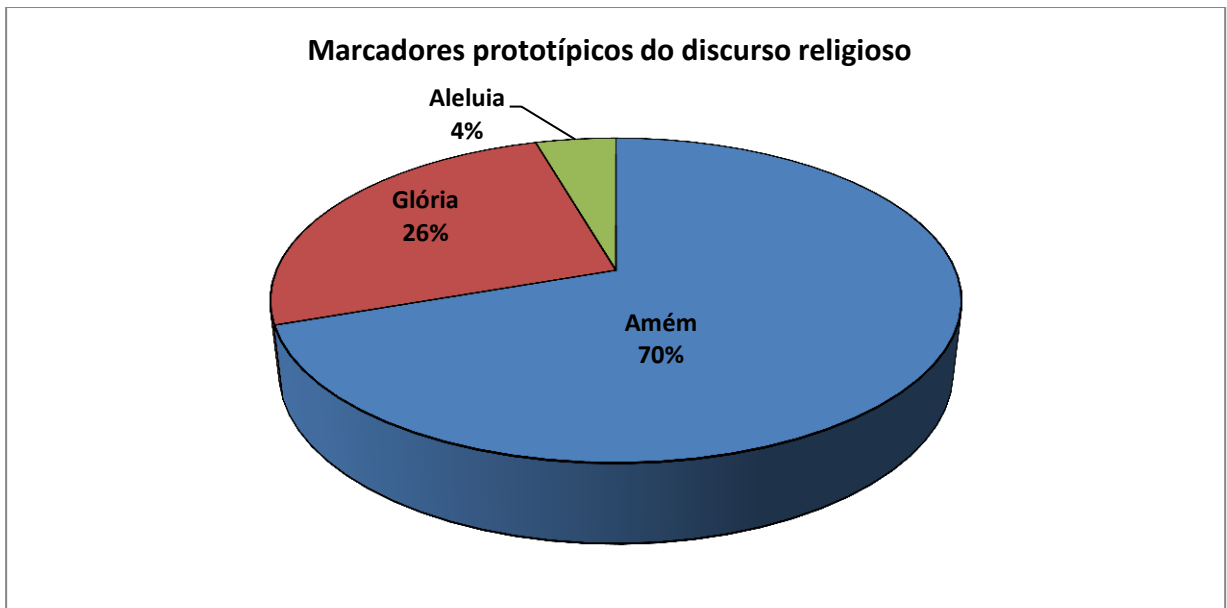


Gráfico 7: Emprego de marcadores conversacionais prototípicos do discurso religioso
Fonte: A autora.

Verificamos que quase não existem ocorrências do “amém” e do “glória” nas pregações de Valdemiro Santiago. Em contrapartida, esse marcador é bastante comum nas pregações de Silas Malafaia; e aquele, nas de Edir Macedo. Ambos os marcadores aparecem de forma moderada nas pregações de R. R. Soares, porém o “amém” aparece sempre relacionado às orações. O fato pode ser observado no quadro que segue, em que quantificamos as ocorrências desses marcadores¹³⁸ a fim de melhor compreendermos esse fato.

Os dados mostram que Edir Macedo foi quem mais utilizou o “amém” como marcador de concordância, o que denota o caráter altamente aliciador de seu discurso. E Silas Malafaia foi quem mais empregou o “glória” como marcador de exultação. Assim, seu discurso apresenta uma maior tendência ao louvor como estratégia de envolvimento e persuasão.

¹³⁸ Para isso, foi preciso utilizar a pregação na íntegra, caso contrário os resultados não seriam representativos daquilo que verificamos na observação das 27h.

Quadro 18: Marcadores conversacionais prototípicos do discurso religioso

<u>AMÉM</u>	Total	Fim de oração	MC de concordância	MC de exultação	Outros
Pr. Edir Macedo	52 (84%)	2	<u>37</u>	6	7
Pr. R. R. Soares	4 (6,5%)	4	--	--	--
Pr. Silas Malafaia	4 (6,5%)	1	2	1	--
Pr. Valdemiro Santiago	2 (3%)	1	1	--	--
Total:	62 (70%)				
<u>GLÓRIA e variações</u>	Total	Fim de oração	MC de concordância	MC de exultação	Outros
Pr. Edir Macedo	Ø	--	--	--	--
Pr. R. R. Soares	5 (22%)	--	--	5	--
Pr. Silas Malafaia	17 (74%)	--	2	<u>15</u>	--
Pr. Valdemiro Santiago	1 (4%)	--	--	1	--
Total:	23 (26%)				
<u>ALELUIA</u>	Total	Fim de oração	MC de concordância	MC de exultação	Outros
Pr. Edir Macedo	3 (75%)	--	--	<u>3</u>	--
Pr. R. R. Soares	Ø	--	--	--	--
Pr. Silas Malafaia	1 (25%)	--	--	1	--
Pr. Valdemiro Santiago	Ø	--	--	--	--
Total:	4 (4%)				

Fonte: A autora.

Cumprir comentar que Edir Macedo foi o único pastor que utilizou o “amém” com outras funções, como solicitar o fim do cântico, o excerto que segue mostra isso: o pastor, por meio desse MC, solicita o fim da música. Logo, a função do marcador só pode ser analisada dentro do contexto em que ele é usado.

EXCERTO 79

EDM.: ((música é cantada ao fundo)) amém amém amém amém amém amém amém... óh pessoal... quando você vier aqui na frente... por favor não venha como se estivesse carregando um caixão...

Pr. Edir Macedo -L. 1-2

O gráfico que segue resume as ocorrências do “amém” na pregação de Edir Macedo analisada. Em geral, o marcador é utilizado como solicitação ou sinal de concordância. Além disso, no que se refere ao emprego do “amém” como MC de exultação, 83% (5 em 6) das ocorrências foram dos fiéis.

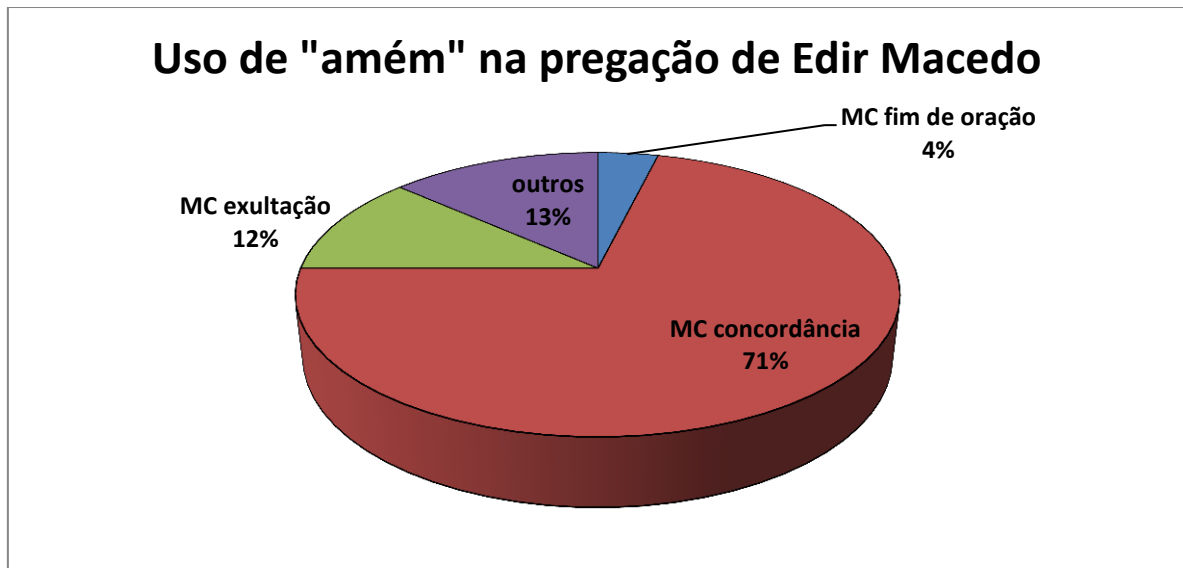


Gráfico 8: O *amém* na pregação de Edir Macedo
Fonte: A autora.

Os dados reiteram o caráter aliciador do discurso de Edir Macedo, que emprega especialmente marcadores de busca de aprovação discursiva. Cumpre comentar que, em geral, devido às condições de produção das pregações, os fiéis não têm muito tempo para refletir a respeito daquilo com o que concordam, de modo que enunciam ou pensam em enunciar o “amém” de modo quase instintivo, em geral por força do contexto de enunciação. Isso reforça ainda mais o aliciamento discursivo presente no discurso religioso.

Nas pregações, os marcadores de opinião são incomuns, já que os pastores não “acham”, eles têm certeza, sua palavra é certa. Por isso, são recorrentes os enunciados cuja força argumentativa está no discurso de autoridade, especialmente na autoridade Divina e/ou bíblica. Em contrapartida, os marcadores de atenção, busca de aprovação discursiva e de envolvimento são bastante recorrentes.

Antes de finalizar, cumpre dizer que, no *corpus*, outros marcadores apareceram, mas eles não se configuram como prototípicos do discurso religioso, e desempenhando especialmente o papel de marcadores de atenção, de aprovação discursiva e de envolvimento. São exemplos: “é ou não é?”, “sim ou não?”, “não é?” (característicos da fala de Edir Macedo, que normalmente solicitou a aprovação do auditório); “né?”, “eu acho”, “agora”, “ali”, “aí”, “então” (comuns na pregação de R. R. Soares, que despontou na utilização de marcadores de contextos mais gerais e com

função de planejamento e preservação da face); “ahn”, “ok”, “olha”, “sabe?”, “entende”, “então” (recorrentes no discurso de Silas Malafaia e, em geral, exercem função de envolvimento ou de planejamento); “é ou não é verdade?”, “olha”, “olhe”, “né?”, “aí” (comuns na fala de Valdemiro Santiago, com a função principal de envolvimento). Notamos que o papel exercido pelos marcadores reflete justamente a imagem que os pastores construíram em suas pregações. Assim, Edir Macedo emprega mais MC de busca de aprovação discursiva, o que vai ao encontro de uma máscara da sabedoria, da inteligência; Valdemiro Santiago, por seu turno, recorre especialmente a marcadores de envolvimento do interlocutor, o que reflete o caráter mais interativo e popular de suas interações e a máscara do homem humilde que se assemelha aos fiéis.

Características suprasegmentais (recursos prosódicos)

A pausa e a entonação ascendente são os elementos prosódicos mais recorrentes no *corpus*, aparecendo na fala dos quatro pastores, especialmente as pausas, as quais têm significativa importância nos textos.

EXCERTO 80

EDM.: [...] *eu ia orar nem vou orar... nem vou orar... eu só vou... falar com vocês... men::cionar... a oraçã::o... que Moisés fez... cê sabe que... Moisés era um homem de paz... pacífico... muito pacífico... Moisés não foi como... Gideão... que chegou pra Deus e falou “senhor... se tu és conosco por que não nos aconteceu isso?”... não... Moisés era um homem pacífico... homem... de paz... mas chegou um momento na vida dele... chegou um estado... da vida dele... um estágio na vida dele... em que ele orou assim... olha só... pega o ESPÍRITO da oração de Moisés... eu vou ler... nem vou citar... agora... pra você não... não ficar... buscando na Bíblia... eu quero que você... OUÇA... e depois você vai BUSCAR na Bíblia... para ler... o que eu li... o que eu li pra vocês...*

Pr. Edir Macedo -L. 15-22

EXCERTO 81

RRS.: [...] *meu irmão... é ISTO que aconteceu... com você... DE::SDE o primeiro dia... que você ouviu o evangelho... mesmo que tenha sido uma palavrazinha mu::ito fraquinha... um testemunho... e você entendeu... falou ao seu coração... cê não tem mais desculpas... cê não precisa mais ficar no sofrimento... cê não precisa mais ficar no pecado... tomado por doenças... na miséria... vício... prostituição nada disso... por quê?... porque o evangelho... chegou até você...*

Pr. R. R. Soares -L. 84-88

EXCERTO 82

SMA.: [...] *eh:: meu filho... vitória... em Cristo... para a sua vida... eu tenho uma palavra pra você...*

que está aqui na igreja... pra você que está assistindo pela tevê ou por um DVD... você... que tem atravessado lutas:... batalhas:... adversidades:... ESpera... uma SAÍDA... uma resposta... uma SOLUÇÃO... para uma CRISE... que você tá vivendo... você:... que tem promessa de Deus... está:... aguardando... a promessa chegar... eu quero ser BOCA de Deus pra sua vida... aqui... essa noite... e pra você... que está assistindo esse programa em qualquer horário...

Pr. Silas Malafaia -L. 07-12

EXCERTO 83

VAL.: *[[...]] Jesus... Jesus é o ser... mais perfeito... que Deus fez que o Pai fez... quem sabia disso?... você acha que já passou na Terra.. alguém bonito como Jesus?... nunca... nunca... você acha que existe na Terra... algum homem... algum ser humano... bonito.. lindo... como Jesus?... não... mas a Bíblia diz ali... não tinha aparência... e nem?... e nem?*

Pr. Valdemiro Santiago -L. 13-17

Notemos que esses elementos são consequência do planejamento linguístico-discursivo e do contexto comum partilhado entre os interlocutores do texto falado, logo, da mensagem que o pastor deseja passar aos seus fiéis. A entonação ascendente, por seu turno, tem também o papel de buscar a atenção do auditório. Já algumas pausas (nas pregações analisadas, são em geral as mais longas) buscam por parte do auditório a reflexão ou a exultação. O trecho que segue mostra pausas longas que servem ao primeiro caso. A exultação é explicitamente solicitada pelo pastor. É cabível comentar que ele tem fala grave, o que serve para deixar a solicitação ainda mais enfática e persuasiva, porque a força verbal é também uma estratégia de convencimento.

EXCERTO 84

SMA.: *[[...]] "será que Deus não tá vendo não... será que Deus não tá vendo essa... essa minha situação não?" ... ca:::la a bo:::ca... hun... cuidado... cuidado que a murmuração é um sintoma de que você não sabe esperar em Deus... então veja... quantos aqui esperam no senhor?..."*

FIÉIS: *amém... ((alguns fiéis levantam a mão))*

SMA.: *mas que amém lindo eu ouvi aqui meu Jesus tem/... as/... há poder... quantos esperam no senhor dê um glória a Deus aí meu irmão...*

FIÉIS: *GLÓRIA A DE::US... ((muitos fiéis levantam a mão enquanto dão o glória))*

Pr. Silas Malafaia - L. 92-99

Nesse exemplo, o pastor faz longa pausa a fim de que os fiéis se manifestem. Não se trata, contudo, de uma contribuição ao ato interacional, mas da expressão de uma concordância, que se dá muitas vezes por meio do emprego de marcadores conversacionais. Trata-se, pois, de um modo de interação entre os interlocutores.

No contexto religioso, o aumento do tom de voz (exemplo: GLÓRIA A DE::US...) é bastante comum. Durante sua fala, o pastor, a fim de mostrar segurança/firmeza no que diz e de intensificar o valor do que é dito, eleva sua voz, chegando até mesmo ao grito. Assim, o envolvimento emocional do falante com o conteúdo semântico de seu texto transparece e se explicita ao destinatário imediatamente nos textos orais. Essas entonações visam a atingir e a manter a atenção do ouvinte e expressam a admiração do próprio falante em relação ao discurso, o que se explica talvez pelo contexto a que pertencem as interações.

Entre os pastores estudados, esse recurso é vigorosamente utilizado por Silas Malafaia e, em seguida, por Edir Macedo. Em contrapartida, R. R. Soares pouco alça seu tom de voz, a qual é a mais baixa. No excerto (77), apresentado anteriormente e retomado a seguir, há um momento em que Silas Malafaia fala em tom bastante alto, o que podemos considerar comum à pregação de certos pastores, mas não de todos. Essa característica é comum em momentos de exultação e maior excitação do locutor, que aumenta sua voz como consequência disso, o que leva também a uma maior agitação do auditório.

EXCERTO 85

SMA.: *[[...]] cuidado... cuidado que a murmuração é um sintoma de que você não sabe esperar em Deus... então veja... quantos aqui esperam no senhor?...*

FIÉIS: AMÉM...

SMA.: *mas que amém lindo eu ouvi aqui meu Jesus tem/... as/... há poder... quantos esperam no senhor dê um glória a Deus aí meu irmão...*

FIÉIS: *glória a Deus...*

SMA.: SE VOCÊ QUER ESPERAR EM DEUS... ESPERANÇA... SE VOCÊ ESPERA EM DEUS... PACIÊNCIA... SE VOCÊ ESPERAR EM DEUS... NADA DE PRECIPITAÇÃO... SE VOCÊ ESPERA EM DEUS... NA::DA DE MURMURAÇÃO... SE VOCÊ ESPERA EM DEUS... [[...]]

Pr. Silas Malafaia -L. 93-102

Notamos ainda nesses excertos que, além das pausas e da entonação ascendente, outros importantes elementos típicos da língua falada são comuns, quais sejam: truncamentos (Jesus tem/... as/... há poder...); prolongamentos (ca::la a bo::ca... hun... cuidado... cuidado); repetições (“será que Deus não tá vendo não... será que Deus não tá vendo essa... essa minha situação não?” ...); entre outros. Isso tudo está

em concordância com o que afirmou Castilho (1998, p.19): “uma vez engajada a conversação, procedemos constantemente a ajustes sociopragmáticos no planejamento anterior”, o que deixa marcas na construção textual.

Enfim, a pregação é um gênero textual falado, e como tal deixa à mostra suas marcas de construção, resultado de uma planejamento local, do envolvimento entre os interactantes e do contexto comum partilhado. Essas três condições geram outras marcas típicas da fala, como a entonação, as pausas, as repetições, as paráfrases, os marcadores conversacionais e outros. No contexto religioso, o aumento do tom de voz e as pausas marcam não só a produção do texto falado, mas, acima disso, colaboram com a construção de um ambiente persuasivo em que a emoção leva ao convencimento. Ademais desses elementos, os marcadores prototípicos do discurso religioso, como o “amém”, o “aleluia” e o “glória” (e variações), têm a função de prender a atenção do ouvinte, cercando-o em um ambiente de sedução e emotividade. O discurso religioso é, sim, um dos mais instigantes, envolventes e persuasivos que há.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que sai da boca, procede do coração, e isso contamina o homem. (Mateus 15:11,18)

Vivenciamos um fenômeno de evangelização favorecida pelas mídias, especialmente a internet e a televisão, de modo que é cada vez maior a importância e a influência que o discurso religioso evangélico tem exercido na sociedade brasileira, haja vista o aumento do número de fiéis que se declararam evangélicos no Censo 2010 (IBGE, 2014). Ademais, houve um crescimento exponencial do número de Igrejas evangélicas no Brasil, da quantidade de redes de televisão cujos proprietários são pastores evangélicos e do número de programas evangélicos de rádio e TV.

Por tudo isso, o discurso religioso midiático é bastante significativo e está muito presente na sociedade contemporânea, na qual interfere em questões variadas, colabora para a construção de sentidos, a organização das comunidades, a produção de saberes, entre outros. Nesse contexto, o discurso evangélico, especialmente o de cunho Pentecostal, tem se sobressaído, de forma que o Brasil pode ser compreendido como um país de evangélicos e como a maior nação Pentecostal que há no momento (CPAD, 2014). Como dito antes, isso tudo é reflexo do (e é refletido no) aumento expressivo de brasileiros que se autodeclararam evangélicos no último Censo (IBGE, 2012) e no “boom das mídias evangélicas”, fenômeno que marca a expansão massiva que as mídias evangélicas tiveram nos anos 90.

Em vista desses aspectos, investigamos os elementos do discurso religioso que colabora para isso. Assim, fundamentados na Análise da Conversação, já que o objeto analisado realiza-se por meio da fala, nas Teorias da Argumentação, já que estudamos as estratégias argumentativas utilizadas no discurso religioso midiático, e na Linguística Textual, a fim de melhor compreender o gênero textual a que pertence o objeto de estudo, defendemos a tese de que, na batalha por angariar fiéis, os pastores, de forma consciente, em seus textos, utilizam-se de muitos mecanismos argumentativos de natureza diversa (verbais, não verbais), como a

construção e uso de máscaras, recursos linguístico-textuais e elementos característicos da língua falada.

Além da pergunta “Por meio de que estratégias argumentativas alguns pastores midiáticos conquistam tantos adeptos?”, outras orientaram o nosso olhar sobre o objeto analisado: A que gênero textual pertencem esses textos? É um discurso fundamentado na Bíblia? Que máscaras os pastores constroem e utilizam para persuadir seus fiéis? Que características da língua falada se fazem presentes nesse discurso e como elas colaboram para a persuasão? cremos tê-las respondido no decorrer da tese, de modo a atingir todos os objetivos inicialmente propostos, mas é preciso dizer que, para encontrarmos as respostas, elencamos como *corpus* quatro pregações, uma de cada um dos seguintes pastores, os quais figuram entre os mais conhecidos e com maior número de Igrejas filiadas e de adeptos: Edir Macedo (da Igreja Universal do Reino de Deus); Silas Malafaia (da Igreja Assembleia de Deus); R. R. Soares (da Igreja Internacional da Graça de Deus); e Valdemiro Santiago (da Igreja Mundial do Poder de Deus). Em um total de uma hora de material, 15min de cada pastor. Assim, cabem alguns comentários conclusivos, os quais, apesar de fecharem este trabalho, não fecham a pesquisa, mas lançam a possibilidade de estudos futuros para confirmar ou refutar aquilo que afirmamos.

Observamos que os textos examinados pertencem ao gênero textual oral pregação, pois se realizam mediante a modalidade falada da língua e têm teor dialogal, ao contrário dos sermões, os quais são “enunciações monológicas orais” (MAINGUENEAU, 2010, p.104), mesmo que os fiéis não tenham autoridade para determinar o andamento da interação, haja vista se tratar de uma interlocução assimétrica, em há desigualdade nos papéis desempenhados pelos interactantes. Isso tudo fica evidente quando examinamos as características da fala presentes em pregações (e ficarão mais evidentes se a sua ausência for analisada em sermões, o que sugere uma nova pesquisa). As pregações trazem essas marcas explícitas no texto, de modo que são facilmente verificados marcadores conversacionais, repetições, truncamentos, paráfrases e muitos outros. Esse gênero discursivo, pertencente à esfera religiosa da atividade humana, caracteriza-se por seu tom conversionista, por buscar a adesão de espíritos mediante uma linguagem persuasiva, envolvente, sedutora, cuja

finalidade é atrair novos fiéis para a Igreja, é converter os não crentes, é alimentar a fé dos já convertidos, moldando o caráter de ambos, criando um *habitus*, uma maneira de ser neste mundo, do qual não se sentem parte. Nisso reside o sentido de afastamento desse discurso, em que se prega o distanciamento das coisas mundanas, a fim de que se possa enveredar por uma “vida nova”, uma vida orientada naquilo que é sacro, divino. Para que isso ocorra, é preciso levar a Palavra de Deus aos homens, servindo-se também de pregações, mas não somente.

Devido aos objetivos, esse gênero tem como conteúdo temático Deus e sua Palavra, as obras de Jesus Cristo, considerado irmão e salvador. Nesse sentido, os convertidos – fiéis e pastores – são todos irmãos em Cristo, vocativo muito empregado em contexto religioso. Assim, Deus é gênese, é começo e fim, o Alfa e o Ômega do discurso religioso cristão (VILA-CHÃ, 2008), seu instrumento e produto. Logo, não deve haver pregação que o ignore, que reduza seu valor e sua importância, pois Deus e sua Palavra são fulcrais em todo e qualquer discurso que se diz religioso cristão (VILA-CHÃ, 2008). Se Deus é o supertópico das pregações, a respeito de que mais elas poderiam argumentar? Sobre todos os aspectos que dizem respeito ao Homem e que podem aproximá-lo ou distanciá-lo de Deus são tópicos possíveis da pregação. Nas 27h de material analisado, percebemos que se sobressaem as discussões acerca de fé em Deus, vida em Deus, obediência e temor a Deus, salvação em Deus, perdão de/em Deus, cura por Deus, díizimo para Deus, entre outros. E aqui consideramos Deus na expressão da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo).

É justamente essa Trindade que enuncia no discurso religioso. O pastor é, puramente, um porta-voz de Deus, é seu mensageiro no mundo, cuja função primeira é falar por Ele e dEle, sendo instrumento divino na Terra. Por isso, o pastor não tem a autoridade para mudar, apagar ou acrescentar algo à Palavra, a qual deve ser respeitada, reiterada, reproduzida nas pregações, já que se trata de seu discurso fundador (ORLANDI, 1993), seu discurso constituinte (MAINGUENEAU, 2000). Nisso reside a não reversibilidade do discurso religioso (ORLANDI, 1996), pois o pastor fala por Deus, mas não é Deus, não pode tomar o seu lugar, alterar a sua Palavra: “Não acrescentareis à Palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor vosso Deus” (Deuteronômio 4:2).

O gênero caracteriza-se também por ser argumentativo *strictu sensu*, ou seja, a argumentatividade faz-se presente em todos os textos/discursos (argumentação *lato sensu*), mas em alguns ela é mais explicitamente apresentada. A pregação, por ter como objetivo envolver os interlocutores, levando-os a crer em algo (Deus), a fazer algo (mudar de vida, deixar as coisas profanas, aproximando-se daquilo que é divino), apresenta recursos típicos da argumentatividade, como emprego de metáforas, recurso à autoridade (de Deus), construção de imagens (*ethos*), imperatividade, paráfrases, invocações e muitos outros.

Em relação à construção e uso de máscaras, trata-se das imagens que construímos de nós mesmos, do nosso interlocutor e do referente discursivo. Nas interações, são produzidas, visualizadas, recordadas e imaginadas (DUARTE, 2014) doze imagens, quais sejam: aquela que o locutor faz de si; que ele faz do alocutário; que ele faz do referente; aquela que ele acredita que o alocutário faz dele; que ele acredita que o alocutário faz de si mesmo; que ele acredita que o alocutário faz do referente; a imagem que o alocutário faz de si mesmo; aquela que ele faz do locutor; que ele faz do referente; que ele acredita que o locutor faz dele; que ele acredita que o locutor faz de si mesmo; que ele acredita que o locutor faz do referente.

Nas pregações analisadas, verificamos que os pastores projetam muitas imagens de si mesmos em suas pregações. Edir Macedo, por meio da construção de um ambiente suntuoso, por meio de um discurso firme, de uma voz bem colocada, de ornamentos judaicos e de sua longa barba branca, projeta uma imagem de sabedoria, de poder, de riqueza, de santidade, de pureza, de humildade. O adereço na cabeça e o xale cobrindo seu corpo designam humildade; a barba, sabedoria e respeito; o retorno à Salomão, pureza e santidade; o ambiente luxuoso e grandioso, riqueza, prosperidade. R. R. Soares, com sua voz calma e baixa, com uma cenografia em tons de azul, incluindo suas vestes, com o recurso à autoridade do Dr. Osborn, projeta a imagem de benevolência, de paz, de paternidade. Silas Malafaia, ao apontar para os fiéis, ao falar alto e firme, ao reiterar textos bíblicos, citando-os em grande variedade e quantidade, ao sorrir pouco e gesticular muito, constrói a imagem da sabedoria, do respeito, da força. Valdemiro Santiago, que abraça os fiéis, não tem medo de tocá-los, inclusive e especialmente os doentes, que sorri largamente, que

chora, que se mostra afetuoso, próximo dos fiéis, com seu chapéu de sertanejo, revela uma imagem de humildade, alegria, emotividade, proximidade, afetuosidade. Cada um a seu modo, manifesta uma máscara particular, sua, que se dirige a um público também particular, também seu.

Esse auditório não é esquecido, deixado de lado. Ao contrário, faz parte do discurso (nele se faz presente pelas inúmeras referências a ele: você, irmão, irmã, igreja etc.), ajuda a construí-lo, colabora para a persuasão do outro, do que está ao lado sentado no banco da igreja ou que está em casa, assistindo à pregação pela TV ou pela internet. Por isso, sua face atenta, exultante é apresentada ao espectador, seus gestos são lembrados, o aceno da mão ao dizer “amém”, a voz coletiva que repete as falas do pastor, o rosto atento às palavras ditas, tudo isso manifesta uma máscara de pessoas crentes, envolvidas com aquele universo. Tal imagem ajuda, sim, a angariar novos espíritos, contribuindo para levar emoção a que assiste “em casa ou num hospital ou num presídio... qualquer lugar...” (Pr. Valdemiro Santiago – L. 33-34). Duas máscaras comparativas chamaram a atenção: Edir Macedo comparado a Salomão; e Valdemiro Santiago, a Jesus Cristo. Para a elaboração dessas faces, os pastores recorreram a elementos variados relacionados à ambientação e ornamentação (relativos ao templo de Salomão e aos adereços judaicos usados por Edir Macedo) e ao discurso verbal (em que Valdemiro Santiago apresenta características de Jesus que podem ser vislumbradas em si mesmo, como ser pregador, ser filho de Deus e ter curado leprosos). Essas imagens fortalecem a confiança dos fiéis nos pastores, aumentando a sua credibilidade e o poder argumentativo de sua fala. Assim, nas pregações, são ressaltadas as faces positivas dos quatro pastores, vistos como homens que venceram pela fé, homens santos e tementes a Deus.

Além da projeção de imagens, os locutores recorrem a estratégias argumentativas linguísticas e de textualidade em seus discursos, entre as quais foram salientadas, no material estudado, a definição, a invocação, a imperatividade, a paráfrase, a metáfora, o discurso reportado, a intertextualidade e os marcadores conversacionais (discutido no tópico referente à língua falada). Quanto aos vocativos, percebemos o uso recorrente de “você(s)” para a referência ao auditório. Com a utilização desse pronome, os falantes aproximam-se de seus ouvintes, mostrando

igualdade, intimidade. Com o emprego do pronome no singular, o locutor particulariza seu alocutário, direcionam o discurso a ele, de modo a envolvê-lo ainda mais, já que esse recurso argumentativo cria um ambiente de proximidade e de sedução. Isso se deu, principalmente, na pregação de Edir Macedo. Valdemiro Santiago foi quem menos utilizou esse pronome e o único que recorreu ao termo “igreja” para se referir ao seu auditório. Ademais, os vocativos usados por Silas Malafaia figuram entre os mais afetivos, como “meus amados”, “meus queridos”. Trata-se de elemento argumentativo extremamente sedutor, posto que os interlocutores sentem estimados, valorizados. Assim como Valdemiro Santiago, R. R. Soares emprega o diminutivo para chamar os fiéis, “irmãozinho”, “irmãzinha”, também criando um ambiente acolhedor, de intimidade e de proteção.

Nos textos examinados, observamos ocorrências de definições, as quais funcionaram para qualificar algo, um sentimento, uma ação. Silas Malafaia foi quem mais recorreu a essa estratégia argumentativa, utilizando sua formação teórica em Psicologia para ilustrar algumas concepções aos seus interlocutores. Cumpre comentar que as definições foram concatenadas ao contexto religioso. Destarte, a Bíblia foi empregada como discurso de base para contextualizar as definições, situando-as na religião Além delas, as metáforas são bastante importantes em textos pertencentes ao gênero pregação. No *corpus*, o nicho metafórico (VEREZA, 2007) “VIDA : BELEZA : : BELEZA : JESUS” mostrou-se contumaz, colaborando, ainda que implicitamente, para a progressão textual e para a construção de uma imagem de Jesus Cristo e de uma vida em Jesus Cristo, em detrimento de uma vida sem Ele. Assim, esse nicho funcionou como uma rede de sentido, corroborando a coerência textual. Nas pregações, as metáforas, muitas vezes, foram reiteradas por paráfrases, as quais, ao reintroduzir uma ideia, um referente etc. no discurso, modifica-o, fazendo o texto avançar significativamente. Em geral, as paráfrases eram de textos bíblicos, algumas vezes lidos *ipsis literis* pelos pastores. Por meio dessa repetição semântica, eles reanimam nas memórias dos interlocutores o discurso ou o tópico discursivo, funcionando para convencê-los daquilo, persuadi-los. Afinal, quanto mais se reitera um sentido, mas ele se torna vivo, significante e, talvez, verdadeiro. Na promoção das paráfrases, os locutores empregaram o discurso direto ao se referir a Deus e à sua

Palavra. Todavia, ao trazerem a fala do fiel para seu texto, empregaram o discurso indireto livre, de modo que suas vozes amalgamaram-se. Assim, com esse recurso, o pastor aproxima-se dos fiéis, criando cumplicidade entre os envolvidos, o que colabora para a adesão. Relacionada a esses elementos está a intertextualidade. Podemos dizer que a pregação é, por natureza, imanentemente intertextual, trata-se de um discurso a respeito de um outro discurso (ORLANDI, 1996), é, portanto, um metadiscurso ou um gênero textual em que a metadiscursividade tem notável presença. Notamos que Silas Malafaia é o pastor que mais cita textos bíblicos em quantidade e variedade. Edir Macedo, ao contrário, é quem menos o faz. Isso pode ser atinente ao próprio planejamento de sua pregação. Acreditamos, assim, que Silas Malafaia consuma mais tempo preparando seus discursos que Edir Macedo. Não cremos que a formação acadêmica seja determinante para isso, pois ambos têm formação superior. Todavia, não excluímos a possibilidade de ela interferir nesse processo, ainda que não seja decisiva.

Em textos de base falada, casos das pregações, não há um planejamento discursivo prévio, o que existe é um planejamento temático, uma organização das ideias e talvez dos textos de base. Isso porque, nas interlocuções faladas, não há tempo para o locutor planejar o que vai dizer e como dirá, pois seu(s) interlocutor(es) partilham consigo de certo contexto de produção, de modo a interferir na sua construção e progressão textual. Além do planejamento local e do contexto comum partilhado, a língua falada apresenta outra condição de produção, o envolvimento do interlocutores. Tais características originam outras, como o monitoramento recíproco entre os interlocutores, a presença de marcadores conversacionais, de digressões, parênteses, paráfrases, correções, hesitações, truncamentos, repetições, entre muitas outras.

Devido ao fato de as pregações analisadas serem disponibilizadas na internet e serem apresentadas também na televisão, o contexto em que elas ocorrem muitas vezes é explicitado pelos locutores em seu discurso (“nós estamos aqui no segundo dia da inauguração... da Assembleia de Deus Vitória em Cristo... na bonita cidade de Curitiba... capital... do estado do Paraná Su:l do Brasil...”, Pr. Silas Malafaia - L. 01-05). Contextualizar a interação é importante para seu entendimento por parte

do fiel, para que ele vivencie de fato aquela experiência religiosa, a qual aconteceria pela metade se ele não estivesse consciente das condições em que a pregação ocorreu.

Como a língua falada é um trabalho cooperativo arranjado a duas ou mais vozes, o pastor não pode se esquecer dos fiéis ao pregar. Assim, ele os traz ao discurso, fazendo deles seus coautores. Para tanto, os fiéis participam atenta e ativamente da construção das pregações, inclusive colaborando com turnos inseridos, os quais têm a função de repetir o que é dito pelo locutor ou de responder a alguma pergunta pronunciada por ele. Assim, as perguntas, especialmente as didáticas, cuja intenção não é fazer o interlocutor refletir a partir de uma ideia, mas se convencer dele, é uma estratégia recorrente nas interações pertencentes ao contexto religioso. No *corpus*, Valdemiro Santiago foi quem mais fez perguntas ao auditório; e R. R. Soares, quem menos as fez. Consequentemente, as pregações daquele pastor são mais interativas do que as deste, de modo que aquelas são mais persuasivas pelo envolvimento dos fiéis; e estas, pela autoridade de R. R. Soares, reconhecido por sua “liderança”, sua “bondade”, “sua expressão de amor” (Dr. Osborn na pregação de R. R. Soares). Assim, parece que Valdemiro Santiago precisa cativar aquilo que já é próprio de R. R. Soares, por isso seu discurso apresenta mais marcas de envolvimento com os interlocutores.

Outro aspecto chamativo da língua falada em pregações é o emprego corrente de marcadores conversacionais, especialmente aqueles prototípicos do discurso religioso, como “amém”, “aleluia” e “glória” (e variações). Os dois últimos, em geral, são utilizados para exultar, glorificar e aparecem em momentos de maior comoção. Já o “amém” tem o papel de levar o auditório a manifestar concordância com aquilo que é dito. Como não se trata de um assentimento refletido, analisado, esse marcador colabora para o aliciamento dos interlocutores, para levá-los a aceitar um discurso sem tê-lo examinado e a proferir sua inconsciente anuência. Devido ao contexto de envolvimento e de persuasão das pregações, o “amém” é justamente o marcador mais utilizado (70%) das ocorrências, aparecendo especialmente na fala de Edir Macedo, considerado, por isso, muito astucioso, cativante, sedutor. Apesar do clima de envolvimento que as pregações de Valdemiro Santiago apresentaram em outros quesitos, o “amém” quase não ocorre em suas interlocuções. Isso mostra que os

falantes recorrem a diferentes recursos para atingir o mesmo fim, no caso das pregações, conquistar espíritos, converter as pessoas a comungar de uma mesma fé. A opção por uma estratégia em detrimento de outra se revela, por exemplo, no tom de voz dos pastores, os quais podem ter voz mais baixa (R. R. Soares) ou alta (os demais), o que não interfere que sejam ouvidos e atendidos, “ porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação” (Romanos 12:4), ou seja, são muitas as estratégias, as quais são usadas conforme a intenção do locutor, ainda que se trate de um mesmo discurso (religioso de cunho evangélico Pentecostal) e de um mesmo gênero (pregação).

Em face do exposto, concluímos que o discurso religioso é altamente argumentativo, podendo ser considerado um dos discursos mais persuasivos, envolventes e sedutores que conhecemos, já que...

"Há pensamentos que são orações. Há momentos nos quais, seja qual for a posição do corpo, a alma está de joelhos." (Victor Hugo)

REFERÊNCIAS

Águas profundas são as palavras da boca do homem, e ribeiro transbordante é a fonte da sabedoria. (Provérbios 18:4)

ABREU, Antônio Suaréz. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção.** 8. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

ADAM, Jean-Michel. Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gulle em junho de 1940. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.93-118.

AFETIVIDADE. In: MATTOSO CAMARA JR., Joaquim. **Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa.** 26.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.49.

ALELUIA. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998, p.35.

ALELUIA. In: BREVI, Ítalo Fernando. **Dicionário bíblico: de A a Z.** Disponível em: <<http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Dicionario-Biblico-de-A-a-Z/pdf/view>>. Acesso em: fev. 2014, p.04.

ALELUIA. In: KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da bíblia de Almeida.** 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p.20.

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. **Professor João ou sobre a filosofia.** Disponível em: <<http://www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid=TT01017>>. Acesso em: dez. 2014.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado.** Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença; Brasil: Martins Fontes, s/d.

AMÉM. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998, p.36.

AMÉM. In: BREVI, Ítalo Fernando. **Dicionário bíblico: de A a Z.** Disponível em: <<http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Dicionario-Biblico-de-A-a-Z/pdf/view>>. Acesso em: fev. 2014, p.06.

AMÉM. In: KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da bíblia de Almeida.** 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p.25.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011a, p.9-28.

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011b, p.119-144.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Interação social e construção do texto: proposta para uma abordagem crítica. In: STORTO, Leticia Jovelina; NAKAYAMA, Juliana Kiyosen; BURGO, Vanessa Hagemeyer. **Texto, contexto e discurso: homenagem a Paulo de Tarso Galembeck**. Curitiba: Appris, 2014, p.75-90.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Língua: modalidade oral/escrita. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 50-67, v. 11.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. **Língua falada e língua escrita: como se processa a construção textual**. Apresentado no SBPC, 1998, em Natal, na UFRN. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maluv013.pdf>>. Acesso em: maio 2014.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Estudos do operador “então”. In: SEMINÁRIO DO GEL (Grupo de Estudos Linguísticos), 16, 1988, Taubaté. **Anais... Taubaté: 1988, p.62-72. Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1305639881_7.andrade_malucia.pdf>**. Acesso em: dez. 2014.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. L'argumentation dans la langue. **Langages**, 42, Paris, 1980 [1976], p.5-27.

ANTUNES FILHO, Edemir. O uso da prédica no protestantismo: uma breve abordagem histórica e crítica. **Revista Caminhando**, v. 9, n. 2 [14], p.89-100, ago./dez. 2004.

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Interação e conflito no discurso oral culto. **Linha d'Água**, n. especial, p. 11-23, jan. 2000.

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas**. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ARAUJO, Andréia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. Estratégias de interação na fala: funções das perguntas na fala de Itabaiana/SE. **Interdisciplinar**, ano 5, v. 10, n. especial, p. 107-120, 2010.

ARGUMENTO. In: **iDicionário Aulete**. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/argumento>>. Acesso em: jun. 2014, s/p.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2.ed. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. (Coleção Obras completas de Aristóteles, vol. VIII, tomo I).

AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1998.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2.ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4.ed. ver. atual. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.129-156.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. **Raído**, Dourados, MS, v.6, n.11, p.11-35, jan./jun. 2012.

BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. **Pesquisas de retórica**. Tradução de Leda Pinto Maфра Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 147-232.

BARTHES, Roland. **Théorie du texte**. (1974). Disponível em: <http://asl.univ-montp3.fr/e41slym/Barthes_THEORIE_DU_TEXTE.pdf>. Acesso em: dez. 2014.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introduction to text linguistics**. London; New York: Longman, 1981.

BENEDITO, Joviana. **Dicionário da internet e do telemóvel**. Lisboa: Centro Atlântico, 2003, p.191.

BERNARDO, Gustavo. Conhecimento e metáfora. **Alea**, vol. 6, n. 1, jan.-jun. 2004, p. 27-42. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v6n1/a03v06n1.pdf>>. Acesso em: out. 2014.

BERRUTO, Gaetano. Per una caratterizzazione del parlato: l'italiano parlato ha un'altra grammatica? In: HOLTUS, Günter; RADTKE, Edgar (Eds.). **Gesprochenes Italienisch in Geschichte und Gegenwart**. Tübingen: Narr, 1985, p. 120-153.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. revista e corrigida. rev. de 1997. Niterói, RJ: Fecomex, [s/d].

BÍBLIA. Português. **Bíblia online**. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf>>. Acesso em: dez. 2014.

BLAKEMORE, Diane L. **Semantic constraints on relevance**. Oxford: Blackwell, 1987.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.189-214.

BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language use**. 2.ed. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1978.

BURGO, Vanessa Hagemeyer; STORTO, Leticia Jovelina; GALEMBECK, Paulo de Tarso. O caráter multifuncional dos marcadores conversacionais de opinião “Eu acho que” e “I think” na fala dos presidentes Lula e Obama. **Domínios de Linguagem**, vol. 7, n. 2, jul./dez. 2013, p. 289-312.

CAMPOS, Odette Gertrudes Luiza Altman de S. A língua falada: características gerais. In: IGNÁCIO, Sebastião Exedito (Org.). **Estudos gramaticais**: publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, ano III, n. 1. Araraquara, São Paulo: UNESP, 1989, p.202-216.

CARDOSO, Rodrigo. A meca dos evangélicos. **Revista IstoÉ**, ed. nº 2332, 1º ago. 2014. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/375678_A+MECA+DOS+EVANGELICOS>. Acesso em: set. 2014.

CARVALHO, Nelly de. **Publicidade: a linguagem da sedução**. São Paulo: Ática, 1996.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: _____ (Org.). **Português falado culto no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p.249-279.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (Orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para o seu estudo. V.II - Diálogos entre dois informantes.** São Paulo: T.A. Queiroz/ FAPESP, 1987.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi; CITO, Marco Antônio. **Escola de formação para pregadores.** Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/darlan campos/apostila-escola-de-pregao-para-rcc>>. Acesso em: fev. 2014.

CHAFE, Wallace. Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, Deborah (Ed.). **Spoken and written language: exploring orality and literacy.** Norwood: N. J. Ablex, 1988, p.35-53.

CHAFE, Wallace. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy; HILDYARD, Angela (Eds.). **Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing.** Cambridge, England: Cambridge University Press, 1985, p.105-123.

CHAFE, Wallace; DANIELWICZ, Jane. Properties of spoken and written language. In: HOROWITZ R.; SAMUELS, F. J. (Ed.). **Comprehending oral and written language.** New York: Academic Press. 1987. Center for the study of writing. Technical Report No. 5, California Univ., Berkeley, May 1987. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED282230.pdf>>. Acesso em: dez. 2014.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão.** 16.ed. São Paulo: Ática, 2006.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Curso introdutório de homilética.** 2001. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/237160452/Curso-Homiletica-Hermisten>>. Acesso em: fev. 2014.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais.** 3.ed. ver. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COSTACURTA, Tamara. **Jesus é mais: cura espiritual em uma igreja neopentecostal.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus. **100 anos das assembleias de deus no Brasil.** Disponível em: <<http://www.centenarioadbrasil.org.br/historia.php?s=5&i=16>>. Acesso em: nov. 2014.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X/Instituto Mysterium, 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. O conceito de religiosidade midiática como atualização do conceito de igreja eletrônica em tempos de uma cultura gospel. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 15, Salvador-BA, set. 2002. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP1cunha.pdf>. Acesso em: nov. 2014.

CUNHA, Magali do Nascimento et al. Discurso religioso, hegemonia pentecostal e mídia no Brasil: a presença televisiva do pastor R. R. Soares: um estudo de caso. **Revista Caminhando**, v. 13, n. 21, p.87-96, jan.-maio 2008.

D'ONOFRIO, Salvatore. Concepção retórica e concepção semântica da metáfora. **Alfa**, São Paulo, 24, p.149-159, 1980.

DASCAL, Marcelo; KATRIEL, Tamar. Digressions: a study in conversational coherence. **PTL: A Journal for Descriptive Poetics & the Theory of Literature**, v. 4, p. 203-232. Reimpresso In: PETÖFI, J. S. (Ed.). **Text vs sentence: papers in Textlinguistics**, v. 29. Hamburg: Busque, 1981, p. 76-95.

DECLERQ, Gilles. **L'art d'argumenter: structures rhétoriques et littéraires.** Paris: Édition Universitaires, 1992.

DEMONSTRAÇÃO. In: **iDicionário Aulete.** Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/demonstração>>. Acesso em: jun. 2014, s/p.

DIÁCONO. In: CALDAS AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete.** Versão Digital. [s/l: s/d].

DIONISIO, Ângela Paiva. Análise da conversação. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004, V.2, p.69-99.

DISCINI, Norma. Ethos e estilo. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos discursivo.** 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p.33-54.

DUARTE, Thais Priscilla Papa Jerônimo. **Aspectos comunicativos da criação artística: o universo das imagens de Vik Muniz.** 2014. 162 folhas. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. **Provar e dizer: linguagem e lógica**. Tradução de Tradução de Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima G. Moreira e Cidmar Teodoro País. São Paulo: Global Universitária, 1981.

EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.29-56.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EXORCISMO. In: CALDAS AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete**. Versão Digital. [s/l: s/d]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/exorcismo#ixzz3ADR0Guil>>. Acesso em: ago. 2014.

FÁVERO, Leonor Lopes. Processos de formulação do texto falado: a correção e a hesitação nas elocuições formais. In: PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2005, p.141-159.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 9.ed. São Paulo: Ática, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000, p.79-97.

FÁVERO, Leonor Lopes. Intencionalidade e informatividade. In: SEMINÁRIO DO GEL, Estudos Linguísticos, [s/d], p.97-104. **Anais...** Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1305114968_11.favero_leonor.pdf.pdf>. Acesso em: jun. 2014.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. O par dialógico pergunta-resposta. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006a, p.133-166.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. A movimentação tópica numa visão pragmático-discursiva. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, 48 (1), p. 85-104, 2006b. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Documents/1545-5052-1-PB.pdf>>. Acesso em: nov. 2014.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Fala e escrita: diferença e integração. In: SEMINÁRIO DO GEL, 23, Estudos Linguísticos, 1994, v. 1, p.273-288. **Anais...** Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1308142603_37.favero_etal.pdf>. Acesso em: jun. 2014.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Tradução de Leandro Kondel. 9.ed. Lisboa: Guanabara, 1987.

FOLKS NETNOGRÁFICA. **Netnografia**. Disponível em: <<http://folksnetnografica.com.br/expertise/netnografia/>>. Acesso em: ago. 2014.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

FORBES. **The richest pastors in Brazil**. (17/01/2013). Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/01/17/the-richest-pastors-in-brazil>>. Acesso em: mar. 2013.

FRASER, Bruce. Uma abordagem sobre os marcadores discursivos. Tradução de Pedro Caruso e Paulo F. Zanotto. **Confluência**. Boletim do Departamento de Linguística, Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis), Faculdade de Ciências e Letras, n. 2, ano 2, p.132-160, 1994.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos não são vícios da linguagem! **Interdisciplinar**, v. 4, n. 4, p. 22-43, jul./dez. 2007.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Procedimentos de monitoramento do falante em diálogos simétricos. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 64-77, 2006.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2005, p.173-194.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Procedimentos de expansão do tópico discursivo em diálogos simétricos. **SELISIGNO**, 4, e Simpósio de Leitura da UEL, 5, 2004, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2004, p.01-08.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Marcas de subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p.67-88.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza *et al* (Orgs.). **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999, p.109-119.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.55-79.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; CARVALHO, Kelly Alessandra. Marcadores de preservação da face na fala culta de São Paulo e do Rio de Janeiro. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, LAEL/PUC-SP, v. VII, 1998, p. 155-165.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; CARVALHO, Kelly Alessandra. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). **Revista Intercâmbio**, São Paulo, LAEL/PUC-SP, v. VI, 1997, p.830-850.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; SILVA, Luiz Antônio; ROSA, Margarida M. O turno conversacional. In: PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: estudos**. São Paulo: T. A Queiroz/FAPESP, 1990, p. 49-98, vol. IV.

GARRARD-BURNETT, Virginia. A vida abundante: a Teologia da Prosperidade na América Latina. **História: Questões & Debates**, UFPR, Curitiba, n. 55, p. 177-194, jul./dez. 2011.

GLÓRIA. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998, p.166.

GLÓRIA. In: BREVI, Ítalo Fernando. **Dicionário bíblico: de A a Z**. Disponível em: <<http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Dicionario-Biblico-de-A-a-Z/pdf/view>>. Acesso em: fev. 2014, p.46.

GLÓRIA. In: KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da bíblia de Almeida**. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p.146.

GNOTÍCIAS. **Especial Apóstolo Valdemiro Santiago**. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/valdemiro-santiago>>. Acesso em: maio 2014.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de la interacción**. (Traducción directa del inglés de Floreal Mazia). Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Seqüências inseridas na conversação: relevância e coerência. **Signótica**, n. 8, p. 09-24, jan./dez. 1996.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2003.

GRICE, H. Paul. Logic and Conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (Eds.). **Syntax and semantics III: speech acts**. New York: Academic Press, 1975, p.41- 58.

GUIMARÃES, Elisa. Figuras de retórica e argumentação. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2004, p.17-54.

HADDAD, Galit. *Ethos* prévio e *ethos* discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.145-166.

HALLIDAY, Michael A. K. **Spoken and written language**. Oxford, England: Oxford: 1989.

HEINEMANN, Wolfgang; VIEHWEGER, Dieter. **Textlinguistik: eine Einführung**. Tübingen: Niemeyer, 1991.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.103-127.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000. Disponível em: <<http://cyberlabnau.files.wordpress.com/2012/11/hine-c-virtual-ethnography.pdf>>. Acesso em: ago. 2014.

HOMILIA. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998, p.178.

HOMILIA. In: COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3.ed. ver. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p.146.

HOMILIA. In: HOUAISS, Antônio et al. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.1546.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. (2012). Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: fev. 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: [s/n], 2012. ISSN 1676-4935 (CD-ROM).

IMAGEM. In: **iDicionário Aulete**. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/imagem>>. Acesso em: jun. 2014, s/p.

IMAGEM. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004, s/p. CD-ROM.

IMAGEM. In: HOUAISS, Antônio et al. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.1573.

INTENÇÃO. In: CALDAS AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete**. Versão Digital. [s/l: s/d].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004, s/p. CD-ROM.

INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010, v.1 (Conceitos).

ISTO É. **O homem que multiplica fiéis**. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/122005_O+HOMEM+QUE+MULTIPLICA+FIEIS>. Acesso em: maio 2014.

ISTOÉ GENTE. **Religião - R.R. Soares**: pastor eletrônico. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/193/reportagens/rrsoares_pastor_eletronico_01.htm#>. Acesso em: maio 2014.

JACOB, Cesar Romero et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.

JONES, Martyn Lloyd. **Pregação & pregadores**. 2.ed. Tradução de João Bentes Marques. São José dos Campos, SP: Fiel, 2008.

KACHANI, Morris. Sobre Edir Macedo e o rei Salomão. In: **Folha de S. Paulo**, 31/07/2014. Disponível em: <<http://blogdomorris.blogfolha.uol.com.br/2014/07/31/sobre-edir-macedo-e-salomao/>>. Acesso em: set. 2014.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da bíblia de Almeida**. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **La question**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1991.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **L'Énonciation**. Paris: A. Colin, 1980.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 2.ed. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006a, v. I, p.39-46.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Situacionalidade e argumentatividade. In: SEMINÁRIO DO GEL, 11, Estudos Linguísticos, 1985, São José do Rio Preto. **Anais...** São José do Rio Preto: GEL, 1985, p.168-170.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Coerência textual**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; VILELA, Mário. **Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/ discurso**. Coimbra, Portugal: Almedina, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; FÁVERO, Leonor Lopes. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras & Letras**, Uberlândia, n. 3, v. 1, p.03-10, jun. 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980. Edição brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. São Paulo: EDUC/Mercado das Letras, 2002.

LAKOFF, George. Syntactic amalgams. In: GALY, Michael W. La; FOX, Robert A.; BRUCK, Anthony. (Eds.). **Papers from the tenth regional meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1974, p.321-344.

LÉVY, Pierre. **A emergência do cyberspace e as mutações culturais**. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/direitosglobais/paradigmas/pierrelevy/emerg.html>>. Acesso em: dez. 2014.

LETRAS. **Biografia de Apóstolo Valdemiro Santiago.** Disponível em: <<http://www.letras.com.br/#!biografia/apostolo-valdemiro-santiago>>. Acesso em: maio 2014.

LOBATO, Elvira. Altar eletrônico: avanço da Universal nos meios de comunicação desencadeia luta por concessões de rádios e televisões: Igrejas disputam 'guerra santa' por TVs. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 ago. 1997, domingo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc100827.htm>>. Acesso em: dez. 2014, s/p.

LOPES, Leiliane Roberta. **Conheça as diversas ramificações da Assembleia de Deus, a maior denominação pentecostal do mundo.** Disponível em: <<http://noticias.gospelprime.com.br/conheca-as-diversas-ramificacoes-da-assembleia-de-deus-a-maior-denominacao-pentecostal-do-mundo/>>. Acesso em: nov. 2014.

MACEDO, Edir. **Biografia do Edir Macedo: LÍDER** da Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <<http://www.bispomacedo.com.br/biografia/>>. Acesso em: maio 2014.

MAIA, Eduardo Lopes Cabral. Os evangélicos e a política. **Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, vol. 2, n. 2 (4), ago.-dez./2006, p.91-112.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia, incorporação.* In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso.** Organização de Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; Tradução de Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. Le sermon: contraintes génériques et positionnement. In: **Langage et société**, 4, n. 130, p.37-60, 2009. Disponível em: <http://www.cairn.info/zen.php?ID_ARTICLE=LS_130_0037>. Acesso em: nov. 2014a.

MAINGUENEAU, Dominique. **L'ethos, de la rhétorique à l'analyse du discours.** Disponível em: <http://dominique.maingueneau.pagesperso-orange.fr/intro_company.html>. Acesso em: jul. 2014b.

MAINGUENEAU, Dominique. Scénographie épistolaire et débat public. In: SIESS, Jürgen (Éd.). **La lettre entre réel et fiction.** Paris: Sedes, 1998. Disponível em: <http://humanities.tau.ac.il/adarr/images/L_Scénographie_épistolaire_et_débat_public_L.pdf>. Acesso em: jul. 2014c.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola: 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos discursivo**. 1.reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008c, p.11-32.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson Barros da Costa. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 2, p. 01-12, 2000.

MALAFÁIA, Silas. **Pr Silas Malafaia: perfil**. Disponível em: <http://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/gw-pr-silas-etalle/?cod=406>. Acesso em: maio 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2007a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (Orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b, p.13-30.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e letramento como práticas sociais. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (Orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007c, p.13-30.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. **Signítica**, n. 9, p. 119-145, jan./dez. 1997a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Edunicamp/Fapesp, 1997b, vol. IV, p.95-130.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções**. [s/l]: [s/n], 1989. (texto fotocopiado).

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (Orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.13-30.

MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. Retórica e humor: o riso como estratégia argumentativa. In: GEL - Estudos Linguísticos, 34, São Paulo. **Anais...** São Paulo: [s/n], 2005, p. 1242-1247. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/retorica-e-humor-o-riso-como-estrategia-1086.pdf>>. Acesso em: set 2014.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as Igrejas pentecostais. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, vol. 3(1), Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.

MARTÍN ZORRAQUINO, María Antonia; PORTOLÉS, José. Los marcadores del discurso. En: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Direts.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999, Tomo 3, p.4051-4203.

MATOS, Alderi Souza de. Raízes históricas da teologia da prosperidade. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/313/raizes-historicas-da-teologia-da-prosperidade>>. Acesso em: dez. 2014.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Algumas técnicas corporais na Renovação Carismática Católica. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 119-151, set. 2000.

MAURAND, Georges. Pratiques sémio-linguistiques de l'école élémentaire. **Langue française**, v. 61, p. 55-72, 1984.

MAURO, Maria Adélia Ferreira. Argumentação e discurso. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2004, p.183-200.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974, v. 2, p. 209-234.

MELLO, Celina Maria Moreira de. *L'Artiste*: contexto e *ethos* romântico. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p.153-164.

METÁFORA. In: MATTOSO CAMARA JR., Joaquim. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 26.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.205-206.

MÍDIA. In: INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**. São Paulo: Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010, p.816-817, v.1 (Conceitos).

MIKLOS, Jorge. **Mediatização do campo religioso**. In: REUNIÃO DO MIRE: Socialização de Pesquisas Concluídas e em Andamento. São Paulo, Universidade Metodista, 2015.

MINISTÉRIO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004, s/p. CD-ROM.

MISTIFICAÇÃO. In: **iDicionário Aulete**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/mistificacao>>. Acesso em: set. 2014, s/p.

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. Processos de intensificação no discurso publicitário e a construção do *ethos*. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p.97-109.

MONTESIÃO - Núcleo de Apoio Cristão. **Curiosidades: sobre o talit**. Disponível em: <<http://www.montesiao.pro.br/estudos/curiosidades/talit.html>>. Acesso em: set. 2014.

MORAES, Eliane Robert. A barba e o véu. **EntreLivros**, ed. 23, mar. 2007. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/a_barba_e_o_veu_imprimir.html>. Acesso em: set. 2014.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: _____ (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2004, p.17-54.

MURMURAÇÃO. In: **iDicionário Aulete**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/murmuracao>>. Acesso em: jun. 2014, s/p.

MURMÚRIO. In: **iDicionário Aulete**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/murmurio>>. Acesso em: jun. 2014, s/p.

MURO, Alexandra Álvarez. **Análisis de la oralidad: una poética del habla cotidiana**. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies15/index.html#ind>>. Acesso em: jun. 2014.

MUSSALIM, Fernanda. Uma abordagem discursiva sobre as relações entre *ethos* e estilo. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos discursivo**. 1.reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p.70-81.

NASCIMENTO, Paulo Gomes do. **A origem e o fim do dízimo**. (16/01/2011). Disponível em: <<http://oulorivallanforumeir.77forum.com/t888-a-origem-e-o-fim-do-dizimo-tese-completa>>. Acesso em: abr. 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 6.reimpressão. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

NOGUEIRA, Sérgio, Pastor. **A arte de pregar**: os objetivos da pregação. Disponível em: <<http://www.msevangélico.com.br/estudo.php?ID=25>>. Acesso em: fev. 2014.

NOVAES, Regina R. Crenças religiosas e convicções políticas: fronteiras e passagens. In: FRIDMAN, Luiz (Org.). **Política e cultura**: século XXI. Rio de Janeiro. Relume Dumará: ALERJ, 2002, p. 63-97.

OCHS, Elinor. Planned and unplanned discourse. **Syntax and semantics**: discourse and syntax, vol. 12, ed. by T. Givon. New York: Academic Press, 1979, p. 51-80.

OLIVEIRA, Esther Gomes de. Argumentação: da Idade Média ao século XX. **Signum**: Estudos da Linguagem. Londrina, n.7/2, p.109-131, dez. 2004.

OLIVEIRA, Esther Gomes de. A argumentação na Antigüidade. **Signum**: Estudos da Linguagem. Londrina, n. 5, p. 213-225, dez. 2002.

OLIVEIRA, Esther Gomes de; SOUZA, Izabel Cristina América de. Subjetividade e ideologia em cálice do Chico Buarque de Hollanda. In: Seminário do CELLIP, 11, 1993, Paranavaí. **Anais...** Paranavaí: Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí, 1993, p.423-430.

ONGRACE – Igreja Internacional da Graça de Deus. **Autorizada a construção da sede da igreja da graça em SP**. (05/14/2012). Disponível em: <<http://www.ongrace.com/portal/?noticia=autorizada-a-construo-da-catedral-d>>. Acesso em: nov. 2014.

ONOMATOPEIA. In: MATTOSO CAMARA JR., Joaquim. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 26.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.226-227.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e argumentação: um observatório do político. **Fórum Lingüístico**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Imprensa Universitária, v. 1, n. 1, p. 73-82, jul.-dez. 1998.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Pucinelli (Org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

OSBORN MINISTRIES INTERNATIONAL. **Dr. T.L. Osborn 1923-2013**. Disponível em: <<http://osborn.org/about>>. Acesso em: set. 2014.

PACIENTE. In: **iDicionário Aulete**. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/paciente>>. Acesso em: jun. 2014, s/p.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pucinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

PAGOTTI, Eugênio. **Uma análise cognitivo-discursiva das metapredicações com inserções enunciativas**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2008.

PEÑA-ALFARO, Alex Antonio. **Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neopentecostal**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

PENHABEL, Eduardo. **Marcadores discursivos e articulação tópica**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PENHABEL, Eduardo. Sobre as funções dos marcadores discursivos. **Estudos Lingüísticos**, XXXIV, p. 1296-1301, 2005.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETTRY, Ernest. **Homilética: ministrando a palavra de Deus**. 3.ed. [s/n]: ICI Global University, 2012.

PRÉDICA. In: COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3.ed. ver. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p.193.

PRÉDICA. In: HOUAISS, Antônio et al. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 2282.

PREGAÇÃO. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998, p.242.

PREGAÇÃO. In: BREVI, Ítalo Fernando. **Dicionário bíblico: de A a Z**. Disponível em: <<http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Dicionario-Biblico-de-A-a-Z/pdf/view>>. Acesso em: fev. 2014, p.90-91.

PREGAÇÃO. In: CALDAS AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete**. Versão Digital. [s/l: s/d].

PREGAÇÃO. In: HOUAISS, Antônio et al. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 2284.

PREGADOR. In: SANTOS, Andrea Rosa dos; SILVA, Vanessa Cristina Valença da. **Glossário de teologia**. São Paulo: Netra, 2001, p.75.

PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2005.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson (Orgs.). **A língua falada culta na cidade de São Paulo**: estudos. São Paulo: T. A. Queiroz, FAPESP, 1990, v. IV.

PROENÇA, Wander de Lara. **Sermão e pregação** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <leticiajstorto@gmail.com> em 06 mar. 2014.

PROENÇA, Wander de Lara. **Sindicato de mágicos**: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Unesp, 2011.

PROFETA. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998, p.244-245.

PROVA. In: **iDicionário Aulete**. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/prova>>. Acesso em: jun. 2014, s/p.

PUBLISHNEWS. **Lista de mais vendidos de 2014**: em aberto. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/telas/mais-vendidos/ranking-anual.aspx>>. Acesso em: set. 2014a.

PUBLISHNEWS. **Lista de mais vendidos de 2013**. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/telas/mais-vendidos/ranking-anual.aspx?data=2013&tipo=anual>>. Acesso em: set. 2014b.

PUBLISHNEWS. **Lista de mais vendidos de 2012**. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/telas/mais-vendidos/ranking-anual.aspx?data=2012>>. Acesso em: set. 2014c.

QUIPÁ. In: HOUAISS, Antônio et al. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.2364.

RAMOS, Luiz Carlos. Persuasão Homilética na Idade Mídia: a pregação contemporânea e os meios de comunicação de massa. **Revista Caminhando**, v. 9, n. 1 [15], p.163-173, jan./jun. 2005.

RIBEIRO, Ricardo Leite. **A bancada evangélica**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <le.storto@gmail.com> em 09 maio 2014.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Língua falada – língua escrita: conceitos e preconceitos. **Confluência**. Boletim do Departamento de Linguística, Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis), Faculdade de Ciências e Letras, ano 3, n. especial, p. 55-63, 1994.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p.403-426.

RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.13-32.

ROSA, Margaret de Miranda. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.

SABEDORIA. In: BREVI, Ítalo Fernando. **Dicionário bíblico: de A a Z**. Disponível em: <<http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Dicionario-Biblico-de-A-a-Z/pdf/view>>. Acesso em: dez. 2014, p.101.

SALOMÃO. In: BREVI, Ítalo Fernando. **Dicionário bíblico: de A a Z**. Disponível em: <<http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Dicionario-Biblico-de-A-a-Z/pdf/view>>. Acesso em: dez. 2014, p.102.

SANTANA NETO, João Antonio de. **Processos argumentativos: estudo retórico de textos didáticos medievais**. Salvador: Quarteto, 2005.

SCHELIGA, Eva Lenita. Trajetórias religiosas e experiências prisionais: a conversão em uma instituição total. ISER – Instituto de Estudos da Religião. In: **Religiões e prisões**. Rio de Janeiro: ISER, 2009, p.75-85. Disponível em: <http://www.iser.org.br/website/arqantigo/files//comunicacoes_do_iser_61.pdf>. Acesso em: dez. 2014.

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers: language, meaning, and context. In: ____; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Eds.). **The handbook of discourse analysis**. Malden, Massachusetts, USA: Blackwell Publishers, 2001, p.54-75.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse markers**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1987.

SEARA ÁGAPE. **Temas bíblicos para estudo - Talit**. Disponível em: <<http://searaagape.com.br/talit.html>>. Acesso em: set. 2014.

SERMÃO. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998, p.264.

SERMÃO. In: CALDAS AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete**. Versão Digital. [s/l: s/d].

SERMÃO. In: HOUAISS, Antônio et al. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 2555.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERO, Felipe. Um estado laico com bancada evangélica. 12/12/2011. **Revista Viés**. Disponível em: <<http://www.revistaovies.com/reportagens/2011/12/um-estado-laico-com-bancada-evangelica>>. Acesso em: maio 2014.

SILVA, Érica Carvalho da; DIAS, Júlio César Tavares. Uma pregação pentecostal. **Paralelos**, Universidade Católica de Pernambuco, ano 1, n. 1, p. 81-95, jan./jun. 2010.

SILVA, Giselle M; MACEDO, Alzira T. O status informacional dos marcadores do discurso. In: SEMINÁRIO DO GEL, 15, Estudos Linguísticos, **Resumos...** Campinas, p.12-13, jun. 1987.

SILVA, Luiz Antônio. Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. In: DIAS, Ana Rosa Ferreira *et. al.* (Orgs.). **Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino**. São Paulo: Cortez, 2001, p.128-154.

SILVA, Luiz Antônio. **Processos de monitoramento na conversação (projeto NURC/SP)**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, 1990.

SILVA, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais: sinais de interação. In: SEMINÁRIO DO GEL, 16, Estudos Lingüísticos, 1988, p.259-266. **Anais...** Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1305678083_31.silva_luiz.pdf>. Acesso em: jun. 2014.

SILVA, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais: sinais do ouvinte. In: SEMINÁRIO DO GEL, 15, Estudos Linguísticos, 1987, p.391-399. **Anais...** Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1305650279_40.silva_luiz.pdf>. Acesso em: jun. 2014.

SILVA, Ronaldo Gomes da. **Apostila de homilética**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/silvio34/evangelico-curso-de-teologia-homiltica-7454112>>. Acesso em: fev. 2014.

SOLIDÉU. In: HOUAISS, Antônio et al. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 2602.

SORRISO. In: CALDAS AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete**. Versão Digital. [s/l: s/d].

SOUZA, Catiane Rocha Passos de. Religião midiaticizada: uma análise discursiva do “riso”. In: CNLF – Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 16, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/229.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

TRIVIÑOS, Augusto N. da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSAL. **Endereços da Igreja Universal**. Disponível em: <<http://www.universal.org/enderecos>>. Acesso em: fev. 2014.

URBANO, Hudinilson. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.81-101.

VATICANO. **Instrução acerca de algumas questões sobre a colaboração dos fiéis leigos no sagrado ministério dos sacerdotes**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1997. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_inderdic_doc_15081997_po.html>. Acesso em: fev. 2014.

VEJA. **Rabino Edir? Quase isso**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/rabino-edir-quase-isso>>. Acesso em: set 2014.

VEJA. **Evangélico em profundidade**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/evangelicos/contexto01.html>>. Acesso em: fev. 2013.

VEREZA, Solange Coelho. O *lócus* da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF** - Dossiê: Letras e cognição, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007.

VIGNAUX, Georges. Énoncer, argumenter: opérations du discours, logiques du discours. **Langue Française**, 1981, 50, p. 91-116.

VILA-CHÃ, João J. A religião e a dinâmica da sua manifestação: a oração como tema da fenomenologia. **Síntese - Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 35, n. 111, p.05-32, 2008.

VINET, Alexander R. **Pastoral theology: the theory of the evangelical ministry**. 2. ed. New York: Ivison, Blakeman, Taylor & Co., 1874.

VITAL, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite. **Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll & Instituto de estudos da Religião (ISER), 2013. Disponível em:

<http://br.boell.org/sites/default/files/publicacao_religiao_e_politica_chris_vital_e_paulo_victor_14mar_webfinal.pdf>. Acesso em: dez. 2014.

VOGT, Carlos. Por uma pragmática das representações. In: _____ **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec, 1989, p. 129-162.

VOGT, Carlos. Pragmática: o rosto e a máscara da linguagem. In: **Estudos sobre pragmática**, n. 9. Uberaba: Fiube, 1983.

WILSON, Victoria. Modos de ler o discurso religioso. **Revista SOLETRAS**, ano III, n. 05 e 06. São Gonçalo: UERJ, 2003, p.154-159. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4466/3268>>. Acesso em: jul. 2014.

YANG, Shanru. Discourse markers?: an area of confusion. **Philologica Urcitana**, Revista de Iniciación a la Investigación en Filología, de la Universidad de Almería, en España. n. 7, septiembre 2012. Disponível em: <<http://www.ual.es/revistas/PhilUr/pdf/PhilUr07.4.YangShanru.pdf>>. Acesso em: jun. 2014.

YOUTUBE. **Sobre o YouTube**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>>. Acesso em: nov. 2014.

ANEXOS

Anexo A: Normas para transcrição da língua falada

OCORRÊNCIA	SINAL	EXEMPLIFICAÇÃO ¹³⁹
Incompreensão de palavras e/ou segmentos	()	<i>do nível de renda () nível de renda nominal</i>
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	<i>(estou) meio preocupado (com o gravador)</i>
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	<i>e comé/e reinicia</i>
Entonação enfática	MAIÚSCULA	<i>porque as pessoas reTÊM moeda</i>
Prolongamento de vogal e/ ou consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	<i>ao emprestareos... éh:::...dinheiro</i>
Silabação	-	<i>por motivo tran-sa-ção</i>
Interrogação	?	<i>e o Banco... Central...certo?</i>
Qualquer pausa	...	<i>são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção</i>
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência a temática da exposição; desvio temático	-- --	<i>... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo</i>
Superposição, sobreposição, simultaneidade de vozes	[ou { Ligando as linhas	<i>A. na casa da sua irmã</i> <i>B. {sexta feira?</i> <i>A. fizeram lá</i> <i>B. { cozinham lá?</i> <i>ou</i> <i>A. na casa da sua irmã</i> <i>[</i> <i>B. sexta feira?</i> <i>A. fizeram lá</i> <i>[</i> <i>B. cozinham lá?</i>

¹³⁹ Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e nº 331 D2.

Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)	(...) <i>nós vimos que existem...</i>
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	<i>Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “o cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...</i>
Supressão de parte da fala pelo pesquisador para uso no trabalho ¹⁴⁰	[[...]]	

Observações:

- Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas.
- Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá.*
- Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
- Números: sempre por extenso.
- Não se indica o ponto de exclamação.
- Não se anota o cadenciamento da frase.
- Podemos combinar sinais (ex.: *oh:::...* – alongamento e pausa).
- Não se utilizam sinais de *pausa* típicos da língua escrita, como vírgula, ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Fonte: PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson (Orgs.). *A língua falada culta na cidade de São Paulo: estudos*. São Paulo: T. A. Queiroz, FAPESP, 1990, v. IV.

¹⁴⁰ Sinal acrescido por questão de necessidade prática.

Anexos B: Transcrições das pregações

P-EDM: Pregação de Edir Macedo

VÍDEO DISPONÍVEL EM: <<http://www.youtube.com/watch?v=-vrwgLWZY7c>>

TÍTULO: Para mudar de vida é preciso ser violento! 2 (24/02/2013)

EDM.: ((música é cantada ao fundo)) amém amém amém amém amém amém amém... óh pessoal... quando você vier aqui na frente... por favor não venha como se estivesse carregando um caixão... nem venha... como se estivesse seguindo uma procissão... venha com raiva... venha com ódio... venha... revoltado... porque... a sua maneira de expressar... quando você vem aqui na... frente... mostra... como vai ser o seu futuro... mostra como você vai atingir o seu objetivo... porque... o... a conquista que você quer... depende da sua fé... depende da sua convicção... depende da certeza que há dentro do seu peito... é assim que funciona... não é uma religiosidade... não é... não é::... carece... você tem que... você tem que expressar essa... essa... esse ARROJO... essa CORAGEM... você não pode ser religioso... você não pode ser religioso jamais... porque se não você vai perder... você vai ficar enganado... você vai lu/... ficar o resto da sua vida na Igreja e não vai acontecer nada... você tem que mudar a maneira de agir... você tem que... você tem que... fazer algo diferente... você tem que PENSAR diferente... porque se você não fizer alguma coisa diferente NADA vai acontecer de diferente na sua vida... ou vai?

FIÉIS: não...

EDM.: ((longa pausa; pastor se apoia e olha firmemente para os fiéis)) eu ia orar nem vou orar... NEM vou orar... eu só vou... falar com vocês... mencionar... a oração... que Moisés fez... cê sabe que... Moisés era um homem de paz... pacífico... muito pacífico... Moisés não foi como... Gideão... que chegou pra Deus e falou "senhor... se tu és conosco por que não nos aconteceu isso?"... não... Moisés era um homem pacífico... homem... de paz... mas chegou um momento na vida dele... chegou um estado... da vida dele... um estágio na vida dele... em que ele orou assim... olha só... pega o ESPÍRITO da oração de Moisés... eu vou ler... nem vou citar... agora... pra você não... não ficar... buscando na Bíblia... eu quero que você... OUÇA... e depois você vai BUSCAR na Bíblia... para ler... o que eu li... o que eu li pra vocês... pra você... PEGAR o espírito... que é o que você tem que ter... que é o que nós temos que estar vestidos... nós temos que estar VESTIDOS nesse espírito... olha só... ele disse para Deus assim... "sozinho... eu não posso levar todo este povo... pois me é pesado demais"... Moisés... era o líder... de três milhões... de EX::... escravos... eram escravos... mas haviam deixado o Egito... então Moisés... com seu cajado... tava dirigindo imagine comigo... imagine... ()... Moisés e/e/e... coloque isso na sua imaginação... Moisés com um cajado... na frente... TRÊ::S MILHÕ::ES de pessoas atrás dele... TRÊS milhões de pessoas que diziam... que significavam o quê?... três milhões de problemas... é ou não é?

FIÉIS: é...

EDM.: é ou não é?

FIÉIS: é...

EDM.: nós temos aqui... nós temos... também... infelizmente não podemos estar no Rio por conta de um problema... na aeronave nós tivemos que voltar... mas... veja só... você que está aí me assistindo... aí na catedral no Rio... e aqui... quantas pessoas nós estamos reunindo hoje?... no mínimo no mínimo... umas... VINTE mil pessoas... eu estou falando com vinte mil pessoas... ao vivo... fora... aquelas que estão me assistindo em casa... pelo rádio e pela internet... cada pessoa... é um poço de problemas... é ou não é?

FIÉIS: é...

EDM.: você tem... se eu sentar aqui... pra ouvir os seus problemas... eu vou ficar o resto da minha vida ouvindo problemas... assim era Moisés... liderando três milhões de pessoas... que era ((riso)) muito muito muito... infinitamente mais... então... todos os dias tinha gente que vinha "óh... me roubou minha ovelha"... "NÃO... NÃO roubei não... a ovelha dele veio pro meu lado que 'não sei o que'" ... vai dividir isso... vai resolver esse problema... "óh... Moisés... ele pegou a minha mulher... olha só... ele tirou minha mulher de casa... tá com ela agora... é amante... resolva esse problema pra mim"... pensa bem... "Moisés... eu tô com uma doença aqui o que é que eu faço?" ... "óh meu filho... foi agredido pelo filho dele o que é que eu vou fazer?" ... são probleminhas... mas tem muito mais... Moisés... estava liderando... e ele era a única voz... a única autoridade... e de repente aquele povo... começou... a reclamar... fazer reclamações mais graves... "poxa péra/espera aí... no Egito a gente tinha alho... tinha cebola... a gente era escravo... mas tinha alho tinha cebola... pimenta pimentão... aqui... nesse deserto não temos nada... nós não temos... pão... nós não temos carne... nós não temos água... nós não temos nada... pô você nos/você nos tirou do... do Egito pra trazer pra gente morrer nesse deserto?" ... e Deus... via tudo isso... até que... um dia Moisés chegou... "óh Deus... eu sozinho não posso carregar esse povo... me é pesado de demais... se assim" olha só as palavras de Moisés... "se assim me trata... mata-me de uma vez... eu te peço"... se assim me trata... mata-me de uma vez... tira a minha vida... "SE tenho achado favor... aos teus olhos... e não me deixes ver a minha miséria"... você pode ler isso depois Números... Números... eu vou dizer o capítulo daqui a pouco... senão você vai buscar e você vai perder o que eu vou dizer... presta atenção minha amiga meu amigo... Moisés tinha... um fardo pesado... carregar... aquele povo todo... para uma terra prometida... uma terra... que segundo Moisés para ele... o povo... terra que emana leite e mel... quer dizer uma terra maravilhosa... que que nós fazemos aqui?... qual é o trabalho do pastor... do bispo... do obreiro da obreira... quando... você chega na igreja?... a mesma coisa... promessa... de uma vida... de abundância Jesus disse "eu vim trazer vida... e vida com abundância"... não foi isso?... é ou não é?... salvação... eternidade... vida... eterna... etc. etc.... você tá vendo essa vida eterna?... você tá vendo?... você tá vendo a terra prometida?... tampouco o povo de Israel via... os problemas que eles vivenciavam naquele... naqueles dias... são os problemas que nós vivenciamos nos dias de hoje... é ou não é?... e o que garantiria... a posse... da terra prometida de uma terra... que emana leite e mel?... por que que ia/... qual/... qual a garantia que eles tinham?... qual a garantia que vocês têm... de que... as promessas de Deus... vão se cumprir?... qual a garantia?... qual a garantia?... a fé... a fé... mas a

fé de quem do pastor?... não... a fé... de cada um... de nós... a SUA fé... a SUA fé... a fé... é uma CERTEZA... não é uma vida religiosa... não é uma religião... a fé não tem nada com religião... a fé tem com uma certeza... um convicção... você vai no médico... e vê... a estrutura... do consultório médico... maravilhosa magnífica... você confia no médico... mas se você vai no médico... e vê... que a sua estrutura é pobrezinha... você desconfia da capacidade dele... é assim ou não é?... que que isso?... fé... é ou não é?... fé... pu::::ra fé... convicção... você acredita... naquele torneiro mecânico pra consertar... a privada lá da sua casa... ahn?... você acredita... então você deixa de entrar na sua casa... ele mexe ele tira a privada... ele vai... faz isso faz aquilo... porque você tem fé nele... não é assim?... sim ou não?... você vai no dentista... e abre a boca e deixa o dentista fazer o que bem entende... porque você tem fé você crê você acredita nele... isso é fé... que todos nós precisamos no dia a dia... você é professor... você PRECISA... você precisa da atenção... dos seus alunos... para... que eles... possam aprender... o que você tem pra dar... então você precisa... de trabalhar com essa certeza... com a fé... todos precisamos da fé... todos precisamos da fé... todo mundo precisa da fé... a... a presidenta... Dilma... precisa da fé... pra poder... desenvolver o Brasil... pra acabar com a miséria e etc... consertar nossas estradas... etc. etc. etc. etc... enfim... TODOS precisam da fé... o governo do estado precisa... da fé... pra acabar... com a violência... sim ou não?

FIÉIS: Sim...

EDM.: TODOS nós precisamos... em outras palavras... TO::DOS nós DE-PEN-DE-MOS da fé... e o problema... o grande problema... que você tem... não são... exatamente... as necessidades... mas esse problema... a necessidade da fé... da crença da certeza... você acreditar em si próprios... esse é o teu problema... você não acredita em si... e se você não acredita em si... quem vai acreditar em você?... eu pergunto... se você não acredita em/em você mesmo... quem vai acreditar em você?... então... você veja... que a fé... é que comanda é que norte::ia a nossa vida... é por isso que o senhor disse... “o meu justo... VI::verá... terá... vida... PELA fé”... PELA fé... o que é... uma pessoa... que vive... por exemplo... de depressão... que que é a depressão?... “ah depressão... estado psíquico e não sei o que e blá blá blá e blé blé blé”... eu quero saber o que que é depressão... depressão minha amiga meu amigo sabe que que é?... é medo... é dúvida... é insegurança... é isso que é depressão... então um problema.. e-mi-nen-te-men-te espiritual... existe proble/existe comprimido... para o problema espiritual?... não existe... duvido que você vá... existe alguém que possa resolver esse problema... se ele é espiritual?... se é um problema espiritual... então como você vai resolver o problema espiritual?... você só vai resolver o seu problema espiritual... tratando de forma espiritual... é questão de inteligência de lógica... não tem nada com religião... não tem nada a ver com religião... tem a ver... com a fé... fé... significa vida... fé... e religião não se combinam... a fé bíblica que estou me referindo... a fé bíblica... não tem nada a ver com religião... muito pelo contrário... são oposta entre si... mas... quando você ousa... a certeza... quando você passa a acreditar em si mesma... si mesmo... e sobretudo NAQUELE... que prometeu... naquele que disse “EU estou contigo”... então... a coisa... começa a fluir... flui na sua casa... no seu trabalho... na sua escola... flui em TODOS os sentidos da sua vida... flui... mas flui de DENTRO de você para fora... ((pausa longa))

* * * *

P-RRS: Pregação de R. R. Soares

VÍDEO DISPONÍVEL EM: <<http://www.youtube.com/watch?v=-gsJeq45aqU>>

TÍTULO: Deus é bom! (11/03/2013)

NARRADOR.: ((abertura do programa)) ((palmas))

RRS.: Para:: Jesus::... aQUEla::... lIn:da salva de palmas... amigos... Deus é muito bom... é nosso amigo... e quer nos abençoar bastante e o melhor... é que TUDO que Deus quer fazer pra nós... já foi feito... está na palavra dele... é só pedir a ele orientação... e todos nós SOMOS ensinados... pelo espírito santo ao entender aquilo... é clamar reivindicar mas não num esforço muito gigantesco não... é só concordando com Deus... e a mão de Deus passa... opera... as obras de Deus são fenomenais... Deus faz coisas que a gente... nem pensa nem julgava ser possível... e com uma rapidez tão grande... com pouca participação de nós... a não ser de crer... se você está desesperado... “missionário eu estou pagando o preço é joelho no chão eu tô... fazendo isso”... cê tá indo pelo lado religioso... que não chega a parte alguma... o lado de Jesus é se creres... terás a glória de Deus... não é fazer por onde se matar... se desesperar... “eu vou vender a minha casa vou dar pra Igreja”... não faça isso que precisa morar na sua casa... venda sim... aquilo que não presta em você... joga fora mesmo de graça pega e joga fora... e diga “Deus eu quero vida nova... eu quero mudar... me transforma... me modifica”... e como é que eu vou conseguir isso?... através da palavra do senhor... que já está eh... se revelando a você... quando ela se revela... você tem TODO potencial... pra assumir... viver... e desfrutar de tudo aquilo que Deus diz... e hoje espero que aconteça com você... daqui a pouco eu vou pra segunda carta aos Coríntios capítulo cinco... mas antes eu quero mostrar mais uma reportagem... do ministério do doutor T... L. Osborn... que foi muito usado por Deus e que de uma certa maneira... é responsável por esse trabalho... porque se ele não tivesse es/ escrito o livro... *Curai enfermo e expulsai demônio*... eu já estava na reta final pra ir pra Moscou estudar medicina... em mil novecentos e sessenta oito estava no qua/... iniciando o quarto livro da língua russa... e aquilo ali... em pouco tempo já dava preparadíssimo pra ir... claro que eu não estava falando fluente... mas já dava pra... eh... quebrar o galho sobreviver... mas aí li esse livro ele falou no meu coração... Deus “não faça isso”... Deus insistiu... e eu tomei a decisão... e Deus então nos abençoou... ele partiu em paz... aos oitenta e nove a noventa anos como todos nós um dia partiremos... e num/... não adianta você não querer ir... porque quem nasceu nesse mundo um dia vai vestir aquele capote de madeira... e não tem jeito ()... é o curso de toda a terra... mas nós deixamos isso pro último dia... porque tudo que Deus faz é bom... cê sabia que cê não tem/... não tem que ter medo da morte?... porque diz a Bíblia porque preciosa é... aos olhos do senhor... a morte dos seus santos... e Jesus disse em João oito cinquenta e um... “na verdade em verdade vos digo... que aquele que” deixa eu pegar direitinho aqui pra não citar da minha cabeça... eu tava em Manaus uma vez num hotel... quando eu entendi isso aqui eu/ eu dei pulo lá dentro do hotel... falei “Jesus que coisa linda”... e... gritei “velha desdentada... da foice... e da (sacola) cê nunca vai me pegar” ((risos)) ((risos ao fundo))... olha o que Jesus falou aqui olha... “em verdade em verdade vos digo que... se alguém guardar a minha palavra NUNCA haverá morte” ô glória a Deus... a passagem é a coisa mais suave... no tempo de Deus... mas quem não guarda a palavra se desespera “não não posso... não tem jeito”... meu irmão não tem jeito esse é o caminho de toda a terra... nascemos é como a flor né? aquele botão desabrochamos... mocidade tudo é bonito... depois vai fecha::ndo fecha::ndo... e um dia... Deus recolhe... e nós vamos estar para sempre com ele... nós não morremos passamos dessa... pra

uma vida melhor... mas aí ele passou e vamos ver o que... tem/ pre/ tem nos preparado sobre (ele) roda o VT por favor...

((vinheta do quadro do programa)) ((VT é transmitido))

RRS.: amém e foi a cerimônia lá foi linda... tiveram vários pregadores que deram uma palavra... também me deram a oportunidade... e eu revelei uma coisa pra eles um dos livros do Osborn que me... mexeu comigo é... “Conquistando Almas... lá fora onde os pecadores estão”... e isso antes d'eu/de eu estar pregando ainda estava... sendo... eh:... ensinado pra poder... estar no ministério pelo espírito santo... e ele dizia o seguinte que os... as boates... os bares os cabarés... e toda uma porção de coisas... funcionam todo dia... e as Igrejas naquela época funcionavam duas vezes por semana quarta... e domingo... por que não todo dia?... e eu disse pra ele “()... nossa Igreja no Brasil funciona todo dia... várias delas... até seis cultos de segunda... a segunda... e nós tamos... ajudando o povo... a conhecer o senhor Deus”... e eu espero que você... tenha/ tá eh/... tenha/ eh/ que tem... recebido essa palavra nossa... também possa ser uma bênção... porque Deus está preparando um povo pra ir em pouco tempo... servir de uma maneira muito grande... e não tenha medo da reação porque Jesus disse... “eu edificarei a minha Igreja... e as portas do inferno... não prevalecerão contra ela”... nós temos a palavra do senhor... e vamos chegar lá... bom... segunda aos Coríntios capítulo cinco... é um capítulo que você deve ler depois... versículo por versículo estudando... e eu vou começar no dezessete... aqui temos quatro versículos que é de muita importância... pra nós... é na ver/... eh:... quatro não são cinco... que é o dezessete dezoito dezenove vinte e vinte e um... isso aí... e no dezessete... diz assim... “assim que... se alguém está em Cristo... nova criatura é... as coisas velhas já passaram... eis que tudo se fez novo”... então vamos entender... o que que Deus tá falando aqui se alguém está em Cristo... essa pessoa... passou a ser uma nova criatura... examine você... se você não teve essa mudança... completa... você ainda não está em Jesus... e se não estiver em Jesus cê está numa situação espiritual perigosa... porque todo aquele que está em Cristo ele é nova criatura... se você não é uma nova criatura tem os mesmo pensamentos do passado... é a mesma pessoa que no passado mentia fazia algumas coisas... ou muitas que não prestavam... você não passou pela... pelo novo nascimento... cê pode ter sido colocado numa roupa de cordeiro... mas não me perdoe a palavra não continua... (mudo)... é PRECISO TIRAR isso de você completamente “Deus eu preciso me mudar”... por quê?... porque se você não estiver em Cristo... você não vai ser essa nova criatura... as coisas velhas NUNCA vão passar pra você... e:... vo/ nada vai se tornar novo... é vida nova com Jesus... é mudança completa... em João quinze sete... eu volto aqui depois... Jesus falou do que acontece com a pessoa... João quinze... versículo sete... que... realmente está nele... o próprio Jesus falando disse o seguinte... João quinze sete... “se vos estiverdes em mim... e as minhas palavras estiverem em vós... pedireis TUDO o que quiserdes... e vos será feito”... então quando a pessoa... está em Jesus... ela torna-se uma nova criatura... ela a/ a/ as coisas velhas passam tudo se faz novo... e o privilégio... de você pedir o que quiser... “se vós estiverdes em mim”... estar em Jesus... “e as minhas palavras estiverem em vós”... não vai ter mais separação... não vai ter aquele negócio que Deus não vai atender... “mas por que que não me atende?”... aí eu pergunto... você realmente está em Jesus?... você é nova criatura?... a: cri/ a: a criatura... eh:... a/ velha criatura lhe domina você?... os mesmo desejos as mesmas práticas as mesmas palavras?... “missionário domina” então cê não tá em Jesus... na hora que cê estiver em Jesus aquilo PERDE o poder... em outras palavras deve tornar-se o alvo da sua vida... se alguém está em Cristo nova criatura é... como é que eu sei que eu estou em Cristo... e as palavras dele estão em mim? porque eu sou nova criatura... mudei completamente... antes era aquele bateu

levou... hoje não... bateu... dá mais outra batida aqui que eu tenho o outro lado pra lhe oferecer... me tomou a capa nem a túnica eu recuso... meu irmãozinho Deus está falando conosco “mas missionário eu não posso isso é meu”... mas se você deixar levar... porque é de Deus... Deus tem muito mais pra lhe dar... é palavra dele “dai dar-se-vos-á”... pessoa... não recuse... se alguém vem tomar a sua capa nem a túnica recuse... então “Deus estou fazendo isso pelo senhor”... e não é uma coisa DIFÍCIL... “mas pra mim ainda é... quando eu vejo uma pessoa... atraente missionário eu me apimento... meu pensamento vai longe” coitadinho de você... ainda é velha criatura... cê não foi transformado interiormente... a sua natureza ainda não é a nova que/... a nova que Deus quer lhe dar... e você está numa situação... que não é boa... por que você pede pede pede pede e não recebe?... quando você está em Cristo... nova criatura você é... se você não mantém assim uma maldade no coração... vamos dizer até... o empregador “eu tô lutando... porque um dia ele vai ver”... puxa a pessoa lhe dar um emprego a pessoa lhe ajuda lhe... lhe/ lhe... lhe contratou pra fazer uma coisa... e você... pra trabalhar as oito horas e você tá tendo... “porque ele pediu um favor um dia” dentro do horário você fez... a nossa é (massa) sabe se a pessoa... tá ali eh:... mexendo em uma máquina... e se for preciso... trocar uma coisa ali depois vai pedir... ACÚMULO de função... fizeram esse negócio aí... e às vezes o empregador tá se matando pra poder... lhe dar o emprego e sobreviver... e a pessoa com maldade... ainda quer jogar ele lá no buraco ainda... e jogar terra em cima...

* * * *

P-SMA: Pregação de Silas Malafaia

VÍDEO DISPONÍVEL EM: <<http://www.youtube.com/watch?v=sShWx0aYh80>>

TÍTULO: Aprendendo A Esperar Em Deus

SMA.: nós estamos aqui no segundo dia da inauguração... da Assembleia de Deus Vitória em Cristo... na bonita cidade de Curitiba... capital... do estado do Paraná Su:l do Brasil... e aqui tem um povo... abençoado que está aqui... a igreja tá HI-PER-lo-ta-da... gente que foi embora... que não deu pra entrar mais... que não tinha mais vaga... e esse povo aqui vai mandar uma saudação que é pro-fé-ti-ca... pra sua vida... vou fazer aqui uma contagem vamo lá?... um... doi... três... já...

FIÉIS: vitória em Cristo para a sua vida... ((palmas))

SMA.: eh:: meu filho... vitória... em Cristo... para a sua vida... eu tenho uma palavra pra você... que está aqui na igreja... pra você que está assistindo pela tevê ou por um DVD... você... que tem atravessado lutas... batalhas.. adversidades... espera... uma SAÍDA... uma resposta... uma SOLUÇÃO... para uma CRISE... que você tá vivendo... você... que tem promessa de Deus... está... aguardando... a promessa chegar... eu quero ser BOCA de Deus pra sua vida... aqui... essa noite... e pra você... que está assistindo esse programa em qualquer horário... pra isto... eu quero ler o Salmo vinte e sete... versículo quatorze... diz assim... a palavra... do senhor... “es::pera... no senhor... anima-te... ele for::talecerá... o teu... coração... espera... pois... no senhor”... esperar... é aguardar... é... contar com... quem espera aguarda... e conta com... com alguém com alguma coisa... quais são... as atitudes fundamentais... de quem DE FATO... CRÊ... que Deus tem a saída... que Deus tem a resposta... que Deus tem a solução... que Deus tem a promessa... para a vida... quais são as nossas atitudes?... eu estou falando de quem espera em Deus... não é quem espera no governo... quem espera na economia... quem espera no patrão... quem espera na sua capacidade... é quem... espera... em Deus... tem atitudes... existem atitudes... que eu vou ser honesto... você sabe o que que todo mundo quer?... que Deus faça tudo que ele tem que fazer daqui pra dez anos fazer hoje... ia ser bom pra caramba heim?... já pensou?... tudo que Deus tem que fazer na sua vida fazer tudo hoje?... mas não é assim... esperar não é uma coisa fácil... e eu quero te dar aqui as atitudes... primeira parte da minha mensagem... QUAIS SÃO AS ATITUDES a mensagem tá dividida em três partes... a primeira parte é essa aqui... quais são as nossas atitudes... que temos que ter... se de fato... queremos esperar em Deus porque CREMOS... que ele tem a melhor resposta?... quem crê nisso... diga amém...

FIÉIS: AMÉM...

SMA.: vamo ver então... primeiro... se você quer esperar em Deus... número um... você precisa ser uma pessoa... cheia de... es::perança... o que significa esperança... eu defino aqui... a confiante... perseverança... no futuro... esperança... a confiante... perseverança... no futuro... isso é esperança... você sabia que é provado... que um ser humano... CHEIO de esperança... ele pode suportar QUA::SE tudo?... isso tem pesquisas... na segunda guerra mundial... soldados feridos... gente na guerra... aqueles que tinham esperança que iam voltar pra casa... tinham uma... ENERGIA a mais... um PLUS a mais... pra suportar... aquele estado de guerra... uma pessoa que tem esperança... ela suporta quase tudo... agora escute meus irmãos... você que tem Deus... você que tem Jesus... cê sabia que nós temos uma esperança que é acima... dessa

esperança... que faz parte... do processo... psíquico e emocional do ser humano.. nós temos uma esperança maior... a nossa esperança é... trans::cendental... “que que significa isso pastor?”... acima... do limite... da experiência humana... você tem um UPGRADE... você tem um NÍVEL maior... de esperança... é o que Pedro diz... na sua primeira epístola capítulo um versículo três... “bendito seja o deus e pai... de nosso senhor... Jesus Cristo... que segundo a sua... GRANDE... esperança... nos gerou”... olha que coisa linda que Pedro tá dizendo... “nos gerou... para uma... VI::VA esperança... pela ressurreição... de nosso senhor Jesus Cristo... para uma herança... incorruptível... e incontaminável... que não... se pode... murchar”... nós não temos esperança... por melhor que seja o governo... por mais sólida... que seja... a empresa... por maior... que seja... a nossa capacidade... a nossa esperança... é TRANScedental... que um dia... todas as lutas... todas as adversidades... todos os problemas... serão... de-fi-ni-ti-va-men-te... res-sol-vi-dos... essa é a nossa esperança... cê sabe... que a::: a esperança... é um dos PILARES... um dos pilares... da vida cristã... primeira Coríntios treze treze diz “agora pois permanece... a fé... a esperança... e o amor”... olha que coisa interessante... comé/como é que você pode ser um verdadeiro cristão... que teme a Deus.. se você não tem esperança... de que vai haver resposta... de que vai haver intervenção divina... que as janelas do céu vão ser abertas... que o milagre vai chegar... que De::us va:i cumprir::: é por isso que Paulo diz em Romanos doze doze... “alegrai-vos na... esperança”... alegrai-vos na esperança... vai acontecer... a porta vai ser abrir... a vitória vai chegar... vai... vai... pode demorar uma semana... pode demorar um ano... pode custar dois três anos... mas vai acontecer... quem espera em Deus... tem que ter ATITUDE... de esperança... segundo... se você espera em Deus... você precisa disso aqui... hum::: isso aqui que eu vou falar não é fácil não... pa::ci:::ência... o que que é paciência ou melhor... o que que é uma pessoa paciente?... é uma pessoa que suporta a dor... infortúnios... inconvenientes... sem queixa... e com resignação... isso aqui é o paciente... aí você “mas pastor como é que pode a coisa tá fervendo pro meu lado... a minha batata tá assando pastor... o negócio tá feio... eu não tô vendo saída... eu não tô vendo solução... cada dia tá pior... comé/como é que é?”... cê não tá vendo resposta?... cê não tá vendo saída?... Romanos oito vinte e cinco pra você... “se esperamos o que não vemos... com paciência... esperamos”... não tá vendo?... paciência... não tem nenhuma saída?... paciência... não sabe como vai resolver?... pa-ci-ên-cia... sede paciente na tribulação... segura a onda... meu... irmão... aguentar firme... aí tem uma coisa... que é a terceira atitude... que tá... envolvida com paciência... ela tá envolvida... é::: uma coisa interligada a outra... cê tem que ter esperança... porque você tem que esperar... você tem que ter paciência... e aí a terceira tá interligada com a segunda... você não pode ser... PRE-CI-PI-TA-DO... sabe como é que a gente toma atitude precipitada?... é tomar decisão com a inteligência com a lógica com a intuição... com as emoções... com a opinião dos outros... e nunca com a direção de Deus... eu vou te dar aqui os dois requisitos pra você entender... se a tua atitude tá na hora... ou se você ainda tem que esperar... eu vou te dar... os dois... requisitos... se tá na hora... de você... esperar... ou... se tá na hora... de... agir... como é que eu sei que a minha atitude não tá sendo precipitada?... como é que eu posso saber que é agora... a hora que eu tenho que tomar uma atitude? então vou te dar... a dica... duas coisas fundamentais... como é que eu posso saber que é a hora... agora... é a hora de DEUS pra eu agir?... ou então... eu ainda tenho que ficar quietinho esperando a hora?... duas coisas... primeira Coríntios... quatorze... trinta e três... primeira Coríntios quatorze trinta e três escute... “Deus... não é Deus de?... confusão”... se você vai tomar uma atitude na tua vida... debaixo de confusão... de briga.. de desentendimento... a mulher quer uma coisa o marido quer outra... o pau tá quebrando... não tome... a confusão... não pertence a Deus... vai se dar mal... fica quietinho aí... ainda não tá na hora... segundo... como é que eu

posso saber que ainda não tá na hora de eu tomar uma atitude?... que ainda não é a hora de Deus pra minha vida?... Colossenses três quinze... “seja a paz de Deus o árbitro... dos vossos corações”... não tem paz... coração tá assim *bru:::* ((simula bagunça com os braços))... “ai meu Deus não sei se eu faço se eu... faço ou não faço faço ou não faço?... vou por aqui ou por ali?”... *psiu...* fica quieto... se não há paz no TEU coração... pra tomar essa... atitude... é sinal... que ainda não tá na hora... Deus tá falando com pessoas aqui dentro dessa igreja... e Deus tá falando com gente que tá me assistindo pela tevê... esperança... paciência... não ser precipitado... QUARTO... tá tudo interligado... se você espera em Deus... não MUR-MU-RE... cê sabe que que é a murmuração?... é uma reclamação descabida contra Deus... VOCÊ TÁ DIZENDO QUE DEUS NÃO TÁ SENDO DEUS SUFICIENTE... e Deus não suporta murmuração... lembra de Israel?... em Êxodo dezesseis reclamaram da comida... em Êxodo dezessete... reclamaram da água... EM NÚMEROS QUATORZE... RECLAMARAM DA TERRA... AÍ DEUS DISSE... “CHEGA... vai morrer todo mundo no deserto”... murmuração... “Deus não tá me vendo não?... Deus não tá me vendo não?... deu dízimo deu oferta não acontece nada?... vou pra igreja... vivo afastado de pecado... heim? “será que Deus não tá vendo não... será que Deus não tá vendo essa... essa minha situação não?”... CA::LA A BO::CA... hun... cuidado::... cuidado que a murmuração é um sintoma de que você não sabe esperar em Deus... então veja... quantos aqui esperam no senhor?...

FIÉIS: amém...

SMA.: mas que amém lindo eu ouvi aqui meu Jesus tem/... as/... há poder... quantos esperam no senhor dê um glória a Deus aí meu irmão...

FIÉIS: GLÓRIA A DE::US... ((muitos fiéis levantam a mão enquanto dão o glória))

SMA.: SE VOCÊ QUER ESPERAR EM DEUS... ESPERANÇA... SE VOCÊ ESPERA EM DEUS... PACIÊNCIA... SE VOCÊ ESPERAR EM DEUS... NADA DE PRECIPITAÇÃO... SE VOCÊ ESPERA EM DEUS... NA::DA DE MURMURAÇÃO... SE VOCÊ ESPERA EM DEUS... quinto isso aqui é muito importante... controle a an::siedade... um pouco de ansiedade... é fenomenal... faz você ser dinâmico... faz você usar a sua mente a sua imaginação... faz você correr atrás... faz você lutar... agora... uma PRE::OCUPAÇÃO... EX-CES-SI-VA... e essa que é a ansiedade... e-xa-cer-ba-da... é uma preo-cu-pa-ção excessiva... que é... sintoma de medo... essa ansiedade... é uma sen-sa-ção des-con-for-tan-te... de sofrimento e apreensão... ligado... a um acontecimento que ainda não aconteceu... é isso aqui que é ansiedade... sabe o que que ela faz?... essa ansiedade “()... não pode passar de hoje... sangue de Jesus tem poder o coração tá aqui na boca pastor o coração tá bam bam bam bam tá pela boca... ((simula mal estar))... não tô conseguindo res/respirar”... sudorese... ((simula respiração acelerada)) “ai... vou morrer”... ((pausa longa)) cê sabe o que que essa ansiedade produz?... um tremendo impacto no teu cérebro... ocasionando... deformações químicas e físicas... cê sabe o que que essa ansiedade produz?... faz você ver SÓ... o que vai dar ERRADO... e NUNCA o que dá certo... ((pausa))

* * * *

P-VAL: Pregação de Valdemiro Santiago

VÍDEO DISPONÍVEL EM: <http://www.youtube.com/watch?v=Q_eu-2mGh4U>

TÍTULO: O milagre da cura - Isaías 53

VAL.: (...) e leia... a Bíblia conosco... leia... a Bíblia... Isaías capítulo cinquenta e três... quem tem a Bíblia levanta a mão... leia por favor cinquenta e três... “quem creu... em nossa pregação”... eu tô lendo... eu não tô perguntando... quem perguntou foi Deus... através do profeta... é... Deus perguntou através do profeta ó... “quem creu em nossa pregação?”... eu tô lendo gente por que cês tão levantando a mão? não tá escrito na sua Bíblia não?... “ e a que foi revelado o braço do senhor... porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca... não tinha aparência... nem formosura... olhamo-lo... mas nenhuma via que nos agradasse... era desprezado e o mais rejeitado entre os homens... homem de dores e que sabe o que é padecer... e... como um de quem os homens escondem o rosto... era desprezado... e dele não fizemos caso... certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades as nossas dores... levou sobre si... e nós o reputávamos por aflito ferido de Deus e oprimido... mas ele foi transpassado pelas nossas transgressões... e moído pelas nossas iniquidades... o castigo que nos traz a paz estava sobre ele... e pelas suas pisaduras... nós fomos sarados” ((fiéis))... presta atenção nisso aí... tá falando de quem mesmo?... Jesus... Jesus é o ser... mais perfeito... que Deus fez que o Pai fez... quem sabia disso?... você acha que já passou na Terra... alguém bonito como Jesus?... nunca... nunca... você acha que existe na Terra... algum homem... algum ser humano... bonito.. lindo... como Jesus?... não... mas a Bíblia diz ali... não tinha aparência... e nem?... e nem?

FIÉIS: formosura...

VAL.: naquele momento... o profeta tava vendo Jesus na cruz... é... Jesus ele... ele revelou aquele momento... ainda faltava mais de setecentos anos... pra Jesus ser colocado no madeiro... e Deus... entrou no profeta e deu essa visão pro profeta... ele olhou e viu Jesus na cruz e começou a falar... cê pode ver que quando ele começa ele começa assim “quem creu na nossa pregação?”... porque imagina você... com um homem... um pregador... multiplicar pães e peixes... purificar leprosos abrir olhos de cego... tirar cadáveres... podres... de dentro do túmulo... vivos... e ainda ser... crucificado e ainda ser condenado à morte... ainda atribuírem a ele um crime... crime hediondo... então Deus mostrou pro profeta o profeta falou... “quem creu em nossa pregação?”... é o próprio Jesus perguntando na alma... no coração dele... é o próprio Jesus falando ali... o profeta Isaías era a/ a voz de Jesus... ele dizia... “quem creu em nossa pregação?”... ou seja... é alguém lamentando porque pregou e ninguém ouviu... porque curou e ninguém percebeu... porque li-ber-tou... res-sus-ci-tou e ninguém atinou ninguém entendeu... ninguém entendeu... então ele pergunta “quem creu em nossa pregação?”... ah lá... “e a quem foi revelado o braço do senhor?” ((riso))... aí... o profeta diz assim... “ele era como a raiz de uma terra seca”... raiz de terra seca é bonito é?... hen?... é morta né?... é... não tinha aparência nem?... igreja... vocês que estão aqui vocês que estão em casa ou num hospital ou num presídio... qualquer lugar... responda pra mim... quem foi o ser mais belo mais bonito que já pisou essa terra?... mas quando o profeta viu ele... ele parecia raiz de uma terra seca... é... ele estava... transformado... ou... deformado perdão... ele estava... ah lá... humilhado... “não tinha aparência nem formosura... olhamo-lo”... o profeta disse ó... “olhamo-lo... mas nenhuma beleza... havia... que nos agradasse... era desprezado e o mais rejeitado entre os homens... homem de dores... e que sabe o que é padecer”... escondiam o rosto dele... é... cê sabe por

quê?... sabe?... eu te mostrar porque... em Lucas capítulo vinte e três... quando José... o José de Arimatéia já ouviu falar?... José era... uma autoridade um político... um político (temente)... ele era membro do Sinédrio ou seja do congresso... ele era membro do congresso ou do senado... do jeito que você quiser... pra você ter uma ideia... um homem rico... mas a Bíblia diz que ele era justo... ele era bom e justo ah lá ó... “homem bom” e o quê?... é... é possível... que alguém seja... do congresso ou do senado... ou do ministério... e seja bom... e justo... é... ele sepultou Jesus olha só... “que não tinha... concordado... com o desígnio... e a ação dos outros” ... qual foi o desígnio e a ação dos outros políticos na época?... condenar Jesus... o José... era um deputado federal... ou um ministro ou um senador... mas ele ele foi um voto contra... todo mundo ali votou pra condenar Jesus e ele votou pra absolver Jesus... mas o voto dele não valia muito porque... um parlamentar só votar... o voto dele nem é contado cê sabia? (ou) um ministro... então Jesus foi condenado assim mesmo... mas por que que o José votou pra absolverem Jesus?... porque José... era um dos que esperavam... o reino de Deus mostra lá... ah lá... tá mostrando?... ah lá... “ele esperava” o quê?... “o reino”?... ou seja... José... era uma autoridade que esperava a salvação acreditava na salvação ó... por isso ele absolveu Jesus mas não adiantou... agora... ó o versículo cinquenta e dois ó... tendo procurado a Pilatos... pediu-lhe... o corpo de Jesus... quem pediu o corpo de Jesus?... cruz credo até assustei... foi José...quem era a autoridade maior ali era o Pilatos... José... como parlamentar influente que era... foi lá e falou pra Pilatos... “já que meu voto não adiantou muito todo mundo votou pra matá-lo... me dá pelo menos o corpo dele” ... e no cinquenta e três diz assim o versículo ó... “e TIRANDO-O... do... madeiro... envolvi num lençol de linho... e depositou num túmulo aberto na rocha... onde ninguém ainda havia sido sepultado” ... José tirou o corpo de Jesus de onde gente?

FIÉIS: do madeiro...

VAL.: de onde igreja?

FIÉIS: do madeiro...

VAL.: igreja grava isso de onde igreja?

FIÉIS: do madeiro...

VAL.: do madeiro... tirou o corpo de Jesus... de um?

FIÉIS: madeiro...

VAL.: madeiro... que as Igrejas... as Igrejas chamam de que mesmo?

FIÉIS: cruz...

VAL.: de cruz... as Igrejas costumam orar ao pé na cruz?... carregar no peito?... então escuta isso... Jesus foi tirado de onde?

FIÉIS: madeiro...

VAL.: madeiro... vamo abri lá em Deuteronômio vinte e um vinte e dois... Deuteronômio vinte e um vinte dois abra aí sua Bíblia vai lá lá no velho testamento... milha::res de a::nos... antes... agora você vai entender porque que o profeta Isaías... olhava na visão praquele/para aquele... que tinha sido o homem mais bonito que a Terra já viu... mais perfeito mais belo... e nem se animava em olhar pra ele... ele estava desfigurado... ele estava acabado amaldiçoado...

humilhado destruído... porque veja lá... ah lá... olha o que diz em Deuteronômio vinte... vinte e um vinte e dois... “se alguém houver pecado... passível de pena de morte... e tiver sido morto e pendurares num... num” o quê igreja?... num o que igreja?

FIÉIS: madeiro...

VAL.: igreja lá em Lucas diz... de onde Jesus foi tirado?

FIÉIS: madeiro...

VAL.: lá em Deuteronômio milhares de anos antes... Deus falou “se alguém pecar... e for passível de morte será colocado” aonde?

FIÉIS: madeiro...

VAL.: num madeiro... na cruz num madeiro... olha quantos existe a cruz... e olha pra que que é a cruz... Deus... estabeleceu que a cruz... era uma maneira... de punir com morte... quem cometesse pecado passível de morte... “o senhor tá dizendo que Jesus cometeu o pecado passível de morte?”... não... você cometeu... eu cometi... nós cometemos... a humanidade cometeu... e Jesus... foi colocado no lugar de todos nós... no madeiro... tá lá... ((palmas))... cê viu porque que ele ficou feio?... porque que ele ficou... desfigurado?... é... então... Jesus foi condenado pelos nossos?

FIÉIS: pecados...

VAL.: pecados... “e o pendurares num madeiro... o seu cadáver... não permanecerá no madeiro durante a noite... mas certamente... o enterrarás no mesmo dia” Jesus foi enterrado no dia seguinte ou no mesmo dia?...

FIÉIS: no mesmo dia...

* * * *



Anexo C: Dispositivo para a modelização do gênero

ELABORAÇÃO DE MODELO TEÓRICO DO GÊNERO	
Capacidades de linguagem	Perguntas para direcionar a modelização do gênero
Capacidades de ação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A qual prática social o gênero está vinculado? ▪ É um gênero oral ou escrito? ▪ A qual esfera de comunicação pertence (jornalística, religiosa, publicitária, etc.)? ▪ Quais as características gerais dessa esfera? ▪ Quem produz esse gênero (emissor)? ▪ Para quem se dirige (destinatário)? ▪ Qual o <i>papel discursivo</i> do emissor? ▪ Qual o <i>papel discursivo</i> do destinatário? ▪ Com que finalidade/objetivo produz o texto? ▪ Sobre o quê (tema) os textos desse gênero tratam? ▪ Qual é a relação estabelecida entre o produtor e o destinatário? Comercial? Afetiva? ▪ Qual o valor desse gênero na sociedade? ▪ Qual o suporte? ▪ Qual o meio de circulação (onde o gênero circula)?
Capacidades discursivas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qual o tipo de discurso? Do expor? Do narrar? ▪ É um expor interativo (escrito em primeira pessoa, se reporta explicitamente ao interlocutor, tenta manter um diálogo mais próximo com o interlocutor, explicita o tempo/espço da produção)? ▪ É um expor teórico (não deixa marcas de quem fala, para quem fala, de onde e quando fala)? ▪ É um narrar ficcional? ▪ É um narrar acontecimentos vividos (relato)? ▪ Como é a estrutura geral do texto? Qual a sua cara? Como ele se configura? É dividido em partes? Tem título/subtítulo? É assinado? Qual sua extensão aproximada? Acompanha fotos/figuras? Quais as características gerais? ▪ Como são organizados os conteúdos no texto? Em forma de lista? Versos? Prosa? ▪ Qual o tipo de sequência predominante? Sequência narrativa? Descritiva? Explicativa? Argumentativa? Dialogal? Injuntiva?

**Capacidades
linguístico-
discursivas**

- Como são feitas as retomadas textuais? Mais por pronomes ou por nomes? Quais as estratégias mais usadas? Substituições por sinônimos? Por termos genéricos/específicos? Por nominalizações? Por repetições? Como são mobilizados os artigos definidos/indefinidos nas retomadas? Qual o grau de afetividade/valoração expresso pelas retomadas?
- Como é feita a coesão verbal? Quais os tempos verbais usados? E os tipos de verbo: ação? Estado?
- Quais os tipos de conectivo usados: lógico (mas, portanto, assim, dessa forma, etc.)? Temporal (era uma vez, um dia, depois, amanhã, etc.)? Espacial (lá, aqui, no bosque, etc.)?
- Qual a variedade linguística privilegiada? Mais formal? Mais informal? Coloquial? Estereotipada? Respeita a norma culta da língua? Usa gírias? Como se verifica isso no texto? Pelo vocabulário empregado? Pela sintaxe?
- Como se dá a escolha lexical? Há mais substantivos concretos? Abstratos? Há muitos verbos de ação? De estado? Há muitos adjetivos? Que tipo de adjetivo (objetivos, subjetivos, afetivos, físicos, superlativos, comparativos)?
- Como são mobilizados os sinais de pontuação no texto? Quais os mais usados? E com qual finalidade?
- Há uso de metáforas? De palavras/expressões com sentido conotativo?
- Há rimas? Que tipo de rima?
- Qual o tom do texto? Mais descontraído? Humorístico? Objetivo? Poético? Coloquial? Sisudo? Familiar? Moralista? De poder?
- Há o uso de ironia?
- Que vozes são frequentes no texto? Do autor? Sociais? De personagens?
- De que instâncias advêm essas vozes? Do poder público? Do senso comum? De autoridades científicas?
- Como é dada a voz aos personagens (fissionais ou não) do texto?
- Há mobilização de discurso direto? Indireto? Quais os recursos linguísticos/gráficos (aspas, travessão, dois pontos) empregados?
- Quais processos de modalização discursiva são mais frequentes? Modalizações lógicas? Deônticas? Apreciativas? Pragmáticas?
- Há a mobilização de elementos paratextuais (quadros, imagens, cores...) ou supratextuais (títulos, subtítulos, sublinhados...)? Como eles agem na construção dos sentidos do texto? Observe, caso o texto possibilite, a forma de grafar as palavras, as cores, a expressão gestual, a forma das imagens, a entonação, as pausas etc.

Anexo D: Folhetos Litúrgicos de Igrejas Católicas

Celebração Dominical - Ano XLI - Nº 2325

5º Domingo do Tempo Comum

09 de fevereiro de 2014
Ano A - Verde

"Brilhe sobre nós a vossa luz!"

RITOS INICIAIS

01. AMBIENTAÇÃO
Coment.: É um imperativo de Jesus para nós, seus discípulos e discípulas: que brilhe nossa luz! Jesus não quer que formemos um grupo clandestino, fechado em si mesmo e preocupado apenas com questões internas. Lança-nos, antes, à publicidade, à sociedade, ao mundo. Jesus sabe que a luz brilha dentro de nós e que essa luz não pode ficar oculta. É necessária para o mundo. Sabe, igualmente, que existe em nós um potencial imenso que pode impedir a corrupção do mundo: o sal! E quer que nos diluamos na sociedade para dar sabor e impedir a corrupção. Mas muito além de qualquer forma de humildade e modéstia, Jesus quer que sejamos luz no caminho de nossos irmãos e irmãs. Foi-nos concedida a luz da fé para iluminar, para acompanhar, para dar sentido ao mundo. Fomos feitos sal da terra para dar sabor ao alimento, para dar sabor à vida humana.

02. CANTO INICIAL
Ref.: Brilhe a vossa luz, brilhe para sempre, sejam luminosas vossas mãos e as mentes!
Brilhe a vossa luz! Brilhe a vossa luz! Brilhe a vossa luz! Brilhe a vossa luz!

1. Vós sois a luz do mundo, a todos aclarai! Afugentando as trevas, ao Pai glorificai!
2. A vossa luz é o Cristo, que dentro em vós está: via, verdade e vida, Ele vos guiará!
3. Rompendo o jugo iníquo, banindo a opressão, a vossa luz rebrilha e as trevas fugirão!
4. Ninguém a luz acende deixando-a se esconder: vossa luz ilumine, faça a vida vencer!

03. SAUDAÇÃO E ACOLHIDA

04. ATO PENITENCIAL

05. CANTO PENITENCIAL

1. Senhor, tende piedade, tende piedade, piedade de nós! (bis)
2. Cristo, tende piedade, tende piedade, piedade de nós! (bis)
3. Senhor, tende piedade, tende piedade, piedade de nós! (bis)

Presid.: O Senhor Jesus que nos convida à mesa da Palavra e da Eucaristia, nos chama à conversão. Reconheçamos ser pecadores e invoquemos com confiança a misericórdia do Pai. (Silêncio)

Presid.: Deus todo poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.
Todos: Amém.

06. GLÓRIA
Solo: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por ele amados. Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo poderoso.
Todos: Nós vos louvamos,
Solo: Nós vos bendizemos, nós vos adoramos, nós vos glorificamos, nós vos damos graças
Todos: Por vossa imensa glória.
Solo: Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito, Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai.
Vós, que tirais o pecado do mundo,
Todos: Tende piedade de nós.
Solo: Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica, vós, que estais à direita do Pai,
Todos: Tende piedade de nós.
Solo: Só vós sois o Santo, só vós, o Senhor, só vós, o Altíssimo,
Todos: Jesus Cristo,
Solo: Com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai.
Todos: Amém! Amém!

07. ORAÇÃO DO DIA
Presid.: Velai, ó Deus sobre a vossa família, com incansável amor; e, como só confiamos na vossa graça, guardai-nos sob a vossa proteção. Por N.S.J.C...

LITURGIA DA PALAVRA

Coment.: Para cumprir a missão de ser luz do mundo e sal da terra, o discípulo de Cristo, tem de superar tanto a ilusão de uma religião alienante como a tentação dos falsos métodos e apoios temporais para uma eficácia evangélica ao estilo humano.

I LEITURA - Is 58, 7-10

08. Assim diz o Senhor: ⁷Reparte o pão com o faminto acolhe em casa os pobres e peregrinos. Quando encontrares um nu, cobre-o, e não desprezas a tua carne. ⁸Então, brilhará tua luz como a aurora e tua saúde há de recuperar-se mais depressa; à frente caminhará

09/fevereiro/pretolp1
09/fevereiro/verde/p1

tua justiça e a glória do Senhor te seguirá. ⁹Então invocarás o Senhor e ele te atenderá, pedirás socorro, e ele dirá: “Eis-me aqui”. Se destruíres teus instrumentos de opressão, e deixares os hábitos autoritários e a linguagem maldosa; ¹⁰se acolheres de coração aberto o indigente e prestares todo socorro ao necessitado, nascerá nas trevas a tua luz e tua vida obscura será como o meio-dia. Palavra do Senhor.

09. SALMO RESPONSORIAL – SI 112(111)

(Melodia: “Felizes os pobres em espírito”)

Ref.: Uma luz brilha nas trevas para o justo, permanece para sempre o bem que fez.

1. Ele é correto, generoso e compassivo, como luz brilha nas trevas para os justos. Feliz o homem caridoso e prestativo, que resolve seus negócios com justiça.
2. Porque jamais vacilará o homem reto, sua lembrança permanece eternamente! Ele não teme receber notícias más: confiando em Deus, seu coração está seguro.
3. Seu coração está tranqüilo e nada teme. Ele reparte com os pobres os seus bens, permanece para sempre o bem que fez, e crescerão a sua glória e seu poder.

II LEITURA - 1Cor 2, 1-5

10. LEITURA DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO PAULO AOS CORÍNTIOS

¹Irmãos, quando fui à vossa cidade anunciar-vos o mistério de Deus, não recorri a uma linguagem elevada ou ao prestígio da sabedoria humana. ²Pois, entre vós, não julguei saber coisa alguma, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. ³Aliás, eu estive junto de vós, com fraqueza e receio, e muito tremor. ⁴Também a minha palavra e a minha pregação não tinham nada dos discursos persuasivos da sabedoria, mas eram uma demonstração do poder do Espírito, ⁵para que a vossa fé se baseasse no poder de Deus, e não na sabedoria dos homens. Palavra do Senhor.

EVANGELHO - Mt 5, 13-16

11. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Ref.: Alê, alê, aleluia! (bis) Alê, alê, aleluia, alê, aleluia! (bis)

1. Pois eu sou a Luz do mundo, quem nos diz é o Senhor; e vai ter a Luz da Vida, quem se faz meu seguidor!

12. PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO DE JESUS CRISTO SEGUNDO MATEUS

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos: ¹³“Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar inosso, com que salgaremos? Ele não servirá para mais nada, senão para ser jogado fora e ser pisado pelos homens. ¹⁴Vós sois a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. ¹⁵Ninguém acende uma lâmpada e a coloca debaixo de uma vasilha, mas sim, num candeeiro, onde brilha para todos, que estão na casa. ¹⁶Assim também brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e louvem o vosso Pai que está nos céus”. Palavra da Salvação.

13. HOMILIA

14. PROFISSÃO DE FÉ (Creio)

15. ORAÇÃO DOS FIÉIS

LITURGIA EUCARÍSTICA

16. CANTO DAS OFERENDAS

1. Os dons que trago aqui são o que fiz, o que vivi. O pão que ofertarei, pouco depois comungarei. Assim, tudo o que é meu, sinto também que é de Deus.

Ref.: Esforço, trabalhos e sonhos, o amor concreto e feliz neste dia. Por Cristo, com Cristo e em Cristo, tudo ofertamos ao Pai na alegria.

2. Jesus nos quis chamar para o seguir e ajudar, e aqui nos vai dizer como servir e oferecer. Deus pôs nas minhas mãos, para eu partir com meus irmãos...

17. ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

Presid.: Senhor nosso Deus, que criastes o pão e o vinho para alimento da nossa fraqueza, concede que se tornem para nós sacramento da vida eterna. Por Cristo, nosso Senhor.

18. ORAÇÃO EUCARÍSTICA VIA

(A Igreja a caminho da Unidade - MR p. 842)

Presid.: Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças e cantar-vos um hino de glória e louvor, Senhor, Pai de infinita bondade. Pela palavra do Evangelho do vosso Filho reunistes uma só Igreja de todos os povos, línguas e nações. Vivificada pela força do vosso Espírito não deixais, por meio dela, de congregar na unidade todos os seres humanos. Assim, manifestando a aliança do vosso amor, a Igreja transmite constantemente a alegre esperança do vosso reino e brilha como sinal da vossa fidelidade que prometestes para sempre em Jesus Cristo, Senhor nosso. Por esta razão, com todas as virtudes do céu, nós vos celebramos na terra, cantando (dizendo) com toda a Igreja a uma só voz: **Santo, santo, santo...**

Presid.: Na verdade, vós sois santo e digno de louvor, ó Deus, que amais os seres humanos e sempre os assistis no caminho da vida. Na verdade, é bendito o vosso Filho, presente no meio de nós, quando nos reunimos por seu amor. Como outrora aos discípulos, ele nos revela as Escrituras e parte o pão para nós.

Todos: O vosso Filho permaneça entre nós!

Presid.: Nós vos suplicamos, Pai de bondade, que envieis o vosso Espírito Santo para santificar estes dons do pão e do vinho, a fim de que se tomem para nós o Corpo e o Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo.

Todos: Mandai o vosso Espírito Santo!

Presid.: Na véspera de sua paixão, durante a última Ceia, ele tomou o pão deu graças e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo: TOMAI, TODOS, E COMEI: ISTO É O MEU CORPO, QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS. Do mesmo modo, ao fim da ceia, ele, tomando o cálice em suas mãos, vos deu graças novamente e o entregou a seus discípulos, dizendo: TOMAI, TODOS, E BEBEI: ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE. O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS PARA REMISSÃO DOS PECADOS. FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM. Eis o mistério da fé.

Todos: Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!

Presid.: Celebrando, pois, ó Pai santo, a memória de Cristo, vosso Filho, nosso Salvador, que pela paixão e morte de cruz fizestes entrar na glória da ressurreição e colocastes à vossa direita, anunciamos a obra do vosso amor até que ele venha, e vos oferecemos o pão da vida e o cálice da bênção. Olhai com bondade para a oferta da vossa Igreja. Nela vos apresentamos o sacrifício pascal de Cristo, que vos foi entregue. E concedei que, pela força do Espírito do vosso amor, sejamos contados, agora e por toda a eternidade, entre os membros do vosso Filho, cujo Corpo e Sangue comungamos.

Todos: Aceitai, ó Senhor, a nossa oferta!

Presid.: Renovai, Senhor, à luz do Evangelho, a vossa Igreja (que está em N.). Fortalecei o vínculo da unidade entre os fiéis leigos e os pastores do vosso povo, em comunhão com o nosso Papa Francisco e o nosso Bispo Celso Antonio e os bispos do mundo inteiro, para que o vosso povo, neste mundo dilacerado por discórdias, brilhe como sinal profético de unidade e de paz.

Todos: Confirmai na caridade o vosso povo!

Presid.: Lembrai-vos dos nossos irmãos e irmãs (N. e N.), que ao adormeceram na paz do vosso Cristo,

e de todos os falecidos, cuja fé só vós conhecestes: acolhei-os na luz da vossa face e concedei-lhes, no dia da ressurreição, a plenitude da vida.

Todos: Concedei-lhes, ó Senhor, a luz eterna!

Presid.: Concedei-nos ainda, no fim da nossa peregrinação terrestre, chegarmos todos à morada eterna, onde viveremos para sempre convosco. E em comunhão com a bem-aventurada Virgem Maria, São José seu esposo e com os Apóstolos e Mártires. (com S.N.: Santo do dia ou Patrono) e todos os Santos, vos louvaremos e glorificaremos, por Jesus Cristo, vosso Filho.

Presid.: Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre.

Todos: Amém.

Ritos da Comunhão

19. Todos: Pai Nosso...

Presid.: Livrai-nos de todos os males, ó Pai, e dai-nos hoje a vossa paz! Ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e protegidos de todos os perigos, enquanto, vivendo a esperança, aguardamos a vinda do Cristo Salvador.

T.: Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre.

Presid.: Senhor Jesus Cristo, dissestes aos vossos Apóstolos: "Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz". Não olheis os nossos pecados, mas a fé que anima vossa Igreja, dai-lhe, segundo o vosso desejo, a paz e a unidade! Vós, que sois Deus, com o Pai e o Espírito Santo.

Todos: Amém.

Presid.: A paz do Senhor esteja sempre convosco!

Todos: O amor de Cristo nos uniu.

(Saudação da Paz)

20. CANTO DE COMUNHÃO

1. Ao recebermos, Senhor, tua presença sagrada, pra confirmar teu amor, faz de nós tua morada. Surge um sincero louvor, brota a semente plantada, faz-nos seguir teu caminho, sempre trilhar tua estrada.

Ref.: Desamarrem as sandálias e descansem, este chão é terra santa, irmãos meus! Venham, orem, comam, cantem, venham todos e renovem a esperança no Senhor!

2. O Filho de Deus com o Pai e o Espírito Santo, nesta Trindade um só ser, que pede a nós sermos santos. Dá-nos, Jesus, teu poder de se doar sem medida, deixa que compreendamos que este é o sentido da vida.

3. Ao virmos te receber, nós te pedimos, ó Cristo: faze vibrar nosso ser, indo ao encontro ao Pai Santo. Sem descuidar dos irmãos, mil faces da tua Face, faze que o coração sinta a força da caridade.

21. COMUNHAO II (90º encontro)

1. Eu sou o pão do amor vivo! Que desceu do céu / Não morrerá jamais quem Dele comer! Pois terá a vida eterna

Ref.: Presença real, não é mais pão/É o corpo de Jesus que se entregou por nós na Cruz (é presença real)/ Presença real, não é mais vinho/É o sangue do Senhor, é o mandamento do amor (é presença real)

2. Meu corpo e também meu sangue é isto/ Que é dado por vós/ E será perdão para todo pecado/ Eis a nova aliança

3. E aquele que vem a mim livre / Também vai ao Pai/ E viverá feliz no Espírito Santo/ No projeto de Deus

4. Viver no amor e na paz de Cristo / É a nossa missão / Não temerá jamais quem a vida doar/ Em favor dos irmãos

22. ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

Presid.: Ó Deus, vós quisestes que participássemos do mesmo pão e do mesmo cálice; fazei-nos viver de tal modo unidos em Cristo, que tenhamos a alegria de produzir muitos frutos para a salvação do mundo. Por Cristo, nosso Senhor.

RITOS FINAIS

Exortações Finais e Bênção

23. CANTO FINAL

1. Louvando Maria / o povo fiel /

A voz repetia / de São Gabriel

Ref: Ave, ave, ave Maria /

Ave, ave, ave Maria

2. Um anjo descendo / num raio de luz /

Feliz, Bernadete / à fonte conduz

3. Vestida de branco /

da glória desceu /

Trazendo na cinta / as cores do céu

4. Mostrando o rosário /

na cândida mão /

Ensina o caminho / da santa oração

GRAVISSIMUM EDUCATIONIS

(Princípios para a Educação Cristã)

Depois de salientar o direito universal à educação, o documento prossegue abordando o aspecto da fé com destaque para a catequese e para a família. Os primeiros e principais educadores são os pais, destaca o Concílio. A sociedade civil deve garantir a educação, mas cabe à família escolher como o filho deve ser educado e dar-lhe as primeiras e fundamentais noções sobre a cultura, a fé, o conhecimento, os valores. Cada vez mais se tem chamado a atenção para a diferença de papéis exercidos pela família e pela escola no processo educativo. É tarefa específica da escola transmitir a cultura, no respeito pela diferença e pela liberdade; e promover uma educação para a inserção na vida social e profissional e para o exercício responsável da cidadania. Porém, é função da família, enquanto comunidade fundada no amor, educar para o amor e para a fé: transmitir os valores da comunhão, da responsabilidade, da fraternidade, da solidariedade, da sociabilidade, da afetividade, preparando para uma integração social ativa e responsável, sempre respeitadora dos direitos de todos.

TEXTOS BÍBLICOS PARA A SEMANA:

2ª Br - 1Rs 8,1-7,9-13; Sl 131 (132); Mc 6,53-56

3ª Br - 1Rs 8,22-23,27-30; Sl 83 (84); Mc 7,1-13

4ª Vd - 1Rs 10,1-10; Sl 36(37); Mc 7,14-23

5ª Vd - 1Rs 11,4-13; Sl 105(106); Mc 7,24-30

6ª Br - 1Rs 11,29-32; 12,19; Sl 80(81); Mc 7,31-37

Sb Vd - 1Rs 12,26-32; 13,33-34; Sl 105 (106); Mc 8,1-10

PULSANDO LITÚRGICO Diocese de Apucarana - PR

Responsáveis:

Comentários e orações: Pe. Edson Zamiro da Silva

Cantos: Cristiane e Marcos da Malta

Diaconia: Diácono Durvalino Bertasso

Diagramação: José Lutz Mendes

Impressão: Gráfica Diocesana

SUGESTÕES E INFORMAÇÕES:

(43) 3468-1184 edson.zamiro@hotmail.com

 **ELÉTRICO**
MÓVEIS SÃO JOSÉ
MÓVEIS - ELÉTRICO - BARRAQUINHOS - COLCHÕES - PRESENTES - CELULARES
Fone:(43) **3422-3874**
RUA PONTA GROSSA, 1395 - CENTRO - APUCARANA-PR

 **Malta** Fone/fax: (43) **3423-7080**
Materiais de Construção
Av. Minas Gerais, 2520 - Vila Nova
Apucarana-PR - E-mail: maltamc@hotmail.com



POVO DE DEUS

em São Paulo

5º DOMINGO DO TEMPO COMUM



Anim: A liturgia de hoje apresenta nossa verdadeira vocação: ser luz e sal no mundo. Isso corresponde ao que os profetas do Antigo Testamento qualificavam de urgência fundamental: praticar a justiça e viver o amor. Somente assim nossa presença, como seguidores de Jesus, iluminará os caminhos escuros dominados pelo egoísmo e dará novamente sabor à vida na terra.

RITOS INICIAIS

1. ABERTIURA SI 94(95)
(HL 3, p. 120; CD VI, Fr 1)

Vão entrando e de joelhos * ao Senhor nós adoremos, * pois é Ele o nosso Criador, * nosso Deus, e somos dele.

1. Venham todos, com alegria, * aclamar nosso Senhor, * caminhando ao seu encontro, * proclamando seu louvor. * Ele é o Rei dos reis * e dos deuses o maior.
2. Tudo é dele: abismos, montes, * mar e terra ele formou. * De joelhos adoremos * este Deus que nos criou, * pois nós somos seu rebanho * e ele é nosso pastor.
3. Ninguém feche o coração, * escutemos sua voz. * Não sejamos

• SÃO PAULO • 9 DE FEVEREIRO DE 2014 • ANO 38 • LT.3 - Nº 15 • A

tão ingratos, * tal e qual nossos avós. * Mereçamos o que ele * tem guardado para nós.

4. Glória ao Pai que nos acolhe * e a seu Filho Salvador. * Iguualmente demos glória * ao Espírito de amor. * Hoje e sempre, eternamente, * cantaremos seu louvor.

2. SAUDAÇÃO

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém.

P. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

T. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3. ATO PENITENCIAL

P. Certamente estamos em falta diante de Deus e da Igreja, pois não temos seguido com rigor os princípios éticos do Reino. Peça-mos perdão.

(Silêncio)

P. Confessemos os nossos pecados:

T. Confesso a Deus todo-poderoso e a vós, irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa. E peço à Virgem Maria, aos anjos e santos e a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor.

P. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

T. Amém.

Kyrie

P. Senhor, tende piedade de nós.

T. Senhor, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

T. Cristo, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

T. Senhor, tende piedade de nós.

4. GLÓRIA (preferencialmente cantado)

P. Glória a Deus nas alturas, T. e paz na terra aos homens por Ele amados. / Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso, / nós vos louvamos, nós vos bendizemos, / nós vos adoramos, nós vos glorificamos, / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito, / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo, só vós, o Senhor, / só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

5. ORAÇÃO

P. Oremos (silêncio): Velai, ó Deus, sobre a vossa família, com incansável amor; e, como só confiamos na vossa graça, guardai-nos sob a vossa proteção. Por N.S.J.C.

T. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

Anim: Ouçamos com atenção as leituras de hoje, a fim de acolher com alegria os ensinamentos de Jesus e transformar a nossa vida em oferta agradável a Deus:

6. PRIMEIRA LEITURA (1: 59,7-10)

Leitura do livro do profeta Isaías – Assim diz o Senhor, reparte o pão com o faminto, acolhe em casa os pobres e peregrinos. Quando encontrares um nu, cobre-o, e não desprezes a tua carne. Então, brilhará tua luz como a aurora e tua saúde há de recuperar-se mais depressa; à frente caminhará tua justiça e a glória do Senhor te seguirá. Então invocarás o Senhor e ele te atenderá, pedirás socorro, e

ele dirá: "Eis-me aqui". Se destruíres teus instrumentos de opressão, e deixares os hábitos autoritários e a linguagem maldosa; ¹⁰se acolheres de coração aberto o indigente e prestares todo o socorro ao necessitado, nascerá nas trevas a tua luz e tua vida obscura será como o meio-dia. – Palavra do Senhor.

T. Graças a Deus.

7. SALMO RESPONSORIAL (111/112)
(CD VI Fx 6) (H L 3, P. 134/135) Cantando Salmos e Aclamações P. 55

Uma luz brilha nas trevas para o justo, * permanece para sempre o bem que fez. (bis)

1. Ele é correto, generoso e compassivo, * como luz brilha nas trevas para os justos. Feliz o homem cadio e prestativo, * que resolve seus negócios com justiça.
2. Porque jamais vacilará o homem reto, * sua lembrança permanece eternamente. * Ele não teme receber notícias más: * confiando em Deus, seu coração está seguro.
3. Seu coração está tranquilo e nada teme, * ele reparte com os pobres os seus bens; * permanece para sempre o bem que fez * e crescerão a sua glória e seu poder.

8. SEGUNDA LEITURA (1 Cor 2,1-5)

Leitura da primeira carta de Paulo aos Coríntios

– ¹Irmãos, quando fui à vossa cidade anunciar-vos o mistério de Deus, não recorri a uma linguagem elevada ou ao prestígio da sabedoria humana. ²Pois, entre vós, não julguei saber coisa alguma, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. ³Aliás, eu estive junto de vós, com fraqueza e receio, e muito tremor. ⁴Também a minha palavra e a minha pregação não tinham nada dos discursos persuasivos da sabedoria, mas eram uma demonstração do poder do Espírito, ⁵para que a vossa fé se baseasse no poder de Deus, e não na sabedoria dos homens. – Palavra do Senhor.

T. Graças a Deus!

9. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO
(CD VI Fx 3; H 3, P. 211/212) Cantando Salmos e Aclamações p. 268 15)

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia (bis)

Pois eu sou a Luz do mundo, * quem nos diz é o Senhor, * /: E vai ter a Luz da vida * quem se faz meu seguidor! / (Jo 8,12)

10. EVANGELHO (Mt 5,1-12A)

P. O Senhor esteja convosco.

T. Ele está no meio de nós.

P. Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus.

T. Glória a vós Senhor.

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos: ¹³“Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que salgaremos? Ele não servirá para mais nada, senão para ser jogado fora e ser pisado pelos homens. ¹⁴Vós sois a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. ¹⁵Ninguém acende uma lâmpada, e a coloca debaixo de uma vasilha, mas sim, num candeeiro, onde brilha para todos que estão na casa. ¹⁶Assim também brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e fouvem o vosso Pai que está nos céus.”

– Palavra da salvação.

T. Glória a vós, Senhor.

11. HOMILIA

12. PROFISSÃO DE FÉ

P. Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, / Criador do céu e da terra; de todas as coisas visíveis e invisíveis. / Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, / Filho Unigênito de Deus, / nascido do Pai antes de todos os séculos: / Deus de Deus, / luz da luz, / Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, / gerado, não criado, / consubstancial ao Pai. / Por Ele todas as coisas foram feitas. / E por nós, homens, e para nossa salvação, / desceu dos céus:

(Todos se inclinam)

P. e se encarnou pelo Espírito Santo, / no seio da virgem Maria, / e se fez homem.

(Retorna-se à posição anterior)

T. Também por nós foi crucificado / sob Pôncio Pilatos; / padeceu e foi sepultado. / Ressuscitou ao terceiro dia, / conforme as Escrituras, / e subiu aos céus, / onde está sentado à direita do Pai. / E de novo há de vir, em

sua glória, / para julgar os vivos e os mortos; / e o seu reino não terá fim. / Creio no Espírito Santo, / Senhor que dá a vida, / e procede do Pai e do Filho; / e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: / ele que falou pelos profetas. / Creio na Igreja, / una, santa, católica e apostólica. / Professo um só batismo / para remissão dos pecados. / E espero a ressurreição dos mortos / e a vida do mundo que há de vir. Amém.

13. ORAÇÃO DOS FIÉIS

P. Elevemos ao Pai nossas humildes preces, suplicando-lhe a graça de sermos fiéis testemunhas de Jesus, sal e luz no mundo. Rezemos juntos:

T. Atendei, Senhor, ao nosso clamor.

1. Renovai a vossa Igreja, para que seja, cada vez mais, sal e luz no mundo.

2. Iluminai os governantes, para conduzirem a vida social de forma justa e participativa.

3. Socorrei as vítimas da injustiça e do pecado social.

4. Revigorai os nossos sonhos e redobrai nossa capacidade de lutar por eles.

(outras preces da comunidade)

P. Tudo isto vos pedimos, por Cristo, nosso Senhor.

T. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

14. APRESENTAÇÃO DAS OFERENDAS

(CD VI Fx 4)

De mãos estendidas, ofertamos, o que de graça recebemos. (bis)

1. A natureza tão bela, * que é louvor, que é serviço. * O sol que ilumina as trevas, * transformando-as em luz. * O dia que nos traz o pão, * e a noite que nos dá repouso. * Ofertemos ao Senhor, * o louvor da criação.

2. Nossa vida toda inteira * ofertamos ao Senhor, * como prova de amizade, * como prova de amor. * Com o vinho e com o pão, * ofertemos ao Senhor * nossa vida toda inteira, * o louvor da criação.

15. ORAÇÃO

P. Orai, irmãos e irmãs, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

T. **Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para glória do seu nome, para nosso bem e de toda a santa Igreja.**

Sobre as oferendas

P. Senhor nosso Deus, que criastes o pão e o vinho para alimento da nossa fraqueza, concedei que se tornem para nós sacramento da vida eterna. Por Cristo, nosso Senhor.

T. **Amém.**

16. ORAÇÃO EUCARÍSTICA III

P. O Senhor esteja convosco.

T. **Ele está no meio de nós.**

P. Corações ao alto.

T. **O nosso coração está em Deus.**

P. Demos graças ao Senhor, nosso Deus.

T. **É nosso dever e nossa salvação.**

P. Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação, dar-vos graças, sempre em todo o lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso, por Cristo, Senhor nosso. Compadecendo-se da fraqueza humana, ele nasceu da Virgem Maria. Morrendo na Cruz, ele nos libertou da morte. Ressuscitando dos mortos, ele nos garantiu a vida eterna. Por ele, os anjos celebram a vossa grandeza, os santos proclamam a vossa glória. Concedei-nos também a nós associar-nos aos seus louvores, cantando (dizendo) a uma só voz:

T. **Santo, Santo, Santo...**

CP. Na verdade, vós sois santo, ó Deus do universo, e tudo o que criastes proclama o vosso louvor, porque, por Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, e pela força do Espírito Santo, dais vida e santidade a todas as coisas e não cessais de reunir o vosso povo, para que vos ofereça em toda parte, do nascer ao pôr-do-sol, um sacrifício perfeito.

T. **Santificai e reuni o vosso povo!**

CC. Por isso, nós vos suplicamos: santificai pelo Espírito Santo as oferendas que vos apresentamos para serem consagradas, a fim de que se tornem o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, que nos mandou celebrar este mistério.

T. **Santificai nossa oferenda, ó Senhor!**

Na noite em que ia ser entregue, ele tomou o pão, deu graças, e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo:

TOMAI, TODOS, E COMEI: ISTO É O MEU CORPO, QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.

Do mesmo modo, ao fim da ceia, ele tomou o cálice em suas mãos, deu graças novamente, e o deu a seus discípulos, dizendo:

TOMAI, TODOS, E BEBEI: ESTE É O CALICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS PARA REMISSÃO DOS PECADOS. FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.

Eis o mistério da fé!

T. **Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!**

CC. Celebrando agora, ó Pai, a memória do vosso Filho, da sua paixão que nos salva, da sua gloriosa ressurreição e da sua ascensão ao céu, e enquanto esperamos a sua nova vinda, nós vos oferecemos em ação de graças este sacrifício de vida e santidade.

T. **Recebei, ó Senhor, a nossa oferta!**

Olhai com bondade a oferenda da vossa Igreja, reconhecei o sacrifício que nos reconcilia convosco e concedei que, alimentando-nos com o Corpo e o Sangue do vosso Filho, sejamos repletos do Espírito Santo e nos tomemos em Cristo um só corpo e um só espírito.

T. **Fazei de nós um só corpo e um só espírito!**

1C. Que ele faça de nós uma oferenda perfeita para alcançarmos a vida eterna com os vossos santos: a Virgem Maria, Mãe de Deus, São José, seu esposo, os vossos Apóstolos e Mártires, São Paulo, patrono da nossa Arquidiocese, N. e todos os santos, que não cessem de interceder por nós na vossa presença.

T. **Fazei de nós uma perfeita oferenda!**

2C. E agora, nós vos suplicamos, ó Pai, que este sacrifício da nossa reconciliação estenda a paz e a salvação ao mundo inteiro. Confirmai

na fé e na caridade a vossa Igreja, enquanto caminha neste mundo: o vosso servo o Papa Francisco, o nosso bispo Odilo, com os Bispos do mundo inteiro, o clero e todo o povo que conquistastes.

T. **Lembrai-vos, ó Pai, da vossa Igreja!**

Atendei às preces da vossa família, que está aqui, na vossa presença. Reuni em vós, Pai de misericórdia, todos os vossos filhos e filhas dispersos pelo mundo inteiro.

T. **Lembrai-vos, ó Pai, dos vossos filhos!**

3C. Acolhei com bondade no vosso reino os nossos irmãos e irmãs que partiram desta vida e todos os que morreram na vossa amizade. Unidos a eles, esperamos também nós saciar-nos eternamente da vossa glória, por Cristo, Senhor nosso.

T. **A todos saciai com vossa glória!** Por ele dais ao mundo todo bem e toda graça.

CP ou CC. Por Cristo, ...

T. **Amém.**

RITO DA COMUNHÃO**17. RITO DA COMUNHÃO****18. CANTO DE COMUNHÃO SL 34(33) (HL 3, P. 248/249 - CD VI Fx - 7)**

Senhor, nós queremos ser luz para o mundo, * que vive nas trevas, andando no escuro. * Queremos ser sal, levando pra todos * o gosto da vida, num mundo tão duro.

1. Vamos juntos dar glória ao Senhor * e ao seu nome fazer louvação. * Procurei o Senhor, me atendeu, * me livrou de uma grande aflição.
2. Olhem todos pra ele e se alegrem, * todo o tempo sua boca sorria. * Este pobre gritou e ele ouviu, * fiquei livre da minha agonia.
3. Acampou na batalha seu anjo, * defendendo seu povo e o livrando, * provem todos, pra ver como é bom. * o Senhor que nos vai abrigando.
4. Santos todos, adorem o Senhor, * aos que o amam nenhum mal assalta. * Quem é rico empobrece e tem fome, * mas a quem busca a Deus, nada falta.

5. Ó meus filhos, escutem o que eu digo * pra aprender o temor do Senhor. * Qual o homem que ama sua vida, * e a seus dias quer dar valor?
6. Tua língua preserva do mal * e não deixes tua boca mentir. * Ama o bem e detesta a maldade * vem a paz procurar e seguir.
7. Sobre o justo o Senhor olha sempre * seu ouvido se põe a escutar; * que teus olhos se afastem dos maus, * pois ninguém deles vai se lembrar.
8. Deus ouviu quando os justos chamaram * e livrou-os de sua aflição. * Está perto de quem se arrepende, * ao pequeno ele dá salvação.

19. ORAÇÃO APÓS A COMUNHÃO

P. Oremos (silêncio): Ó Deus, vós quisestes que participássemos do mesmo pão e do mesmo cálice; fazei-nos viver de tal modo unidos em Cristo, que tenhamos a alegria de produzir muitos frutos para a salvação do mundo. Por Cristo, nosso Senhor.

T. Amém.

20. ORAÇÃO AO NOSSO PATRONO

T. Ó São Paulo, /Patrono de nossa Arquidiocese, /discipulo e missionário de Jesus Cristo:/ ensina-nos a acolher a Palavra de Deus / e abre nossos olhos à verdade do Evangelho./ Conduze-nos ao encontro com Jesus, / contagia-nos com a fé que te animou/ e infunde em nós coragem e ardor missionário, / para testemunharmos a todos / que Deus habita esta Cidade imensa /e tem amor pelo seu povo! /Intercede por nós e pela Igreja de São Paulo, / ó santo apóstolo de Jesus Cristo! Amém

RITOS FINAIS

21. BÊNÇÃO E DESPEDIDA TEMPO COMUM, V

22. CANTO FINAL (CO Nº 360)

1. Quando o Espírito de Deus soprou * o mundo inteiro se iluminou. * A esperança na terra brotou * e um povo novo deu-se as mãos e caminhou.

Lutar e crer, vencer a dor, * louvar ao Criador. * Justiça e paz hão de reinar. * E viva o amor!

2. Quando Jesus a terra visitou * a Boa Nova da justiça anunciou. * O cego viu, o surdo escudou, * e os oprimidos, das correntes, libertou.

3. Nosso poder está na união, * o mundo novo vem de Deus e dos irmãos. * Vamos lutando contra a divisão * e preparando a festa da libertação.

4. Cidade e campo se transformarão, * jovens unidos na esperança gritarão. * A força nova é o poder do amor, * nossa fraqueza é a força em Deus libertador!

No dia 11, dia de N. Sra. de Lourdes, também celebramos o Dia Mundial do Enfermo.

E não basta "rezarmos pelos enfermos" precisamos colaborar com esse momento tão sofrido de nossos irmãos em Cristo.

A Pastoral da Saúde da Arquidiocese de São Paulo tem a missão de ajudar a esses que sofrem, numa tentativa de minimizar a dor.

A dor e as conquistas de Graças fazem dessa pastoral algo muito especial. As pessoas que vivem experiências de dor e sofrimento estão sempre querendo viver melhor.

A Pastoral da Saúde trabalha em três frentes:

- Visitação: Visita aos enfermos nos domicílios e nos hospitais levando conforto, e suprindo os mais necessitados.

- Prevenção: Trabalhando, nas comunidades, a saúde e não a doença. Fazendo da educação uma grande ferramenta para melhorar a saúde comunitária.

- Políticas públicas: Na esfera política, cobrando e trabalhando para a melhoria das políticas públicas para a saúde. Temos muito que avançar nesta dimensão na Cidade de São Paulo.

Gostaríamos muito de contar com o envolvimento de toda Igreja, padres, diáconos, leigos e leigas. Vamos somar força nos trabalhos das paróquias e dos Equipamentos de Saúde. Há muito o que fazer.

Estamos começando uma nova fase na Pastoral da Saúde e nos encontrando toda 1ª Quinta-feira do mês às 9:00h na Cúria Arquidiocesana na Av Higienópolis, 890. (Metrô Marechal Deodoro). Venha conhecer melhor o nosso trabalho, e dar seu contributo a população que clama por sua ajuda. Mais informações, fale com seu pároco.

*Pe. Edson Jorge Feltrin
Coordenador Arquidiocesano da Pastoral da Saúde*

CANTOS: CD VI Ed. Paulus Hinário Litúrgico III Cantos e Orações (CO) Ed. Vozes

LEITURAS DE 10 A 16 DE FEVEREIRO DE 2014

- 2ª.: 1Rs 8,1-7.9-13; Sl 131 (132), 6-7.8-10 (Rf. 8a); Mc 6,53-56
- 3ª.: 1Rs 8,22-23.27-30; Sl 83 (84), 3. 4. 5 e 10. 11 (Rf. 2); Mc 7,1-13
- 4ª.: 1Rs 10, 1-10; Sl 36(37), 5-6.30-31.39-40 (Rf. 30a); Mc 7,14-23
- 5ª.: 1Rs 11,4-13; Sl 105 (106),3-4.35-36.37 e 40 (Rf. 4); Mc 7,24-30
- 6ª.: 1Rs 11,29-32; 12,19; Sl 80 (81),10-11ab.12-13.14-15 (Rf. cf. 11a.9a); Mc 7,31-37 • Sáb.: 1Rs 12,26-32; 13,33-34; Sl 105 (106),6-7a.19-20.21-22 (Rf. 4a); Mc 8,1-10
- 6º DTC. Eclo 15, 16-21 (gr. 15-20); Sl 118 (119), 1-2. 4-5. 17-18. 33-34 (Rf. 1); 1Cor 2, 6-10; Mt 5, 17-37

POVO DE DEUS EM SÃO PAULO

- SEMANÁRIO LITÚRGICO -

Publicação da Mitra Arquidiocesana de São Paulo

Av. Higienópolis, 890 - São Paulo - SP - 01238-000

TEL: 3660-3700

- Diretor: Côn. Antônio Aparecido Pereira
- Redator: Pe. Valeriano dos Santos Costa
- Ilustrador: Marco Funchal 5071-3806
- Diagramador: Eduardo Cruz
- Assinaturas: Luana Oliveira
- Site: www.arquidiocesadesaopaulo.org.br
- E-mail: povodedeus@arquidiocesadesaopaulo.org.br
- Impressão: Atlântica

* * * * *